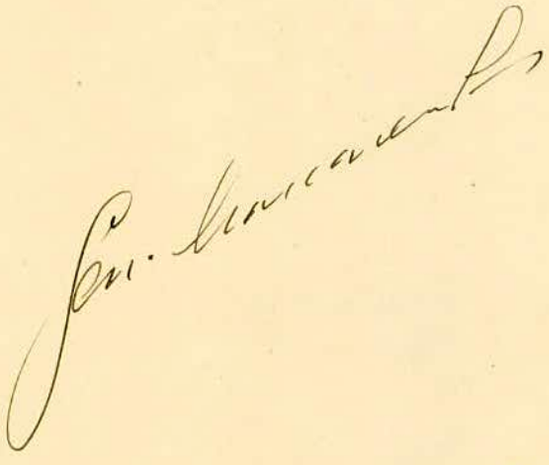
MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO
(REAL ARCHIVO MILITAR/1808)

Imagem de Abertura Rio de Janeiro – RJ, Outubro de 2018.

MINISTÉRIO DA GUERRA
FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA
RELATÓRIO SECRETO VOLUME II
1943 - 1945

MINISTÉRIO DA GUERRA

Fôrça Expedicionária Brasileira



RELATÓRIO

SECRETO

VOLUME II

1943/1945

5 - OFENSIVA DO IV CORPO DE EXÉRCITO - AÇÕES PREPARATÓRIAS DA OFENSIVA DA PRIMAVERA (17.II - 9.III.945)

A - PRELIMINARES

Na reunião havida no Q.G. do IV Corpo, em LUCCA, a 8 de fevereiro ficou assentado o emprêgo do "Plano Encore", que se processaria para a 1ª D.I.E., numa 1ª fase, da seguinte maneira:

1º Tempo - Operações para captura de MONTE CASTELLO, em íntima ligação com a 10ª Divisão de Montanha Americana, que atacaria MONTE BELVEDERE - 1053-1036.

2º Tempo - Limpeza do Vale do MARANO e progressão até SANTA MARIA VILIANA.

3º Tempo - Operações para a posse da crista TORRE DE NERONE - CASTELNUOVO.
Mudança de setor e instalação defensiva na linha MONTE GRANDE D'AIANO - TORRACCIA - BELVEDERE.

A responsabilidade que recaía sôbre nossos hombros era extraordinária. MONTE CASTELLO continuava sendo nosso objetivo principal, ainda desta vez; teríamos, no entanto, no nosso flanco esquerdo, a valorosa 10ª Divisão de Montanha, que tomaria a seu cargo a ação sôbre os MONTES BELVEDERE - GORGOLESCO - TORRACCIA, no primeiro tempo da manobra.

Podemos dizer, porém, que nesse momento o estado moral da tropa havia melhorado de muito. A maneira galharda por que foi suportado o rigoroso inverno e o retemperamento trazido pelas férias e visitas aos grandes centros de repouso, concorreram para dar ao nosso combatente mais confiança em si, desenvolvendo o seu desejo de lutar e vencer o alemão.

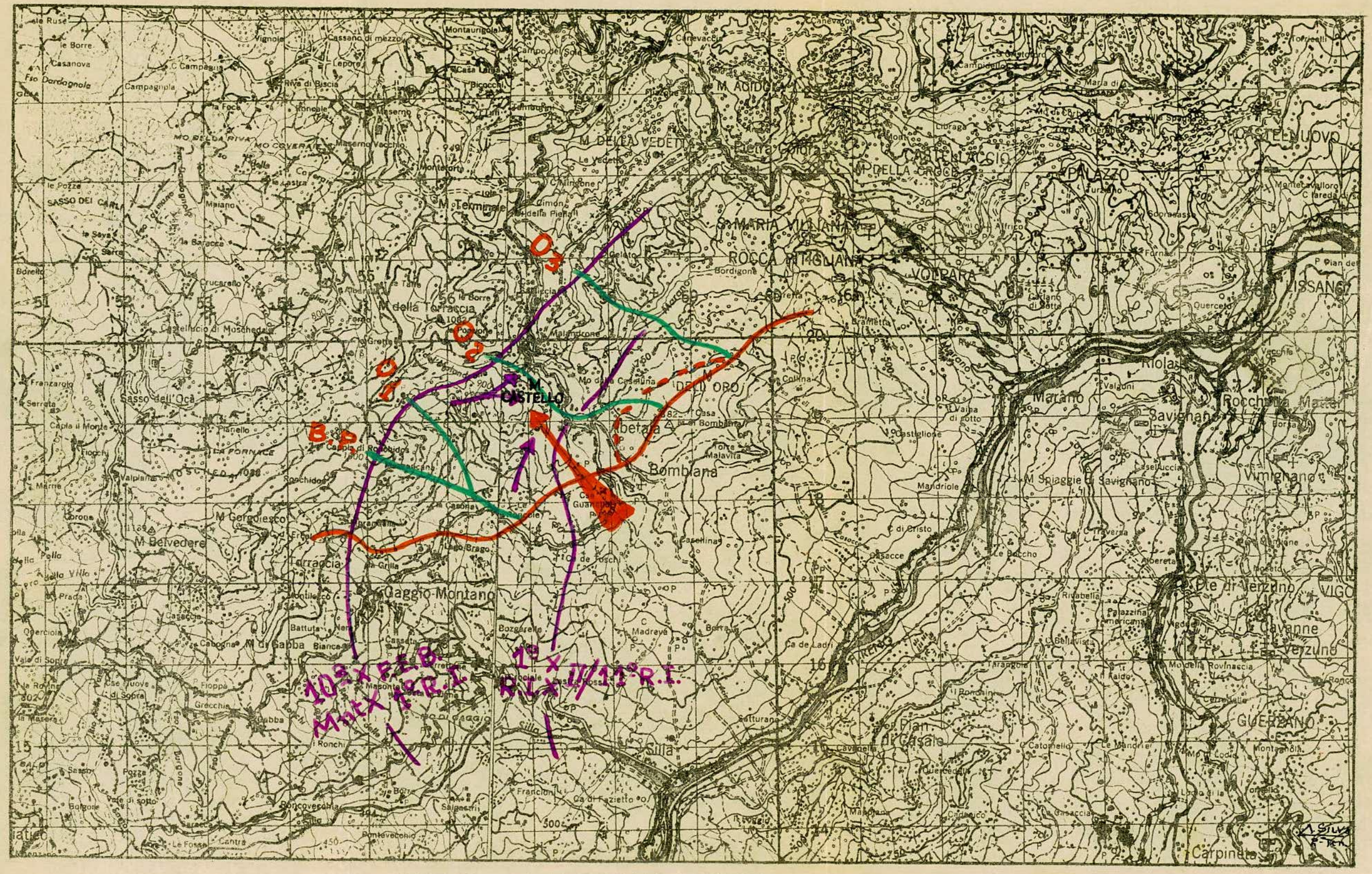
O Depósito de Pessoal, mediante uma instrução objetiva e intensiva, poude fornecer à frente contingentes melhor adestrados e atender o recompletamento das Unidades, nivelando seus efetivos para enfrentar a nova fase que se apresentava. Estava o Comando despreocupado neste particular, pois o Depósito se aparelhara convenientemente para corresponder à sua destacada missão.

No período de preparação da ofensiva, residia grande parte do êxito que se procurava. Todas as exigências para uma perfeita cooperação entre as duas G.U. americana e brasileira foram

COMBATE DE MONTE CASTELLO

21 - II - 1945

Esc. 1:50000



— Linha de contato anterior ao ataque

- - - Linha ocupada pelo II/11º.R.I. durante o ataque (acão diversionária)

— Base de partida e objetivos consignados

→ Direcões de ataques

— Limites

→ Direção geral dos ataques anteriores (29-XI-944 e 1º-XII-944)

postas em prática. Em consequência do trabalho harmonioso de todos os órgãos, a montagem da operação correu com regularidade e com a mesma unidade de vistas.

A O.G.O. nº 19, de 17 de fevereiro, atendendo à ofensiva do IV Corpo, a futura missão da Divisão e a redução do limite do setor, reorganisou totalmente o dispositivo da 1ª D.I.E., que passou a ser:

- S/Setor L: sem alteração
- S/Setor N: a mesma tropa, mas o seu limite O. incluiu o Vale do MARANO
- Quarteirão Centro: II/11º R.I., reforçado com dois Pels. Fuz. e um Pel. Mtr. do mesmo R.I.
- S/Setor O: 1º R.I.
- Artilharia: I Grupo em apôio direto ao S/Setor O.; II Grupo, ao Quarteirão Centro; III Grupo, aos S/Setores N. e L.; IV Grupo ação de conjunto.
- Engenharia: Sem alteração.
- Transmissões: Adaptar o sistema de transmissões já tendo em vista o ataque.
- Reserva: 11º R.I. (menos os elementos do Quarteirão Centro).

A mesma O.G.O. prescreveu pormenorisadamente as condições de realisação do dispositivo.

O Comando visava colocar o 1º R.I. na direção do ataque e reunir um R.I., o 11º, em reserva, tudo para executar o desenvolvimento do Plano do IV Corpo, que compreendia 3 tempos, como vimos.

Durante essa fase, o contato foi mantido e, de um modo geral, a frente se conservou calma.

B - COMBATE DE MONTE CASTELLO DE 21.II.945 - OPERAÇÕES ANTERIORES E POSTERIORES

A Instrução de Operações nº 79, de 17, do IV Corpo, atribuiu à 1ª D.I.E. a seguinte missão:

"Em ligação com a 10ª Div. Mnt. capturar MONTE CASTELLO, atacando esta região depois que aquela Divisão tenha conquistado MAZZANCANA.

Realizar uma ação diversionária pelo fogo, ao N. da linha LIVORNE-1027, até que a 10ª Div. Mnt. atinja a cota 1053.

Estar preparada para guarnecer a linha TORRACCIA-BELVEDERE-PIZZO DI CAMPIANO, substituindo elementos da 10ª Div. Mnt.

Estar preparada para prosseguir a ofensiva de acôrdo com o Plano Encore".

Para a 1ª fase das operações, o Comando estabeleceu a seguinte ideia de manobra (O.G.O. nº 20, de 18): -

A) - Em permanente ligação com a 10ª Div. Mnt., conquistar sucessivamente: -

1º) - a região 875 - FORNACE;

2º) - as encostas N. e N.E. do MONTE CASTELLO, mediante ações pela crista S. de MALANDRONE e na direção de LE RONCOLE - 887;

3º) - a linha RONCOVECCHIO - SENE VEGLIO, por meio de uma progressão ao N. do MARANO.

B) - Antes dessa operação principal, realizar uma ação diversionária no corredor de ABETAIA.

Em conseqüência, foi prescrito o Dispositivo abaixo:

1º) - TROPA DE ATAQUE:

1º R.I., tendo em acompanhamento a 1ª Cia. do 9º B.E. e em apôio um Pel. de Tanks e um Pel. de T.D.

2º) - QUARTEIRÃO CENTRO:

II/11º R.I. reforçado com 2 Pls. Fz. e uma Sec. Mtr. do I/11º R.I. e com o acompanhamento de uma Sec. da 2ª Cia. do 9º B.E.

3º) - S/Setor N: sem alteração.

4º) - S/Setor L: sem alteração.

Artilharia: I Grupo em apôio direto ao I/1º R.I.; II Grupo, ao III Btl.; 1ª Bia./III Grupo, aos sub-setores N. e L.; IV Grupo e III Grupo (menos uma Bia.), ação de conjunto. Os I e II Grupos terão seus meios acrescido das Cias. de Obuzes dos 11º e 1º R.I., respectivamente. O III Grupo fará o apôio eventual ao Quarteirão Centro. AD/1E

contará com os fogos do 248 F.A.Bn. (12 obuzes de 115m/m e 6 obuzes de 105m/m), da Art. do IV Corpo, durante toda a duração do ataque.

Engenharia: Além dos elementos de acompanhamento do ataque (limpeza de campos minados), duas Cias. empregadas para reparação e conservação de estradas, salientando-se a de GAGGIO MONTANO-LE RONCOLE-ABETAIA.

Reserva: 11º R.I. (menos os elementos do Quarteirão Centro) - 1º Esquadrão de Reconhecimento.

Transmissões: Todo o sistema para o ataque montado segundo os eixos: - PORRETTA TERME - GADELLE - SERRETONE - GAGGIO MONTANO - LE RONCOLE; PORRETTA TERME - SILLA - GAGGIO MONTANO - LE RONCOLE; PORRETTA TERME - SILLA - MARANO - RIOLA.

A manobra montada pelo Comando da Divisão pode ser interpretada, em resumo, da seguinte maneira:

- Uma ação ofensiva principal, atribuida ao 1º R.I., sôbre MONTE CASTELLO.
- Uma ação secundária, de progressão limitada, para cobertura do flanco da ação principal.
- Uma frente defensiva, mantendo as posições não interessadas na ação ofensiva do momento.

O Comando da Divisão deu ao 1º R.I. a missão: -

"O 1º R.I., em ligação permanente com a 10ª Div. Mnt. e na direção geral de GAGGIO MONTANO - 977 (MONTE CASTELLO) - LA SERRA, deverá, mediante ordem superior:

- ultrapassando elementos da 10ª Div. de Mnt. na região de MAZZANCANA, conquistar a região 875-FORNACE (01).
- progredindo pela crista Sul de MALANDRONE e, em combinação, pelo eixo LE RONCOLE - 877, apoderar-se da linha MALANDRONE (localidade) - CAVRULLO - VALE (02);
- progredindo pelo N. do MARANO, atingir a linha RONCOVECCHIO - SENEVEGLIO;
- manter a todo custo os objetivos conquistados."

Uma ação secundária a cargo do II/11º R.I. se traduziu, além da diversão a ser executada durante o ataque da 10ª Div. Mnt. e antes do ataque do 1º R.I., em acompanhar o flanco direito da ação principal, soldar-se aos seus elementos em cada objetivo e

em perturbar movimentos do inimigo na zona de ação daquele Regimento.

O dispositivo de ataque foi realizado totalmente em cumprimento às O.G.O. nº 19 e 20.

Para maior segurança e imediatismo da ação do Comando, foi montado num P.C. Avançado o P.O. para o Gen. Cmt. da Divisão, nas proximidades de MONTE CASTELLO, com a visão perfeita do campo de batalha e devidamente aparelhado para o exercício da observação e do Comando.

Esta medida teve uma grande repercussão e concorreu para o êxito da operação, que foi conduzida em toda a frente pelo Cmt. da Divisão, auxiliado pelo Cmt. da A.D., que de seu observatório instalado muito próximo, assegurava pessoalmente as ligações e a manobra de fogos.

O Complemento nº 1 da O.G.O. nº 20 prescreve a ultimação do dispositivo do 1º R.I. e o dia D da ofensiva (dia 19 de fevereiro) do IV Corpo.

O ataque, dirigido em conjunto pelo IV Corpo, foi iniciado às 23.00 (vinte e três) horas, daquele dia, pela 10ª Div. Mnt.. Ao clarear do dia 20 foi assaltado o MONTE BELVEDERE e, em seguida, o GORGOLESCO. Os alemães foram inteiramente surpreendidos. A operação executada de surpresa, não teve preparação de Artilharia e os americanos partiram da linha QUERCIOLA-GABA, com dois R.I. em primeiro escalão. As reações inimigas foram poderosas,mas o ataque potentíssimo, com o concurso de várias unidades de tanks e de cêrca de 150 canhões de todos os calibres, entre os quais a nossa A.D. completa. Apesar dos violentos esforços do Comando Americano, a 10ª Div. de Mnt., que apenas tinha o encargo de atacar sem nenhum outro compromissõ, só alcançou a zona de MAZZANCANA cêrca de 17.00 (dezesete) horas do dia 20.

A aviação americana, juntamente com a brasileira, participou brilhantemente do ataque dos dias 20, 21 e 22, pois do observatório da Divisão Brasileira, observavam-se os aparelhos da F.A.B. bombardeando as posições inimigas.

O Complemento nº 2 da O.G.O. nº 20, determina o início da ação diversionária atribuida ao II/11º R.I. para às 10.00 (dez) horas, de 20.

O Complemento nº 3 da O.G.O. nº 20, determina ao 1º R.I. o início do movimento dos seus elementos que vão ser empenhados naquela região.

A O.P.O. nº 33 prescreve que a substituição na região de MAZZANCANA se faça imediatamente, 20.00 (vinte) horas, de 20, e dá indicações para a passagem da noite 20/21 (verificação agressiva do contato). Ainda na noite de 20, foi expedido o Complemento nº 4, da O.G.O. nº 20, marcando a Hora "H" do ataque: 05.30 (cinco e trinta) horas, do dia 21 de fevereiro.

As decisões e ordens da tropa executante e que eram da alçada do Cel. Cmt. do 1º R.I. ficaram sob sua inteira responsabilidade, embora se lhe desse a assistência indispensavel, por intermédio do Gen. Cmt. da I.D., que acompanhou a ação no próprio P.C. do R.I. e pela designação do Chefe da 3ª Secção do E.M., para permanecer em ligação junto ao Cmt. do R.I., sem direito a intervir na sua ação de Comando.

Na jornada de 21, o ataque foi executado. O 1º R.I., ao alvorecer, iniciou a execução de sua ordem de operações, uma ação frontal de S.E. na direção de 887 e uma de desbordamento, decisiva, na direção de 1036-977.

Antes de 07.00 (sete) horas da manhã, um Btl. de reserva da Divisão (III/11º R.I.) já ocupava GAGGIO MONTANO, onde passou a aguardar ordens.

As reações do inimigo são enérgicas e crescentes.

O combate se desenvolveu com uma série de acontecimentos. O Comando do Regimento empregou uma Cia. do Btl. reserva (IIBtl.) em proveito da ação de desbordamento (manhã 21). Na tarde do mesmo dia, empenhou o II Btl. (menos uma Cia.) em seu flanco direito, afim de aumentar a ação de fôrça sôbre as resistências alemães das encostas de MONTE CASTELLO.

A A.D., superiormente orientada pelo seu Gen. Cmt., apoiou o ataque com oportunidade e decisiva eficiência, ora em benefício do conjunto, ora em benefício de um e de outro Btl. A sua ação também se realizou em proveito da ação secundária (II/11º R.I.).

Teve a A.D. papel proeminente na tomada de MONTE CASTELLO pela oportunidade, precisão e violência de seus fogos que nas últimas horas da jornada abreviaram a decisão do ataque.

Ao cair da tarde, a ação desbordante se transformou em envolvimento e a ação frontal, ao mesmo tempo, progrediu. A ação secundária ininterruptamente cobriu o flanco do movimento sôbre 887. MONTE CASTELLO caiu, a tropa alemã que a defendia foi batida e a ocupação começou reduzindo resistências isoladas e mantendo as regiões mais importantes. ABETAIA é tambem ocupada por elementos do II/11º R.I., soldando-se às posições de MONTE CASTELLO.

Enquanto o combate de MONTE CASTELLO se desenrolava, a 10ª Div. Mnt. se achava detida, não podendo assim atacar M. DELLA TORRACCIA, como prescrevia a ordem do IV Corpo (ação simultânea sôbre TORRACCIA e CASTELLO). A ocupação de MONTE CASTELLO constituiu, implicitamente, numa ação desbordante das posições de M. TORRACCIA, onde os alemães continuavam a resistir à investida da 10ª Divisão de Montanha.

O Comando expediu, então a O.P.O. nº 33 B, do dia 22, criando um sistema de postos avançados, afim de cobrir as posições de MONTE CASTELLO e condicionar o prosseguimento das operações.

Ainda na noite de 21, o inimigo deu um golpe de mão, do valor de um Pelotão reforçado, contra as posições de TORRE DE NERONE, apoiado por Mtr. e granadas de fuzil, mas foi repelido, com perdas.

C - COMBATE DE LA SERRA (23/26.II.945)

A O.P.O. nº 34, de 23, ampliou o sistema de P.A.. O Comando tinha em vista repelir o inimigo das alturas que, de maneira imediata, dominavam as encostas de MONTE CASTELLO. Em conseqüência, os P.A. deveriam operar numa ofensiva, para, depois, tomar o dispositivo, isto é, executar sua missão propriamente dita.

Ao mesmo tempo, o Comando brasileiro desejava auxiliar a 10ª Div. Mnt., dentro do espírito da missão atribuida à 1ª D.I.E.. Ocupando a região de LA SERRA, a Divisão prolongava o desbordamento das posições de TORRACCIA, que ainda continuavam a oferecer resistência àquela Divisão Americana.

A O.P.O. nº 34, deu ao 1º R.I. a ação principal e ao II/11º R.I. a missão de cobrir-lhe o flanco L. A operação se desenvolveu, apoiada sempre fortemente pela Artilharia. O II/1º R.I. foi destacado para cumprir a missão.

A 23 começou a progressão e na noite de 23/24, LA SERRA - 958 - BELLAVISTA estavam conquistadas; na madrugada de 24, fortes e sucessivos contra-ataques foram repelidos. A ação principal do combate estava realizada. Essas ações, que se caracterizaram pela extrema energia e bravura dos executantes, lançaram a balbúrdia no dispositivo da 232ª D.I. alemã, conforme declararam os próprios prisioneiros.

Sómente na tarde de 24 é que a 10ª Div. Mnt. consegue apoderar-se de M. TORRACCIA.

Na jornada de 25, o 1º R.I., sempre coberto pelo II/11º R.I., que também progrediu, executou o complemento do combate de LA SERRA e, práticamente, conquistou o objetivo que lhe foi dado na O.G.O. nº 20 (RONCOVECCHIO - SENEVEGLIO).

A O.P.O. nº 35, de 26, regulou a situação defensiva do 1º R.I. e do II/11º R.I., como coroamento do combate de LA SERRA.

D - REAJUSTAMENTO DO DISPOSITIVO (26.II/1º.III.945)

O Comando da Divisão começou a encarar o prosseguimento da ofensiva. Impunha-se a reorganisação do dispositivo, principalmente tendo em visto o novo limite O. do setor.

A O.P.O. nº 36, de 26, tratou inicialmente de regular a recuperação do 1º R.I. (o III/11º R.I. passou à disposição do 1º R.I. para ocupar MONTE CASTELLO).

E a missão da 1ª D.I.E. foi, assim, fixada: -

"1º - Manter a linha de resistência MONTE CAVALLORO - BOSCACCIO - TORRE DE NERONE - AFRICO - BRAINETA - COLUMBARETA - 739 - SENEVEGLIO.

2º - Cobrir as comunicações do IV Corpo, mantendo as posições de 1036 - CAPELLA DI RONCHIDOS - M. GORGOLESCO - M. BELVEDERE - ROCCA CORNETA - PIZZO DI CAMPIGNANO.

3º - Ligar-se com a 10ª Div. Mnt. na região situada entre SENEVEGLIO e LA SERRA e em 1018.

4º - Continuar a cobrir a 1ª Div. Blindada."

Como consequência, o Dispositivo abaixo, fixado pela O.G.O. nº 21, de 28 de fevereiro: -

- S/Setor N (reunião dos antigos S/Setores L e N): 6º R.I.
- Quarteirão Centro: II/11º R.I.
- Grupamento O.:

  Cmt.: General ZENÓBIO
  Tropa: 1º R.I., III/11º R.I.; Sub-agrupamento composto do 1º Esq. Rec. e C.C.A.C./1º R.I.

- Artilharia: III Grupo, em apôio direto ao S/Setor N.; I e II Grupos em apôio ao Grupamento O.; IV Grupo, ação de conjunto. O III Grupo terá, eventualmente a seu cargo, as ações em proveito do Quart. Centro.

- Reserva do IV Corpo: I/11º R.I. em VIDICIATICO.

A mesma O.G.O. regulou todos os movimentos para as substituições e os prazos para a execução destas.

O Setor da Divisão ficou com um dispositivo dividido em duas partes, tendo entre elas a zona de ação da 10ª Div. Mnt., uma constituida pelo S/Setor N. e o Quarteirão Centro e a outra pelo Grupamento Oeste.

E - LIMPEZA DO VALE DO MARANO (2/4.III.945)

No dia 2 de março, o Comando considerou a seguinte missão da Divisão:

> "A 1ª D.I.E. tem a missão de, em ligação com a progressão de ataque da 10ª Div. Mnt., limpar o Vale do MARANO, até a região de ROCCA PICTIGLIANA e a região de S. MARIA VILLIANA".

Em consequência, a O.G.O. nº 22, de 2, estabeleceu: -

- O Grupamento Oeste com a missão de lançar ativos reconhecimentos no dia D e à hora a ser designada.
- O Quarteirão Centro com a missão de progredir, acompanhando a progressão da 10ª Div. Mnt. e cobrindo o seu flanco, mediante uma série de condições.
- O S/Setor N. com a missão de soldar-se ao II/11º R.I., durante a progressão e de ocupar regiões, em combinação com a progressão da 10ª Div. Mnt.
- Artilharia: II Grupo, apôio direto ao II/6º R.I. e, ulteriormente ao 6º R.I..
- Engenharia: além da missão de conservação das estradas, com a de acompanhar a progressão da Infantaria e fazer a limpeza dos campos minados do MARANO.

Durante a jornada de 3 desenvolveram-se as operações da 10ª Div. Mnt. e a cobertura por parte dos nossos elementos. O II/11º R.I. conquistou todos os seus objetivos e o 6º R.I., na noite de 3/4, ocupou S. MARIA VILLIANA, e soldou-se aquele Btl.

No fim do dia 3, o Comando expediu a O.G.O. nº 23 pela qual determinou que o 6º R.I. se esforçasse por reconhecer ativamente MONTE DELLA CROCE e poz o 11º R.I. (menos II e III Btl.) em linha, entre o 6º R.I. e o limite L. do Setor.

DESDOBRAMENTO DA ARTILHARIA DIVISIONÁRIA PARA OS ATAQUES Á MONTE CASTELLO (21-II-945) E CASTELNUOVO (4/9-III-945)

NOTA EXPLICATIVA:

Ataque de Monte Castello
- Apoio direto (I Gr.
- Apoio direto (II Gr.
- Ação de conjunto (III Gr.
- Ação de conjunto (IV Gr.

Ataque de Castelnuovo
- Apoio direto (I Gr.
- Apoio direto (III Gr.
- Ação de conjunto (IV Gr.

Sómente o I Grupo mudou de posição:

I Gr. (A) - posições de onde apoiou o ataque ao Monte Castello

I Gr. (B) - posições de onde apoiou o ataque á Castelnuovo

OBJETIVO PRINCIPAL

OBJETIVO SECUNDARIO

CASTELNUOVO

O.B. SEC.

LINHA DE CONTATO ANTERIOR AO ATAQUE

DIREÇÃO GERAL DO ATAQUE

M. CASTELLO

B.P.

III Grupo

IV Grupo

I Grupo (B)

II Grupo

I Grupo (A)

Esc. 1:50000

A. Silva 2º Ten.

SIONÁRIA PARA OS ATAQUES A MONTE CASTELLO (21-II-945) E CASTELNUOVO (4/9-III-945)

OBJETIVO SECUNDÁRIO

OBJETIVO PRINCIPAL

CASTELNUOVO

OB. SEC.

LINHA DE CONTATO ANTERIOR AO ATAQUE

DIREÇÃO GERAL DO ATAQUE

M. CASTELLO

B.P.

III Grupo

IV Grupo

I Grupo (B)

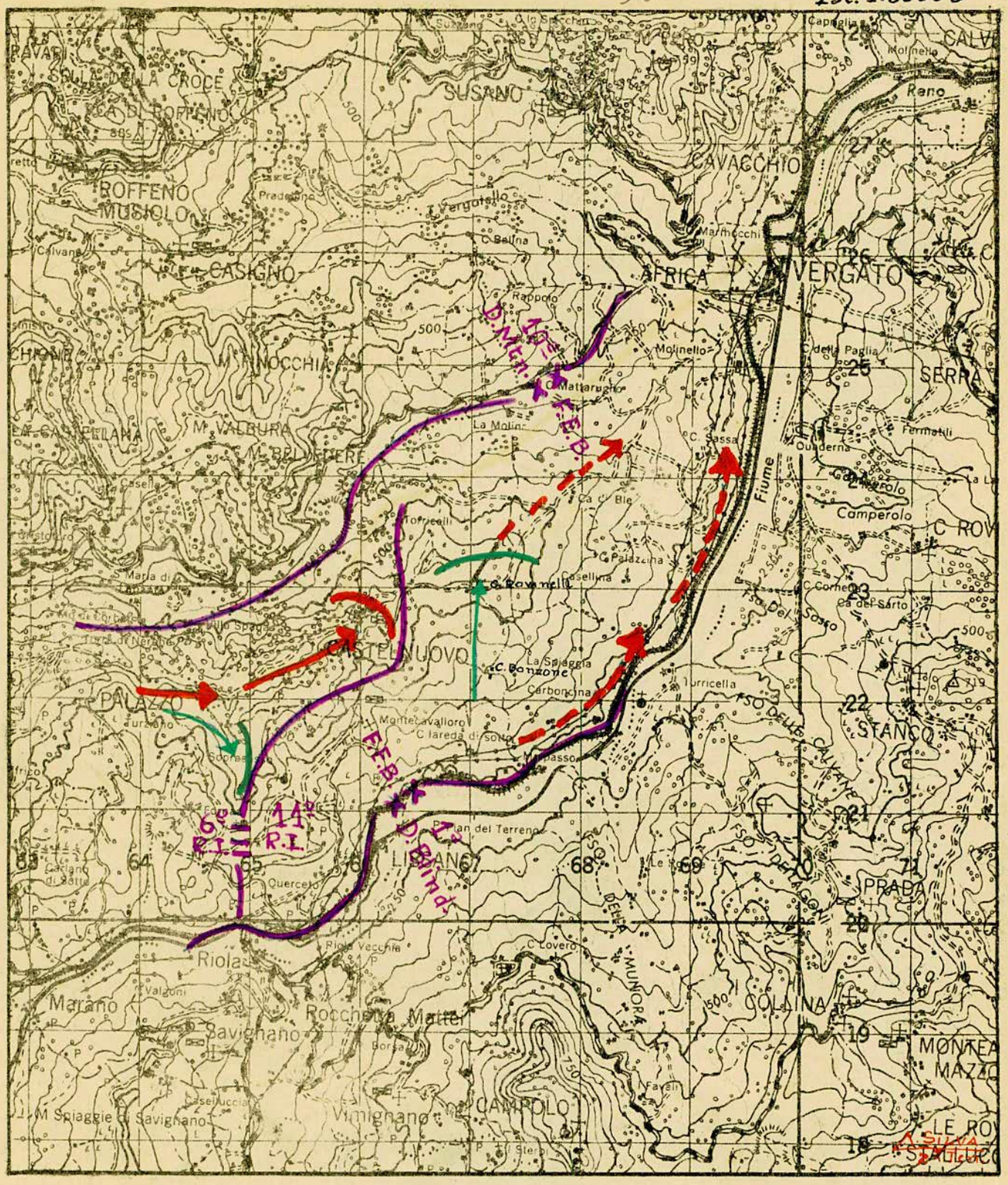
II Grupo

I Grupo (A)

Esc. 1:50000

COMBATE DE CASTELNUOVO (4/9-III-945)

Esc. 1:50000



-Objetivos principal atribuido ao 6º.Regimento de Infantaria

-Direção do ataque principal atribuido ao 6º.Regimento de Infantaria

-Direções em que foi conduzida a exploração do exito pelo 11º.R.I.

-Objetivos secundarios atribuidos ao 6º.R.I. e 11º.R.I..

-Direções dos ataques secundarios atribuidos aos 6º.R.I. e 11º.R.I..

-Limites.

Com isso, o Comando procurava completar a limpeza do Vale do MARANO e preparar o dispositivo para o prosseguimento das operações.

Durante a jornada de 4, prosseguiu o ataque da 10ª Div. Mnt. e o 6º R.I. ampliou sua progressão do dia anterior. O II/11º R.I. reverteu ao seu Regimento, por ter o 6º R.I. feito a ligação com a 10ª Div. Mnt..

F - COMBATE DE CASTELNUOVO (4/9.III.945)

Passou a 1ª D.I.E. a considerar a seguinte missão: -

"- Em combinação com a progressão da 10ª Div. Mnt., atacar e capturar 702-722-720- CASTELNUOVO.

- Proceder a limpeza da região N.E. de CASTELNUOVO".

O Comando da Divisão estabeleceu, então, a seguinte idéia de manobra (O.G.O. nº 24 de 4 de março de 1945):

"- Apoderar-se inicialmente da região 702-722; em seguida, conduzir o ataque segundo o eixo 722-CASTELNUOVO, em combinação com uma investida por IAREDA DI SOPRA - C.BONZONE sôbre a região imediatamente a N.E. de CASTELNUOVO.

- Levar o aproveitamento do êxito até a transversal C. SASSA - SERRA DI GATTO, pelos eixos CASTELNUOVO - AFRICO e ESTRADA 64".

Em decorrência, foi montado o Dispositivo abaixo (O.G.O. nº 24):

- Grupamento de O.: sem alteração.

- 6º R.I.: encarregado do ataque, segundo a crista de CASTELNUOVO, inclusive a posse desta localidade; continuar a manter as posições defensivas em ligação com a 10ª Div. Mnt.

- 11º R.I.: (menos III Btl.): além de fixar e cobrir o flanco de ataque do 6º R.I., teve a missão de, em combinação com êste Regimento, apossar-se da região N.E. de CASTELNUOVO e de aproveitar o êxito na direção de AFRICO.

- Artilharia: III Grupo, apôio direto ao 6º R.I.; I Grupo e Cia. Ob. 11º R.I., apôio direto ao 11º R.I.; II Grupo e Cia. Ob./6º R.I., apôio direto ao Grupamento Oeste; IV Grupo, em ação de conjunto.
Contou com o fogo da Art. do IV Corpo, no

valor de um grupo (24ª F.A.Bn.-155) e com os fogos da Art. da 1ª Div. Bld. com o valor de um Grupo (68 F.A.Bn.- 105).

- Engenharia: colocou uma Cia. junto a cada Regimento de ataque e a outra foi conservada no Grupamento Oeste.
- Transmissões: montou todo o sistema, tendo em vista um eixo principal: PORRETA TERME - SILLA - MARANO - RIOLA (para atender à tropa de ataque) e um outro: PORRETA TERME - SILLA - IL PALAZZO - GABBA (para atender ao Grupamento O.).

A operação, montada e conduzida pela Divisão, consistiu, em resumo, em dois ataques combinados, um progredindo sôbre a crista de CASTELNUOVO e pelo flanco da posição inimiga, o outro procurando desbordar o baluarte desta localidade e cortar a retirada pela estrada CASTELNUOVO-AFRICO.

Para esta jornada, o Comando Divisionário instalou o seu P.C. junto ao P.C. do Cmt. do 11º R.I., e dispunha ainda de um P.O., com o qual mantinha permanente ligação telefônica e onde se encontrava o seu Chefe de Estado-Maior.

O ataque foi desencadeado no dia 5, depois de uma operação preliminar do 6º R.I.. Enquanto a progressão se fazia pela crista de CASTELNUOVO, o 11º R.I. (menos o III Btl.) cerrava sôbre esta e, ao mesmo tempo investia metodicamente com o fim de ameaçar a localidade por L..

O 11º R.I. conseguiu atingir com seus elementos avançados a estrada CASTELNUOVO-AFRICO e, logo depois, o 6º R.I. penetrava e se apossava do seu objetivo final.

A A.D. participou da ação ativa e ininterruptamente. Além do apôio a cada R.I. a totalidade dos seus meios se concentrava, alternadamente, em proveito de um e de outro.

Os violentos fogos de proteção da A.D. sôbre SOPRASASSO facilitaram a manobra do 6º R.I. no seu ataque contra 702-722. Ao cair da tarde as suas concentrações maciças sôbre CASTELNUOVO abriram caminho aos atacantes que ocuparam a localidade já com escuro.

A O.G.O. nº 25, da manhã de 6, regulou o aproveitamento do êxito na direção de AFRICO. Além disso, deu indicações para defensiva do 6º R.I. e tomou o II/6º R.I. para reserva da Divisão.

A Instrução de Operações, de 6, do IV Corpo, atribuiu à Divisão a missão:

"- Manter as posições atuais e patrulhar rigorosamente.

- Ligar-se com a 10ª Div. Mnt.".

Prescreveu tambem uma mudança de limites.

Em consequência, verifica-se o seguinte dispositivo (O.G.O. nº 26, de 7):

- Grupamento O.:
  Cmt.: Gen. ZENÓBIO
  Tropa: 1º R.I., III/11º R.I., 9ª/III/6º R.I., C.C.A.C./ 11º R.I. e 1º Esq. Rec.

- S/Setor L: 6º R.I. (menos a 9ª Cia.).

- Artilharia: III Grupo apôio direto ao 6º R.I.; II Grupo, apôio direto ao Grupamento O; I e IV Grupos, em ação de conjunto. O I Grupo reforçará especialmente o II Grupo.

- Engenharia: teve a missão, além dos trabalhos de estradas, de construir campos minados (Grupamento O.) e de levantar minas (S/Setor L.).

- Reserva: 11º R.I. (menos III Btl., C.C.A.C. e a Cia. Obuzes).

O Comando do IV Corpo comunicou a 7 de março, que a sua ofensiva havia terminado, por ordem do 5º Exército, cancelando-se, assim, a parte final do "Plano Encore".

G - AÇÕES DO GRUPAMENTO OESTE (28.II/9.III.945)

Pela O.G.O. nº 21, de 28 de fevereiro, a missão atribuida ao Grupamento Oeste, do Cmdo. do General ZENÓBIO, foi: -

"Organisar a defesa da linha: Cota 1036 - BELVEDERE - PIZZO CAMPIGNANO, tendo em vista impedir a ocupação dessa linha de alturas e qualquer progressão pelo corredor de ROCCA CORNETA.
Cobrir o flanco O. da 10ª Div. Mnt. em 1018".

E seu dispositivo, numa frente de 8 Kms. o seguinte:

- III/11º R.I.,de CAPELLA DE RONCHIDOS (exclusive) até a Cota 1036 (inclusive).

- 1º R.I., de CAPELLA DE RONCHIDOS (inclusive) até a estrada que atravessa de S. para N. a região de ROCCA CORNETA.

- 1º Esq. Rec., C.C.A.C./1º R.I., e, depois, 1ª/I/11º R.I., desde aquela estrada até o limite O. da 1ª D.I.E..

Êsses elementos já agiam isoladamente, em face das substituições, quando foram submetidos a um Comando único em 28 de fevereiro.

Afim de melhorar as condições de segurança, foi determinada a instalação de um sistema de P.A., com missão de resistência limitada e, para reforçar o poder da defesa, prescrita a melhoria das organisações de terreno e colocado um sistema de defesas acessórias à frente e no interior da posição.

A 1º de março, foi reforçado por 250 "partiggiani", postos à disposição pelo Cmt. do IV Corpo, que colocados em linha no Quarteirão de Oeste, substituiram a 1ª/I/11º R.I. (menos um Pel.), absorvida, então, pela Divisão. Esse Quarteirão, depois, teve o concurso da 9ª/III/6º R.I..

Durante todo o período, o sistema defensivo foi melhorado progressivamente, quer no que concerne aos fogos, quer no que diz respeito aos trabalhos de organisação de terreno, com rêde de arame, minas anti-pessoal, "booby-traps" luminosos e minas anti-tanks.

Agressivas e contínuas ações de patrulhas, reconhecimento e golpes de mão, cooperaram eficientemente no ataque combinado realisado nas outras frentes. O inimigo, em face dessas ações diversionárias, ficou com a impressão de que sofria um ataque semelhante aos que desencadeavam os elementos encarregados da operação principal e permitiu que se desvendasse sua ordem de batalha. Inúmeros prisioneiros foram feitos e o contato mantido cerrado.

O P.C. do Cmt. do Grupamento funcionou em IL PALAZZO.

H - MANIFESTAÇÕES DO INIMIGO

No início do período, o inimigo mostrou-se em fraca atividade, não fazendo ações de patrulha, mas hostilizando severamente as nossas.

Sua Artilharia, porém, continuou a martelar o setor da 1ª D.I.E. atingindo diversos pontos, com predominância em PORRETA TERME e MARANO com grosso calibre. Tiros de morteiro foram lançados continuamente sôbre nossos elementos em primeira linha.

Procurou resistir à ofensiva desencadeada pela 10ª Div. Mnt. e 1ª D.I.E. e a 21 de fevereiro aplicou um golpe de mão na frente do II/6º R.I., em TORRE DE NERONE, mas foi repelido.

Na manhã de 22, castigou duramente com forte bombardeio de artilharia nossos elementos que ocuparam MONTE CASTELLO. Só na jornada de 24, cêrca de 1000 impactos de artilharia foram registrados naquele MONTE.

Durante o período o inimigo tentou vários contra-ataques em diversos pontos, todos, porém, repelidos com energia. Foram feitos 235 prisioneiros, revelando a presença das seguintes unidades: -

1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª Cias./1044 R.I., da 232ª D.I.
2ª, 5ª e 14ª Cias./1043 R.I., da 232ª D.I.
1ª, 2ª, 4ª, 6ª, 8ª e 14ª Cias./1045 R.I., da 232ª D.I.
1ª, 2ª, 4ª, 8ª, 14ª e 17ª Cias./741 R., da 114ª Divisão Jaeger.
9ª Cia./721 R., da 114ª Divisão Jaeger.
2ª Cia./129 Btl. Rec., da 29ª Panzer Granadier.

A 29ª Divisão Panzer Granadier é uma das melhores Divisões alemães na Itália, de grande valor combativo e o seu aparecimento, agora, faz supor ter sido empregada para deter o nosso ataque. É uma Grande Unidade de passado brilhante, com prática das campanhas da Polônia, França e Rússia.

A 114ª Divisão Jaeger foi organisada em 1941 e até princípios de 1944 operou na Yugoslávia. Fez parte das tropas que se opuzeram ao estabelecimento da "cabeça de ponte" de ANZIO, onde sofreu pesadas perdas.

Segundo declararam os prisioneiros a 114ª Divisão Jaeger, quando o ataque do IV Corpo foi desencadeado, seus elementos chegaram para substituir parte da 232ª D.I., para que esta pudesse melhor aproveitar suas possibilidades, defendendo uma frente menor. Os reconhecimentos já haviam sido até iniciados.

Vários prisioneiros de guerra fizeram referências à eficiência de nossa artilharia, que lhes causa muitas baixas, sendo que as concentrações preliminares do ataque ao MONTE CASTELLO eram de"arrebentar os nervos de qualquer um".

Posições de peças de artilharia e morteiro, campos minados e organisações do terreno foram tambem assinalados nos dias que limitam o presente período.

I - AS VITÓRIAS DE MONTE CASTELLO E DE CASTELNUOVO

Antes de tudo, convém registrar o fato de que o objetivo BELVEDERE - TORRACCIA - CASTELLO, dado a 29 de novembro à 1ª D.I.E.,

quando ainda incompleta e sem prejuizo da grande frente defensiva a guarnecer, foi conquistado em fevereiro por duas Divisões - a Brasileira e a 10ª Div. Mnt. - sendo que esta com um longo período de treinamento em terrenos montanhosos. Isso também explica os insucessos de novembro e dezembro de 1944.

O Comando da 10ª Div. Mnt. pediu à D.I.E. uma ação diversionária quando iniciasse o seu ataque à BELVEDERE. Estudada a ação, foi proposto o corredor de ABETAIA. A Div. Mnt. pediu que o assunto fosse reconsiderado, por julgar que a L. de MONTE CASTELLO os efeitos seriam remotos. Foi examinada a região de MAZZANCANA, a menos desfavoravel na desfavoravel zona L. de GORGOLESCO, sem nunca esse exame ter se transformado em proposta. O IV Corpo entretanto mandou executar a ação diversionária do corredor de ABETAIA.

Há um aspeto da ofensiva do IV Corpo que precisa ser firmado em benefício da verdade histórica: -

- MONTE CASTELLO caiu por efeito da ação da 10ª Div.Mnt. ou pela ação da tropa brasileira ?
- CASTELNUOVO foi um ataque a uma posição ou uma simples ação de limpeza ?

O desenrolar dos acontecimentos naquelas jornadas gloriosas responde claramente a estas perguntas.

Entramos na base de partida em MAZZANCANA, beneficiados pela 10ª Div. Mnt.. Atacamos MONTE CASTELLO no momento em que a 10ª Div. Mnt. se achava detida e não podia atacar simultaneamente TORRACCIA, como previa a ordem do IV Corpo. Batemos as tropas alemãs em MONTE CASTELLO e, dessa maneira, desbordamos, em favor dos americanos, as posições de TORRACCIA. Em seguida, ainda com estas posições ativamente em mãos do inimigo, aprofundamos esses desbordamento com a conquista de BELLA VISTA - LA SERRA, o que por sua vez veio dar depois à 10ª Div.Mnt. uma ótima base de partida para a retomada de sua ofensiva.

Quanto a CASTELNUOVO, convém sejam lembradas as fases de luta para a conquista de SOPRASASSO e de 722 e as obstinadas resistências (armas automáticas, artilharia e morteiros) encontradas e vencidas pelo II/11º R.I.. Não devemos também esquecer as nossas baixas e os alemães aprisionados combatendo nas posições.

J - COMENTÁRIOS SÔBRE OS INSUCESSOS DE MONTE CASTELLO

Na reunião dos altos chefes militares, realizada a 30 de outubro de 1944, no P.C. Avançado do 5º Exército no PASSO DE FUTA, confessara o comandante do 5º Exército o insucesso da ofensiva no eixo FLORENÇA - BOLOGNA à cargo do II Corpo, cujas Divisões se achavam exaustas e incapacitadas de prosseguir a luta.

Obstinara-se entretanto o Comandante do 5º Exército em retomar a ofensiva ainda em dezembro, antes do rigôr do inverno, fazendo recair sôbre o IV Corpo o encargo de promover em novembro, no eixo da estrada 64 (PISTOIA - BOLOGNA), operações preliminares que nos conduziriam à Ofensiva Geral.

Prometeu o Comandante do 5º Exército, naquela reunião, completar, dentro de mais uma semana, a entrega integral do armamento à tropa brasileira, desembarcada a 11 de outubro, em LIVORNO; mas, a despeito de todas as providências tomadas, foi o armamento entregue com muito atrazo, acarretando sérios prejuizos para a instrução dos 2º e 3º escalões da F.E.B., cujas unidades, mal instruidas e mal adaptadas, eram jogadas atropeladamente para a frente de combate, face a um inimigo, que nos dominava por toda a parte, pela vista e pelo fogo.

A 24 de novembro, o III/6º R.I. tomou parte em uma operação contra MONTE CASTELLO, conduzida pelo comandante da T.F. 45 (americano), não conseguindo a tropa brasileira e a americana atingir os seus objetivos.

No dia imediato, repetiu-se a mesma operação, com o mesmo comando e a mesma tropa, que extenuada e sob a depressão do insucesso da véspera não poude se firmar no terreno conquistado, sendo repelida pela ação dos carros de combate inimigos.

Essas duas operações não foram convenientemente preparadas pelo comando americano, que na anciedade de atacar de qualquer maneira, não concedeu o tempo necessário para os reconhecimentos da infantaria e da artilharia.

O divisionário brasileiro, acompanhado do Chefe da 3ª Secção do E.M., poude observar no P.C. do III/6º R.I. na manhã de 24, a desarticulação entre a tropa brasileira e a americana, que não estavam convenientemente orientadas sôbre os seus objetivos, nem dispunham de bôas ligações com a artilharia de apôio.

Começavamos a crear assim a lenda sôbre MONTE CASTELLO, que atraía sôbre si o prestígio de posição inexpugnavel.

O Comandante do IV Corpo, pouco satisfeito com os insucessos do comando da T.F. 45 em ambos os ataques contra MONTE CASTELLO e com as reclamações que lhe fizera o comando brasileiro sôbre as más condições do emprêgo do III/6º R.I., resolveu fazer reverter a referida unidade à 1ª D.I.E., ampliando, em consequência, a zona de ação da Divisão Brasileira, com ordem formal de atacar não só MONTE CASTELLO como toda a crista BELVEDERE - MONTE DELLA TORRACCIA - MONTE CASTELLO.

Para o comando brasileiro e a sua tropa, a situação era bastante crítica em face da obstinação dos comandos americanos em retomar a ofensiva antes do rigor do inverno, que se aproximava.

Todas as Divisões Americanas repousavam, ou no silêncio de sua passiva linha de contato ou no confôrto de sua retaguarda, enquanto a Divisão brasileira, ainda não totalmente reunida no vale do RENO, (28 de novembro), mantinha uma frente de 15 Kms. com a missão de atacar parte dessa frente, fortemente entrincheirada.

A tropa brasileira amargurava uma situação moral e material desoladora, porquanto o 6º R.I. contava já com mais de 80 dias de contato com o inimigo, apresentando um grande desgaste na sua eficiência e os outros dois Regimentos - 1º e 11º - sofriam os efeitos de seu precário treinamento e de sua brusca entrada em linha, sem uma progressiva adaptação.

Quanto às outras armas, menos sugeitas ao desgaste, eram provavelmente atingidas pelo amargor dos nossos insucessos deante de MONTE CASTELLO.

Foi, nessas desfavoráveis condições, que a 29 de novembro de 1944 a D.I.E., por ordem do IV Corpo, atacou MONTE CASTELLO com três batalhões, dos quais um em reserva, e forte apôio de artilharia, mas sem nenhum apôio de aviação.

Por fatalidade lamentavel, na noite de 28 para 29, os alemães contra atacaram e expulsaram os americanos de MONTE BELVEDERE, aprisionando diversos tanques e fazendo sessenta prisioneiros.

Os objetivos de MONTE CASTELLO se mostraram inabordáveis, apesar dos esforços de nossa infantaria durante a jornada inteira de 29. A ameaça contra nosso flanco esquerdo, vinda de MONTE BELVEDERE, já ocupado pelo inimigo, pesou, sem dúvida, sôbre nosso insucesso.

O Comando do 5º Exército persiste na idéia de retomar a ofensiva ainda em dezembro e, para isso, o Comandante do IV Corpo

determinação Comando brasileiro, como operação preliminar, capturar a crista BELVEDERE - TORRACCIA, onde se encrustava o MONTE CASTELLO.

A 6 de dezembro o divisionário brasileiro acompanhado dos generais Comandantes da Infantaria e Artilharia, de seu Chefe de E.M. e do Chefe da 3ª Secção, procedeu a um cuidadoso reconhecimento sôbre o terreno, tendo em vista a missão recebida de capturar a crista BELVEDERE - TORRACCIA.

Em consequência do estudo feito sôbre as possiveis zonas de ataque, levando em conta o compromisso defensivo permanente da Divisão, estendida em tão longa frente, e mais a premência do tempo, decidiu o divisionário brasileiro escolher como zona de ataque ainda a de MONTE CASTELLO, com o que concordaram os dois outros generais.

No dia 12 de dezembro foi realizado novo ataque a MONTE CASTELLO com quatro batalhões, dos quais dois em reserva, e sem nenhuma preparação de artilharia. Fracassou como os anteriores, porque não foi possivel dominar o mortífero fogo inimigo, despertado por ação prematura da artilharia americana.

A obstinação do comando americano de atacar de qualquer maneira, sem adequar a missão aos meios e à situação, vai cessar, em breve, diante da realidade dos fatos.

Na noite de 12, após o combate, o comandante brasileiro, General MASCARENHAS, acompanhado dos Generais ZENÓBIO e CORDEIRO, Comandantes da Infantaria e Artilharia, compareceu ao P.C. do IV Corpo para ouvir as recriminações que lhe seriam dirigidas pelo comandante dessa Grande Unidade.

O Chefe brasileiro fez todo o interesse em ser acompanhado pelos outros dois generais, que desconheciam, em parte, as incompreensões e as exigências do comando americano em relação à nossa tropa, empregada sempre de um modo desastrado sem nenhum respeito às regras táticas e psicológicas.

Perguntas e críticas ásperas foram dirigidas, naquela noite, ao chefe brasileiro que, apoiado pelos seus dois generais, apresentava com dignidade e amargura as razões do insucesso: - o cansaço e o mau preparo da tropa, a grande extensão da frente a defender e a grande extensão do objetivo a conquistar, o inimigo fortemente entricheirado, a falta de aviação, o frustamento da surpresa, a chuva, a lama e o frio.

Finalmente, o General CRITTENBERGER, Comandante do IV Cor-

po, pergunta ao General MASCARENHAS se julga, diante da missão dada à 1ª D.I.E., que a tropa brasileira não tem capacidade ofensiva.

A pergunta foi cruel e decisiva para a sorte da Divisão brasileira, mas os Generais ZENÓBIO e CORDEIRO, numa intervenção feliz, ponderaram que a resposta só poderia ser dada por escrito pelo Comando Brasileiro. (ver cópia anexa do ofício nº 8 de 13.XII.944 do Cmt. da 1ª D.I.E. ao Cmt. do IV Corpo).

Na resposta dada nesse ofício, o divisionário brasileiro fez considerações sôbre o que se entende por capacidade ofensiva deante dos meios, da situação e da missão, terminando por dizer que a Divisão brasileira só poderia ter capacidade ofensiva, com a redução de seu setor e com a concessão de um prazo de dez dias para o reajustamento de suas unidades, cujos claros já sobem a 1.000.

No mesmo dia 13 de dezembro decidiu o Cmt. brasileiro dirigir uma carta ao General CLARK, Comandante do 5º Exército (ver cópia anexa da carta de 13.XII.944 do General MASCARENHAS ao General CLARK), reclamando contra o modo precipitado como estava sendo empregada a tropa brasileira e focalizando o aspéto político da nossa atuação militar na Itália.

Sentiu o Comando brasileiro, por diversas vezes, a eminência de ver a sua Divisão completamente destruida, como acontecera à Divisão portuguesa na Primeira Grande Guerra, mas, com os seus justos argumentos, conseguiu chamar à razão o Comando americano, que decidiu afinal, dispensar a Divisão brasileira de sua missão ofensiva, ao longo da frente que ocupava e que deveria continuar a manter (ver cópia anexa da carta de 13.XII.944 do General CRITTENBERGER ao General MASCARENHAS).

O último ponto a esclarecer sôbre a operação de 12 de dezembro contra MONTE CASTELLO é que o local do ataque não foi imposto pelo Comandante do IV Corpo e portanto poderia parecer a alguem que a ação devia, com mais vantagem, se exercer por BELVEDERE ou GORGOLESCO.

A 1ª D.I.E. não dispunha nem de efetivo nem de tempo para atacar por BELVEDERE, mantendo, como manteve, a obrigação de guardar toda a frente desde o Reno, pois o deslocamento da infantaria e da artilharia para a zona de ataque demandaria tempo e exigiria para essa última um desdobramento prejudicial à segurança da frente a guardar, ao mesmo tempo que deslocaria o centro de gravidade

da Divisão para o seu flanco esquerdo, com prejuizo da segurança do flanco direito (falta de efetivo).

Quanto ao ataque por GORGOLESCO é êsse morro mais ingreme que MONTE CASTELLO e a zona de ataque naquela direção se prestava menos à tomada de dispositivo da tropa atacante.

Si êste relato sincero e fiel dos tristes episódios desenrolados, de 24 de novembro a 12 de dezembro, em tôrno de MONTE CASTELLO, sob as condições as mais desfavoráveis para a nossa tropa, não servir para proclamar a coragem e a bravura do nosso soldado, a conciência profissional dos nossos quadros, o patriotismo e o equilíbrio dos nossos chefes, outro acontecimento sensacional e eloquente poderá derramar a verdade sôbre a conduta da tropa expedicionária e de seu Comando naqueles memoráveis dias de angústia e de amargura.

Dois longos meses de frio e neve (12 de dezembro de 1944 a 19 de fevereiro de 1945) passaram ainda os nossos soldados nos sopés nevados dos MONTES BELVEDERE e CASTELLO, testemunhas mudas dos nossos revézes e futuramente dos nossos triunfos.

Em meiados de fevereiro planejava-se a Ofensiva da Primavera e consequentemente surgia novamente a idéia da mesma operação preliminar - ataque ao maciço BELVEDERE-CASTELLO-TORRACCIA.

A missão é dada agora não exclusivamente à Divisão brasileira, mas sim a duas Divisões - a 10ª de Montanha Americana e a 1ª D.I.E., aquela treinada especialmente para a guerra de montanha, durante mais de um ano nos Estados Unidos.

Os preparativos dessa operação preliminar se sucedem calmamente no tempo e no espaço. A 10ª Divisão de Montanha se dispõe discretamente, com todos os seus meios, face ao seu objetivo, com o único compromisso de atacar na direção BELVEDERE-TORRACCIA, enquanto a Divisão Brasileira conserva o encargo de manter a sua larga frente e recebe a honrosa missão de atacar MONTE CASTELLO e ocupá-lo, simultaneamente com a tomada de MONTE DELLA TORRACCIA pela tropa americana.

A artilharia do IV Corpo é reforçada pela artilharia do Exército para apoiar e proteger fortemente o ataque da 10ª Divisão de Montanha.

A aviação americana, auxiliada pela brasileira, faz os vôos de reconhecimentos e prepara-se para a ação de apôio e proteção ao combate.

A época da operação é fixada para dias claros e sem chuva, de acôrdo com as previsões metereológicas.

A missão continua a ser a mesma que fôra atribuida à Divisão brasileira a 12 de dezembro último, o mesmo objetivo e o mesmo inimigo, mas os meios mudam - tropa descançada, eficiente e de maior efetivo, artilharia mais abundante, aviação poderosa e com tempo favorável.

Sente-se o contraste flagrante entre os cuidados dispensados e os meios empregados nas duas operações - a de 12 de dezembro e a de 20, 21 e 22 de fevereiro.

O ataque a BELVEDERE é executado pela 10ª Divisão de Montanha a 20 de fevereiro com muito sucesso e com muitas baixas; a 21 a Divisão brasileira ataca e ocupa MONTE CASTELLO, enquanto a tropa americana é detida deante de TORRACCIA; a 22, a tropa brasileira prossegue o ataque em direção a LA SERRA e facilita imprevistamente o sucesso da tropa americana sôbre TORRACCIA.

Para tão brilhante vitoria concorreram os meios poderosos e a situação favorável, adequados à missão, além da cuidadosa e inteligente preparação das operações.

É, pois, mais êste acontecimento sensacional e eloquente - tomada de MONTE CASTELLO a 21 de fevereiro de 1945 pela tropa brasileira e o prosseguimento vitorioso do ataque em direção a LA SERRA - que relembra e focaliza as causas dos nossos insucessos em MONTE CASTELLO e que os justifica sobejamente, proclamando a coragem e a bravura do nosso soldado, a conciência profissional dos nossos quadros, o patriotismo e o equilíbrio dos nossos chefes.

6 - DEFENSIVA TEMPORÁRIA (10.III - 8.IV.945)

A - PRELIMINARES

Como vimos anteriormente, o "Plano Encore" foi cancelado na sua fase final, por determinação do 5º Exército, paralisando, assim, a ofensiva à cargo do IV Corpo.

Iamos, agora, processar um reajustamento do dispositivo da Divisão, dentro das ordens emanadas do IV Corpo, que visavam, em princípio, dar repouso às Unidades da 10ª Divisão de Montanha e liberá-las, tanto quanto possivel, para futuros empreendimentos.

Ao par dos trabalhos reclamados pela nova missão atribuida, urgia, tambem, acionar os diferentes órgãos do Comando para preparar a tropa, capacitando-a para os futurso compromissos da 1ª D.I.E., no quadro das decisivas operações destinadas ao IV Corpo. Entre êsses encargos, estava o recompletamento dos efetivos das unidades e o levantamento da ordem de batalha do inimigo depois dos nossos últimos sucessos, sem dúvida os mais importantes do momento.

B - ORGANIZAÇÃO INICIAL DA DEFENSIVA (10 - 16.III.945)

A ordem de operações nº 14, de 8 de março, do IV Corpo, além de modificar os limites da 1ª D.I.E., atribuia-lhe a seguinte missão:

"- Manter as posições já conquistadas e compreendidas no seu novo setor, de maneira a impedir movimentos inimigos para o S. e L. da linha que lhe cabe defender.

- Patrulhar vigorosamente para o N. e N.E. de sua zona de ação e manter contato com o inimigo.

- Ligar-se com a Task Force 45".

Esta missão do IV Corpo veio suprimir o "corredor" da 10ª Divisão de Montanha no interior do setor da Divisão e, ao mesmo tempo, retirar nossa tropa das operações do Vale do RENO, afastando-a da direção geral de BOLOGNA e deixando-a numa situação defensiva voltada para o Vale do PANARO, na previsão da retomada da ofensiva para o N.E. e a L. do mesmo curso dagua. Ficou, assim, extinto o Grupamento Oeste.

Pela O.G.O. nº 27, de 10, o Comando estabeleceu sua idéia de manobra:

"- Manter com maior esfôrço M. DELLA TORRACCIA e M. BELVEDERE."

O dispositivo passou a ser:

- S/Setor N: 11º R.I. (menos III Btl. e C.C.A.C.)
- Quarteirão Centro: III/11º R.I.
- S/Setor S: 1º R.I.
- Quarteirão O.: 1º Esq.Rec., C.C.A.C./1º R.I., C.C.A.C./11º R.I. e 9ª/III/6º R.I.
- Artilharia: I Grupo, reforçado com a Cia. Ob./11º R.I., em apôio direto ao S/Setor N. e ao Quarteirão Centro; II Grupo reforçado pela Cia.Ob./1º R.I., em apôio ao S/Setor S. e Quarteirão O.; III Grupo, reforçado pela Cia. Ob./6º R.I.,e o IV Grupo em ação de conjunto.
- Engenharia: teve a missão de construir e reparar as estradas que deviam permitir a ligação entre a posição de resistência e a transversal LIZZANO - GAGGIO MONTANO. Construir campos minados.
- Reserva: o 6º R.I. (menos II Btl. e 9ª Cia.) em reserva da 1ª D.I.E.; o II/6º R.I., em reserva do IV Corpo.
- Transmissões: estabelecer o novo sistema de transmissões.

A mesma O.G.O. prescreveu a realisação do dispositivo, em confirmação das O.P.O. nº 37 e 38, de 10.

A nova linha de resistência abrangia M. TORRACCIA - MONTE TERMINALE - BICOCHI - CAMPO DEL SOLE - SASSOMOLARE - SASSO DI BALDINO - MONTE GRANDE D'AINO.

Em 12 de março, foi expedido um complemento à O.G.O. nº 27, regulando segurança da posição (P.A. e Reconhecimentos) e modificando os locais da reserva da Divisão.

A O.P.O. nº 39, de 14, acionou o 6º R.I. quanto ao lançamento de patrulhas.

O Comando, com a O.G.O. nº 28, de 15, expoz a seguinte idéia de manobra:

"- Manter a atual posição, com maior esfôrço em M. BELVEDERE e M. DELLA TORRACCIA. Em caso de recuo inimigo, conservando a atual P.R., ocupar, inicialmente e sem perda de tempo, M. DELLA PIANO, Cota 882, MARANO e Cota 728".

Deu em seguida as missões consequentes da previsão acima.

Durante êsse tempo, o inimigo não realizou investidas contra a posição. Ao contrário, o 1º R.I. executou uma missão maciça de fogos sôbre um ponto de apôio inimigo, desorganizando-o.

C - EVOLUÇÃO DO SETOR DEFENSIVO (17.III - 6.IV.945)

A O.G.O. nº 29, de 17, enfeixa todas as prescrições para a vida no setor defensivo.

A missão e a idéia de manobra não evoluiram. Mas o dispositivo da Divisão foi melhorado, tendo em vista o revêsamento da tropa e possibilidade de repouso:

- Quarteirão de Cobertura: Cias.C.A.C. do 1º R.I., 6º R.I. e 11º R.I., transformadas em Cias. de Fuzileiros.
- S/Setor N: 11º R.I. (menos III Btl., C.C.A.C. e Cia. de Ob.).
- S/Setor Centro: 6º R.I. (menos II Btl., C.C.A.C. e Cia. Ob.).
- S/Setor O: 1º R.I. (menos II Btl., C.C.A.C. e Cia. de Ob.).
- Artilharia: II Grupo, dispondo da Cia. Ob./1º R.I., apôio direto ao Quarteirão de cobertura e S/Setor O.; III Grupo, com a Cia.Ob./6º R.I., apôio direto ao S/Setor Centro; I Grupo e Cia.Ob./11º R.I., apôio direto ao S/Setor N; IV Grupo, ação de conjunto.
- Engenharia: Não houve alteração quanto à missão; as Cias. do 9º B.E. foram distribuidas aos três S/Setores.
- Transmissões: Reorganizar o seu sistema, tendo em vista se adaptar ao novo dispositivo.
- Reserva: o III/11º R.I., II/1º R.I. e 1º Esq.Rec., como reserva da Divisão; o II/6º R.I. reserva do IV Corpo.

O dispositivo foi realizado em três noites sucessivas mediante prescrições constantes do complemento à mesma O.G.O. nº 29, do dia 18 de março.

A O.G.O. nº 30, de 23, reorganizou o Quarteirão de cobertura guarnecendo-o, II/6º R.I., e fazendo reverter as C.C.A.C. aos seus respectivos Regimentos. Regulou, também, as condições de substituição e assinalou o reforço de fogos da Cia.A/84 Bn (unidade de Morteiros Químicos).

A cobertura do flanco O. do Setor foi regulada pela O.P.O. nº 4, de 29.

Nessa ocasião foi posto à disposição da Divisão um Grupamento de "Partiggiani", que, com o 1º Esq.Rec. e o II/6º R.I., foi empregado no Quarteirão de cobertura. O 9º B.E. prolongou, em profundidade, essa cobertura, mantendo um sistema de patrulhas além da zona de seu estacionamento.

Durante êsses dias, a atividade de patrulhas e reconhecimentos no setor foi consideravel, havendo mesmo um sistema agressivo.

D - PREPARATIVOS PARA A RETOMADA DA OFENSIVA (7 - 8.IV.945)

No dia 20 de março, o Comando da Divisão, convocado ao Q.G. do IV Corpo, participou da discussão inicial do novo plano de Operações para retomada da ofensiva que lançaria na batalha final todas as forças empenhadas no Teatro de Operações da Italia.

Em consequência, foram estabelecidos os necessários planos e iniciados os preparativos.

A reorganização do Dispositivo se impoz, afim de se recuperar efetivos para o cumprimento das missões previstas.

A O.P.O. nº 42, de 7 de abril, iniciou a recuperação do 6º R.I., isto é, o Comando e o I Btl.. O S/Setor N. foi ampliado, tendo o III Btl. voltado ao 11º R.I. (reserva a ser empregada mediante autorização da D.I.). O S/Setor Centro ficou reduzido ao Quarteirão do III/6º R.I..

A O.G.O. nº 31, de 8 de abril, em virtude da decisão do IV Corpo, amplia o limite L. da Divisão, creando o Quarteirão do II/1º R.I..

O dispositivo de Artilharia foi adatado da seguinte maneira:

- I Grupo, apôio direto ao S/Setor do 11º R.I. e ao Quarteirão do II/1º R.I..
- II Grupo, apôio direto ao Quarteirão de Cobertura, ao III/6º R.I. e ao S/Setor do 1º R.I..
- III e IV Grupos, em ação de conjunto, tendo o primeiro a seu cargo, em particular, o refôrço ao apôio direto.

Durante êsse tempo, mediante indicações do IV Corpo, a D.I.E. organizou um programa de inquietações, contínuas e pesadas (fogos de Artilharia e Infantaria), causando sérios danos ao dispositivo do inimigo.

Foram repelidas várias tentativas de infiltração do adversário.

Para atender ao novo dispositivo determinado pelo IV Corpo, após os sucessos de MONTE CASTELLO e CASTELNUOVO, houve necessidade de um deslocamento do Q.G. Avançado da Divisão, que distribuido em dois escalões, PORRETA TERME e PÁVANA, foi concentrado, a partir de 11 de março, em LIZZANO IN BELVEDERE.

A distância que então o separava do Q.G. Recuado, exigiu, também, um lanço dêste, que a partir de 13 de março passou a funcionar na região de PÁVANA.

A atividade inimiga durante êste período não foi das maiores, limitando-se a hostilizar nossas patrulhas com fogos de armas automáticas e morteiros. Deram-se alguns choques de patrulhas em diversos pontos da frente.

Na noite de 27 de março, elementos adversos, em número indeterminado, tentaram aproximar-se das posições da 2ª Cia./I/11º R.I. e, na segunda parte da jornada de 30, houve várias tentativas de infiltração, todas repelidas. A 6 de abril, o inimigo, à noite, tentou um golpe de mão contra a 9ª Cia./III/11º R.I., sem sucesso porém.

A Artilharia, também, atuou com menor intensidade que nos períodos anteriores, com dias calmos e outros mais ativos.

Na ofensiva realisada no princípio do mês de março pela 10ª Divisão de Montanha foi apreendido o arquivo de uma unidade do 1045 R.I. da 232ª D.I., em CASTEL D'AIANO, do qual consta o interrogatório de desertor brasileiro e de um outro prisioneiro ferido, o primeiro do 11º R.I. e o segundo do 6º R.I.. O desertor deu algumas informações sôbre seu Regimento e das nossas posições, ao passo que o prisioneiro procurou sempre despistar, adulterando até o nome de seus próprios Comandantes (A tradução desses documentos está anéxa ao Boletim de Informações nº 135, de 19 de março, da 2ª Secção do E.M.).

Foram feitos ao todo 88 prisioneiros e de seus interrogatórios constam preciosas informações, entre as quais uma que mostra o grande efeito de nossa propaganda entre os alemães e, ainda, o que define, em linhas gerais, a ordem de batalha inimiga. Os capturados pertenciam as seguintes unidades:

2ª e 3ª Cias./I/741º R.I., da 114ª Divisão Jaeger.
7ª, 8ª e 10ª Cias./II/741º R.I. da 114ª Divisão Jaeger.
15ª Cia./III/741º R.I. da 114ª Divisão Jaeger.
1ª, 4ª, 5ª, 6ª e 14ª Cias./1044º R.I., da 232ª D.I.
3º Esquadrão/114º Btl. Reconhecimento, da 114ª Divisão
4ª Cia./232ª Btl.Fuz..
1ª Cia./4º Batalhão de Montanhas.

3ª Cia./232º Batalhão de Engenharia, da 232ª D.I..
2ª, 3ª e 14ª Cias./1045º R.I. da 232ª D.I.
1ª Cia. de Carros de Assalto/232 A.T., da 232ª D.I..

É quasi fóra de dúvida que a 29ª Divisão Panzer, assinalada no período anterior em nossa frente, foi afastada de linha, sendo retirada para além do PÓ, deixando, porém, alguns dos seus tanques, senão a totalidade. A 114ª Divisão Jaeger tinha recebido elementos da 188ª Divisão Depósito de Montanha. Está confirmada a presença do 741º Regimento da Divisão, com I e II Btls. na área de MONTESE e III Btl., reorganizando-se na retaguarda imediata.

Sôbre a 232ª D.I., constataram-se os I e II Btls. do 1044º R.I. e I e II Btls. do 1045º R.I.; o 1043º R.I. foi dissolvido, servindo seus elementos para o recompletamento dos demais. O II Btl. do 1044º R.I. está na área de CASTELLUCIO e o I Btl. em MASERNO; o I Btl. do 1045º R.I. está à sua direita.

Assinalamos, ainda, diversas peças de Artilharia e Morteiro, bem como a preocupação de melhorar as organizações do terreno. Movimentos de canhões foram observados para direções diferentes.

7 - OFENSIVA DA PRIMAVERA (9.IV - 2.V.945)

A - PRELIMINARES

Comparecendo ao Q.G. do IV Corpo em CASTELLUCIO no dia 20 de março, o Comandante da 1ª D.I.E. participou da discussão inicial do Plano de Operações para a ofensiva geral que derrotaria definitivamente o Exército Alemão na Itália.

No âmbito do 5º Exército, o IV Corpo, lançado à frente e escalonado na estrada 64 (PORRETA TERME - VERGATO - BOLOGNA), deveria desembocar no vale do PÓ, entre os Rios PANARO e RENO e capturar ou isolar a cidade de BOLOGNA.

À 1ª D.I.E., como Unidade-ala do dispositivo, caberia a segurança do flanco ocidental, através os contra-fortes dos APENINOS.

Em consequência, foram tomadas desde logo providências que assegurassem o mais absoluto êxito da missão que nos fôra atribuida.

Já no período anterior a tropa vinha sendo convenientemente preparada moral e materialmente, estendendo-se esta preparação ao recompletamento do pessoal, o que foi então intensificado. A Divisão brasileira estava com o seu efetivo completo em oficiais e praças, e a experiência adquirida nos combates vitoriosos de MONTE CASTELLO e CASTELNUOVO dava-lhe entusiasmo e confiança.

O Depósito de Pessoal entrava em seu franco funcionamento para atender ao recompletamento em praças durante a Ofensiva da Primavera, cuja duração estava prevista para dois meses de grandes esforços e grandes desgastes.

Preocupava-se entretanto o divisionário brasileiro com a falta futura de capitães e tenentes de Infantaria e por esse motivo, a 10 de março de 1945, depois das vitórias de MONTE CASTELLO e CASTELNUOVO, solicitou ao Ministro da Guerra a vinda, por via aérea, de 20 (vinte) capitães e 100 (cem) tenentes de Infantaria.

A 6 de abril (um mês depois) o comando brasileiro, sem nenhuma resposta àquele pedido, por mais de uma vez reiterado, resolve solicitar ao Ministro da Guerra, como solução precária, autorização para comissionar sargentos de reconhecido valor moral e profissional, o que lhe foi imediatamente concedido.

Foi nessa situação pouco lisonjeira que a partir de 14 de abril o comando brasileiro enfrentou a Ofensiva da Primavera que pela sua rapidez e pelas suas vitorias fulminantes surpreendeu a todos os Altos Comandos.

Mais uma vez a sorte sorriria para o Comando brasileiro, para o Govêrno e o Povo do Brasil, dando-nos tantas glórias com um mínimo de perdas e de desgastes.

Cuidado especial mereceu também o sistema de evacuações, o levantamento de minas, a reparação urgente de vários trechos de estradas, etc.

Para montagem do dispositivo, houve necessidade de algumas substituições de Unidades que motivou uma densa corrente de transporte, executada em rítmo acelerado e à noite, dentro de uma severa disciplina de circulação.

Todos os suprimentos de classe I, II, III, IV e V foram rigorosamente montados em escalonamento de acôrdo com a característica da operação, sendo que os de classe V (Munições) com poderosa previsão.

A ordem de batalha inimiga fôra levantada.

Preparamo-nos, assim, para dar início a uma fase de intensa atividade.

B - TOMADA DO DISPOSITIVO INICIAL (9 - 12.IV.945)

A Ordem de Operações nº 15, do IV Corpo, de 2 de abril, estabeleceu o seu dispositivo inicial e as ações preliminares da Ofensiva da Primavera.

No momento coube à Divisão cumprir a seguinte missão:

"Manter a todo custo as posições e lançar reconhecimentos agressivos."

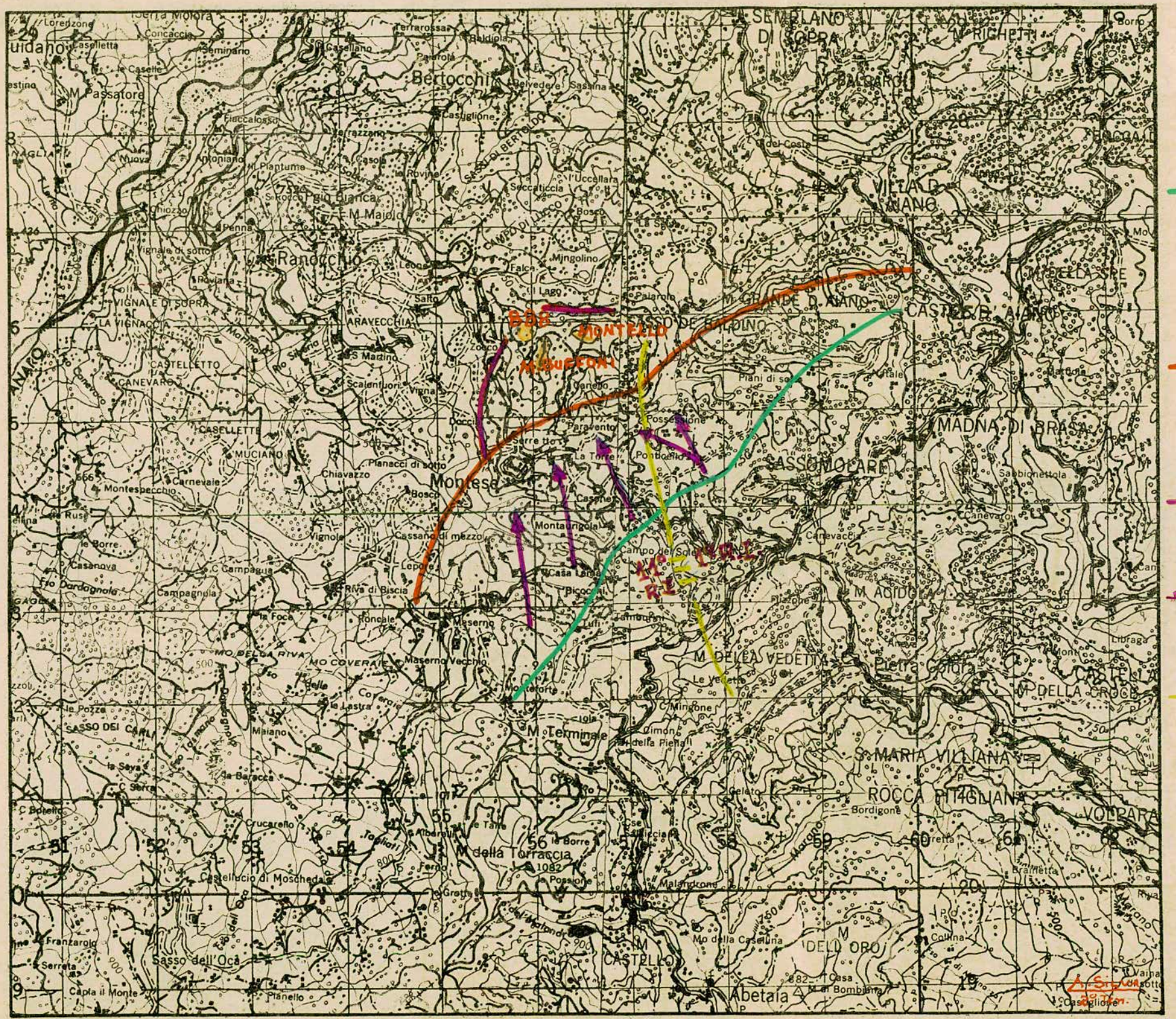
Foi também determinada a mudança de limites da 1ª D.I.E., com a qual se conseguiu reagrupar tropas para a ofensiva. A posição não englobou mais M. BELVEDERE e M. GORGOLESCO.

Em consequência foi expedida a O.G.O. nº 32, de 9 de abril, com a seguinte idéia de manobra:

"- Manter as posições do Setor com maior esfôrço nas regiões de MONTE FORTE - 928 - CAMPO DEL SOLE e SASSOMOLARE.

- Lançar reconhecimentos fortes e profundos, particular-

COMBATE DE MONTESE (13/17-IV-945)



DESDOBRAMENTO DA ARTILHARIA DIVISIONÁRIA PARA O ATAQUE A MONTESE (13/17-IV-945)
Apoio direto I e III Grupos
Ação de conjunto - II e IV Grupos

mente no eixo: MASERNO-MONTESPECCHIO e sôbre a linha MONTESE-MONTE BUFFONE- MONTELLO".

O dispositivo passou a ser o seguinte:

- Quarteirão N: II/1º R.I.
- S/Setor S: 11º R.I. (menos II Btl. e Cia. Obuzes)
- Artilharia: I Grupo, apôio direto ao S/Setor S. e Quarteirão N.; II Grupo, apôio direto ao 371º R.I. (U.S.A.); III e IV Grupos, em ação de conjunto, tendo o III Grupo a seu cargo, em particular, refôrço ao apôio direto. As Cias. de Obuzes ficaram à disposição da A.D..
- Engenharia: tomou a seu cargo assegurar as comunicações no S/Setor S. e Quart. N. e a conservação de outras estradas; limpar de minas novos locais no Setor.
- Transmissões: organizar o novo sistema de transmissões segundo o eixo: GAGGIO MONTANO-ABETAIA-TAMBURINI.
- Reserva: III/11º R.I., 6º R.I. e 1º R.I. (menos II Btl.), num total de 6 batalhões, 1º Esq. de Reconhecimento.

A mesma O.G.O. prescreveu todas as condições da realização do dispositivo.

Neste mesmo dia 11, o Q.G. Avançado da 1ª D.I.E. transferiu-se de LIZZANO IN BELVEDERE para GAGGIO MONTANO.

Pela O.P.O. nº 42-A, de 12 de abril, foi determinado ao III/1º R.I. que entrasse em linha, prolongando o flanco L. do Setor, com mais um Quarteirão diretamente subordinado à Divisão.

C - ATAQUE (13 - 18.IV.945)

a - Combate de Montese (13 - 14.IV.945)

Passou, agora, a 1ª D.I.E. a considerar a missão:

"- Manter a todo custo as posições e lançar reconhecimentos agressivos, cobrindo o flanco O. da 10ª Divisão de Montanha.

- Estar em condições de aproveitar o êxito até o Rio PANARO".

Então, a O.C.O. nº 33, de 13 de abril, estabeleceu a seguinte idéia de manobra:

"- Manter as posições do Setor, com maior esfôrço nas regiões de MONTEFORTE - 928 - CAMPO DEL SOLE e M. NUVOLETI.

- Lançar fortes reconhecimentos, particularmente no eixo MAZERNO-MONTESPECCHIO e sôbre a linha MONTESE-MONTE BUFFONE-MONTELLO.

- Procurar a melhora da posição, com a posse da linha MONTESE - 888 - MONTELLO e da região de 747, partindo daí em aproveitamento de sucesso, sôbre BERTOCCHI, RANOCCHIO e MONTESPECCHIO".

Daí o dispositivo:

- Quarteirão do III/1º R.I.
- Quarteirão do II/1º R.I.
- S/Setor do 11º R.I.
- Artilharia: - I Grupo, apôio direto ao 11º R.I. e ao II/1º R.I.; II Grupo, apôio direto ao 371º R.I. (U.S.A.), e em ação de conjunto da Divisão, com duas Bias.; III Grupo, em ação de conjunto, tomando à seu cargo o apôio direto ao III/1º R.I.; IV Grupo, ação de conjunto.
- Engenharia: - Uma Cia. no Quart. do II/1º R.I. e acompanhamento do 1º Esq. de Reconhecimento; Uma Cia. no S/Setor do 11º R.I. e acompanhamento dos seus elementos de progressão; uma Cia. em reserva.
- Transmissões: - Prosseguir equipando o eixo GAGGIO MONTANO-ABETAIA-TAMBORINI.
- Reserva: - 6º R.I., 1º R.I. (menos II e III Btls.) e 1º Esq. de Reconhecimento.

Tinha a Divisão sua direita encostada à 10ª Div. de Montanha e à sua esquerda à 92ª D.I. (371º R.I.), e estava disposta numa linha que compreendia CAPELLA DE RONCHIDOS- LE GROTTI - ALBARELLI- MELCHIORRI- MONTE FORTE - Cota 928 - CASA LAMA- CAMPO DEL SOLE- SASSOMOLARE- M. NUVOLETTI.

Ao 11º R.I. foi atribuida a missão principal, isto é, lançar reconhecimentos e em seguida, se apoderar de MONTESE-888-MONTELLO, onde o inimigo possuia ótimos observatórios para as posições da 10ª Divisão de Montanha e pertubava o flanco O. do IV Corpo.

O II/1º R.I. deveria progredir para cobrir o flanco do 11º R.I., e fazer reconhecimentos agressivos.

O III/1º R.I. cooperaria com os seus fogos nas ações do II/1º R.I. e do 11º R.I..

As reservas se articularam tendo em vista prolongar o flanco N. em acompanhamento à progressão da 10ª Div. de Montanha, prosseguir as operações na direção do N. e fazer face a alguma eventualidade na direção de MONTESE.

O III/6º R.I., cumprindo a O.P.O. nº 42-B, de 13, destacou-se do Regimento para se aproximar do eixo de ataque, na possibilidade de seu emprêgo na região de MONTESE-MONTELLO.

A hora H do início dos reconhecimentos e do ataque e o horário da preparação, foram fixados pelo Complemento à O.G.O. nº 33, também do dia 13.

Em seu P.O., especialmente montado em SASSOMOLARE, o Comando da Divisão dirigiu a operação.

Com o início do ataque da 10ª Divisão de Montanha, no dia 14 de abril, foram lançadas pela manhã fortes patrulhas reforçadas por equipes de mineiros com a missão de reconhecimentos agressivos. Progressivamente ocuparam pontos essenciais do terreno, ao mesmo tempo que a Artilharia, com uma violenta preparação, dava a impressão de um verdadeiro ataque. O inimigo reagiu energicamente com fogos de infantaria, morteiro e artilharia sôbre a base de partida e nos elementos que progrediam. Apesar dos campos minados e da resistência adversária, às 13.00 (treze) horas estavam conquistados os objetivos iniciais daqueles elementos, balizados pela linha CASONE-IL CERRO-POSSESSIONE-Cota 745.

Iamos agora, trinta minutos depois, dar começo ao ataque pròpriamente dito para a posse do triângulo MONTESE-Cota 888-MONTELLO. Potente preparação de artilharia apoia a ação do 11º R.I., que rompe com dois Batalhões, o III, à direita e I à esquerda. No flanco E. do dispositivo agía o II/1º R.I.

Tanks americanos empenham-se, com relêvo, na direção de SERRETO e a Cia. A de Morteiros Químicos, também americana, concorre na operação, ora cobrindo a região com uma densa dortina de

fumaça, ora batendo as posições alemães.

Às 14.30 (quatorze e trinta) horas, a O.P.O. nº 42-C., determinava ao 1º Esq. de Rec. que se deslocasse para a zona do 11º R.I..

Nossa Artilharia conserva a mesma eficiência no seu apôio à ação da infantaria.

MONTESE é ocuapada às 15.15 (quinze e quinze) horas dêsse dia 14, extendendo o 11º R.I. suas conquistas a SERRETO e imediações de PARAVENTO.

Mas o inimigo resiste obstinadamente em MONTEBUFFONE e, com seus canhões e morteiros, castiga violentamente as nossas posições, nas regiões por êle abandonadas. Apesar de ocupada, a vila de MONTESE conserva algumas resistências.

O III/6º R.I. é enviado, de acôrdo com a O.P.O. 42-D, para aquela vila afim de colaborar na limpeza e entrar em ligação com o 11º R.I.

Vem a noite e a situação não se altera, permanecendo a infantaria brasileira na linha geral MASERNO-Cota 805 e 808-MONTESE-SERRETO-POSSESSIONE - e a região logo a L. de CÁ DI BERTOLINO, duramente conquistada ao inimigo, depois de 61 baixas (sendo 3 mortos) e um ativo de 107 prisioneiros, inclusive 4 oficiais.

A O.P.O. nº 42-E, das 20.00 (vinte) horas, empenhou o 1º Esquadrão de Reconhecimento, tendo em vista a passagem da noite.

b - <u>Ações sôbre Montebuffone e Montello (15 - 17.IV.945)</u>

Embora não se conquistasse, na jornada anterior, todos os objetivos previstos, fomos mais felizes que as demais unidades do IV Corpo. A progressão da 10ª Div. de Montanha fôra tão pequena, que dispensava à 1ª D.I.E. o emprêgo de batalhões no seu flanco Leste.

Mas impunha-se o prosseguimento do ataque para conquistar ao inimigo as alturas de onde nos dominava. Parecia contra-indicado continuar o ataque, na manhã de 15 de abril, com a mesma tropa (11º R.I.) que, no dia anterior, houvera dispendido esfôrço tão grande. Todavia, o elevado estado moral dessa tropa, cujos chefes manifestaram insistemente o desejo de prosseguir na missão, levou o Comando brasileiro, preocupado com a econômia de tempo e de meios, a empregá-la ainda no dia 15 de abril.

A O.G.O. nº 34, de 15 de abril, determinou ao 11º R.I. e ao II/1º R.I. que continuassem a ação.

O apôio da Artilharia passou a ser:

- I e III Grupos, apôio direto ao 11º R.I.
- III Grupo, apôio direto ao II/1º R.I.
- II e IV Grupos, ação de conjunto.

O dispositivo era o mesmo, partindo o ataque das posições antes conquistadas.

O inimigo persiste na sua tenaz resistência, intensificando o seu bombardeio arrasador, registrando-se neste dia mais de 3.200 tiros sôbre a zona de combate da 1ª D.I.E.. Foi, sem dúvida, a jornada de maior impactos nas nossas posições durante toda a campanha da Itália e, como há muito, não se via nas demais frentes.

Os fogos da infantaria alemã são mais ajustados, mais densos, e as explosões de minas se sucedem, trazendo-nos algumas baixas.

No fim do dia, conquistarámos PARAVENTO, com o II/1º R.I., e a situação ao N. de SERRETO era confusa. O inimigo ainda atirava sôbre MONTESE.

Nossa A.D. agiu incensantemente durante toda a jornada e os infantes tentavam prosseguir na ação.

Já em plena noite, a luta continuava.

O maior testemunho da possante resistência inimiga no dia 15, é o número de baixas: 11 mortos e 118 feridos.

A O.P.O. nº 42-F, de 15 de abril, 22.00 (vinte e duas) horas colocou o 6º R.I. (menos o I Btl.) em linha, na região de SERRETO, entre o 11º R.I. e o II/1º R.I., para o prosseguimento da ação na jornada de 16.

Na manhã desse dia 16 maciços e sucessivos bombardeios inimigos impediram a tomada do dispositivo para o ataque e uma barragem forte de armas automáticas não consentiu que uma patrulha atingisse o ponto cotado 927, de MONTE BUFFONE. O ataque não chegou a ser desencadeado.

Na 10ª Div. de Montanha, os 85º R.I. e 87º R.I. avançaram durante a manhã, sob forte resistência.

A O.G.O. nº 35, de 16, mandou o 6º R.I. ficar em condições de prosseguir na ação ofensiva e alargou o S/Setor do 1º R.I. (entrada em linha do I Btl.).

Às primeiras horas de 17, o IV Corpo ordenou o não prosseguimento do ataque.

Os progressos da 10ª Div. de Montanha exigiam um reajustamento do nosso dispositivo e a substituição do seu 85º R.I..

Ainda a 17, a O.G.O. nº 36 previu as condições de defensiva momentânea no setor da Divisão.

Foram quatro jornadas de dura prova para a infantaria brasileira, que com cêrca de 400 baixas pôde vergar a tenaz resistência alemã e conquistar o maciço de MONTESE, feito que empolgou o Comando Superior, tal a importância para a manobra ofensiva do IV Corpo. A artilharia germânica continuamente martelava MONTESE, transformando-a quasi num montão de ruinas.

c - Reorganização do dispositivo da Divisão (18.IV.945)

Pela Ordem de Operações nº 16, de 17, do IV Corpo, a nossa missão ficou assim definida:

"- Manter as atuais posições, reconhecer a situação inimiga e estar preparada para perseguir as tropas alemãs.

- Limites: 10ª Div. de Montanha a N.E. e o 371º R.I., da 92ª D.I., a S.O..

- A Divisão conta com o apôio da Cia. C/894 Bn T.D. e da Cia.A/84 Bn M.Q."

Determinava, ainda, o Comando Americano à 1ª Divisão Blindada que se deslocasse para TOLE e atacasse na vertente oriental do PANARO, interpondo-se, portanto, entre as fôrças brasileiras e a 10ª Div. de Montanha, quando, então, procurasse ligação com a 1ª D.I.E..

A O.G.O. nº 37, de 18 de abril, estabeleceu a seguinte idéia de manobra:

"- Manter, com maior esfôrço, a região de MONTESE-824-SERRETO e a situada entre 909 e M. PIGNA.

- Em caso de progressão, fazê-la seguindo os eixos:

MAZERNO - MONTESPECCHIO- MONTESE - CASELLANO e BERTOCCHI, VILLA D'AIANO - ROSOLA, CASTEL D'AIANO- CÁ DELL' OSTE e BOCCA DEI RAVARI - CÁ SANSONE".

O dispositivo passou a ser, então:

- S/Setor do 11º R.I.
- Quarteirão do II/1º R.I.
- S/Setor do 1º R.I. (menos o II Btl.)
- Quarteirão do I/6º R.I.
- Artilharia: - I Grupo, apôio direto ao 11º R.I. e II/1º R.I., com a Cia. Ob./11º R.I.
  - II Grupo, apôio direto ao 1º R.I. e I/6º R.I., com as Cias. Obs. dos 1º e 6º R.I.
  - III e IV Grupos, ação de conjunto.
- Engenharia: - Empreendendo a conservação de estradas, limpeza de campos de minas e previsões para o acompanhamento da infantaria e dos carros (uma Cia. no S/Setor do 11º R.I., outra no do 1º R.I. e a terceira no Quart. do I/6º R.I.).
- Reserva: - 6º R.I. (menos o I Btl.) e 1º Esq.Rec.

Determinou, ainda, a mesma O.G.O., reconhecimentos agressivos em toda a frente, regulou as substituições e previu a progressão em caso de recuo do inimigo.

Na jornada 18, foi cumprido o novo dispositivo e os alemães continuavam a castigar severamente MONTESE, diminuindo, porém, de intensidade os bombardeios nas outras frentes.

Terminando o dia, estava o Comando articulado para fazer a retomada da progressão, não só para O., como para o N.. Instalou, então, um P.C. Avançado em SASSOMOLARE.

d - <u>Manifestações do inimigo</u>

Mostrou-se tenaz na sua resistência ao ataque feito pela 1ª D.I.E. ao triângulo MONTESE-888-MONTELO, castigando duramente os nossos elementos com sua artilharia de um modo não observado nos últimos meses. Parecia que, depois de perdido o maciço de MONTESE, pretendia esvasiar os seus depósitos de munição, para facilitar o seu recúo.

Teve-se informação que a 90ª Divisão Panzer Granadier, mais tarde aprisionada por nós, deslocava 6 Btls. motorizados para o Sul, afim de reforçar a posição defensiva alemã.

Identificaram-se as seguintes unidades em nossa frente, com a captura de 173 prisioneiros nos últimos quatro dias:

- Cia. do Q.G. e 2ª, 3ª, 6ª, 7ª, 8ª, 9ª, 10ª, 16ª e 17ª Cias./741º R.I. da Divisão Jaeger;
- 7ª Cia./751º R.I., da 114ª Divisão Jaeger;
- 1º, 2º e 4º Esq./114º Btl.Rec., da 114ª Divisão Jaeger;
- 1ª Cia./754º R.I., da 114ª Divisão Jaeger, e a
- 7ª Bia./III Gr./661º Reg.Art..

B - APROVEITAMENTO DO ÊXITO (19 - 22.IV.945)

a - Início da progressão - Combate de ZOCCA (19/21.IV.945)

Declinara a 19 de abril o fogo inimigo sôbre nossas posições e foram percebidas destruições e os reconhecimentos assinalaram indícios de recuo. A 10ª Div. de Montanha progredia célere. Em toda a frente do IV Corpo os sintomas eram os mesmos.

Apenas algumas resistências eram notadas face ao I/6º R.I..

Nessa tarde, a tropa começou a executar as previsões da progressão determinada pela O.G.O. nº 37, de 18.

A O.P.O. nº 42-G., das 14.00 (quatorze) horas, indicou ao 1º Esq. de Reconhecimento a imediata retomada do contato sôbre o rio PANARO.

Na noite de 19, o Comando passou a considerar a seguinte missão:

"A 1ª D.I.E. deverá limpar a margem do PANARO e capturar elementos esparsos inimigos na direção geral de M.ORSELLO".

Em consequência, a idéia de manobra, constante da O.G.O. nº 38, de 19:

"Estabelecer uma cobertura a S.O. do Rio RIVELLA e ocupar, no fim da primeira fase de progressão, a região de ZOCCA-IL CROCIALE".

Todas essas ações visavam aliás a mesma finalidade, dentro da ordem do escalão superior; A 1ª D.I.E. deveria se rebater para N.O. sôbre a margem L. do PANARO, guardando solidamente e, em atitude agressiva, a grande manobra que todo o 5º Exército realizava na batalha do PÓ.

O dispositivo passou a ser:

- 11º R.I., lançado na direção de O., atraz do 1º Esq. de Reconhecimento, com a previsão de atingir o rio PANARO a S.O. do RIVELLA.

- 1º R.I., na direção geral de ZOCCA, com indicações para atingir linhas sucessivas.

- Todos os Regimentos tinham missão de capturar as resistências encontradas.

- Artilharia: - I Grupo, apôio direto ao 11º R.I.; III Grupo, apôio direto ao 1º R.I.; II Grupo, apôio direto ao 6º R.I.; IV Grupo, em ação de conjunto.

- Engenharia: - Recebeu missão de manter em estado de tráfego as principais estradas. Uma Cia. de Engenharia em acompanhamento a cada Regimento.

Pela O.G.O. nº 38, o II/1º R.I. foi recuperado e reverteu ao seu R.I.; a zona de ação da Divisão alargada para L. e o 1º Esq. de Reconhecimento substituido pelo 11º R.I..

Para uma assistência mais contínua às operações, instalou-se um P.C. Avançado da Divisão em SASSOMOLARE, com a Chefia do Estado-Maior e as 2ª e 3ª Secções.

No dia 20, o 11º R.I. progrediu em terreno minado e sob pesado bombardeio da artilharia e dos morteiros alemães chegou às alturas que dominam a margem Leste do PANARO, entre os cortes do DARDAGNOLA e RIVELLA. Ainda na mesma jornada, também sôbre região difícil, o 1º R.I. progrediu alcançando PIRONDELLI- CÁ DEL SARTO e VERUCCHIA, cerrando seu contato com o inimigo nas vizinhanças da vila de ZOCCA.

À meia-noite de 20, é expedida a O.G.O. nº 39, com a seguinte idéia de manobra:

"Atacar a região de ZOCCA- IL MONTE e, simultaneamente, progredir no eixo MANZONE-S.MICHELE-MONTALBANO. Em seguida progredir na direção geral de MONTE ORSELLO, fazendo face, ao mesmo tempo, ao Rio PANARO."

O 11º R.I., com a missão de manter as posições ocupadas na jornada anterior. O 6º R.I. recebeu ordem de se apossar da região ZOCCA-IL MONTE e daí desembocar na direção de MONTE ORSELLO. O 1º R.I., cooperando no ataque do 6º R.I., progredir na direção de MONTALBANO.

- Artilharia: - Sem modificar sua organização, agir, particularmente, em proveito do ataque à região de ZOCCA-IL MONTE e da progressão no eixo: ZOCCA - MONTE ORSELLO.

- Engenharia: - Colocar em estado de tráfego, particularmente, o eixo: CASTEL D'AIANO-ZOCCA-MONTE ORSELLO.

- Transmissões: - Equipar o eixo de transmissões GAGGIO MONTANO-SASSOMOLARE-CASTEL D'AIANO-ZOCCA.

- O 1º Esq. de Reconhecimento: Lançar-se na direção de SAMONE.

Os elementos de Tanks (U.S.A.) tiveram indicações para cooperar nas ações sôbre ZOCCA.

O ataque teve início às 7.00 (sete) horas e o 6º R.I., reduzindo as resistências germânicas, ocupou ZOCCA e ultrapassou-a rumo a MONTE ORSELLO. O 1º R.I., cumpriu a sua missão, capturando resistências inimigas.

A nossa linha passou a ser C. MICHELOZZO-CASSELANO-CERVURA-RONCOBOTTO-LATORRE-CAMPAZZO-DOCCIA.

b - <u>Progressão sôbre VIGNOLA e reconhecimento da margem O. do PANARO (21/22.IV.945).</u>

A Instrução de Operações nº 87, de 20 de abril, do IV Corpo, fixou à 1ª D.I.E. a missão de:

"- Aproveitar qualquer retirada inimiga na sua zona de ação.
- Manter contato com o 371º R.I., da 92ª D.I.".

Surgiu, então, a O.G.O. nº 40, de 21, com a seguinte idéia de manobra:

"- Conquistar a região de SAMONE-PONTE SAMONE e, simultaneamente, continuar a progressão na direção ZOCCA-GUIGLIA, para a posse da região MONTE GUERRO-MONTE ORSELLO-GUIGLIA-ROCHETTA e daí apoderar-se das regiões face à MARANO e à VIGNOLA."

O Comando determinou, também, um dispositivo tendo em vista o desenvolvimento da progressão para o N. e a conversão sôbre o PANARO:

- O 1º R.I., ocupar SAMONE-PONTE SAMONE;
- O 6º R.I., progredir na direção de ZOCCA-GUIGLIA e conquistar a região de MONTE GUERRO-MONTE ORSELLO-GUIGLIA-ROCHETTA;

- O 11º R.I., ulteriormente, ocupar as regiões de S.ANTÔNIO e CÁNOVA. II/11º R.I., mantendo ainda a margem Leste do PANARO (O. de MONTESE), em ligação com o 371º R.I. (U.S.A.);

- O 1º Esq.Rec.:- Lançar-se no eixo SAMONE-MARANO e a Cia. Rcn./894 (U.S.A.) nos eixos ZOCCA-VIGNOLA e ZOCCA-LODOLA.

- Artilharia: - Em condições de atuar em proveito da progressão para o N. e do dispositivo defensivo e, preferentemente, agir em benefício das ações ofensivas no eixo: ZOCCA-MONTE ORSELLO-VIGNOLA.

- Engenharia: - Duas Cias. no eixo ZOCCA-MONTE ORSELLO-VIGNOLA (abrir passagem e manter o tráfego) e a outra Cia. nas demais estradas e limpeza dos campos de minas.

- Transmissões: - O eixo de transmissões passou a ser SASSOMOLARE-CASTEL D'AIANO-ZOCCA-GUIGLIA.

O Comando, expedindo a O.G.O. nº 41, às 23.00 (vinte e três) horas de 21, visou dar aos Regimentos indicações para completar o cumprimento daquelas missões ao alvorecer do dia 22.

De fato, ao se concluir a jornada de 22 os objetivos previstos foram alcançados, com algumas resistências isoladas.

Os campos minados eram em número menor e as destruições ainda eram frequentes, o que denotava o interêsse do inimigo em retardar nossa marcha.

O Comando avançou com o seu P.C. para a região de C. DI GROTTI, 2 kms. ao N. de ZOCCA.

Para descentralizar a Divisão, a Artilharia foi repartida com um Grupo à disposição de cada Regimento.

A 22, terminava o aproveitamento de êxito e a 1ª D.I.E. distribuia-se pela linha CASTIGLIONE-PIRONDELLI-CERVARA-PIEVE-TREBBIA-PIETRAROSSA-LAVACHIELO-CASTIGNIONE, com domínio completo do médio PANARO e ajustada ao dispositivo do IV Corpo.

c - <u>Manifestações do inimigo</u>

Em franca retirada, o inimigo procurou interromper o contato com sucessivas destruições, mas não silenciou a sua arti-

lharia e os seus morteiros que, continuamente, castigavam nossos elementos avançados, causando-nos cêrca de 80 baixas. Suas resistências eram esparsas.

O avanço geral obrigava os alemães a se retrairem da contraencosta dos APENINOS para a região plana do Vale do PÓ.

96 prisioneiros foram feitos nesses quatro dias de sucessivos avanços.

E - PERSEGUIÇÃO (22.IV - 2.V.945)

a - Operações entre os Rios PANARO e ENZA (22/25.IV.945)

Sentia-se francamente nessa ocasião que o inimigo, vencido e desmoralizado, se retraía célere para o Norte e para a vertente Oeste do baixo PANARO, procurando, com destruições ao longo dos eixos e elementos débeis, fugir ao contato de qualquer modo. A conquista de BOLOGNA pelos aliados aumentou a corrente dos fugitivos. No setor costeiro, porém, resistiam tenazmente na linha geral TENDOLA-FOSDINOVO.

Decide, então, o Comandante do IV Corpo:

- Transpor o rio PÓ, sem perda de tempo e, com a maioria das suas fôrças, avançar, perseguindo o inimigo na direção geral de S.BENEDETTO-VERONA-TRENTO.
- Realizar, com os meios restantes, aliás apreciáveis, um rebatimento para N.O., não só para perseguir o inimigo na direção MODENA-PIACENZA, como para cobrir o flanco esquerdo do IV Corpo de uma possivel intervenção das tropas adversárias, empenhadas no Setor costeiro da LIGURIA.

À 1ª D.I.E., na ala esquerda do seu dispositivo, competia realizar a cobertura do eixo MÓDENA-PIACENZA, atenta aos movimentos inimigos no setor da costa.

A O.G.O. nº 42, de 22 de abril, das 23.00 (vinte e três) horas, estabeleceu, assim, a seguinte idéia de manobra:

"- Contornar as resistências das alturas de MARANO com uma progressão sôbre C.MALASSI-P.GALLONI e sôbre PANARO-CAMPRIGLIO.

- Cortar a retirada do inimigo entre o PANARO e o SECCHIA, particularmente sôbre a Estrada nº 12".

Com o dispositivo:

- 1º R.I., (menos II Btl.) conservando-se na margem L. do PANARO, lançando reconhecimentos sôbre a margem O.
- 6º R.I., (menos III Btl.) transpor o PANARO, a O. de MARANO e atingir a linha de DENZANO.
- Grupamento Cel. Nelson de Mello: Transpor o PANARO e atingir a região de FORMIGENE.
- Artilharia: - Conservar um Grupo de 105 à disposição de cada Regimento.
- Engenharia: - Um Pel. à disposição do 1º Esq. de Rec.; Uma Cia. com o Grupamento Nelson de Mello; 9º B.E. (menos uma Cia. e um Pel.) em PANARO.
- Grupamento de Tanks: - operar em proveito do Grupamento Nelson de Mello.
- 1º Esq. Rec.: - reagrupar-se.
- Transmissões: - Seguindo o eixo: ZOCCA-VIGNOLA-C. DE SOLA.

Para contornar as resistências localizadas em MARANO SULL PANARO e cortar a retirada do inimigo entre os Rios PANARO e SECCHIA, particularmente sôbre a Estrada nº 12, foi organizado o Grupamento Cel. Nelson de Mello, assim composto e todo motorizado:

- III/6º R.I.
- II/1º R.I.
- Cia. Ob./6º R.I.
- 1ª Cia. de Engenharia
- Uma Cia. Rnc., dois Pelotões de Tanks médios e dois Pelotões de Tanks Destroyer, tudo do 894 Bn T.D.
- Elementos de Transmissões e de Saúde.

A 23, o IV Corpo atribue a 1ª D.I.E. a missão de:

"- Perseguir o inimigo entre os Rios SECCHIA e ENZA e bloquear os movimentos do S. para o N., particularmente nas direções de MODENA e REGGIO".

Foi determinado, então, o seguinte dispositivo, pela O.G.O. nº 43, da mesma data:

- Grupamento Cel. Nelson de Mello: Transpor o SECCHIA e atingir SABIONE-ACCETO.

- Grupamento do 11º R.I.: (menos II Btl.): Atingir a região de CASALGRANDE-SCANDIANO (O R.I., uma Bia. do I Grupo e 2ª Cia. do 9º B.E.).

- 6º R.I. (menos III Btl.): Continuar a bloquear as estradas entre PANARO e SECCHIA.

- 1º R.I. (menos II Btl.): Manter a margem L. do Rio PANARO, lançar reconhecimentos profundos na margem O. do mesmo rio e conservar a ligação com o 371º R.I.(U.S.A.).

- Artilharia: - Pôr os seus meios de transporte à disposição dos R.I..

- Engenharia: - Uma Cia. nas passagens do PANARO (região de VIGNOLA) e ação em proveito dos 6º R.I., 11º R.I. e 1º Esq. de Reconhecimento.

- Grupamento de Tanks: Operar em proveito do Grupamento Nelson de Mello.

- Transmissões: - No eixo ZOCCA-VIGNOLA-CÁ DE SOLA-SASSUOLO-SCANDIANO.

- 1º Esq. de Reconhecimento: Em reconhecimento na direção de MONFESTINO e de SASSUOLO.

A fuga precipitada do inimigo não permitia deslocamentos a pé da nossa Infantaria e exigia que se poupasse o combatente. O rítmo da perseguição corria perigo e a progressão dos infantes dispensava o apôio da Artilharia.

O Comando lança mão dos meios de transporte da A.D., imobilizando grande parte de seus canhões e encarrega o Gen. Cordeiro de Farias, com o seu E.M., de regular os deslocamentos da Infantaria, até o escalão Batalhão, pelos eixos determinados, remuniciando-a e reabastecendo-a.

Tal medida, foi de grande eficiência e teve notável repercussão nos acontecimentos futuros, merecendo os louvores do Comando Superior.

Na tarde dêsse dia 23, alcançávamos o SECCHIA, cortando a Estrada nº 12 (MARANELLO-FORMIGENA-MÓDENA). O Grupamento Nelson de Mello articulava-se entre essa estrada e o SECCHIA, em ERGASTOLO - FORMIGENE. O 1º Esq. de Rec. apossa-se da margem O. daquele rio, desenvolvendo-se entre CASTELARANO e SASSUOLO. Os demais ele-

mentos da Divisão se concentravam na área de LEVIZZANO-CASTELVETRO DI MÓDENA-VIGNOLA.

Ainda a 23, a 34ª D.I. americana começou a operar entre a 1ª D.I.E. e a 1ª Div.Blindada, alcançando as orlas orientais da cidade de REGGIO NELL EMILIA.

A 24, o Comando resolveu reunir todo o seu Q.G. Avançado em VIGNOLA, transferindo, também para aí o Q.G. Recuado que, se encontrava em PÁVANA, cêrca de 100 Kms. à retaguarda.

No fim da jornada, a Divisão já tinha a maioria dos seus Btls. além do SECCHIA.

A Instrução de Operações nº 88, de 24, do IV Corpo deu à 1ª D.I.E. a missão de:

"- Avançar no Vale do Rio PÓ, na direção N.O.; substituir elementos da 34ª D.I., á medida que avança; cobrir o flanco esquerdo do IV Corpo face ao S. e S.O., protegendo a Estrada nº 9.

- Bloquear as saídas das montanhas dos APENINOS para o N. e N.E..

- Manter contato com o 371º R.I.".

Em consequência, foi expedida a O.G.O. nº 44, de 25, com a seguinte idéia de manobra:

"- Continuar a perseguição, particularmente nas direções de MONTECCHIO e S. POLO D'ENZA; procurar bloquear os os movimentos do inimigo do S. para o N., principalmente na Estrada nº 63 (FIVIZZANO-REGGIO NELL EMILIA)",

e determinando, também:

- A extinção do Grupamento Cel. Nelson de Mello.
- Ao 6º R.I.; atingir o corte do Rio ENZA.
- Ao 11º R.I.: continuar a bloquear as estradas que vêm do S..
- Ao 1º R.I.: Transpor o Rio PANARO e ocupar a região: MONFESTINO-DALMAGIO.
- Ao 1º Esq. de Rec.: Reconhecer a região entre os rios ENZA e PARMA.
- Ao Grupamento de Tanks: operar em proveito da Infantaria.
- Engenharia: Sem alteração.
- Transmissões: Segundo o eixo VIGNOLA-SASSUOLO-SCANDIANO-QUATRO CASTELLA-MONTECCHIO.

Todas as determinações acima foram cumpridas integralmente nessa jornada.

Messes quatro movimentados dias, apesar da sua preocupação de escapar a uma perseguição, conseguiu o inimigo impor 57 baixas à 1ª D.I.E., inclusive um morto, deixando 184 prisioneiros.

O 9º B.E., trabalhando, ora na reparação dos eixos principais da ação, ora facilitando a transposição dos rios, ora limpando os terrenos minados, teve uma atuação de grande destaque e sem precedentes, não recebendo nenhum auxílio de qualquer elemento dos nove Btls. de Engenharia que agiam especialmente para o IV Corpo.

b - Operações nos Vales dos Rios ENZA e PARMA (26.IV.945)

A O.G.O. nº 45, de 26 de abril, de 06.00 (seis) horas, fixou a seguinte idéia de manobra:

> "- Encetar a perseguição entre o ENZA e o TARO; bloquear as estradas que vêm do S., principalmente a de número 62, de maneira a cobrir, em particular, a região de PARMA".

Em consequência, o 6º R.I., foi lançado para o corte do PARMA, o 11º R.I. articulado para bloquear as estradas que do S. se dirigem para o N.; o 1º Esq. de Rec. mandado reconhecer o corte do Rio TARO, permanecendo o 1º R.I. sem alteração.

As tropas deram execução a esta ordem ainda na jornada de 26, com os seus próprios meios, uma vez que a Artilharia necessitou cerrar sôbre o corte do Rio ENZA.

Na jornada de 26, o Q.G. Avançado da Divisão realiza novo e audacioso lance, numa extensão de cêrca de 80 quilômetros, instalando-se na cidade de MONTECCHIO, que estivera em poder do inimigo até poucas horas antes, apenas com o 1º Esq. de Reconhecimento a sua frente. Entretanto, essa aparente imprudência era o recurso mais racional para fazer face à grande descentralização que caracterisa a fase de Perseguição.

Merece um realce especial a atuação de nossas transmissões nos últimos dias, permitindo ao Comando manter contato com as unidades mais avançadas, particularmente com o 1º Esq. de Reconhecimento.

Com os lances espetaculares de 50, 80 ou mais quilômetros do Q.G. da D.I. e das Unidades em perseguição ao inimigo, a rêde telefônica desapareceu e a de rádio foi a única que serviu ao Co-

mando. A Cia. de Transmissões Divisionária teve que intervir com seus próprios meios para vencer as dificuldades.

c - Combate de COLLECCHIO (26/27.IV.945

Nosso Esquadrão de Reconhecimento, durante o dia 26, chocou-se, em COLLECCHIO, com elementos inimigos que a defendiam e em número superior às suas reais possibilidades. O Comando determinou ao Esquadrão que fixasse o inimigo e prevendo uma ação de maior envergadura no vale do TARO expediu, às 21.00 (vinte e uma) horas, do mesmo dia, a O.G.O. nº 46, que determinava:

- 1º Esq. de Rec.: - impedir a progressão do inimigo na Estrada nº 62, na direção de PARMA.
- II/11º R.I.: - deslocar-se para COLLECCHIO, afim de capturar os elementos inimigos que aí resistem.
- 6º R.I.: - articular-se no Vale do TARO.
- 11º R.I.: - bloquear as estradas que do S. se dirigem para REGGIO e PARMA e lançar profundos reconhecimentos na direção do S.
- 1º R.I.: - preparar-se para um deslocamento na jornada de 27.
- Artilharia: - cooperar nos reconhecimentos motorizados do 11º R.I.
- Grupamento de Tanks: - articular-se, tendo em vista operar no Vale do TARO. A Cia. C/894 T.D. à disposição do II/11º R.I.
- Transmissões: - segundo o eixo: VIGNOLA-SASSUOLO-MONTECCHIO-COLLECCHIO.

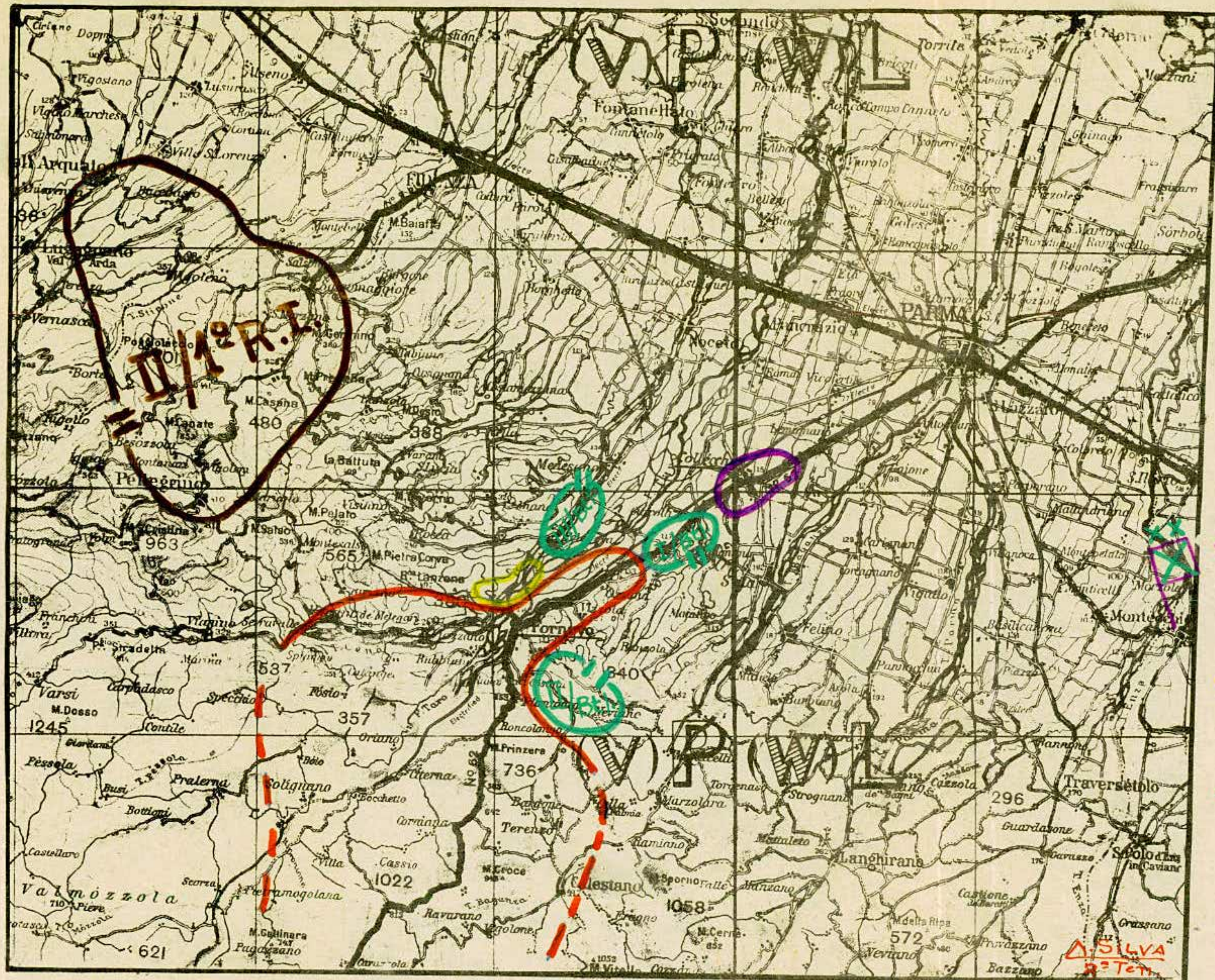
Esta O.G.O. surgiu como confirmação a ordens verbais anteriormente transmitidas.

O II/11º R.I., ainda na tarde de 26, transportado rapidamente para COLLECCHIO, alcançou suas orlas Leste, onde já o 1º Esq. de Reconhecimento combatia.

Trava-se, então, o combate, sendo o II/11º R.I. reforçado pelas 2ª e 8ª Cias. do 6º R.I. e apoiado pela Cia. C. de Tanks, todos os elementos sob a direção do Comandante daquele Batalhão.

O inimigo resistiu tenazmente até às 12.00 (doze) horas

COMBATE DE FORNOVO (28-IV-945)



Esc. 1:250 000

6º.R.I..

II/11º.R.I.
Bia.do IV Grupo
Bia.do III Grupo
Cia.Tanks Amer.
Elem.do 9º.B.E.

1º.Esq.de Rec.

Posições aproximadas ocupadas pelo inimigo.

do dia 27, tentando, por diversas vezes, romper o cêrco para alcançar a VIA EMILIA.

Subjugado, enfim, deixou em nossas mãos quasi 600 prisioneiros e copiosa quantidade de material bélico, intendência, saúde, e transmissões, além duma bem montada cantina ambulante. Os remanescentes retiraram-se para FORNOVO, pelas margens do TARO.

As ações em COLLECCHIO foram coordenadas pelo General Zenóbio, Cmt. da I.D., que se apresentava expontaneamente no local e contaram com a presença, durante a tarde de 26, do Divisionário Brasileiro e do General Cordeiro de Farias, Cmt. da A.D..

COLLECCHIO foi uma verdadeira ação de vanguardas, preliminar de uma operação principal e influiu decisivamente sôbre esta.

Em fim de jornada, a 1ª D.I.E. apresentava o seguinte dispositivo, numa frente aproximada de 70 Kms.:

- 11º R.I.: - I Btl., bloqueando os eixos que do S. corriam para o N., entre BOTTEGHE D'ALBINEA e TRAVERSETOLO; II Btl., à disposição da Divisão em COLLECCHIO; III Btl., barrando as estradas procedentes do S. e rumando para o N., compreendidas entre CASANUOVA e LA MASON.

- 6º R.I.: - I Btl., fechando as estradas situadas entre CASIGNANO e COLLECCHIO, face ao S.; II Btl., acionado na direção de MAMIANO-FORNOVO, tendo em vista capturar um grande grupo de alemães, que parecia fugir para o N.; III Btl., barrando os eixos situados entre o rio TARO e BOSCONCELLO, face ao S.

- 1º R.I.: - I e III Btls., deslocando-se de MONTESTINO para FIDENZA; II Btl., deslocando-se de RIVALTA para a região de SALSOMAGGIORE.

d - Combate de FORNOVO (28.IV.945)

Pelo interrogatório dos prisioneiros de COLLECCHIO, identificou-se a 148ª D.I. alemã atuando no Setor Costeiro. O Cmt. do IV Corpo, em visita ao Q.G. da Divisão, em MONTECCHIO, recomendara o prosseguimento do nosso avanço para N.O., visando impedir que fôrças inimigas, provavelmente da 148ª D.I., transpusessem o PÓ.

A Instrução de Operações nº 89, de 27 de abril, do IV Corpo, atribuiu à 1ª D.I.E. a seguinte missão:

"- Progredir na sua zona de ação (ao S. da Estrada nº 9 - BOLOGNA-PIACENZA), destruindo as fôrças inimigas encontradas.

- Bloquear as saídas das montanhas dos APENINOS para o N.

- Substituir elementos do flanco esquerdo da 34ª D.I. (U.S.A.), à medida que o ataque progrida.

- Proteger o flanco esquerdo do IV Corpo".

Em consequência e atendendo aos resultados do combate de COLLECCHIO, a presença de numerosas fôrças inimigas no Vale do TARO e a missão acima, foi expedida a O.G.O. nº 47, daquela data, com a seguinte idéia de manobra:

"Cobrir as regiões de PARMA e FIDENZA face ao S. e estar em condições de operar na região de PIACENZA".

Que justificou as medidas que se seguem:

- O II/11º R.I.: - continuar a repelir o inimigo, ou capturá-lo, no eixo COLLECCHIO-FORNOVO.

- O 1º Esq. Rec.: - operar a O. dêste eixo.

- O 6º R.I.: - completar sua articulação no Vale do TARO.

- O II/1º R.I.: - bloquear as estradas ao S. e a S.O. de FIDENZA.

- O 11º R.I. (menos o II Btl.): - Continuar na missão anterior.

- O 1º R.I. (menos o II Btl.): - pronto para deslocar-se para PIACENZA.

- Artilharia: - III Grupo, destacar elementos para apôio do II/11º R.I..

Numa extensão de 80 quilômetros, o dispositivo permitia barrar o acesso do inimigo ao Vale do TARO e impedia que escapasse pelas regiões L. e O. do mesmo.

As informações fornecidas pela Aviação indicavam que na jornada de 27, várias colunas marchavam na direção de PARMA, procurando o Vale do PÓ, sendo que uma delas, de cêrca de 4.000 homens, avizinhava-se de FORNOVO, pela Estrada nº 62 (SARZANA-PARMA). Tratava-se da 148ª D.I. alemã, cujas vanguardas haviam sido batidas em COLLECCHIO.

Tendo em vista a missão já transcrita e a situação no Vale do TARO, o Comando, na noite de 28 e em pleno desenrolar dos acontecimentos de FORNOVO, estabeleceu a seguinte idéia de manobra, constante da O.G.O. nº 48:

"- Barrar a progressão inimiga do S. para PARMA, FIDENZA, FIRENZUOLA e PIACENZA, com maior esfôrço no Vale do TARO.

- Ocupar TASTELVETRO - CREMONA e PIACENZA para isolar as tropas alemães do S. das do N.".

Determinando, ainda:

- 6º R.I.: - na direção geral de COLLECCHIO-FORNOVO e no Vale do TARO, capturar ou destruir o inimigo;

- 1º Esq. de Rec.: - Cobertura do flanco O. do 6º R.I.;

- 11º R.I. (menos o II Btl.): - prosseguir na execução da missão anterior e cobrir o flanco L. do 6º R.I.;

- II/1º R.I.: - Em SALSSOMAGGIORE e CASTEL L'ARQUATO para capturar o inimigo que se desvie do Vale do TARO, na direção de FIDENZA e PIACENZA;

- 1º R.I. (menos o II Btl.): - na região de PIACENZA, para isolar as tropas alemães do N. das do S. do Rio Pó.

- II/11º R.I.: - estar preparado para, na região de CASTELVETRO, isolar as tropas alemães do N. das do S. do Rio Pó.

- Artilharia: - III Grupo, reforçado por uma Bia. do IV Grupo, em apôio direto ao 6º R.I.

- Engenharia: - Uma Cia. para agir no Vale do TARO.

- Tanks: - Cia.A/760 Bn à disposição do Cmt. do 6º R.I..

O combate de FORNOVO teve início na manhã de 28.

O 6º R.I., na ação principal da manobra da Divisão, agia particularmente a cavaleiro do eixo COLLECCHIO-FORNOVO e a S.E. de FORNOVO.

O I/6º R.I., ultrapassara o II/11º R.I., então reserva da D.I., e retomava o ataque seguindo a Estrada nº 62 (SARZANA-PARMA),

alcançando à noite, apesar dos bombardeios inimigos, as alturas a S.E. de GAIANO.

O II/6º R.I., atacando na direção de S.VITAL DI BAGANZA-FORNOVO, atinge a região de RESPICIO.

O III/6º R.I., agia em FELEGARA.

O 1º Esq. de Reconhecimento deslocou-se pela margem ocidental do TARO, na estrada MEDESANO-FELEGARA-FORNOVO DI TARO, cobrindo o flanco O. do 6º R.I. e agindo cerradamente sôbre o inimigo.

Fechava-se o cêrco à povoação de FORNOVO DI TARO.

Os dois Batalhões do 11º R.I., I e III, cobrindo o flanco L. das tropas engajadas em FORNOVO, bloqueavam qualquer progressão inimiga de desbordamento do Vale do TARO e cooperavam intimamente com elementos do 6º R.I..

Enquanto as operações assim se processavam, o II/1º R.I. completara sua instalação em SALSSOMAGGIORE e barrava o acesso inimigo aos eixos procedentes do Sul, ficando, portanto, em condições de capturar os elementos que se desviassem rumo a FIDENZA ou PIACENZA (O.P.O. nº 43, de 28).

A O.P.O. nº 45-A, também de 28, mandou o 1º Esq. de Reconhecimento ampliar a cobertura do flanco O. do 6º R.I.

À noite, apesar da escuridão, a tropa brasileira seguiu de perto o inimigo, aumentando a pressão.

Ainda nessa noite, apresentam-se os parlamentares inimigos e foram iniciados os entendimentos para a rendição total da 148ª D.I. alemã e dos remanecentes da 90ª Divisão Panzer e da Divisão Bersaglieri "Italia".

A O.P.O. nº 46-A, de 29 de abril, mandou elementos do 1º Esquadrão de Reconhecimento cobrir a retaguarda das tropas alemães contra incursões de "partiggiani".

Assim se realizou o Combate de FORNOVO e terminaram as operações ativas do Vale do TARO.

e - <u>Rendição da 148ª D.I. alemã (29/30.IV.945)</u>

Um dos episódios de maior significação na última fase da Campanha da Italia, foi, sem dúvida, o aprisionamento da famosa 148ª D.I. alemã e dos remanecentes da 90ª Divisão Panger Granadier e da Divisão Bersaglieri "Itália" pelas tropas brasileiras. Êste

fato, como bem reconhece o Comandante do IV Corpo, provocou a rápida cessação das hostilidades na península.

Cercada inteiramente pelos elementos da 1ª D.I.E. na região de GAIANO-FORNOVO DI TARO-FELEGARA-NEVIANO, depois da derrota sofrida pela sua vanguarda em COLLECCHIO, e vendo a impossibilidade de se reunir ao exército alemão no N. do PÓ, só lhe restava a rendição, que seu Comando propôs ao Comando brasileiro, após a intimação que lhe fôra dirigida pelo Cmt. do 6º R.I..

Feito único em nossa História Militar, merece ver narrado nos seus mínimos detalhes os trabalhos e as ações decorrentes, abrindo-se para este fim um capítulo especial no presente Relatório.

Surpreendida como foi dito anteriormente durante a jornada de 28 de abril pela manobra divisionária e após forte engajamento às saídas N. do desfiladeiro dos APENINOS, na altura de COLLECCHIO e FELEGARA, seu Comandante, o General Otto Fretter Pico, aceitou o ultimatum enviado à noite por intermédio de um sacerdote católico, voluntário para a missão, e redigido nos seguintes termos:

"Para poupar sacrifícios inuteis de vidas, intimo-vos a render-vos incondicionalmente ao Comando das Tropas regulares do Exército Brasileiro, que estão prontas para vos atacar.

Estais completamente cercados e impossibilitados de qualquer retirada.

Quem vos intima é o Comandante da Vanguarda Brasileira que vos cerca. Aguardo, dentro do prazo de duas horas, a resposta do presente ultimatum. (a) Coronel Nelson de Mello".

O Comandante da 1ª D.I.E. ordenou ao seu Chefe de Estado Maior para, em companhia do Chefe da 3ª Secção, representá-lo nos entendimentos necessários no próprio P.C. do 6º R.I., em COLLECCHIO, onde se encontravam, desde às 00.00 (zero) horas de 29, três oficiais do E.M. daquela Divisão inimiga, recomendando que parlamentasse sob a base de rendição incondicional, dando como garantia o cumprimento integral das leis de guerra.

Credenciados pelo Cmt. da 148ª D.I., alí estavam o Chefe do E.M., Major W.Kuner, e mais dois Oficiais, um Major e um 1º tenente, que, prontamente, apresentaram os seus documentos de identificação.

Ás 1.30 (uma e trinta) horas da manhã, teve início a confereência, em uma sala reservada, alegando o Major alemão, para

justificar o extremo a que chegava o seu Comandante, a incapacidade em que se encontrava a 148ª D.I. para continuar a luta, dado o esgotamento físico dos homens, à mingua de meios, inclusive munição e carburante para os veículos, e a falta de recursos médicos para os 800 feridos e doentes. Posteriormente, viemos verificar a improcedência quasi total da justificativa, uma vez que no copioso material apreendido existia muita munição e víveres e o número de doentes não atingia a 150.

Esclarecido o Chefe do E.M. da Divisão alemã que a fórmula seria unicamente a rendição incondicional, êste solicitou condescendência para seu General Comandante e para o General italiano Mário Carloni, da Divisão Bersaglieri "Itália", o que foi prometido até os limites das atribuições do Comando Brasileiro.

Os processos de execução foram, então, discutidos entre os representantes das duas G.U., sendo assentado de um modo geral o seguinte:

I - PESSOAL

1 - Pontos de passagem dos prisioneiros:
Nº 1 - Sôbre a Estrada nº 62, a 2,5 Kms. N.E. da ponte GAIANO.

Nº 2 - Entroncamento 1 Km. N.E. de PELEGARA

2 - A tropa deve atingir os pontos de passagem em coluna, onde deporão as armas.

3 - A questão dos oficiais acompanharem, ou não, as colunas, será regulada na ocasião e nos pontos de passagem.

Foram, ainda, assentadas medidas sôbre o tratamento que, dentro do possível seria dispensado aos dois generais e regulada a questão de bagagem pessoal dos oficiais e praças.

II - MATERIAL e ANIMAIS

1 - As armas individuais serão lançadas em determinado ponto da estrada, na ocasião da apresentação dos homens.

2 - As viaturas e o restante do material serão reunidos em determinados pontos, de antemão escolhidos e para aí guiados por oficial alemão.

3 - A D.I. Brasileira estudará a questão dos cavalos e dos veículos sem essência.

III - CESSAÇÃO DAS HOSTILIDADES

1 - O fogo da Artilharia amiga cessaria á hora em que os oficiais parlamentários alemães deixarem o P.C. do 6º R.I.

2 - O fogo da Infantaria no momento mesmo da passagem dos parlamentários, ou, no máximo, seis horas após.

3 - Qualquer intervenção aérea pelo fogo terminaria a partir de 9 (nove) horas de 29.

4 - O fogo da Artilharia alemã, cessaria uma hora depois do regresso dos parlamentários.

IV - DISPOSIÇÕES OUTRAS

1- Nenhum movimento alemão será admitido da frente para o Norte.

2 - Haverá movimento de tropas brasileiras nos dois flancos da Divisão alemã, para isolar as colunas de outras tropas.

3 - Logo após a ordem de cessar fogo das armas de Infantaria, as ambulâncias alemãs com os feridos cerrarão sôbre a primeira linha, sendo então considerada como uma primeira entrega de prisioneiros.

4 - Um oficial alemão estará na estrada principal, antes das 12.00 (doze) horas para guiar nossa coluna blindada (1º Esq.de Rec.) até a retaguarda da 148ª D.I., afim de resguardá-la da incursão de "partiggiani".

Os entendimentos estavam concluidos às 05.30 (cinco e trinta) horas, quando se retiraram os parlamentários alemães.

Imediatamente, foram tomadas as providências necessárias para a montagem do serviço, novo entre nós, que teria a supervisão do Chefe do E.M. da 1ª D.I.E., com interêsse direto das 1ª e 4ª Secções e com a colaboração de mais alguns Oficiais do Quartel General. A norma dos trabalhos ficou assim estabelecida:

1 - A tropa alemã avançaria, por sub-unidade, pelos dois itinerários fixados.

2 - As armas individuais seriam colocadas ao longo da estrada, na margem esquerda, em trecho devidamente delimitado por cartazes.

3 - Os oficiais seriam logo separados da tropa e orientados para local de espera, onde fariam entrega de suas armas a um oficial do E.M. e, então, relacionados.

4 - As praças escreveriam seus nomes e graduações em um pedaço de papel, entregando-o no ponto de revista, onde uma inspeção rigorosa apreenderia qualquer arma ou engenho perigoso que ainda conduzissem.

5 - As praças, em formações maciças, de uma centena de homens, seriam encaminhadas a pé para um ponto de primeiro destino situado num grande parque fechado, há cêrca de 1.500 metros do ponto de revista.

6 - Os oficiais, em caminhões, também seriam conduzidos para o parque.

7 - Do ponto de primeiro destino, o 5º Exército se encarregaria de evacuar os prisioneiros para o Campo de MODENA (cêrca de 80 Kms.).

8 - As viaturas automóveis e hipomóveis, as armas coletivas pesadas, e os animais, seriam deixados pelos condutores inimigos em "parques de emergência" ou potreiros, situados á margem da estrada e providencialmente limitados por cêrcas vivas.

Os dois pontos de coleta foram imediatamente reconhecidos e montados. Para o de FELEGARA houve necessidade de fazer a segurança do trajéto ao ponto de primeiro destino, comum aos dois, dada a distância e a obrigatoriedade da travessia da margem S. da cidade de PARMA.

Às 12.00 (doze) horas do dia 29, de acôrdo com os entendimentos anteriores, retornaram novos parlamentários alemães para reajustarem medidas. Desta vez, a conferência teve lugar no P.C. do I/6º R.I., em PONTE SCODOGNA, localidade logo ao S. de COLLECCHIO. Como não trouxessem um oficial categorizado, exigiu o Comandante da 1ª D.I.E., então presente, que deveria também comparecer pelo menos o Chefe do E.M. da D.I. inimiga. Cêrca de uma hora depois, os parlamentários retornaram, agora porém com aquele oficial, sendo ajustados os seguintes detalhes:

1 - Início da apresentação das colunas nos pontos fixados, às 17.00 (dezessête) horas do mesmo dia, começando-se por 3 Btls. de Infantaria e 2 Secções de Artilharia.

2 - Apresentação do Gen. italiano Mário Carloni, Cmt. da Divisão "Itália", ainda na tarde de 29.

3 - Apresentação do General Otto Fretter Pico, Cmt. da 148ª D.I. alemã, ás 18 (dezoito) horas de 30.

Contrariando os desejos dos parlamentários, o Gen. Cmt. da D.I.E. não permitiu que se prolongasse o início das apresentações dos prisioneiros, afim de não desfigurar o propósito da rendição incondicional, base do entendimento anterior. Quanto ao Gen. Cmt. da D.I. alemã, foi concedido que se apresentasse no dia seguinte, pois lhe competia zelar pela disciplina de sua tropa e pelos têrmos da rendição. Os entendimentos foram feitos ora em alemão, ora em francês, e contou, desta feita, com a presença de um Coronel, representando o 5º Exército.

Mais ou menos ás 13.00 (treze) horas de 29, apontou na estrada, face a PONTE SCODOGNA, a primeira coluna de 13 ambulâncias com cêrca de 80 feridos, alguns em estado grave, logo removidos para as brasileiras do 1º B.S. e transportados para MODENA. Uma hora depois, outra coluna de 8 ambulâncias, com mais 58 feridos, quasí todos de transporte sentado, que tiveram o mesmo destino dos anteriores.

Simultaneamente, eram instalados os dois pontos de coleta, compreendendo:

- Ponto de apresentação dos prisioneiros
- Campo de reunião dos prisioneiros
- Postos de recebimento de armamento:
  - pistolas e revolveres
  - metralhadoras em geral
  - munições diversas.
- Parque de reunião das viaturas automóveis e hipomóveis
- Parque de material de artilharia
- Posto de reunião do material de intendência
- Potreiro de animais.

Com a única tropa disponível no momento e no local, um Pelotão de Infantaria (que havia combatido desde o dia 27) e mais um Pelotão de praças dê Artilharia da Bia. 155 em posição próximo a COLLECCHIO, foi estabelecido em FELEGARA:

- A guarda do armamento depôsto
- O bloqueio da estrada
- A patrulha de vigilância do material rodante
- A patrulha de vigilância e guarda da cavalhada
- Uma pequena tropa de choque para uma intervenção necessária.

Idêntica providência fôra tomada em GAIANO.

Mais tarde, porém, chegou o reforço da ordem de duas companhias de Fuzileiros.

Sem dúvida, a precipitação do horário de chegada das colunas, prejudicou em parte a ordem e a disciplina da execução, mas o fato de estarmos em contato com um inimigo astuto, que podia lançar mão do tempo para outros fins e a urgência que tinhamos em completar a tarefa da rendição para cumprir outras missões já em perspectiva, levaram o Comando da Divisão a não aceitar a sugestão do Chefe do E.M. da D.I. alemã que desejava adiar para a manhã de 30 o início da apresentação. A energia e a fôrça de vontade dos nossos elementos, investidos da espinhosa missão de controlar todo o serviço, conseguiram dominar as circunstâncias difíceis e a balbúrdia natural das primeiras horas de trabalho dêsse ato militar, inteiramente novo para nós.

Às 17.00 (dezesête) horas, aproximadamente, do dia 29, a testa da primeira coluna motorizada da 148ª D.I. alcançava a faixa delimitada para a deposição das armas, estendendo-se ao longo da Estrada nº 62 (SARZANA-PARMA) até o alcance da vista. Um oficial alemão fazendo a saudação nazista, apresentou-se, declarando seu posto "Fragattenkapitan" (parêcia ser da marinha e Capitão de Fragata), e estava acompanhado de dois outros, de uniforme negro, tendo na lapela o desenho de uma caveira sôbre duas tíbias cruzadas, distintivo das tropas motorizadas germânicas.

Posto ao corrente das ordens, transmitiu-as à tropa e teve início a deposição das armas e a revista do pessoal.

Por incompreensão dos executantes, ou, mais provavelmente, com a intenção deliberada de danificar o material, as armas eram lançadas à distância ao longo da estrada e fóra do local previsto. Advertido, já desarmado, o oficial teve de repetir a ordem para os elementos que se seguiram, mas, mesmo assim, a perfeição desejada não foi obtida. Numa extensão de 3 Kms. ficaram as armas e o material individual, com prejuizo para o contrôle e fiscalização.

A tropa transportada apeou e os seus motoristas iniciaram a concentração na área para isso designada. Desde logo, observou-se a variedade de tipos naquela centena de carros e, em cada oito, uma era rebocada. Esses elementos pertenciam ao 361º Regimento, da 90ª Divisão Panzer Granadier.

De um modo geral, a tropa apresentada dava a seguinte impressão:

- Pessoal: Aspécto físico muito bom, parecendo bem alimentados. Fardamento e calçado bons.

- Armamento e equipamento: muito heterogêneo e incompleto. Entre as armas automáticas e as individuais, principalmente, muitas estavam quebradas ou com falta de peças, preocupação revelada em todo o transcurso da rendição.

- Objetos de uso militar: número reduzidíssimo de binóculos, quasi todos em mau estado. Outros objétos, como pequenas bússolas, rebentaram-se no chão, quando delas se despojaram os alemães.

Logo em seguida, outra coluna se apresentou com numerosos canhões de acompanhamento de infantaria, canhões anti-tank de 50 m/m, morteiro de 7,5 e 15 cm., todos auto-rebocados, além de dois carros de reconhecimento. Colunas de artilharia, material obuzeiro de 105, canhões de campanha 75 m/m, dois canhões longos de 150 e outros dois anti-aéreos de 88, foram apresentados a seguir, os últimos transportados por possantes carros de meia lagarta.

Ás 23.00 (vinte e três) horas, apresentou-se um Grupo de Artilharia de 75 m/m, seguida de sua C.L.M. (Coluna Ligeira de Munição), com tração Hipomovel. As peças estavam tracionadas a seis animais, os carros de munição, repletos, a 4 e as viaturas da C.L.M. a dois.

O aspecto geral dessa tropa era o mesmo já observado, sendo que com mais entusiasmo, pois entoava canções e dava hurras.

As viaturas da C.L.M. eram do tipo colonial usado no Brasil, com metade de sua carga, incluindo munição de artilharia, infantaria, morteiro e granadas de mão. Muito material não militar, sobretudo fazendas de todas as espécies, como sedas, algodão fino, linho, casemiras etc.

A cavalhada denotava um aspécto maginifico e revelava elevado índice de adestramento.

Ás 18.30 (dezoito e trinta) horas de 29, apresentou-se o General de Divisão Mário Carloni, Cmt. da Divisão Bersaglieri "Itália", com os oficiais do seu Estado-Maior. Conduzido á presença do Cmt. da 1ª D.I.E., depois de um ligeira entendimento, foi-lhe permitido conservar sua arma e permanecer acompanhado do Ajudante de Ordens. Escoltado pelo Gen. Zenóbio da Costa, seguiu para o Q.G. do 5º Exército, em FIORENÇA, onde não lhe permitiram o uso da arma individual.

Os oficiais de seu E.M., em número de 18, tiveram o mesmo destino que os da tropa. O oficial de finanças fez entrega de um cofre que dizia conter seis milhões de liras, quantitativo de carater oficial, que, como estava, foi encaminhado ao Q.G. do 5º Exército, acompanhado de um oficial brasileiro.

Dentro dêsse rítmo, as apresentações prosseguiram até ás 02.00 (duas) horas da madrugada de 30 de abril, quando se determinou uma pausa de cêrca de quatro horas. Contava, então, o pôsto de GAIANO 4.500 prisioneiros, entre oficiais e praças, mil e quinhentas viaturas automóveis de todos os tipos, oitenta canhões de diversos calibres e duzentas outras viaturas hipomóveis.

O posto nº 2 de FELEGARA, até aquela hora, não tivera ainda uma apresentação.

Cêrca de 06.00 (seis) horas da manhã de 30, foi reiniciada a apresentação das formações da 148ª D.I., a ela se incorporando outros elementos, como do IV Btl. de Montanha alemão, e um Btl. de Camisas Negras, italiano. Até às 14.00 (quatorze) horas, continuaram os trabalhos no pôsto de GAIANO, com um movimento, algo diferente, de lotes de viaturas de turismo, reservadas ao transporte de pessoal pertencente a estados maiores, numerosas colunas de trens hipomóveis, unidades de montanha, de dorso e algumas de infantaria.

Em FELEGARA, às 06.00 (seis) horas de 30, apontou, então, um grupamento de tropas, compreendendo o 86º R.I. e um Grupo de Artilharia 105 m/m, alemães, sob o comando de um Coronel.

Um posto foi improvisado em RESPICIO, que recebeu o 5º Btl. de Montanha alemão, num efetivo de 1.200 homens.

Ás 18.00 (dezoito) horas, apresentou-se finalmente o General Otto Fretter Pico, Cmt. da 148ª D.I., acompanhado de 31 oficiais de seu Estado-Maior. Foi recebido e escoltado até FLORENÇA, Q.G. do 5º Exército, pelo General Olympio Falconieri, tendo-lhe sido permitido ficar de posse de sua arma e com os seus dois Ajudantes de Ordens.

Encerrava-se, assim, o capítulo militar da rendição da 148ª D.I. alemã e de alguns elementos da 90ª Divisão Panzer Granadier e da Divisão Bersaglieri "Itália". Passaram pelos nossos postos de coleta 14.779 prisioneiros, incluindo perto de 900 oficiais:

GAIANO	10.624
FELEGARA	2.955
RESPICIO	1.200

Se contarmos, ainda, os elementos esparsos apresentados depois, em número de 300, chegamos a um total de 15.079 inimigos capturados, nesse magistral episódio militar.

A tropa, em geral, compunha-se de duas partes bem distintas: uma, de veteranos, apresentando uma idade oscilando pelos quarenta anos e, outra, sensivelmente igual à primeira, de jovens com menos de vinte anos.

O aspécto físico era bom, senão excelente.

Os uniformes, algo sujos e em desalinho, demonstravam longo trabalho.

Muitos homens, inclusive oficiais, vestiam abrigo contra o vento e chuva, sob forma de bombacha e blusão de lona.

As formações, mesmo no escuro da noite, apresentavam traços marcantes de disciplina e preparo técnico. Foram notadas várias despedidas comoventes entre praças e oficiais.

Os condutores das viaturas dos trens hipomóveis ou das colunas de dorso, geralmente, não eram alemães natos. Muitos nem siquer entendiam a língua alemã, sendo o cabo ou o sargento o respectivo intérprete, possivelmente para o polaco.

Grande número de oficiais da reserva, jovens e bem apresentados,e quase todos os chefes de maior graduação, traziam no punho esquerdo a divisa "Afrikakorps", distintivo das tropas de elite que combateram com Von Rommel no Continente negro.

O material apreendido avulta num total aproximado de 1.000 viaturas diversas e um sem número de canhões, morteiros, armas portáteis, bazucas, motocicletas, bicicletas, carroças, munição de toda espécie e cêrca de 4.000 cavalos.

O recolhimento do armamento deixado ao chão, ao longo da estrada, exigia guarda, luz (utilizados os faróis dos "jeeps"), mão de óbra e viaturas, que não podiamos liberar no momento.

Na madrugada de 30, apresentaram-se um Ten.Cel. da 1ª Secção do 5º Exército e dois oficiais do 371º R.I. (U.S.A.), que, com dez caminhões, iniciaram a evacuação dos prisioneiros. Uma Companhia daquele Regimento americano manteve o contrôle do campo de concentração a que nos referimos.

Mais tarde, representantes do 5º Exército passaram a controlar as áreas dos depósitos de material.

As dificuldades já apontadas na descrição feita, muito contribuiram para o desvio de algumas armas e outros objetos e de

abusos por parte de brasileiros, americanos e italianos.

O arrolamento completo do material apreendido ficou à cargo das autoridades americanas do 5º Exército, que até esta data só enviou uma relação aproximada do que foi de fato capturado pela 1ª D.I.E..

f - Ocupação da margem do rio Pó e sua transposição (28.IV - 2.V.945)

Ainda em plena execução dos atos da rendição da 148ª D.I. alemã, voltávamos nossas vistas para o cumprimento integral da Instrução de Operações nº 89, de 27 de abril, do IV Corpo, que determinava a Divisão cobrir o flanco da Grande Unidade, junto à 34ª D.I.. Isto implicava em operar nas margens do PÓ, na região de PIACENZA.

A O.G.O. nº 47, de 27, determinava, além das operações no Vale do TARO, estar em condições de operar na região de PIACENZA. Para isso, o 1º R.I., na mesma jornada de 27, iniciou o deslocamento para as vizinhanças de FIDENZA, ponto de primeiro destino, de onde se lançaria para as margens do PÓ.

Pela O.G.O. nº 48, de 28, ficara esclarecida a idéia de manobra do Comando de "ocupar PIACENZA e CASTELVETRO - CREMONA, para isolar as tropas alemães do S. das do N."

E, em plena execução dos combates de COLLECCHIO e FORNOVO, o 1º R.I. (menos o II Btl.) e II/11º R.I. se encaminharam para as operações de ocupação de PIACENZA e CASTELVETRO. A instalação foi concluida na jornada de 29, extendendo-se pela margem Sul do PÓ, de PIACENZA a CAORSO, numa posição defensiva, isolando a tropa inimiga do Norte e impedindo o acesso das fôrças que retirassem pela Estrada nº 45 (GENOVA-BOBBIO-PIACENZA). Algumas localidades da margem N. também foram ocupadas como LODI e CREMONA (O.G.O. nº 48 e O.P.O. ns. 44 e 45, de 28).

No fim do dia 29, a localização dos diversos elementos da 1ª D.I.E. era a seguinte:

- 1º R.I. (menos II Btl.): posição defensiva na margem S. do PÓ, de PIACENZA a CAORSO, com elementos avançados em LODI, cêrca de 35 Kms. a N.O. daquela primeira cidade.
- II/1º R.I.: - Articulado na região de SALSOMAGGIORE-CASTEL L'ARQUATO.

- 11º R.I. (menos III Btl.): - preparava-se para ser transportado para ALESSANDRIA.

- III/11º R.I.: - bloqueando as estradas que do S. se dirigem para a VIA EMILIA, entre CASA NUOVA e LA MASON

- 6º R.I.: - na área de FORNOVO DI TARO - FELEGARA-GAIANO - RESPICCIO.

- 1º Esq.Rec.: - Reagrupava-se na região de COLLECCHIO, onde ficou pronto para se deslocar na direção de ALESSANDRIA.

- Artilharia: - I Grupo, em SCANDIANO, ultimando preparativos, afim de seguir para ALESSANDRIA; II Grupo, na região N.O. de FIDENZA; III Grupo, no Vale do TARO; IV Grupo, em COLLECCHIO.

- Engenharia: - grosso do 9º B.E. em MONTICELLI TERME, com uma Cia. no Vale do TARO.

g - <u>Ocupação de ALESSANDRIA - Ligação com a 92ª D.I.(U.S.A.) e com o Exército Francês (30.IV - 2.V.945)</u>

Na tarde de 29 de abril, a 1ª D.I.E. fôra alertada pelo E.M. do IV Corpo de que teria de deslocar tropa para a região de ALESSANDRIA e, no dia imediato, a Ordem Particular, daquela Grande Unidade, prescrevia a seguinte missão:

"Ocupar a região de ALESSANDRIA e estar preparada para progredir na direção do Norte e Noroeste. Estabelecer uma cabeça de ponte na margem N. do Rio PÓ, na região de PIACENZA, afim de proteger, particularmente, a construção de uma ponte em suas vizinhanças. Continuar a cortar a retirada de elementos inimigos vindos do Sul, na direção de PARMA e PIACENZA. Eliminar quaisquer fôrças inimigas que forem encontradas. Estabelecer ligação com a 92ª D.I. na zona de ALESSANDRIA".

Uma ordem preparatória, na véspera, havia sido expedida ao 11º R.I. e uma outra particular determinava ao seu II Btl. que se reunisse ao Regimento.

A 30, o 1º Esq. de Reconhecimento recebeu a missão de se lançar para ALESSANDRIA.

Essas providências foram tomadas quando terminava o combate de FORNOVO e se fazia a transposição do PÓ.

A missão principal era, sem dúvida, o deslocamento de parte dos meios da D.I.E. para a área de ALESSANDRIA, em condições que possibilitassem um movimento para o N. ou N.O, na jornada seguinte e deveria caber ao Regimento mais liberado no momento, o 11º R.I.

Expediu, então, o Comando a O.G.O. nº 49, de 30 de abril, distribuindo os meios da Divisão em três Grupamentos:

Grupamento nº 1 - Comando do Gen. Cordeiro de Farias:

- Composição: - 1º R.I., II Grupo e 3ª Cia./9º B.E.
- Missões: - na região de PIACENZA, deverá capturar elementos inimigos em retirada do S. para o N. e do N. para o S.. Na margem N. do Rio PÓ, estabelecerá uma cabeça de ponte, afim de proteger a construção de uma ponte na região de PIACENZA e de ALSENO; a S.O. de FIDENZA e ALSENO, barrará os elementos inimigos, vindos do S.. Reconhecerá ativamente a presença do inimigo nas estradas que vão ter às regiões engues ao Grupamento. Capturará os elementos inimigos encontrados.
- P.C.: - em PONTENURE, 6 Kms. a S.E. de PIACENZA.

Grupamento nº 6 - Comando do Gen. Olympio Falconieri:

- Composição: - 6º R.I., III Grupo e 2ª Cia./9ª B.E.
- Missões: - continuará a bloquear a retirada inimiga desde o Vale do Rio TARO até o do BAGANZA, na linha geral VIAZZANO-FORNOVO-SANTA MARIA. Reconhecerá ativamente a presença do inimigo ao S. desta linha. Capturará todos os elementos inimigos encontrados.
- P.C.: - em COLLECCHIO.

Grupamento n.11 - Comando do Gen. Zenóbio da Costa:

- Composição: - 11º R.I., 1º Esq.Rec., I Grupo, 1ª Cia. do 9º B.E..
- Missões: - na jornada de 30, deslocar-se pelo eixo das estradas nº 9 (Via EMILIA) e 10 (PIACENZA-ALESSANDRIA-TURIM), na dire-

ção de Oeste, capturando todos os elementos inimigos; ocupará, em fim de progressão, a região de ALESSANDRIA, da qual lançará reconhecimentos nas direções N., N.O. e O.. Estabelecerá ligação na região de ALESSANDRIA, com a 92ª D.I.. Ao alvorecer do dia 1º de Maio, lançará um reconhecimento para a região de TURIM e ocupa-la-á, caso já não o esteja por alguma Unidade constituida de tropa aliada regular. Capturará os elementos inimigos encontrados. Ficará em condições de se deslocar na direção do N. ou N.O..

- P.C.: - em ALESSANDRIA.

A 30 de abril, o Grupamento nº 11, ocupou a cidade de ALESSANDRIA, guarnecendo imediatamente as passagens sôbre o TANARO e lançando reconhecimentos sôbre o eixo ASTI-TURIM e á noite, conseguira ligações com a 92ª D.I., estacionada em ACQUI e NOVI.

O Grupamento nº 6, operando no Vale do TARO, enviava patrulhas na direção S., numa profundidade de 15 quilômetros, regressando todas sem alteração.

Na jornada de 1º de Maio, os acontecimentos assim se desenrolaram:

Grupamento nº 11:

- 1º Esq. de Rec. e uma Cia. do II/11º R.I. ocuparam a margem S. do PÓ, na área de CASALE, a cavaleiro do eixo ALESSANDRIA-CASALE-VERCELLI.
- Esses elementos enviaram reconhecimentos sôbre VERCELLI e MORTARA, sem registrar contato com o inimigo.
- I/11º R.I.: Ocupava a localidade de SOLERO (10 Kms. a O. de ALESSANDRIA), a cavaleiro do eixo ALESSANDRIA-ASTI-TURIM, e enviava reconhecimentos motorizados para o N. Entrara em ligação com "partiggiani" de SOLERO e LOMBARDORE, 20 Kms. ao N. de TURIM, não encontrando elementos inimigos.
- II/11º R.I.: Ocupava S.SALVATORE e CASTELETTO, fechando as estradas vindas de VERCELLI e MORTARA, em demanda de ALESSANDRIA.

- III/11º R.I.: foi transportado de COLLECCHIO, aproximadamente 30 Kms. ao N. de ALESSANDRIA, reunindo-se, assim, ao seu Regimento.

Grupamento nº 1:

- Impulsionou reconhecimentos até LODI, MONTO DINE, SORESINA, RIVERGARO, PONTE D'OLIO CAIPONETO, CASERMA e PELEGRINO, uns para cobrir pela informação a sua cabeça de ponte ao N. do PÓ, outros para se certificar da presença do inimigo nas estradas que se dirigiam a PIACENZA, FIORENZUOLA e FIDENZA. Alguns desses reconhecimentos serviram para facilitar a tarefa de aprisionamento dos esparsos remanescentes inimigos, a cargo de outra Divisão do IV Corpo.

Grupamento nº 6:

- Prosseguiu na captura dos elementos inimigos que se renderam nas regiões de FORNOVO e FELEGARA.

A 2 de maio, as operações assim se encaminharam:

O Q.G. Avançado da 1ª D.I.E. deslocou-se de MONTECCHIO para ALESSANDRIA e reconhecimentos foram iniciados para instalação aí, também, do Q.G. Recuado.

Grupamento nº 11:

- Alcançados todos os objetivos previstos. O I/11º R.I., reforçado com um Pel. Ob. e Um Pel.C.A.C., ocupou TURIM. Lançou um forte reconhecimento sôbre o eixo TURIM-SUSA-BRIANÇON, que alcançou a localidade de SUSA, 32 Kms. da fronteira Ítalo-francêsa, onde estabeleceu ligação com a 27ª Divisão do Exército Francês.
- O III/11º R.I., articulava-se nas áreas de VERCELLI e CASALE, lançando elementos sôbre NOVARA.

Grupamento nº 1:

- Sem alteração.

Grupamento nº 6:

- Ultimou a limpeza de sua área.

Artilharia:

- P.C. em MONTECCHIO EMILIA
- I Grupo (menos 1 Bia.), em IL CRISTO, ao S. de ALESSANDRIA. Uma Bia. em CASALE.
- II Grupo: Região N.O. de FIORENZUOLA.

DISPOSITIVO DA F.E.B. NA ITALIA NO DIA 2 DE MAIO DE 1945

(dia da capitulação Alemã em territorio ITALIANO)

Esc: 1:2.600 000

AUSTRIA

SUISSA

FRANÇA

1º R.I. (-III/Btl.)

III/11º R.I.

III/11º R.I. 4ºGrupo Art. (1 Bia)
Elems. B. Saude 11º R.I. (-e III/Btl.)
Q.G. 1ª D.I.E. (avn.)
1º Grupo Art. (-1 Bia)
1ª Cia Trms.

ESQ. REC.

Posto Trat. Div.
Cia. Int.
S.B.H. junto 38 Ev. Hosp.

II e III Grupos Art.

Cia. Manutenção.

Posto Saude Div. 3

Suza 1
TORINO 2
VERCELLI 4
Casale 3
ALESSANDRIA 5
6 S. Guiliano
7 Marengo
8 PIACENZA
10 Fiorenzuola
Fidenza 12
9 Salsomaggiore
11 Fornovo
PARMA 13
S. Ilario 14
15 Vignola

I/11º R.I.

IV Grupo Art.

Rc. 9ª B.E.

II/1º R.I.

6º R.I.

R.G. 1ª D.I.E. (Rec.)
Serviço Especial

Chefia S.S. F.E.B.
Escr. Banco Brasil.
Centro de Triagem
Pagadoria Fixo.

Q.G. ONU

23 PISTOIA
17 Montecatini
18 Staffoli
19 Autopescia

20 LIVORNO

Deposito de Pessoal

S.B.H. junto 7 Station Hosp.
Posto de Ligação
Dep. Intendencia.
Carreio Regulador

Escr. Banco do Brasil

ROMA 24

Posto de Ligação

Posto de Ligação
S.B.H. junto 48 Bm. Hosp.
182 Station Hosp.
Escr. Banco Brasil

Caserta 22
NAPOLI 21

LEGENDA

- TROPA E ORGÃOS DIVISIONARIOS (1ª D.I.E.)
- ORGÃOS NÃO DIVISIONARIOS (O.N.D.)

A. SILVA
2º Ten.

- III Grupo: nas orlas S.E. de FIORENZUOLA.
- IV Grupo: região de S.GIULIANO.

E nessa noite, o IV Corpo comunicava ao Comando da 1ª D.I.E. que as operações no Teatro de Operações da Itália estavam terminadas, com a rendição total de todas as tropas alemãs que combatiam na península.

h - Funcionamento dos Serviços

Preliminares

As ações ofensivas, depois do longo período de estabilização a que nos obrigou o rigor do inverno europeu, vieram encontrar a 1ª D.I.E. sobrecarregada com materiais de toda espécie, fornecidos para proteger a tropa contra o frio intenso e para habilitá-la a enfrentar a situação tática então imposta, no quadro geral das operações.

Como medida preliminar e sua previsão de futuros deslocamentos, aconselhava-se, desde logo, aligeirar os Q.G. e Unidades, recolhendo aos órgãos provedores toda uma gama de material agora perfeitamente dispensável. E, dentro dessa idéia, o Serviço de Intendência passou a receber peças de uniforme e artigos especiais de inverno, cujo volume era apreciável e cuja aplicação não tinha mais razão de ser.

Assim, skis, varas para skis, sapatos para neve, botinas para skis, óculos para neve, agasalhos de diversos tipos, sacos impermeáveis, travesseiros de inverno, aquecedores, barracas de montanha, cobertores, etc., foram retirados da bagagem individual e das Unidades.

Outras providências acauteladoras foram tomadas, como a ordem de ser passada minuciosa revista na bagagem individual para apreensão do material indevido ainda em poder do homem bem como fossem recolhidos os sacos B de toda a tropa.

As unidades foram alertadas para determinadas medidas de manutenção das viaturas e uma inspeção geral realizada em todos os veículos para se avaliar de suas possibilidades no esfôrço a ser exigido. Substituiram-se, também, diversas viaturas consideradas como imprestáveis.

Chamou-se a atenção dos Corpos para um maior rigor no contrôle do seu material bélico, afim de evitar os extravios que se vinham observando, onde figuravam binóculos, facas de trinchei-

ra, carabinas calibre 30 e pistolas "Colt" 45, artigos de difícil reposição. O consumo da munição mereceu uma recomendação especial, com exigências para que não violassem o "Basic Load", só empregado com ordem do Comando da Divisão, bem como foi previsto que as Unidades preparassem seus deslocamentos na base de duas unidades de fogo.

Os Serviços, alertados a tempo, puderam se articular de maneira a enfrentar a nova fase, com especial atenção para as evacuações, aparelhamento das estradas, reabastecimentos de um modo geral, transporte de tropa, etc.

Intendência

Ao se iniciar a fase da ofensiva do IV Corpo de Exército, em 17 de fevereiro de 1945, o Serviço de Intendência estava assim articulado:

Chefia do Serviço, em PÁVANA
Pontos de distribuição:

- Classe I (Víveres, etc.) e III (gasolina, etc.), em PIEVE DELLE CAPANNE;
- Classe II (fardamento, etc.) e IV (material pesado para engenharia etc.), em PISTOIA.

A Chefia do Serviço, perfeitamente entrosada com a 4ª Secção do E.M. e com os Corpos, pôde atender, dentro das necessidades, a todos os fornecimentos reclamados pela vida administrativa da Divisão. Os Pontos de Distribuição acima apontados foram convenientemente escolhidos, em face das distâncias que os separavam dos Depósitos do Exército e da frente, além de não desprezarem as exigências táticas de desobstrução da estrada principal, a de nº 64, e abrigo dos tiros e das vistas, notadamente na hora do abastecimento diário das Unidades.

Com as mudanças de frente que se sucederam e, ainda, com o movimentado período da Ofensiva da Primavera, incluindo a fase de Perseguição, impôs-se que o Serviço articulasse os seus meios, de maneira a atender plenamente às necessidades dos Corpos. Assim, os seus Pontos de Distribuição foram lançados para frente, junto á tropa que tinham por missão servir a tempo e a hora. Algumas vezes, as exigências impunham que a Secção de Suprimentos de classes II e IV estivesse juxtaposta á de Classes I e III, enquanto que em outras ocasiões ela se atrazou em relação ao dispositivo, uma vez que a velocidade do movimento e o sucesso das operações não

reclamavam sua presença mais á frente. A natureza dos suprimentos a seu cargo - Classe II (fardamento em geral, equipamento, etc.) e Classe IV (Material pesado de engenharia, construções, etc.) - pesavam nos depósitos, de maneira que os transportes ficariam de mais sobrecarregados se houvesse a preocupação de fazer a Secção acompanhar de perto a progressão da frente. Além disso, a tropa estava bem aparelhada do mesmo material, providência precipuamente adotada antes da ofensiva geral.

As Secções de Suprimento foram sucessivamente instaladas nos seguintes locais até a terminação da Campanha:

Classes I e III	Classes II e IV
- PAMPERSO	- PAMPERSO
- CÁ DI SOLA	- CÁ DI SOLA
- SASSUOLO	- SASSUOLO
- SAN POLO	- SAN POLO
- MARANO	- PIACENZA
- FIDENZA	- VOGHERA
- PIACENZA	
- VOGHERA	

Num total de 263 quilômetros de PAMPERSO a VOGHERA.

Para o seu abastecimento periódico, as Secções de Suprimento do Serviço dispunham do 3º Pelotão de viaturas da Companhia de Intendência da Divisão. Esta, inicialmente em PISTOIA, junto ao Q.G. Recuado da 1ª D.I.E., deslocou-se para os pontos abaixo, durante o período que relatamos:

PAMPERSO em 14.IV.945
SASSUOLO em 25.IV.945
MARANO em 27.IV.945
FIDENZA em 30.IV.945

A Companhia de Intendência, menos o seu 3º Pelotão de viaturas, transportou periódicamente entre a Estação de Reaprovisionamento do Exército e os Pontos de Distribuição da Divisão, todos os recursos de vida e de vestuário necessários aos efetivos engajados na frente.

Tanto no período que a antecedeu, como no da ofensiva propriamente dita, o reabastecimento da tropa foi plenamente assegurado pelos meios próprios da Companhia, sem auxílio de qualquer outro elemento, quer da Divisão, quer do IV Corpo. Houve época, quando a Estação do Exército mantinha-se em BOLOGNA e os nossos Pontos de Distribuição em MARANO e FIDENZA, em que êsse percurso

diário ultrapassava de 300 quilômetros, atingindo em determinados dias a 400 quilômetros.

O número de etapas transportadas durante a ofensiva, de PAMPERSO até o primeiro dia de distribuição em VOGHERA, alcançou um total de 238.956 rações, enquanto que o consumo diário de gasolina da Divisão era de 12.600 galões. Destes dados estatísticos, podemos avaliar o esfôrço dispendido pelos órgãos da Companhia.

O sistema de distribuição às Unidades durante o período não sofreu solução de continuidade em relação à maneira por que vinha sendo feita anteriormente e já explicado. Desse modo, a tropa, apesar da movimentação exigida pelas características das operações do período, foi abastecida com regularidade.

Antes de iniciada a ofensiva e quando a Secção de Suprimentos de Classe II e IV ainda funcionava em PISTOIA, todos os efetivos da 1ª D.I.E. foram supridos de fardamento de brim Verde-oliva e de calçado, de acôrdo com o plano estabelecido.

Material Bélico

A Chefia do Serviço acompanhou, no seu deslocamento, a 4ª Secção do Q.G. Avançado da 1ª D.I.E., durante o período das operações, integrando-se perfeitamente em suas três missões principais de manter, suprir e instruir os elementos integrantes da Divisão.

Seu órgão de execução, a Companhia de Manutenção Leve, a princípio estacionada em PISTOIA, próximo ao Q.G. Recuado, teve os seguintes estacionamentos até o final das operações:

CASA FRANCHI	em 18.III.945
VIGNOLA	em 24.IV.1945
MORTORANO (PARMA)	em 27.IV.1945
ALESSANDRIA	em 6.V. 1945.

Antecedendo a ofensiva, foram tomadas pelo Serviço providências oportunas para aparelhar convenientemente a tropa, realizando sucessivas inspeções e baixando instruções que muito concorreram para o êxito das operações. Um grande número de viaturas inutilizadas em serviço, foi a tempo substituido e assim tivemos a seguinte reposição de veículos:

31 "jeeps"
3 Caminhões de 3/4 ton.
3 " de 1 1/2 ton.

2 Caminhões de 2 1/2 ton.
3 Trailers.

As reparações necessárias no armamento e nas viaturas, mantidas regularmente pela Companhia, intensificaram-se no período preliminar à ofensiva, de maneira a aparelhar as Unidades para o grande esfôrço que lhe ía ser exigido. A salutar medida de fazer diariamente uma turma percorrer os Corpos para os reparos mais urgentes e mais simples continuou a dar ótimos resultados.

Sem dúvida, a exemplar atuação da Companhia de Manutenção foi um marco decisivo para que a Divisão não visse diminuidas a sua capacidade combativa e a sua mobilidade, em nenhum instante da campanha. O nosso habitual desinterêsse no zêlo pelo material distribuido e que poderia trazer desagradáveis surprêsas no desenvolvimento das operações, foi suprido pela contínua assistência da Companhia e pelos órgãos de manutenção de algumas Unidades.

Como munição propriamente de combate, os Corpos dispunham de duas unidades de fogo, distribuidas a critério do respectivo comandante.

O nivel das munições era conservado pelos nossos fornecimentos, mediante ordens expedidas pela S.M.B. (Transportation Orders). Fornecidas as "Transportations Orders" (T.O.), um oficial ou graduado da Unidade, com as próprias viaturas, ia ao depósito americano para se abastecer. Neste período, o mecanismo de remuniciamento, já perfeitamente engrenado, não revelou nenhuma balbúrdia em sua execução.

As constantes observações sôbre o emprêgo do "Basic Load" trouxeram reais proveitos, evitando os abusos notados a princípio.

As informações sôbre o consumo compreendiam um período de 24 horas, das 18 horas de um dia ás 18 horas do outro, e eram prestadas ao Oficial das Munições da Divisão, diariamente, ás 20 horas.

As munições para os canhões de 105 m/m e de 155 m/m e para os morteiros 81, eram as únicas de crédito limitado e seu recebimento se fazia de 10 em 10 dias.

O consumo total da 1ª D.I.E. até o dia 30 de abril de 1945, quando, praticamente, cessaram as operações de guerra na Itália, foi o seguinte:

Canhão A.C. de 37 m/m	700
" A.C. de 57 m/m	2.462
Carabina cal. 30 M1A2	72.440

Fuzil automático cal. 30 - BAR -	674.670
" Garand M-1	107.910
" modêlo 1903 (A1 ou A3) | " " 1903 (A4) . . . |	1.580.660
Granada de mão	45.507
" de Fuzil	29.084
Lança Rojão M-1 (Bazooka).	8.517
Metralhadora cal. 30 M-1917 A1) " " 30 M-1919 A4) . . . . .) " " 30 M-1919 A6)	2.135.270
Morteiro de 60 m/m M2.	87.933
Metralhadora cal. 50 HB M2, flexivel	323.015
Morteiro de 81 m/m M2 A2	68.652
Obuz 105 m/m M2 A1	127.070
" 105 m/m M3.	47.791
" 155 m/m	29.358
Pistola automática Colt cal. 45 M 1911 A1.) Sub-metralhadora cal. 45 M1. . . . .) .) " " cal. 45 M3. . . . .)	700.682
Artifícios pirotécnicos.	8.199
Minas.	3.887

Saúde

A Chefia do Serviço de Saúde estacionou sucessivamente junto à 4ª Secção do E.M., nos diversos deslocamentos do Q.G.Avançado da Divisão.

Os três Postos de Saúde e o Pôsto de Tratamento Divisionários, acompanhando o deslocamento da frente, seguem sucessivamente os itinerários abaixo, algumas vezes desdobrando-se para atender situações de emergência:

P.S.D./1: - 4.III, de SILLA para CASTEL DI CASCIO e a 13 entra em reserva, junto ao Comando do 1º B.S., em LIZZANO IN BELVEDERE; no mês de abril, a 9 é instalado em ABETAIA, lançando a 20, elementos para IL CERRO; a 24 reune-se em VIGNOLA e a 25, envia metade de seus recursos para SASSUOLO, concentrando-se a 27 nesta última localidade, sendo fechado definitivamente dois dias depois, e a 1º de maio transpõe-se para CODEMONDO.

P.S.D./2: - que vinha em reserva, é instalado a 1.III em LIZZANO IN BELVEDERE, passando novamente a reserva a 9 de abril, em SILLA DI SOPRA; a 24, metade de seus elementos seguem para PUIANELLO; 29 para CORCAGNANO e a 30 para COLLECCHIO, onde se reune e a 1º de maio deslocou-se para CODEMONDO.

P.S.D./3: - 4.III, de CASTEL DI CASCIO para SILLA e a 11 para CROCIALE; em abril, entra em reserva a 10 em BOMBIANA; a 20, instala-se em CASTEL D'AIANO, envia elementos para LAME e para outros pontos; a 24, está dividido entre BOTTAZZA e ARCETO, indo estes elementos a 23 para QUATRO CASTELLA e aqueles, a 28, para S. GIULIANO; a 30, os de S. GIULIANO instalam-se em ALESSANDRIA e os de QUATRO CASTELLA em MONTECCHIO; a 1º de maio é reunido em S. HILARIO D'ENZA.

P.T.D.: - Desde 1º de janeiro em PONTE DELLA VENTURINA, desloca-se a 10 de abril para CASERTA, acampando; divide-se em dois, enviando metade de seus recursos a 23 para LA TORRE, permanecendo os demais em reserva naquela localidade; a 25, estes elementos vão para MARANELLO e a 28, aqueles transferem-se de LA TORRE para S. HILARIO D'ENZA; a 29, os de MARANELLO instalam-se em FIDENZA.

Por essa exposição, pode-se avaliar o grande esfôrço desenvolvido pelo 1º Batalhão de Saúde para manter contato com todas as Unidades, afim de não retardar a evacuação dos feridos e doentes. A impossibilidade de estabelecer linhas telefônicas, em grande parte do período, exigiu uma atividade fora do comum para impulsionar os elementos do Batalhão, contudo o funcionamento dos seus órgãos atingiu a perfeição.

Os P.S.D. procuraram se instalar de 1,5 a 6 quilômetros da frente, em função do dispositivo, da rêde de estradas e da ação prevista. Em princípio, cada Posto apoiava um R.I., desdobrando-se em dois escalões, quando a situação o exigia, constituindo-se, assim, em formações valiosíssimas, leves, eficientes e altamente móveis; exerceram funções ora semelhantes as de P.S. de Btl., ora às própria e ora as de P.T.D., chegando a evacuar diretamente para hospitais americanos.

O P.T.D. foi a formação sanitária mais recuada da Divisão e o último élo de sua cadeia de órgãos especializados. Esta formação é constituida pela Cia. de Tratamento do Btl. de Saúde, com um Destacamento de Comando e dois Pelotões de Tratamento, que ás vêses se separam, constituindo dois P.T.D., com idênticas funções. Possuiam secções de: Admissão, Cirúrgia, Choque, Medicina, Dispensário e Suprimento, otimamente montadas e servidas por profissionais capazes. Ora, hospitalizaram os baixados recuperáveis até uma semana e ora preparavam os feridos para a evacuação.

Sem preocupação de segurança, seu pessoal enfrentou todas as situações para bem servir a tropa e os 8 mortos e 19 feridos do Batalhão falam melhor que qualquer narrativa.

Durante os meses de março e abril e os dois dias de maio, o movimento no Posto de Tratamento Divisionário registra:

	Doentes	Feridos	Acidentados	TOTAL
Baixas brasileiras	1.667	717	319	2.703
Recuperados.....	90	4	10	104
Mortos.....	-	1	-	1
Evacuados.....	1.589	712	314	2.615

Além disso o P.T.D. socorreu 168 militares aliados e 117 civís italianos naquele período, bem como 236 prisioneiros feridos de guerra.

O estado sanitário da tropa continuou sendo excelente, não se assinalando casos de epidemias ou males contagiosos.

Engenharia

O Chefe do Serviço de Engenharia na organização americana, como sabemos é o próprio Cmt. do B.E., que tem um seu Adjunto permanentemente junto ao Q.G.Avançado da Divisão, ficando, assim, o deslocamento do Serviço subordinado ao da 4ª Secção do E.M.

Os elementos integrantes do 9º B.E. acompanharam de perto o dispositivo divisionário, ultrapassando por vêses a própria infantaria e os seus 8 mortos e 34 feridos durante a campanha, dizem bem da maneira arrojada por que procuraram cumprir suas nobilitantes e decisivas missões.

Na sua assistência diária ás vias de comunicação que serviam ao Setor da Divisão, a Engenharia brasileira desenvolveu, nos meses de março e abril, as seguintes atividades:

Construção de estradas	7.610 metros
Reparações	49.310 "
Melhoramentos.	9.760 "
Conservação.	263.825 "
Empedramentos.	948 m3
Pontes construidas	5
Pontes reparadas	5
Boeiros construidos.	26.

O período ofensivo caracteriza-se por um intenso trabalho de levantamento de minas, neutralização e retirada de cargas de demolição, e, como um testemunho de sua ação naqueles meses, o 9º B.E. retirou aproximadamente 3.465 minas de diversos tipos, 170 cargas e 110 "Booby Traps" que o inimigo colocara na nossa frente.

Para seu abastecimento de agua, possuía a Divisão quatro equipamentos de purificação, mas, naturalmente, eram instalados dois de cada vês, registrando o período da ofensiva mais de 8.000 m3. A Unidade de banho fornecida á D.I.E., com capacidade para 32 chuveiros, mostrou-se satisfatória na fase defensiva e pouco flexivel para época de movimento, pois sua montagem exige de duas a três jornadas, razão por que só foi instalada durante a campanha em PORRETA TERME, LIZZANO IN BELVEDERE e GAGGIO MONTANO.

Além dessas atividades normais, o S.E. realizou uma série de serviços que sobrecarregavam suas secções especializadas, mas que não podiam ser dispensados, como instalação de iluminação elétrica, preparo de acantonamentos, levantamentos, etc.

Mais de 27.000 exemplares de carta foram ainda distribuidos pelo S.E. no período, distribuição esta que é orientada pela 2ª Secção do E.M., que reconhece a zona possivel de operação para efeito do fornecimento.

Materiais diversos tipos, como rêde extensível, arame farpado, estacas, secções de ferro para boeiros e abrigos, sacos de areia, madeira esquadriada, tinta para camouflagem, etc., fazem parte também do suprimento a cargo do S.E.. Para êsse fim, foi montado um Ponto de Distribuição em PORRETA TERME, depois transferido para LE RONCOLE, para ajustar-se ao dispositivo tomado para a ofensiva. Na fase de aproveitamento do êxito, não sendo possivel deslocar êsse Ponto, dadas as suas características pesadas, foi deixado para trás o material menos importante e constituiram-se, então, pequenos pontos, com o mínimo compativel com as necessidades da Divisão, localizados sucessivamente em ZOOCA, VIGNOLA, MONTECCHIO e VALENZA.

Polícia Militar

Constituiu-se o Serviço de Polícia um colaborador de grande eficiência no periodo ofensivo, principalmente no contrôle do tráfego das estradas que os alemães abandonavam depois de minar e destruir pontes ou trechos críticos.

Só um trabalho intenso e dedicado asseguraria a regularização do trânsito dos comboios ou de viaturas isoladas, dentro de um rítmo que permitisse não prejudicar a velocidade da progressão das tropas empenhadas em manter contato com os retirantes.

Importantes "by-pass" (desvios de estrada) exigiam um policiamento severo e contínuo para que não se afetasse aquele rítmo.

À Polícia Militar da D.I.E. coube essa incumbência, desempenhada sempre com o máximo rigor pelos seus elementos, apesar de apresentar um efetivo insuficiênte para tão extensa rede de estradas atribuida à Divisão, o que importava num esfôrço invulgar para o pessoal. As crises por que passou o Serviço nessa fase foram motivadas pelas incompreensões naturais de uma operação de características novas, associadas à preocupação geral de manter uma velocidade de movimento compatível com a missão dada á tropa.

Não parou aí, porém , a atividade da nossa Polícia Militar. Seu encargo estava também acrescido da vigilância, escolta e evacuação de grande número de prisioneiros feitos nessa ocasião, o que lhe absorvia ainda um forte contingente de homens.

Em linhas gerais, foram assinaladas as mais importantes tarefas atribuidas ao Serviço de Polícia na Ofensiva da Primavera, cumpridas sem desprezar naturalmente o trabalho normal que lhe é afeto.

É justo, pois, que se realce a valiosa contribuição com que pôde e soube concorrer para a série de sucessos escritos pela F. E. B. na fase final da campanha da Itália.

O Serviço de Polícia da F.E.B. e os seus bravos policiais corresponderam à confiança do Comando no periodo mais brilhante e empolgante da campanha da Itália - a Ofensiva da Primavera.

Transmissões

O Serviço de Transmissões, como integrante do Q.G. Avançado, acompanhou todos os seus deslocamentos.

A 1ª Cia. de Transmissões, afastada de PORRETA TERME, como medida de precaução devido aos sucessivos bombardeios a que era submetida a localidade, instalou-se em MOLINO DEL PALONE, estacionando, daí em diante, LIZZANO IN BELVEDERE, GAGGIO MONTANO, ZOCCA, VIGNOLA, MONTECCHIO e ALESSANDRIA.

Durante todo o transcorrer, as Transmissões desempenharam um papel de grande realce, mostrando-se como um fator decisivo para as sucessivas vitórias alcançadas, vivendo todos os seus encargos, responsabilidades e regalias, decidindo, prevendo e provendo.

A parte técnica, altamente desenvolvida e convenientemente empregada pela tática em campanha, permitiu a mais perfeita convergência de esforços pelo melhor rendimento dos meios de transmissões.

Em nenhum momento, o Comando ficou isolado de sua tropa, vencendo as transmissões os instantes críticos e as distâncias com os recursos que a técnica moderna lhe dotou.

Na fase defensiva, empenhada a Divisão numa frente de cêrca de 20 Kms. de extensão, o material de transmissões empregado foi além da fixação normal, sendo necessário refôrço de cabo leve, cabo de campanha, telefones, centrais, estações de rádio de vários tipos, etc.

O Serviço manteve um pequeno depósito de material, fora dos moldes americanos, mas necessário à Divisão.

Com isso, foi possivel manter uma rêde perfeita e extensa, em todo o dispositivo, e na zona de retaguarda, proporcionando a todos os escalões confiança nas comunicações internas da D.I.

No período ofensivo, em plena fase de perseguição, o emprêgo do rádio avultou e se tornou absolutamente o único meio capaz de atender à movimentação exigida, porque os mensageiros muitas veses não podiam varar as filas intermináveis de veículos que aguardavam a sua vês para percorrer os "BY Pass" abertos, nos pontos destruidos pelo inimigo.

O trabalho estafante dos telefonistas merece um destaque especial, pelo destemor e espírito de sacrifício com que souberam desempenhar o seu labor, digno por todos os títulos.

A trama das rêdes telefônicas na D.I. atingiu tal densidade, que dificilmente poderá ser igualada. A confiança no uso do telefone foi, por parte de todos, excessiva, o que deu como resultado a formidavel sobrecarga das linhas. Chegamos a utilisar o telefone no Serviço de patrulha. E pelo modo porque se comportou na campanha, a telefonia com fio confirmou as vantagens do seu emprêgo, já preconisadas em nossos regulamentos.

Só no período de outubro a meiado de fevereiro de 1945, pudemos registrar mais de 1.000 interrupções nos circuitos telefônicos, que exigiram, a qualquer hora do dia ou da noite, na neve, na lama ou na chuva, a assistência e a fiscalização dos nossos incansáveis especialistas.

As considerações acima, servem para dar uma pálida descrição da atuação das nossas transmissões na campanha. Um estudo detalhado de todos os meios, ao lado de uma apreciação perfeita dos ensinamentos colhidos, é encontrada no circunstanciado relatório apresentado pelo respectivo Serviço.

Guerra Química

Não possuindo a 1ª D.I.E. tropas químicas em sua organização, o IV Corpo de Exército, atendendo a natureza das missões que nos foram atribuidas no período de 3 de março a 25 de abril de 1945, pôs à disposição do Comando a Cia. A, do 84º Batalhão de Morteiros Químicos, do Exército Norte-Americano.

Seu material e funções do pessoal são estudadas no Relatório apresentado pelo Serviço de Guerra Química da Divisão.

Durante aqueles quasi dois meses de ação, a Companhia cumpriu numerosas missões em proveito das Unidades de Infantaria e do 1º Esquadrão de Reconhecimento.

Inicialmente, agindo em proveito do 1º Esq. de Rec., seus observadores trabalharam com a unidade num espaço de 45 dias, fazendo tiros nas regiões de BUNNUCI, PIANO DELLA FARINA e FOSSI e martelando as posições inimigas de morteiro. Várias sortidas noturnas alemães foram prejudicadas pelos seus fogos, cujo consumo assinala nesses dias 14.000 tiros, sendo 9.000 de alto explosivo e 5.000 fumígenos.

Em 3 de abril, à tarde, uma operação fumígena foi levada a efeito com grande sucesso, em proteção a elementos do I/6º R.I., colhidos de surpresa numa ação ofensiva por certeiro fogo de morteiro do inimigo que lhes causava muitas baixas. Imediatamente, a

Companhia obscureceu as posições inimigas, as nossas perdas diminuiram e os atacantes puderam recolher-se, em ordem às nossas linhas.

Nos preliminares da ação ofensiva sôbre o maciço de MONTESE e durante o ataque, a Companhia agiu eficazmente, fazendo cêrca de 8.000 tiros, dos quais 3.000 de alto explosivo. Todas as missões fumígenas, de grande importância para o sucesso da operação, foram cumpridas com precisão e habilidade por seus preciosos morteiros e, assim, a nossa Artilharia Divisionária poude se entregar exclusivamente aos tiros de alto explosivo.

O registro que óra fazemos de seu valioso concurso, constitue uma pálida homenagem aos reais méritos da Cia. A do 84º Batalhão de Morteiros Químicos.

i - A decisão do cmt. da 1ª D.I.E. sôbre os transportes

As operações de deslocamento caracterizaram-se pelos transportes de tropa a longas distâncias e em prazos curtos.

Os transportes de suprimentos também foram muito onerados, pois a tropa teve de ser reabastecida em seus novos estacionamentos, sempre excessivamente distante dos Depósitos do Exército.

Os deslocamentos rápidos obrigavam as unidades ao transporte de seu material essencial, afim de atender às suas necessidades de vida e de combate. Isso reduziu de um modo apreciável as disponibilidades normais da Divisão, no tocante ao seu material rodante, disponibilidades essas que foram diminuindo à medida que as viaturas iam se acidentando, em consequência da falta absoluta de tempo para a sua indispensável manutenção.

A questão dos transportes preocupava sériamente o Comando da Divisão.

A situação não comportava e nem permitia longos deslocamentos a pé. Reclamava e exigia a devida economia física do combatente.

Tirando o maior rendimento possivel dos meios de transporte para o deslocamento das tropas, poderia o Comando brasileiro, sem dúvida, realizar com oportunidade a barragem dos eixos ameaçados e mesmo, numa hipótese bem favorável, efetuar o envolvimento de forte efetivos inimigos.

O escalão superior, ao invés de reforçar os meios de transporte das nossas tropas, empobreceu a Divisão Brasileira neste particular, requisitando-lhe uma vintena de caminhões de 2.5 toneladas.

Embora todas as viaturas da D.I. estivessem sendo utilizadas nesse mister, sem levar em conta a sua especialidade, esses meios, decididamente, revelaram-se insuficientes, não só porque a quantidade não correspondia à envergadura e rapidez da operação, como por se ressentirem de uma apurada centralização.

Diante de tais dificuldades, e na certeza de que a progressão da infantaria brasileira prescindia então do apôio da artilharia, resolveu o Comando da Divisão reunir a maioria dos caminhões pertencentes às Unidades da Artilharia Divisionária e utilizá-los, em refôrço aos meios já existentes no transporte das nossas tropas.

O General Cmt. da A.D. ficava incumbido de realizar a decisão supra.

Mesmo com o refôrço dos meios automóveis da Artilharia, não foi possível o transporte da totalidade da pesada e variada impedimenta das Unidades.

As bagagens individuais, os estoques excessivos de munições e os canhões balizaram com a montágem de depósitos e estacionamentos sucessivos, a passágem apressada das nossas tropas através poeirentas e difíceis estradas.

Durante os numerosos deslocamentos de Unidades convém ressaltar, como exemplificação dos excelentes resultados, o transporte do 1º R.I. (menos II Btl.) que, partindo da região de MONTESTINO, conseguiu alcançar, em uma só jornada, apesar de quatro horas de descanso em FIDENZA, a área de PIACENZA, cobrindo assim um percurso de 170 quilômetros.

Os resultados da decisão de empregar os meios automóveis da A.D. como transporte de tropas de infantaria foram explêndidos.

Os transportes concorreram substancialmente para a captura de cêrca de 19.000 praças inimigas e apresamento de precioso material de guerra.

E, para êsse magnífico sucesso, muito concorreram, e é justo salientar neste momento, a elevada noção do cumprimento do dever e o despreendimento demonstrados por todos os elementos da nossa Artilharia Divisionária, que, altruisticamente, imobilizavam os seus canhões para facilitar o transporte de infantaria,

num esfôrço supremo de abnegação pela missão comum, mostrando-se, assim, à altura do seu General Comandante. Ao Comando da A.D., como responsável direto e entusiástico e modelar executante da idéia do Comando da Divisão, cabem os maiores louros do êxito absoluto da iniciativa que permitiram deslocamentos numa profundidade superior a 300 quilômetros em poucos dias, num esfôrço excepcional que quasi ultrapassou as possibilidades humanas dos executantes.

j - O combate de Montese

A vitória de MONTESE teria sido completa se tivesse havido imediatamente a conquista de 888-MONTELLO.

Não foi possível fazê-lo. Bombardeios, os maiores na frente do IV Corpo, resistências em MONTE-BUFFONE e numerosos campos minados detiveram nossas tropas.

A ação foi adiada para que os reconhecimentos de nova tropa de ataque fossem feitos.

Interveio, nesse momento, o 5º Exército mandando cancelar o prosseguimento do ataque sob o fundamento de que seria um esfôrço dispendioso e sobretudo desnecessário quando o inimigo cedia em muitas partes da frente do IV Corpo. Ordem idêntica foi dada à 10ª Div. de Mnt., tendo em vista caso semelhante. Explicava o Comando do 5º Exército que era preferivel ser encetada a progressão na parte da frente do IV Corpo onde o inimigo já cedia.

Êsse episódio é aqui assinalado, a título de esclarecimento e ensinamento.

k - Aproveitamento do êxito e perseguição

Parecia, à primeira vista, que a Divisão, depois do combate de ZOCCA, não se deslocava a tempo.

Uma cobertura de flanco, em conversão e na parte interna da curva, não devia ser mais rápida ou possuir igual velocidade à da tropa de cobertura.

Além disso, o Comando recebia insistentes indicações do IV Corpo para não romper a ligação com o 371º R.I. (U.S.A.) e para não abandonar o bloqueio das estradas entre o SERCCHIA e o ENZA. Ao lado dessas ordens, há o fato de não havermos chegado atrazados no vale do TARO.

Se os transportes da Divisão não estavam bem adaptados à situação, pode-se dizer, porém, que, no conjunto das operações,não houve repercussões que incapacitassem a tropa de cumprir suas missões.

1 - A performance da 1ª D.I.E. na ofensiva da Primavera

Enfrentando um inverno particularmente rude, palmilhando um terreno difícil, a Divisão Brasileira permaneceu em contato com o inimigo, durante oito meses, sem um dia de repouso ou de folga.

Cumpre assinalar que a 1ª D.I.E. foi a única Grande Unidade do 5º Exército Americano que jamais saiu do seu setor de combate.

Apesar de suas unidades terem entrado em linha sem estarem suficientemente adestradas, dadas as imposições de uma delicada e difícil situação geral para o Comando do 15º Grupo de Exército, apesar dos seus claros terem sido preenchidos, na maioria das veses, por elementos insuficientemente instruidos, a 1ª D.I,E. cumpriu com galhardia todas as missões que lhe foram dadas.

A sua performance na Ofensiva da Primavera foi considerada magnífica pelos chefes militares americanos.

A sua atuação nessa Ofensiva merecerá no futuro, quando for escrita a História desta Campanha, um papel de marcante destaque dentre as G.U. de Infantaria que vergaram e destruiram o poderio militar da Alemanha.

Em menos de doze dias, contando exclusivamente com os seus próprios meios, percorreu cêrca de quatrocentos quilômetros e liberou mais de sessenta vilas, povoados e cidades da península italiana.

Cercou e aprisionou a valorosa 148ª D.I. alemã, os destroços da Divisão Bersaglieri "Itália" e remanescentes da operosa 90ª Divisão Panzer Granadiers.

Capturou dois Generais e cêrca de 900 oficiais.

Nos 19 dias de ofensiva aprisionou pouco mais de 19.000 militares e apreendeu mais de mil veículos.

Nessa ofensiva capturou mais de 4.000 cavalos e apresou grande cópia de material bélico, de intendência e de Saúde.

Para realizar esta performance a 1ª D.I.E. não mediu esfôrços e não poupou sacrifícios. E, quando as operações de guerra foram dadas por encerradas em território italiano, um Batalhão da 1ª D.I.E. ocupava a importante cidade de TURIM e fortes elementos brasileiros, de reconhecimento, alcançavam a localidade de SUSA, distante 35 Kms. da fronteira Ítalo-Francesa.

8 - OCUPAÇÃO - (3-V/20-VI-945)

A - PRELIMINARES

Tínhamos concluido brilhantemente a campanha militar da Itália e a missão que nos caberia agóra, a de ocupação, apresentava-se sob um aspeto mais delicado. Manteriamos contato direto com uma população vencida, libertada de um regimem de opressão e que até dias antes, tivera sua vida inteiramente controlada pelos caprichos e rigores do governo militar alemão.

Fizéramos uma guerra de desagravo á soberania brasileira ofendida em suas próprias fronteiras e não nos animava nenhum desejo de conquista. Reconheciamos os sofrimentos da nação italiana e compreendiamos as desconfianças com que nos recebia.

A propaganda alemã contra nós brasileiros fora a mais ofensiva e ultrajante. O que é possivel dizer de um povo barbaro e selvagem disse de nós o Exército Alemão de ocupação na Itália com o seu espírito rancoroso e pérfido. E, dentro desse ambiente hostil, alcançamos a rica região do PÓ, sem dúvida, a área melhor aquinhoada da peninsula, de grande progresso industrial, e gosando das benéficas influências do contato mais estreito com os países adiantados do Norte. Em dois anos de ocupação, o alemão contaminára aquele povo, que deu crédito as suas mentiras e infâmias.

Mas, o espirito ordeiro do brasileiro, sua surpreendente capacidade de adatação, o sentimento de simpatia com que via o italiano, a semelhança de lingua e costumes, tudo emfim aproximaria povo e tropa e venceria a prevenção.

Convinha, porem, não se deixar arrebatar pela vitória arduamente conquistada extravasando nessa alegria excessos que poderiam prejudicar nossa missão.

A tropa brasileira, porem, bem saberia compreender o que lhe cabia fazer e o Comando confiava em sua conduta.

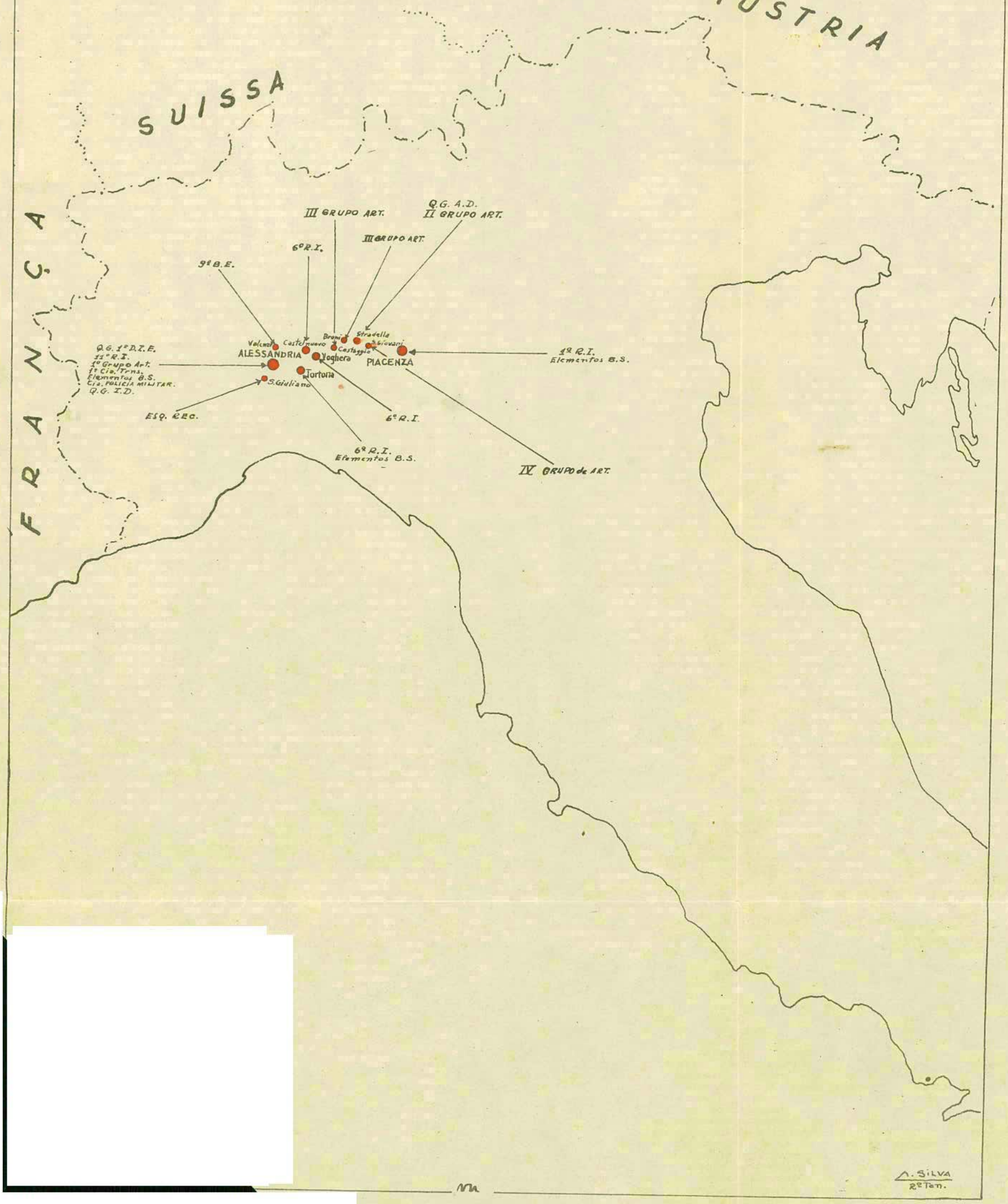
Era êste o panorama geral que se nos deparava nos momentos iniciais da ocupação.

B - DISPOSITIVO INICIAL DE OCUPAÇÃO - (3/7-V-945)

O IV Corpo, pela sua Instrução de Operações nº 92, de 3 de maio, deu a seguinte missão á Divisão:

DISPOSITIVO DE OCUPAÇÃO NA ZONA ATRIBUIDA Á 1ª D.I.E.
(3-V á 20-VI-1945)

Esc. 1: 2.600000



A. SILVA
2º Ten.

" - Concentrar a maioria de seus meios na região de ALESSANDRIA e manter a ocupação na região de PIACENZA.

- Destruir ou capturar quaisquer fôrças inimigas que permaneçam na área ALESSANDRIA - PIACENZA.

- Manter a segurança do "Cabo Estadoal Terminal" em CASTEGGIO, da"Estação Telefônica" em ALESSANDRIA e da ponte sobre o rio PÓ, ao N. de PIACENZA".

Foi então, expedida a O. G. O. nº 50, da mesma data, que estabeleceu o seguinte dispositivo inicial de ocupação:

- Grupamento nº 1 (Gen. CORDEIRO DE FARIAS) :
  1º R. I., II Grupo e 3ª Cia./9º B. E., na região de PIACENZA.

- Grupamento nº 6 (Gen. FALCONIERI) :
  6º R. I., III Grupo, 2ª Cia./9º B. E., na região de TORTONA - VOGHERA - CASTELNUOVO.

- Grupamento nº 11 (Gen. ZENÓBIO) :
  11º R. I., I Grupo e 1ª Cia./9º B.E., na região de S. SALVATORE - ALESSANDRIA.

- 1º Es. Rec.: - região de STRADELLA.
- IV Grupo:- região de S. GIULIANO.
- 1ª Cia. de Trans.:- ALESSANDRIA.
- Cmdo. do 9º B. E.:- MARENGO.

C - EVOLUÇÃO DO DISPOSITIVO DE OCUPAÇÃO - (8-V/20-VI-945)

A 8 de maio, a O. G. O. nº 51, extinguiu os Grupamentos, restabelecendo os comandos orgânicos divisionários e reorganizou o dispositivo, que passou a ser:

- Infantaria Divisionária:
  - Cmdo.:- ALESSANDRIA.
  - 1º R. I.:- PIACENZA
  - 6º R. I.:- VOGHERA - CASTELNUOVO - TORTONA
  - 11º R.I. :- IL CRISTO

- Artilharia Divisionária:
  - Cmdo.:-STRADELLA
  - I Grupo:- IL CRISTO
  - II,III e IV Grupos:- região de COSTEGGIO - BRONI - STRADELLA - CASTEL S. GIOVANI.

- 9º B. E. :- VALENZA
- 1º Esq. Rec.:- S. GIULIANO
- 1ª Cia. de Trans.:- ALESSANDRIA

O Quartel General Avançado da 1ª D. I. E., como dissemos anteriormente, desde 2 de maio estava instalado em ALESSANDRIA. Para esta cidade, tambem se deslocou no dia 4 de maio, acantonando, o Q. G. Recuado.

Os demais elementos da Divisão estavam, assim, distribuidos na area de ocupação:

- Cia. de Manutenção:- ALESSANDRIA
- Cia. do Q. G. : - ALESSANDRIA
- Cia. de Intendeência:- VOGHERA e a partir de 19 de maio em ALESSANDRIA
- 1º Batalhão de Saúde:
  - Comando:- ALESSANDRIA
  - 1ª e 2ª Cias. Evacuação :- ALESSANDRIA
  - 3ª Cia. de Evacuação:- TORTONA
  - Cia. de Tratamento:- TORTONA, com um Pelotão em PIACENZA
- Companhia de Policia Militar:- ALESSANDRIA

A tropa da Divisão estabeleceu a vigilância da zona ocupada e, ao mesmo tempo, cumpriu um programa suave de instrução (instrução geral, ordem unida e educação fisica).

As Unidades realizaram sucessivos desfiles nas principais cidades da zona de ocupação e o Comando passou em revista a vários Corpos.

Um Pelotão de Fuz. de cada R. I. foi destacado para MILÃO, afim de tomar parte juntamente com elementos de outras tropas do IV Corpo, na ocupação da cidade.

Na zona atribuida á 1ª D. I. E., a ocupação foi total até 3 de junho. A partir daí, as Unidades iniciaram os preparativos de deslocamento para a região de FRANCOLISE. A missão de ocupação terminou a 20 de junho, data em que se deslocou o último elemento de Unidade da zona que a tropa brasileira recebera para ocupar e na qual foi substituida pela Divisão Cremona, italiana.

D - FUNCIONAMENTO DOS SERVIÇOS

Na fase de ocupação que agora relatamos, alguns Serviços tiveram uma atividade mais intensa pela natureza própria de suas

atribuições.

a - Intendência

Instalou-se em VOGHERA, de onde controlou a distribuição dos suprimentos de classe I e III ás Unidades da Divisão.

Ultimou o recolhimento do material de intendência catalogado nas classe II e IV, o que atingiu a um total de 300 toneladas.

Em 30 de junho, quando os últimos orgãos do Serviço que funcionavam em VOGHERA se deslocavam para FRANCOLISE, já todo êsse material havia sido entregue ao Deposito de Intendência da F. E. B. em LIVORNO para ter o conveniente destino, operação essa que foi executada por meio de transporte americano e por estrada de ferro.

b - Transmissões

A Chefia funcionou junto ao Q. G. Avançado em ALESSANDRIA.

Durante o periodo de ocupação, o telefône foi o meio principal de transmissões. Os sistemas instalados pelas Unidades foram conectados ás centrais telefônicas civís, as quais passaram a ser controladas pela nossa tropa. A rede civil estava muito defeituosa devido à ação dos bombardeios aliados e à sabotagem inimiga, mas foi consertada, tanto quanto possivel, pelo próprio pessoal italiano, sob nossa fiscalização, e prestou bons serviços. Não foram utilizados os rádios, por desnecessários.

O circuito Italia-Brasil em SCR-399, passou a ser explorado tambem em fonia, para que os expedicionários pudessem falar com suas famílias, por meio do telefone. O sucesso foi absoluto e na sua instalação colaboraram a Diretoria de Transmissões do Exército, a Rádio Guanabara e Rádio Nacional, do Rio de Janeiro.

c - Saúde

A Chefia funcionou em ALESSANDRIA.

Foram instalados um PSD em ALESSANDRIA, um PTD em PIACENZA e outro em TORTONA, com postos, tambem, de profilaxia

anti-venérea.

O estado sanitário da tropa foi sempre melhor possivel.

d - Engenharia

A Chefia do Serviço permaneceu com o Q. G. Avançado, em ALESSANDRIA.

Em 10 de maio, o 9º B. E. passou a depender diretamente da Engenharia do IV Corpo, para fins de trabalhos técnicos, como: manter em tráfego os eixos rodoviários no setor da Divisão, fazer reconhecimentos especializados na mesma área e observar os rios, informando sôbre a mudança brusca do nivel de aguas. Alem desses trabalhos, foram retiradas algumas minas, instalados pontos dagua e unidades de banhos, reparadas 2 pontes e construida uma grande ponte Bailey sôbre o TIDONE.

E - IMPRESSÕES DA OCUPAÇÃO

Conforme previra o Comando Brasileiro, o periodo de ocupação não registrou nenhum incidente de monta com a população civil ou com os grupos de "partiggiani" da area que nos fôra destinada.

Cêdo a população compreendeu a infâmia da propaganda alemã e ao ambiente de desconfiança dos primeiros dias seguiu-se uma fase de aproximação. No final, perfeita identificação passou a existir, havendo mesmo um movimento de franca simpatia.

Reunidas na sede do Município ou da Comuna as pessôas de maior projeção da localidade em todos os ramos da atividade humana - afastados, naturalmente, os elementos reconhecidamente fascistas ou que prestaram colaboração ao inimigo - foram procedidas eleições para os cargos do Govêrno Civil. Os eleitos, desde logo empossados pelo representante do Comando Brasileiro, passaram a dirigir suas localidades, em estreita colaboração com o Oficial americano dos Assuntos Civís junto á F. E. B., que assumiu o Governo Militar Aliado. Esse processo foi adotado em toda a zona libertada durante a ofensiva e, assim, o Comando Brasileiro impoz a ordem e instalou governos civis numa vasta area de centenas de quilômetros - que inclue ZOCCA, SASSUOLO, MARAGNELLO, SCANDIANO, QUATRO CASTELLAS, MONTÉCCHIO, FIDENZA, etc..

As ordens foram sempre acatadas pela população que soube se mostrar ordeira e respeitadora. Os clubes de oficiais e praças instalados tiveram uma freqüencia selecionada nas populações locais, realizando-se dansas e jogos que muito contribuiram para a harmonia reinante.

Pelo Comando Superior foram fixados periodos e locais de férias, que abrangeram as cidades de VENEZA, STRESA (margem Oeste do Lago MAGGIORE), ALASSIO e GÊNOVA, na Itália, CANES e NICE, na França, tendo a tropa, em sua totalidade, gozado de repouso reparador, organizando-se turmas especiais, sendo as praças sempre acompanhadas por oficiais.

Um regimem de instrução, com limpeza e conservação do material e armamento, foi estabelecido, de modo que as Unidades se mantiveram enquadradas durante todo o periodo, Os desfiles sucessivamente feitos despertaram a curiosidade da população, que não regateava seus aplausos ao garbo e marcialidade da tropa.

A impressão que deixamos foi a mais lisongeira possivel, reconhecida pelo próprio Principe HUMBERTO DE SAVOIA que, na visita de despedida feita pelo Cmt. da 1ª D. I. E. na sua passagem pela Capital da Itália de regresso a NAPOLES, elogiou a conduta da tropa brasileira e teve palavras de sincero agradecimento pelo trato afável que sempre dispensamos á população italiana, sem quebra de disciplina e do respeito mútuo.

9 - CONCENTRAÇÃO EM FRANCOLISE

A - PRELIMINARES

Definitivamente assentado o nosso imediato regresso ao Brasil, foi determinado pelo 5º Exército que a Divisão concentrasse seus elementos na região de FRANCOLISE, sôbre a Estrada nº 7, entre ROMA e NÁPOLES, porém, mais próxima desta última. Aí, então, a tropa brasileira aguardaria o embarque nos navios transportes.

O deslocamento para a zona de concentração atinge a extensão de 850 quilômetros pela rodagem que passa em GENOVA-LIVORNO-ROMA-FRANCOLISE.

Alguns pontos básicos foram fixados pelo Comando Americano, como:

- Todo o 1º Escalão de embarque, de efetivo igual aos que vieram do Brasil, uma vez que o navio escolhido era o "General Meiggs", já nosso conhecido, deveria estar em FRANCOLISE a 15 de junho, pois a partida de NÁPOLES fôra determinada para 20.
- Os demais elementos da Divisão completariam a concentração até 10 de julho.
- Os transportes seriam feitos exclusivamente com os meios da 1ª D.I.E.
- Afim de ser providenciado o recompletamento e o recondicionamento do material, com o 1º Escalão de embarque deveria vir também o armamento correspondente aos Órgãos Regimentais de um R.I. e de um Batalhão de Infantaria.
- Todos os canhões de calibre igual ou superior a 57 m/m seriam recolhidos em LIVORNO.
- Crédito de marcha, eixo, abastecimento de gasolina, etc., na dependência de aprovação do IV Corpo.

A 4ª Secção do E.M., a quem caberia o encargo da concentração das Unidades, teria ainda as seguintes incumbências, ligadas ao embarque da tropa:

- Manter entendimentos com as autoridades americanas para obtenção dos meios de transporte, marítimos e aéreos para o retôrno da 1ª D.I.E. ao Brasil.

- Organizar, em ligação com os americanos, os planos de transporte.
- Receber todo o material oriundo das unidades.
- Promover, junto às autoridades americanas, a troca de material usado e em máu estado por novo, além do recompletamento das dotações de material da Divisão.
- Preparar convenientemente o material para embarcar.
- Assegurar os transportes automóveis necessários ao reabastecimento da tropa na área de estacionamento, ao seu embarque, à recuperação, troca e carregamento do material nos navios.

Sofreu, então, a 4ª Secção uma modificação em sua estrutura que passou a ser:

- Chefia;
- Sub-Secção de Tráfego - encarregada de todos os assuntos referentes a transporte e tráfego;
- Sub-Secção de Material - com a incumbência de acionar as diversas Gestões dos Serviços para recolher, trocar, recompletar o material das Unidades e Q.G. e verificar a sua embalagem e embarque;
- Sub-Secção de Depósito - com a obrigação de limpar e lubrificar o armamento, embalar, pesar, marcar, guardar e embarcar todo o material recolhido.

Cada Serviço manteria, junto à Secção, Gestões para receber o material respectivo dos Corpos de Tropa e Q.G., dirigir o seu recondicionamento, recompletamento e troca, em ligação direta com os órgãos americanos, assim como assistir a embalagem do mesmo material.

Os meios disponíveis no momento eram os seguintes:

- "Jeeps"	598
- 3/4 Ton-carga	210
- 3/4 Ton-comando	16
- 1 1/2 Ton-carga	100
- 2 1/2 Ton-carga	345
- Tratores de 155	18
- M/8	4
- 1/2 lagarta	14
- Sedan	3

O órgão de transporte da Divisão, a Cia. de Intendência, foi então reforçada de meios divisionários para atender ao deslocamento e passou a dispor de 4 Pelotões de 50 caminhões de 2 1/2 toneladas e dos "Jeeps" necessários a esta organização.

Feito o estudo da operação, foi elaborado o Plano de Transporte, com a aprovação do IV Corpo, e que assentava nas seguintes bases:

- Percurso dividido em 3 etapas:

  1ª) - Estacionamento - LIVORNO - 320 Kms.
  2ª) - LIVORNO - Rest Área ao N. de ROMA - 300 Kms.
  3ª) - ROMA - FRANCOLISE - 220 Kms.

- Elementos do E.M., em LIVORNO, na Rest Área e em FRANCOLISE, regulariam o estacionamento da tropa e orientariam a execução da Ordem de Movimento.

- A tropa seria submetida ao regime de rações de reserva durante o deslocamento.

- Haveria um refôrço nos meios de transporte quando necessário.

- Os meios de transporte retornariam de FRANCOLISE até a conclusão total do movimento.

- Os meios de transporte só seriam recuperados após 7 dias (3 de ida, 3 de volta e 1 para manutenção).

- Ficar articulado para as dificuldades do cumprimento da missão, como fadiga dos motoristas e más condições gerais dos veículos, que vinham de realizar prolongada tarefa durante a campanha, não obstante o intenso e proveitoso trabalho dos órgãos de manutenção.

Mas infelizmente, o plano assim estabelecido e aprovado teve que ser totalmente alterado, pois, com a chegada dos primeiros elementos a FRANCOLISE, fomos surpreendidos com a exigência da P.B.S. (Peninsular Base Section) que não consentiu no retôrno das viaturas à ALESSANDRIA, para prosseguimento dos transportes. O mecanismo americano de serviço também sofre as vezes desses impecilhos, pela falta de articulação em alguns de seus órgãos, como tivemos oportunidade de presenciar.

Consultados os Q.G. do IV Corpo, em MILÃO, e o 5º Exército, em VERONA, êstes ignoravam as razões e ficou então assentada uma reunião em LIVORNO, com a presença de representantes daquele Corpo de Exército e da MTOUSA (Mediterranean Theater Operations

United States America) para o estabelecimento de um novo e definitivo plano, a ser executado ainda no mês de junho e que compreenderia:

1ª Parte - Rodo-ferroviária

- (Rodoviária até BOLOGNA e daí a FRANCOLISE por via férrea)
  Dia 12 - 64 caminhões de 2 1/2 ton., com 10 reboques - Trem para 900 passageiros e 1 carro bagagem.
  Dia 15 - 55 caminhões de 2 1/2 ton., com 10 reboques - Idem.
  Dia 17 - 55 caminhões de 2 1/2 ton., com 10 reboques - Trem para 800 passageiros e 3 carros bagagem.
  Dia 19 - Idem - idem.
  Dia 21 - Idem - idem.
  Dia 23 - Idem - Trem para 850 passageiros e 3 carros bagagem.
- Etapa média a BOLOGNA 180 Kms. e 31 horas de viagem ferroviária.

2ª Parte - Rodoviária - Marítima

- (Rodoviária até LIVORNO e marítima daí a NÁPOLES)
  Dia 14 - 100 caminhões de 2 1/2 ton., com 25 reboques.
  Dia 15 - Navio para 1600 passageiros e carga.
  Dia 18 - 100 caminhões de 2 1/2 ton., com 25 reboques.
  Dia 19 - Navio para 1600 passageiros e carga
  Dia 22 - 100 caminhões de 2 1/2 ton., com 25 reboques
  Dia 23 - Navio para 1600 passageiros e carga
- Etapa média até LIVORNO 300 Kms. e 26 horas de viagem marítima.

3ª Parte - Transporte do Depósito de Pessoal a ser elaborado após o cálculo de sua carga.

Ainda ficou resolvido que algumas unidades e elementos avulsos seriam transportados diretamente a FRANCOLISE, pela rodovia, com os próprios meios.

B - DESLOCAMENTO

Para a preparação da área do estacionamento, foi organizado um destacamento de estacionadores e ao 9º B.E. determinado que preparasse a zona, armando barracas, construindo banheiros e levantando locais para o rancho. O Batalhão deslocou-se com os

seus próprios meios em dois comboios que chegaram a FRANCOLISE, respectivamente, a 6 e 14 de junho (O.P.O. nº 50, de 3).

Ainda sob a vigência do primitivo plano, foi iniciado o deslocamento da tropa, de acôrdo com a O.P.O. nº 51, de 6 e que compreenderia:

- III/6º R.I.
- II Grupo
- 2ª Cia./1º B.S.
- 2º Pelotão de Tratamento do 1º B.S.
- Secção/1ª Cia. de Trns.

As O.P.O. ns. 52 e 52-A, de 7 e 9, determinaram o movimento para o I/6º R.I. e os Órgãos Regimentais da mesma Unidade.

O 1º Esq. Rec., elementos do Q.G. da Divisão e órgãos do 9º B.E. deslocaram-se em cumprimento à O.P.O. nº 53, de 11.

Constatada a retenção dos veículos por ordem da P.B.S., teve início a execução do segundo plano da seguinte maneira:

Deslocamento rodo-ferroviário:

- II/6º R.I., dia 13 (O.P.O. nº 54, de 12)
- II/1º R.I., dia 15 (O.P.O. nº 57, de 15)
- III/1º R.I., dia 17 (O.P.O. nº 56, de 14)
- II/11º R.I., dia 19 (O.P.O. nº 59, de 19)
- III/11º R.I., dia 21 (O.P.O. nº 60, de 20)

As 1ª e 3ª Cias./1º B.S., 1º Pelotão de Tratamento do 1º B.S., elementos de Transmissões, Q.G., Polícia e outras unidades seguiram a 23.

Deslocamento rodoviário - marítimo:

- Órgãos Regimentais e I/1º R.I., nos dias 14 e 15 (O.P.O. nº 55, de 13).
- Órgãos Regimentais e I/11º R.I., nos dias 18 e 19 (O.P.O. nº 58, de 17).
- I, III e IV Grupos, nos dias 22 e 23.

Não obstante as dificuldades próprias dos transportes dessa natureza (distância, meios extranhos à Divisão, baldeações, etc.) todas as unidades embarcaram nos dias previstos.

Para os transportes marítimos houve apenas o atraso de um dia no embarque de cada unidade, apesar dos embaraços existentes, como relações discriminativas do material a embarcar, pêso e volume da carga, separação da bagagem de convés e de porão, selecionamento por espécie, etc..

As companhias de Manutenção e Intendência seguiram com seus meios próprios.

De NÁPOLES a FRANCOLISE, o transporte das unidades que viajaram por via marítima, ficou à cargo da P.B.S.

O Comando deslocou-se de ALESSANDRIA, por estrada de rodagem, passando por PISTOIA para visitar o Cemitério, por STAFFOLI para inspecionar o Depósito de Pessoal, parando 2 dias em ROMA para visitas protocolares de despedida e a 27 de junho chegou a S.MARIA CAPUA VETERE, localidade situada cêrca de 10 Kms. ao S. de FRANCOLISE, onde estacionou.

C - ACAMPAMENTO

FRANCOLISE, onde ficou o acampamento brasileiro, é uma região de extensos trigais e plantações de oliveiras, cortada pela Estrada nº 7 que vai de ROMA a NÁPOLES com algumas transversais que se dirigem ao litoral de onde dista cêrca de 18 quilômetros. O seu nome é originário de um velho povoado que domina toda aquela área, sôbre pequena elevação e fóra da estrada principal.

A sombra insuficiente e a poeira constituiam as duas principais razões do estacionamento ser mal quisto pela tropa.

Além disso, estava numa zona sujeita à malaria, de cujos efeitos não se livraram os elementos acampados.

A tropa instalou-se em grandes barracas com camas americanas de campanha.

Várias eram as áreas destinadas às diversas Unidades, onde existiam rancho, privadas e bicas dágua. Havia banheiros em todo o estacionamento e a água, além de muito fresca já era clorada, o que se tornava uma garantia para o estado sanitário da tropa.

O campo dispunha de rêde telefônica instalada pela Cia. de Transmissões e de uma estação de radiofonia, através da qual oficiais e praças falavam para as suas familias no Rio de Janeiro, em ligação direta com o Ministério da Guerra ou por intermédio da Rádio Nacional, como já acontecera em ALESSANDRIA.

O Serviço de Intendência tinha o Ponto de Distribuição na própria área, o que facilitou a vida dos Corpos. Uma padaria americana supria todo o efetivo acampado. Foram instaladas duas cantinas, uma para oficiais e outra para praças.

O Serviço de Saúde mantinha um Posto de Socorro no próprio 1º B.S. e fazia as suas evacuações para um hospital americano em SPARANISE pouco distante do estacionamento. Na área do Q.G. havia um Posto Profilático e uma Secção de prótese.

Poucas foram as barracas da carga da Divisão, armadas no estacionamento.

O Q.G. instalou algumas, para melhorar as acomodações de Secções e órgãos dos Serviços.

Duas casas metálicas foram montadas, uma para o Q.G. da D.I. e outra para a A.D.

O estacionamento, cujas construções feitas por italianos e prisioneiros alemães eram em grande número, não foi terminado, pois, com a partida da tropa, não houve necessidade de serem ultimados os trabalhos.

Entre 15 e 20 de julho chegou ao local, e se instalou, uma unidade americana de transporte que, aos poucos, foi recebendo os encargos dados aos nossos caminhões e, dessa forma, fomos liberando, em menor tempo, as viaturas que deviam ser embarcadas para o Brasil.

Em todos os serviços de recolhimento, transporte, troca, embalagem e embarque de material, como na vida do próprio estacionamento, tivemos o concurso de uma turma de oficiais americanos falando o português, muito solícitos e que foram de grande valia para a marcha geral dos trabalhos.

D - TRANSPORTE DO MATERIAL

O material constante dos Depósitos de Saúde, Transmissões e Engenharia foi levado por 40 caminhões de 2 1/2 ton., no dia 25 de junho, para BOLOGNA, de onde, por via férrea, chegaram a FRANCOLISE.

Do Serviço de Intendência, o deslocamento teve o seguinte rítmo:

Dia 24 - 50 caminhões de 2 1/2 ton.
Dia 25 - 50 " " " "
Dia 26 - 50 " " " "

Concentrado o material em BOLOGNA, a 26 seguiu de trem para LIVORNO, ficando então uma parte com a P.B.S. e a outra com o nosso Depósito de Intendência da F.E.B., alí sediado.

A 26, ainda, 20 caminhões transportaram material para FRANCOLISE pela rodagem.

Para êsse serviço, a Divisão teve o concurso de viaturas americanas.

Os transportes da bagagem de unidades por elementos americanos, uma vez providenciados pela Divisão, não tiveram mais nossa interferência na entrega, guarda e descarga do material.

Os corpos assistiram a sua bagagem e algumas vezes receberam documentos, de parte dos americanos, pelos quais assumiram êles a responsabilidade do transporte e da guarda da mesma.

Quando o transporte era feito por estrada de ferro, oficiais nossos providenciavam os meios para que os interessados tivessem suas bagagens no estacionamento de FRANCOLISE, no menor tempo, apanhando-a na estação de SPARANISE. O mesmo com referência ao pessoal.

Várias foram as irregularidades verificadas, como roubos, desvios de material, troca de bagagem, atraso na entrega das rações dos Corpos, etc.,com grande prejuizo para a tropa.

E essa balbúrdia podemos, em parte atribuir também à alteração do nosso primeiro plano de transporte, aprovado pelo IV Corpo e 5º Exército e, depois de iniciado, radicalmente modificado por imposição da P.B.S..

10 - O SACRIFÍCIO DAS ARMAS E DOS SERVIÇOS NA CAMPANHA DA ITÁLIA

A expressão "Rainha das Armas", encontrada nos nossos regulamentos militares, e de que os infantes tanto se orgulham, bem situou a posição da Infantaria entre as demais armas combatentes e serviços na campanha da Itália.

A guerra, é a luta entre duas vontades que se empenham até o último sacrifício, - "o da própria vida", na conquista da vitória.

A vitória é o fruto da comunhão de ideias e da íntima coordenação dos esforços de todos, no sentido de com um dispêndio mínimo de energias morais e físicas obter-se o máximo de eficiência.

Todas as armas e serviços são artífices indispensáveis da vitória. De todos se exige esforços e sacrifícios contínuos, entretanto, não se pode esquecer o aspecto mais sublime do sacrifício - o da própria vida .

E, é aí, que a Infantaria se agiganta. As estatísticas das perdas de vida da F.E.B., na Itália, dão para a Infantaria a expressiva percentagem de 94,5 %.

A campanha da Itália exigiu de todos os elementos da 1ª D.I.E., nela empenhados, rudes provas de coragem e abnegação.

O Artilheiro de Mallet em permanente vigilia, nos observatórios avançados, nos aviões de reconhecimento, ou nas posições de bateria, de dia ou de noite, enfrentando o frio e as intemperies, nunca faltou ao infante no momento preciso, com os seus fogos ajustados e eficazes.

O nosso Engenheiro, marchou lado a lado com o Infante, limpando as minas para que ele passasse, construindo-lhe pontes, abrindo-lhe estradas, em fim, garantindo-lhe a liberdade e a proteção de movimentos, tal qual, no passado, o fizeram os seus irmãos, nos pantanais do Chaco, guiados por Vilagran Cabrita.

O Cavalariano brasileiro do nosso Esq. de Reconhecimento, herdeiro das virtudes guerreiras de Osorio e Andrade Neves, alí esteve, intrépido e audaz, óra precedendo o infante nas ações de descoberta e na perseguição, óra junto a ele, peito colado ao chão e dedo no gatilho, pronto a repelir o inimigo que ousasse se aproximar.

O pessoal dos Serviços de Saúde, de Intendência, de Trans

missões, de Material Bélico, de Guerra Química, Especial e das diferentes unidades da Tropa Especial, foram incansáveis nas árduas atribuições de atender a tempo e com eficiência todas as necessidades do combatente.

Mas, a Infantaria Brasileira, continuadora da glória imorredoura de Sampaio foi de todas as armas a mais sacrificada. Foi a ela que coube em arrancadas fulminantes, pelo fogo ou pela baioneta, desalojar o inimigo de suas posições dominantes e poderosas, quebrar-lhe a furia selvagem, tomar-lhe o terreno, aprisioná-lo e perseguí-lo. A pé, de arma na mão, abnegado e estoico, arrastando-se na lama ou no gêlo, ascendendo penhascos agrestes ou atravez vales profundos, indiferente às minas e aos fogos traiçoeiros, a um só tempo marchando e lutando, superior as intemperies e à fadiga, vai o infante brasileiro, em busca ao inimigo onde quer que ele esteja.

Não há palavras que digam com maior eloquência o que foi o sacrifício da Infantaria brasileira, de que a percentagem de mortos que lhe coube no total de toda a campanha - 94,5 %.

livre

IV - REGRESSO AO BRASIL

1 - DESTACAMENTO PRECURSOR

2 - EMBARQUE DO PESSOAL

3 - TRANSPORTE DO MATERIAL

4 - DESLIGAMENTO DAS UNIDADES QUANDO DA CHEGADA AO BRASIL.

1 - DESTACAMENTO PRECURSOR

Na iminência do regresso de nossas tropas ao Brasil, resolveu o Comando, com a devida autorização do Exmo. Sr. Ministro da Guerra, constituir um Destacamento Precursor, que tivesse, no Rio, a incumbência de preparar a instalação das Unidades e de solucionar os problemas dela decorrentes.

A Chefia do Destacamento, pela relevância da missão, deveria caber a um oficial que estivesse ao par das verdadeiras necessidades dos Corpos e com o prestígio suficiente para estudar as diversas providências com os orgãos do Ministério da Guerra, razão por que foi designado o próprio Chefe do Estado Maior da Divisão, Coronel Floriano de Lima Brayner. Para sua composição foram escolhidos oficiais das Secções do E.M. e dos Serviços, alem de representantes das Unidades.

A 28 de maio, o Destacamento partiu de NÁPOLES e chegando ao Brasil passou a trabalhar em íntima ligação com o Estado Maior da F.E.B. no Interior, sob a Chefia do Exmo. Sr. Gen. Anor Teixeira dos Santos, cabendo-lhe as seguintes tarefas referentes à recepção do 1º Escalão:

- Pessoal:
  - Dia e hora da chegada ao Rio; desembarque;
  - Aquartelamento da tropa;
  - Licenciamento da tropa;
  - Pagamentos diversos;
  - Destinos ulteriores das tropas chegadas ao Rio;
  - Transporte e alimentação da tropa.

- Material:
  - Desembarque e recebimento do material da 1a. D.I.E.;
  - Localização e depósito do material;
  - Destino ulterior do material.

- Diversos:
  - Homenagens projetadas ao 1º Escalão;
  - Desfile e estacionamento.

O sucesso de sua missão, foi verificado pelo perfeito entendimento havido e pela ordem e disciplina observados no desembarque e na instalação das Unidades.

2 - EMBARQUE DO PESSOAL

A)- PRELIMINARES

Em 3 de julho de 1945, afim de regular o comando, o deslocamento e o reagrupamento da tropa no Brasil, foi expedida uma Diretiva Geral, publicada no Boletim Interno do 1º Escalão da F.E.B. e da 1a. D.I.E. nº 178, e redigida nos seguintes termos:

" I - Regresso da F.E.B.

1º) - A F. E. B. vai iniciar o seu regresso para o Brasil e o seu deslocamento obedecerá as normas constantes das presentes instruções.

2º) - O 1º Escalão da F.E.B. permanecerá sob o meu Comando durante toda a fase de deslocamento e reagrupamento no Brasil.

II - Escalonamento geral da F.E.B.

1º) - Até sua completa concentração no Brasil, o 1º Escalão da F.E.B. ficará dividido em dois grupamentos:

1 - Grupamento do Brasil, sob o meu Comando diréto, ao qual irão se incorporando os elementos da F.E.B. à medida que chegarem aos seus estacionamentos em território brasileiro e até ulteriores ordens do Govêrno.

2 - Grupamento Itália, sob o comando do General mais antigo que permanecer neste país, cumulativamente com que exerce normalmente. Êste grupamento ficará extinto com a partida de seu último escalão.

2º) - Os elementos em viagem serão considerados em deslocamento sob o comando do oficial mais graduado a bordo.

Para uniformidade de linguagem, será obedecida a seguinte terminologia:

a - Os elementos transportados em navios de capacidade superior a 1.000 homens, serão designados Escalão nº 1, 2, 3, etc. (conforme a ordem de partida).

b - Os elementos transportados em navios da capacidade inferior a 1.000 homens, serão designados Escalão A, B, C, etc. (conforme a ordem de partida).

c - Os elementos transportados em navios cargueiros, serão designados Cargueiro nº 1, 2, 3, etc.(conforme a ordem de partida).

III - Constituição dos Escalões

De acôrdo com as prescrições acima, o 1º Escalão da F. E.B. ficará desdobrado, a partir de 4 de julho de 1945, da seguinte maneira:

A - Elementos em preparativos de embarque

a - Escalão nº 1

1 - Comando: General Zenóbio da Costa

2 - Tropa:

- Elementos do Q.G. da D.I.E.
- Q.G. da I.D.E./1- 1a. D.I.E.
- II Grupo de Artilharia
- Elementos da Cia. de Comando e uma Cia. de Engenharia do 9º B.E.
- 6º Regimento de Infantaria
- 1º Pelotão do 1º Esquadrão de Reconhecimento
- 1 Pelotão de Polícia
- 1 Destacamento de Transmissões
- 1 Destacamento de Intendência
- Elementos do Correio Regulador

3 - Meio de transporte:
Vapor U.S. General Meigs.

b - Escalão A

1 - Comando: Coronel Armando de Morais Ancora

2 - Tropa:

- Elementos do Q.G. da 1a. D.I.E.
- Elementos da Cia. do Quartel General
- 1 Contingente do 6º R.I.
- Praças sentenciadas

3 - Meios de transporte:
Vapor Pedro I

c - Escalão B

1 - Comando: Coronel José Machado Lopes

2 - Tropa:

- 9º B.E.(menos elementos da Cia. de Comando e 1 Cia. de Engenharia)
- Cia. de Manutenção

3 - Meio de transporte:
Vapor Pedro II.

B - Grupamento da Itália

1 - Comando: Presentemente o General Oswaldo Cordeiro de Farias

2 - Composição:

- 1a. D.I.E. (menos o Escalão nº 1, presentemente)
- Orgãos não divisionários

C - Os demais escalões para o deslocamento serão constituidos oportunamente, obedecendo às seguintes condições:

- Antiguidade no teatro de operações;
- necessidade do serviço.

IV - Quartel General

1º - O escalão do Estado Maior na Itália se reduzirá à proporção que se reduzir o efetivo do grupamento daqui.

2º - Indicações quanto aos Serviços, na italia

a - O S.I., S.S., S.Especial, S.Fundos, S.Polícia e Ajudância Geral funcionarão no Grupamento, mediante progressiva redução de seus meios e até o embarque do último escalão.

b - O S.I.G. permanecerá até ordem superior.

c - O S. Justiça manterá a 2a. Auditoria até ordem ulterior.

d - A Chefia do S. Religioso cessará com o embarque do Escalão nº 1.

e - O S.Engenharia cessa desde o presente momento.

f - O S.M.B., o S.Transmissões e o S.G.Q. permanecerão até que o material que a cada um corresponde tenha sido recolhido e encaixado.

V - Prescrições sôbre Boletins

1 - O boletim interno do 1º Escalão da F.E.B. e da 1a. D. I.E. terá a sua publicação suspensa no dia 4 de julho de 1945 e será reiniciado logo após a chegada do Escalão nº 1 ao Brasil.

2 - O Grupamento Itália iniciará no dia 5 de julho de 1945 a publicação do boletim interno, devendo encerra-lo no dia da partida do último escalão.

3 - Os comandantes dos elementos em viagem farão organizar um diário de bordo, que deverá ser apresentado a êste Comando, logo após a sua incorporação ao Grupamento Brasil. Êste diário de bordo deverá conter toda a matéria obrigatória de um boletim para

efeito de transcrição no do 1º Escalão da F.E.B. e la. D.I.E.".

Estava desta forma traçado, em linhas gerais, a maneira pelo qual seria processado o regresso das Unidades e dos diversos orgãos do 1º Escalão da F.E.B..

Os elementos avulsos e os oficiais excedentes, dentro da disponibilidade dos aviões americanos, retornariam ao Brasil, segundo critério estabelecido pelo Comandante do Grupamento Itália dentro das exigências do serviço.

Enquanto aguardavam transporte, os oficiais e praças do Grupamento Itália tiveram sucessivos períodos de repouso, com autorização para viajarem até ROMA, por meios próprios ou por via férrea.

B) - ESCALÕES DE EMBARQUE - VIAGENS

Já, agora, não necessitávamos cercar de sigílo o embarque do pessoal, como anteriormente nas viagens para a Italia.

Utilizariamos navios transporte americanos e alguns outros nacionais, convenientemente adaptados para êsse fim.

O pôrto de atracação foi NÁPOLES, e apenas o Pedro II, numa de suas viagens esteve antes em LIVORNO para receber espôsas e filhos de militares da F.E.B. e da F.A.B., que o nosso Govêrno autorizou virem para o Brasil.

Todos os embarques se realizaram na melhor ordem, saindo a tropa da area de FRANCOLISE para o porto em caminhões da P.B.S..

As relações do pessoal embarcado eram, com antecedência, enviadas para o Brasil, por intermédio de oficiais que viajavam por via aérea, afim de que aqui fosse preparada a recepção. Junto vinham tambem os nomes das praças previstas para licenciamento. Entregues ao Estado Maior da F.E.B. no Interior, cabia a êste tomar, em consequência, as necessárias providências.

A capacidade dos navios foi bem variável e os quadros que seguem dão uma idéia dos efetivos embarcados:

Escalões nºs. 1, 2, 3, 4 e 5, respectivamente, comandados pelos Generais Euclydes Zenóbio da Costa e Osvaldo Cordeiro de Farias, Coroneis Mario Travassos e Delmiro Pereira de Andrade e Tenente Coronel Arquiminio Pereira.

NAVIOS	Partida de NÁPOLES	Chegada ao Rio	Unidades Contempladas	Efetivos	
				Of.	Pr.
"General Meiggs"	6-VII-45	18-VII-45	6º R.I., II Gr., Trns. e Cia. de Policia	271	4660
"Mariposa"	12-VIII-45	22-VIII-45	1º R.I.; I, III IV Grs., e 1º Btl. de Saude	281	5906
"Duque de Caxias"	28-VIII-45	19-IX-45	Dep. Pessoal e Cia. de Int.	165	1636
"General Meiggs"	4-IX-45	19-IX-45	11º R.I.	238	5104
"James Parker"	19-XI-45	3-X-45	Dep. Pessoal	110	2632
Total transportado				1065	19938
				21.003	

Êsses navios transportaram, tambem, elementos de outras Unidades em contingentes menores, avulsos dos Q.G. das D.I.E., I.D. e A.D. e de orgãos não divisionários. Fizeram viagens diretas ao Rio, sendo, que apenas, o vapor nacional "Duque de Caxias" parou 2 dias em LISBÔA, para que a tropa brasileira recebesse homenagens do govêrno e do povo de Portugal.

Os Escalões que a Diretiva Geral de 3 de julho mandava designar por letras do alfabeto, isto é os de contingente menor de 1.000 homens, foram em número de dois, portanto A e B, e tiveram por comandantes, respectivamente, os Coroneis Armando de Morais Âncora e José Machado Lopes.

NAVIOS	Partida de NÁPOLES	Chegada ao Rio	Unidades Contempladas	Efetivos	
				Of.	Pr.
Pedro I	12-VII-45	3-VIII-45	1º Esq. Rec., Cia. Q.G. e Cia. Manutenção	42	757
Pedro II	26-VII-45	13-VIII-45	9º B.E.	46	931
Total transportado				88	1688
				1.776	

Tambem elementos avulsos dos Q.G. e Unidades viajaram pelos dois navios nacionais acima, que aportaram no Recife, antes da chegada ao Rio. O Pedro II retornou uma vez mais à Itália, quando conduziu 10 oficiais, 22 praças e 51 espôsas e filhos de militares, alem de repatriados, tendo deixado NÁPOLES no dia 9 de outubro.

Os navios cargueiros de transporte de material, trouxeram pequenos contingentes da F.E.B., responsáveis pela guarda de suas cargas, num total de 80 homens, sendo 6 oficiais e 74 praças.

C) - EVACUAÇÃO DE ISOLADOS

Desde setembro de 1944 foram iniciadas as evacuações de nossos elementos da Itália, a princípio, apenas, de homens doentes que deviam retornar ao Brasil, sendo que alguns via Estados Unidos, depois foram tambem incluidos os oficiais atingidos pelo rodízio e, finalmente, quando do término das operações, os avulsos e excedentes aos Corpos, dentro das exigências do serviço.

Podem ser, assim, resumidas essas evacuações que prosseguiram até outubro de 1945:

Discriminação	Ano 1944		Ano 1945	
	Of.	Pr.	Of.	Pr.
Doentes	12	121	68	860
Outros motivos	10	6	447	517
Total	22	127	515	1.377
Via aérea	18	41	476	939
Via Marítima	4	86	39	438
Total	22	127	515	1.377
Para o Brasil	149		1.802	
Para os E.E.U.U.	-		90	
Total	149		1.892	
	2.041			

A 13 de outubro, quando embarcou em NÁPOLES, por via aérea, o General Olympio Falconiére, último comandante do Grupamento Itália, permaneciam ainda naquele país 3 oficiais e 8 praças brasileiras. Posteriormente, retornou um oficial, ficando então, apenas, a Guarda do Cemitério Militar Brasileiro em PISTÓIA, constituida de 2 oficiais e 8 praças.

D) - REGRESSO DO COMANDO DO 1º ESC. DA F.E.B.

O Comandante do 1º Escalão da F.E.B. regressou do Teatro de Operações, em avião americano, acompanhado de quatro oficiais do seu Q.G., a 6 de julho de 1945, tendo chegado ao Rio de Janeiro a 11, depois de uma parada de 3 dias no Recife.

3 - TRANSPORTE DO MATERIAL

Desde a chegada dos nossos elementos na área de FRANCOLISE, tiveram início os trabalhos de recolhimento de todo o material que não seria transportado pelas Unidades e foi logo começada a sua embalagem no próprio estacionamento, sob grandes barracas e ao ar livre.

A princípio, os americanos entraram com sua colaboração na parte de montagem e funcionamento do serviço e, em cinco dias, de trabalho intenso, dia e noite, os nossos homens instalaram as secções de almoxarifado, limpeza e lubrificação do armamento, embalagem do armamento e outros materiais pesados, encaixotamento, carpintaria, marcação e pesagem dos volumes.

A secção de embalagem, uma vez concluido o trabalho de preparação da bagagem do Escalão nº 1, mudou-se para NÁPOLES, instalando-se no edificio da Escola Naval e Mecânica, à rua de La Marina, onde permaneceu até o final do serviço. Alí, tomou um aspecto de maior regularidade, porque o espaço e as instalações permitiam a seriação das operações e, com isso, o rendimento passou a ser mais proveitoso.

O pessoal era tirado dentre os carpinteiros e praças em geral dos Corpos, em turmas sucessivas. Algumas equipes visitaram oficinas americanas de carpintaria e material bélico, onde a adaptação ao serviço foi feita com rapidez.

Em fins de julho, uma turma organizada no Depósito de Pessoal tomou a seu cargo o serviço de embalagem, com o fim de liberar os homens das Unidades que tinham de embarcar.

As viaturas, recolhidas e entregues aos orgãos americanos de manutenção, em NÁPOLES, foram recondicionadas, pintadas, marcadas e completadas em suas ferramentas.

A P.B.S. embarcou todas as viaturas que lhe iam sendo entregues nos navios para isso destinados.

Até 15 de julho, tinham sido apurados os seguintes extravios de viaturas:

"Jeeps".	23
3/4 Ton.	2
2 1/2 Ton.	6
Trailer de 1/4 Ton.. . . .	4
Trailer de 1 Ton.	1
Total	36

Foram tomadas providências, junto à P.B.S., para reposição das viaturas acima, mediante novas requisições.

Alguns exemplares de armamento alemão, aprisionados pela Divisão Brasileira, foram tambem embarcados, como troféus de guerra.

Os navios transporte de pessoal trouxeram muita bagagem das Unidades e individual de oficiais e praças.

Os Cargueiros que transportaram o material da F.E.B. para o Brasil foram:

Navios	Partida de Nápoles	Chegada ao rio	Bagagem transportada			
			Volumes	Pêso (em libras)	Cubagem (em pés cubicos)	Viaturas
Ruth Lykes	25 -VI-45	12-VII-45	2.025	246.632	20.657,8	487
Elizabeth Lykes	2-VII-45	17-VII-45	705	116.108	5.077,4	266
Sweepstakes	25-VIII-45	9-IX-45	5.127	840.364	42.666,3	412
William Jennings	27-VIII-45	16-IX-45	-	-	-	337
Rubem Tipton		10-VIII-45	-	-	-	468
Total			7.859	1.203.104	113.401,5	1.970

Todos êles trouxeram um pequeno contingente de guarda do material.

4 - DESLIGAMENTO DAS UNIDADES QUANDO DA CHEGADA AO BRASIL

Em aviso 217-185, Reservado, de 6-VII-45, o Exmo. Snr. General Ministro da Guerra determinou que as Unidades da F.E.B. ficassem, desde sua chegada ao Rio de Janeiro, subordinadas ao General Comandante da 1ª R.M..

Era a ordem, dada na ocasião oportuna, visando a dissolução gradativa da F.E.B. depois de ter cumprido brilhantemente sua missão nos campos de batalha de além-mar.

Desta maneira, à proporção que chegavam à Capital da República, as unidades que se cobriram de glórias na defesa do Brasil, tomavam novos destinos, no retorno às atividades de tempo de paz.

A desincorporação, a adaptação de algumas a novas finalidades, as transferências de séde, se processaram já na subordinação de autoridades outras que não o Comandante da Fôrça Expedicionária Brasileira.

Assim, em território nacional, restrito exclusivamente ao seu Quartel General, tomou o Cmt. da F.E.B. as medidas necessárias para, pouco a pouco, à proporção que iam terminando seus trabalhos, fossem seus elementos constitutivos sendo dissolvidos. As Secções do E.M. Geral e Especial, e os Serviços prepararam seus relatórios, organizaram e recolheram seus arquívos, completando suas atividades e tomaram, também, novos destinos na reintegração da F.E.B. no âmbito do Exército.

Recebidos de todas as unidades, Secções do E.M. e Serviços os relatórios relativos à Campanha da Itália, manteve êste Comando, como seu auxiliar direto para a confecção do relatório final da F.E.B. e de seu histórico, a Secção Especial do Comando, grupo reduzido de oficiais que, terminando êste último capítulo da Fôrça Expedicionária Brasileira, também se encaminharão a novas funções na definitiva e total reintegração daquela fôrça ao Exército de paz da nossa Pátria, cujo renome soube elevar, e para cujo progresso procurou cooperar na assimilação e difusão dos ensinamentos adquiridos em Campanha.

Marc

FUNCIONAMENTO DOS ORGÃOS SUBORDINADOS

1 - PRELIMINARES

2 - INFANTARIA DIVISIONÁRIA

3 - ARTILHARIA DIVISIONÁRIA

4 - QUARTEL GENERAL DA 1ª D. I. E.

5 - ORGÃOS NÃO DIVISIONÁRIOS

6 - SECÇÃO ESPECIAL DO COMANDO

V

FUNCIONAMENTO DOS ORGÃOS SUBORDINADOS

1 - PRELIMINARES

As variadas atribuições do Comando do 1º Escalão da Fôrça Expedicionária Brasileira no Teatro de Operações da Itália permitiram uma apreciação dos nossos diferentes orgãos que, estendendo-se desde as primeiras linhas, iam até o porto de NAPOLES, numa intrincada rede de ação, perfeitamente entrozada no sistema aí adotado pelo Comando Aliado do Mediterrâneo.

Em capítulo especial serão expostas as relações de serviço da F. E. B. com os diversos escalões das Fôrças Aliadas, que tinham o seu Quartel General instalado em CASERTA, no antigo palácio dos reis de NÁPOLES e onde, anteriormente, funcionava a Real Escola de Aeronáutica italiana.

Os comentários que se seguem visam dar uma idéia do modo pelo qual agiram os orgãos brasileiros durante a campanha, das evoluções sofridas por imposição do serviço e da necessidade, ou não, do aproveitamento da sua constituição entre nós, atendendo que o efetivo adotado tinha por base a organização americana.

As funções conjuntas de Cmt. do 1º Escalão da F.E.B. e da 1ª D.I.E., levaram o Comando, para facilidade de administração, a reunir os elementos da retaguarda sob uma só direção, com a designação, a principio, de Secção Brasileira de Base, depois, Inspetoria Geral e, por fim, Orgãos Não Divisionários.

Outro orgão que o Comando teve de criar, devido a sua dupla função, foi a Secção Especial, que também será estudada num capítulo a parte.

A 1ª D.I.E., integrando o IV Corpo de Exército, do Comando do Major General WILLYS D. CRITTENBERGER, fazia parte do V Exército, sucessivamente comandado, durante nossas atividades na campanha, pelos Tenentes Generais MARK CLARK e LUCIEN TRUSCOTT.

Apreciemos, então, de início, a atuação dos elementos propriamente da Divisão, para depois relatarmos os dos Orgãos Não Divisionários.

2 - INFANTARIA DIVISIONÁRIA

A Campanha da Itália veio demonstrar a inconveniência da existência do Comando de I.D. numa Divisão de Infantaria.

Na Divisão americana não existe êsse órgão de comando, que de certo modo perturba a ação do Cmt. Divisionário.

A nossa D.I.E. incluiu na sua organização o comando de I.D. com o seu Quartel General, o seu Estado-Maior, bem como o seu Boletim de Ordens.

Pretendeu o Divisionário brasileiro, durante a Campanha, dar atribuições de sub-cmt. da Divisão ao Cmt. da I.D., mas infelizmente não conseguiu realizar essa medida de tanto interêsse para a marcha das operações, bem como para a disciplina e a instrução da tropa.

A nossa D.I.E. executou, de fato, a sua organização própria, caracterizada pelo comando da I.D., diferindo portanto da organização americana que não cogita de tal comando e institui, com vantagem, a função de sub-cmt. da Divisão (executivo) exercida por um General de Brigada.

De acôrdo com as Instruções que regulavam o exercício do comando da I.D. na nossa D.I.E., o Comando da Divisão, durante as operações de combate, comandava diretamente os seus R.I., com a assistência do General Cmt. da I.D., que, por diversas vezes, recebia encargos de comando em determinada zona de ataque ou de defesa e missão de cmt. de destacamento em situações particulares.

A adoção da organização americana para a nossa Divisão de Infantaria seria de grande vantagem, na paz ou na guerra, porque, por essa organização, desaparece o Cmt. da I. D., com o seu Q.G., o seu E. M. e o seu Boletim, que constituem um mecanismo pesado e às vezes supérfluo , uma vez que, nos casos normais de combate é o próprio Divisionário com o seu E.M. quem comanda diretamente a tropa, cabendo ao General de Brigada o simples papel de seu assistente (redundando no que é prescrito como definitivo na organização americana); mas surgiria, entretanto, o General sub-cmt. da Divisão, com as suas atribuições definidas de secundar a ação do Cmt. Divisionário, de substituí-lo no seu impedimento temporário ou definitivo, com conhecimento perfeito da situação e de receber na guerra encargos de comandos de ataque, de defesa ou de destacamento.

Em tempo de paz, o General sub-cmt. da Divisão facilitaria a função do Cmt. da Região Militar, porque poderia tomar a si a instrução e o preparo da tropa para o combate, mas para isso seria necessária uma convivência muito estreita entre esses dois Chefes, que so po

deriam se entender dentro de uma perfeita disciplina intelectual, tão rara entre generais.

3 - ARTILHARIA DIVISIONÁRIA

As observações feitas quanto à I. D., não se enquadram para o caso da Artilharia Divisionária.

O emprêgo em massa da artilharia, como nos ataques a MONTE CASTELLO, CASTELNUOVO e MONTESE, exige a reunião sob um comando único, com um E.M. para o acionamento e ajustagem dos seus meios. O mesmo sucederia, se tivessemos que repelir ações ofensivas inimigas em larga frente, ao enves das ações locais e de pequena monta sôbre quarteirões ou sub-setores isolados, em que os tiros do Grupo designado para o apôio foram suficientes.

Não podemos pois prescindir do escalão A.D. e a composição adotada pelos americanos ao seu Q.G. satisfaz plenamente às missões atribuidas em campanha.

Uma das inovações da presente guerra em matéria de emprêgo de artilharia foi a utilização dos pequenos aviões de observação, que a dotação americana considera integrantes dos Grupos e que nós reunimos e centralizamos na A.D., com a criação de uma sub-unidade chamada: Esquadrilha de Ligação e Observação.

No período de condições atmosféricas desfavoráveis - neve e cerração - foi pequeno o auxilio que pôde prestar. Desde, porém que elas melhoraram, continuamente os "Teco-Teco" alçaram vôo e foram êles que permitiram a execução das regulações, o contrôle da eficácia, os tiros de destruição, a descoberta de objetivos, etc., uma vez que não dispunhamos de P.O. com vistas para o interior das posições inimigas. Já na fase do aproveitamento do êxito e da perseguição, com a acentuação da fraqueza áerea adversária, completaram sua ação com a "vigilância do campo de batalha", executando penetrações profundas, assinalando destruições, movimento de colunas, etc..

A 2ª Secção do E.M. da A.D. teve necessidade de criar secção de contra-morteiro, para repelir as ações maciças e precisas dessa arma, que os alemães manejavam com rara habilidade sôbre nossos infantes. As informações colhidas por ocasião de seus tiros, quanto ao calibre do projétil, direção de onde pareciam provir, área atingida e danos causados, eram recobertas pela fotografia aérea para localização definitiva de suas posições, que recebiam, então, o castigo merecido, calando de uma vez. O V Exército aprovou a idéia, que, agora, é apresentada, podendo ser discutida a maneira de organizar essa ação, centralizando-a na A.D. ou dela se encarregando o binário Grupo - R.I..

A A. D. cumpriu integralmente sua missão na guerra, como está narrado no relato das principais operações da "Campanha da Itália", como reconhecem os nossos aliados e como atestam as impressões deixadas pelos prisioneiros em seus depoimentos.

Em plena fase da perseguição, quando a A.D. imobiliza os seus canhões, é o seu Comando e o E.M. que vão acionar os caminhões para o transporte da Infantaria, afim de que seja possível acompanhar de perto o inimigo em fuga, dando, assim, mais uma prova do espirito de cooperação e de elevada noção de cumprimento do dever, que fazem jús aos melhores louvores.

4 - QUARTEL GENERAL DA 1ª D. I. E.

A organização americana que adotamos inteiramente introduziu sensíveis alterações na extrutura do nosso tipo de Quartel General, dividindo-o em dois grupos distintos: o Estado Maior Geral e o Estado Maior Especial.

Naquele estão incluidas as quatro clássicas secções, com atribuições semelhantes e do conhecimento de todos.

O Estado Maior Especial reúne os diversos orgãos de execução que habitualmente chamamos Serviços, acrescido, porém de alguns outros novos, absolutamente necessários e motivo de uma apreciação que adiante faremos.

O mecanismo de seu funcionamento não chegou a atingir a perfeição, pelos reflexos trazidos da composição anterior, origem natural de vícios não de todo prejudiciais, mas inconvenientes à correta ajustagem que deve existir.

A principio, na fase de organização ainda no Brasil, faltavam os regulamentos americanos, devidamente traduzidos, para que o Q. G. trabalhasse segundo as normas de sua nova constituição. Seus elementos agiam como autômatos dentro de um campo de ação indefinido, cujos limites não eram logo percebidos, confundindo-se, em consequência, as atribuições.

Posteriormente, à medida que os horizontes eram aclarados, o rítmo da engrenagem foi se normalizando, as fronteiras e as responsabilidades se definindo. Aos poucos adquirimos a mentalidade desejada e, no final da campanha, vivíamos à vontade dentro do ambiente, com ligeiros senões de menor importância.

A organização americana está sancionada pela guerra e a ela devemos nos aproximar o mais possível, ou então copiá-la inteiramente.

Seus ricos efetivos são fruto, sem dúvida, de uma especialização em grande escala, a que ainda não chegamos, mas de que não podemos fugir. Precisamos, antes de mais nada, abandonar as contrações de efetivos, de graves prejuizos para a eficiência da administração e da fiscalização que se exige do Comando, ainda responsável pela instrução e disciplina de sua tropa.

Para o efetivo de paz, naturalmente que os quadros devem ser reduzidos, porém sem se desprezar o rendimento do serviço e os princípios que regularam a constituição dos mesmos.

Os orgãos propriamente técnicos, que de perto orientam o preparo das unidades, têm que se libertar da burocracia pesada e plena de sutileza como a nossa, sem o que não é possivel cumprir sua principal tarefa - a instrução.

Estas palavras não são suficientes para defender os princípios que regem a organização adotada pela F.E.B., nem é esta a intenção do presente Relatório, mas surgem naturalmente quando entramos em considerações sôbre o funcionamento do Q.G. da Divisão.

Compõe-se o Quartel General, como anteriormente foi dito, do Estado Maior Geral e do Estado Maior Especial, assim constituidos:

Estado Maior Geral:

- Chefia do Estado Maior
- 1ª Secção (G 1)
- 2ª Secção (G 2)
- 3ª Secção (G 3)
- 4ª Secção (G 4)

Estado Maior Especial:

- Ajudância Geral
- Secção de Inspeção
- Serviço de Intendência
- Serviço de Fundos
- Serviço de Material Bélico
- Serviço de Engenharia
- Serviço de Transmissões
- Serviço de Saúde
- Serviço de Guerra Química
- Serviço Especial
- Serviço de Policia
- Serviço de Justiça
- Serviço Religioso
- Comando do Q.G.

A seguir, serão analizados, em traços gerais, êsses diversos orgãos.

A - ESTADO MAIOR GERAL

a - Chefia do Estado Maior

O Relatório especial da Chefia dá uma idéia de como foram articuladas as Secções do E.M. e, por intermédio delas, os res-

pectivos Serviços, desde o período de organização da Divisão no Brasil às diversas fases da campanha na Itália.

Por intermédio dos três Oficiais de Ligação, manteve estreito contato com as G.U. vizinhas e com o Comando superior, havendo mesmo fases em que, inteligentemente lançados pela Chefia do E. M., puderam prestar relevantes serviços para o sucesso das operações.

Uma assistência desvelada ao Comando foi sempre mantida e nos momentos mais cruciantes da campanha, a Chefia do Estado Maior soube estar atenta e vigilante para conseguir o equilíbrio das ações, indispensável ao perfeito sincronismo que deve exigir em tão intrincado orgão de uma Divisão. Cabe-lhe, assim, uma grande parte nos êxitos que alcançamos.

Durante a capitulação da 148ª D.I. alemã, sua tarefa passou por uma fase bem saliente, enfrentando um serviço completamente novo, cujo esfôrço ultrapassou as nossas reais possibilidades, mas que pôde ser concluido, sem prejuizo das operações nas demais frentes. É um episódio sem par em nossa história, cujos principais capítulos, desde os entendimentos com os parlamentares até a apreensão de copiodo material de guerra e da reunião dos milhares de prisioneiros, estão intimamente ligados as ações da Chefia do E.M..

A divisão de atribuições entre as quatro Secções do Estado Maior permitiu uma separação nítida e eficiente das funções a cargo do Comando.

As 2ª e 3ª Secções tiveram as suas vistas sempre voltadas para a frente, observando o inimigo, concluindo das suas possibilidades e tendeências e agindo em fôrça contra as suas ações ou contra o seu dispositivo, para levar a luta ao seu bom termo.

As 1ª e 4ª Secções, sempre voltadas para a retaguarda, agiram, no sentido dos combates, completando os efetivos, aparelhando, alimentando e preservando a saúde , recreando o espírito e repousando o corpo do combatente, enfim, tornando-o materialmente dotado, fisicamente forte e moralmente robustecido para enfrentar a peleja nas melhores condições possíveis.

É necessário que a autoridade dirigente de um conjunto tão complexo e de atividades tão variadas disponha de orgãos, dentro de seu Estado Maior, perfeitamente imbuidos do espírito do Chefe responsável por todas as ações em curso e inteiramente conhecedores dos mistéres de suas obrigações.

Para isso, há necessidade imprescindível de se considerar, rigorosamente, a escolha daqueles que deverão desempenhar tais funções, os poderes de cada um, revelado desde os bancos da Escola do Estado Maior e no cumprimento de funções, em trabalhos porteriores.

No momento da ação, não é possível que se vá tatear na complexidade dos problemas, atrasando ou perturbando a resultante das atividades de um Estado Maior, pelo mau funcionamento de elementos desambientados das atribuições que lhes foram conferidas.

Os regulamentos para funcionamento de Estados Maiores, como tambem dos Serviços, deverão detalhar convenientemente, não só o seu mecanismo, como tudo que se prende à boa marcha dos trabalhos, nas suas menores partes e nos seus mais simples meandros.

O Estado Maior da Divisão, apesar de alguns desajustamentos que teve no transcurso da sua vida, correspondeu às necessidades da grande Unidade, e as inovações impostas pela organização americana não prejudicou suas atividades.

A Chefia, como responsável pela coordenação de todos os elementos que o compõem, soube articular as secções, assistindo o Comando, a tropa e o desenvolvimento das operações, sem pender para o exagero e sem fugir às ideias de manobra concebidas e postas em execução.

A melhor referência ao seu trabalho está no comentário insuspeito do General WOOTEN, Comandante do Teatro de Operações do Atlântico Sul, quando expressou a opinião dos Chefes americanos na Itália, com as seguintes palavras:

"O Estado Maior da Divisão Brasileira trabalha tão bem como os melhores que existam".

b - <u>1ª Secção (Q 1)</u>

Sem embargo do precioso relatório da Secção, deseja o Comando salientar as principais atribuições de reflexo direto na eficiência da Divisão e o modo como foram tratados os assuntos. Dentre êles se distingue pela magnitude o do recompletamento de efetivos que constitui um capítulo a parte das Apreciações Gerais.

As necessidades de efetivos não se limitaram às questões de recompletamento. A situação especial da Divisão, em vasta frente, com deveres para com a retaguarda, uma vez que sob o aspecto pessoal não teria que contar senão com os meios brasileiros, obrigou o Comando a majorar certos orgãos do Q.G. e, mesmo, os corpos de tropa. A majoração de efetivos era mandada adotar em carater

provisorio, ao mesmo tempo que se comunicava ao Ministro da Guerra, pedindo aprovação. Todas elas foram devidamente ratificadas.

Outra questão de grande importância afeta ao G1, foi a manutenção da moral do combatente, problema ligado intimamente aos Serviços Especial e Religioso, como veremos em apreciação especial. As promoções, citações de combate, férias e diversões constituiram permamente preocupação e foram geridas por normas dicisivas para a seleção dos verdadeiros valores e para uma distribuição de quotas nos hoteis e nos principais centros de repouso, de modo que a totalidade da Divisão gozasse dess e descanso reparador, sábiamente criado pela mentalidade evoluida do Exército americano.

Deixando de parte as relações da 1ª Secção com a Policia Militar e com a Inspeção Geral, suas relações com os prisioneiros de guerra, seus importantes trabalhos de registo de mortos e extraviados e, ainda, o bem organizado e produtivo serviço interno da secção, apontaremos outros aspectos salientes de suas atividades, como o acantonamento da tropa e os entendimentos com as autoridades civis.

O serviço de acantonamentos só foi realmente organizado a partir da atuação integral da Divisão, na região de PORRETA TERME. Antes, quando só atuava o Destacamento F.E.B., tal questão era resolvida diretamente pelos elementos que necessitavam alojamento.

Prevendo e reservando locais indispensáveis ao estacionamento da Divisão e de elementos de escalões superiores estranjeiros; mantendo-os em perfeitas condições de habitabilidade; resguardando-os de ações capazes de lhes alterar o aproveitamento e impedindo depredações ou ocupação indevida, a 1ª Secção procurou, dentro de firme orientação, atender às necessidades militares com o mínimo de exigência e de restrições à vida normal das cidades ou povoados, sem impor aos civis maiores e mais duras contingências.

Com o auxílio e colaboração dos Govêrnos Civil e Militar da região, eram os edifícios ou locais necessários solicitados regularmente e marcados com uma etiqueta especial pregada à porta principal. A 1ª Secção foi o único orgão autorizado a fazer tais solicitações; para tal sempre esteve em condições de, a qualquer hora do dia ou da noite, atender aos pedidos dos elementos brasileiros, americanos, ingleses e italianos que desejavam instalações para seus estacionamentos. Para que tudo se processasse em ordem e a tempo, os locais disponíveis dentro da "Área Brasileira" eram devidamente registados nas plantas das cidades, com anotações das datas

de entrada e saída da tropa. Quando a área era abandonada pela F. E. B., as plantas, com todos os dados informativos, seguiam para o IV Corpo, a fim de permitir a continuidade do trabalho.

Foi estabelecida a seguinte preferência para ocupação de prédios: em primeiro logar, os edifícios públicos salvo aqueles excluidos de utilização por instruções do V Exército (museus, arquivos, igrejas, bibliotecas, obras de arte); depois, os particulares, como hoteis, depósitos, fabricas inativas; só em último extremo, as residências de civis. Nestas, sempre se reservava cômodos para a assistência plena dos seus próprios bens. Sómente em casos restritos e excepcionais de exigências militares inadiáveis, houve necessidade de absoluta ocupação integral de edifícios de residência de civis; e mesmo assim, além de proporcionar outro local provisório de moradia, o Comando providenciava a transferência das pessoas e dos pertences.

Os locais de estacionamento de tropa, continuamente inspecionados pela 1ª Secção, eram mantidos em satisfatórias condições de higiene.

Com a Ofensiva da Primavera, quando os deslocamentos no âmbito da D.I. se processavam muito rapidamente, não foi possivel fazer o mesmo controle dos acantonamentos , que ficavam, então, reduzidos ao Q.G. e a certos orgãos de serviço. As Unidades, obedecidas as ordens gerais relativas, cuidavam dos seus próprios estacionamentos, dentro da zona imposta pelo Comando.

Após 2 de maio, data da terminação das operações, com a tropa estendida na região de PIACENZA - ALESSANDRIA - VALENZA, voltou a Secção às atividades sôbre o conjunto, sendo o último elemento a deixar a cidade de ALESSANDRIA, só o fazendo quando entregou ao Comando da Divisão Italiana Cremona todos os locais anteriormente ocupados por brasileiros.

Capturando MONTESE, passando por VIGNOLA e progredindo até TURIM por PIACENZA e ALESSANDRIA, a Divisão Brasileira impôs a ordem e instalou govêrnos civis em todas as cidades libertadas, em uma extensão de três centenas de quilômetros. ZOCCA, SASSUOLO, MARAGNELO, SCANDIANO, QUATRO CASTELLA, MONTECCHIO, FIDENZA, VOGHERA, TORTONA e muitas outras tiveram seus govêrnos organizados em moldes democráticos,assumindo o govêrno militar aliado de todas elas o oficial de assuntos civis junto à F.E.B., designado pelo IV Corpo.

Juntando-se ainda as continuadas inspeções dos oficiais à extrema linha de frente, para, em contato com os soldados, ver-lhe

as necessidades e sondar-lhes as disposições para a luta; as constantes visitas aos hospitais para elevar o moral dos feridos, transmitindo-lhes palavras de confôrto e exaltação, em nome do Comando; a preocupação em fazer normal e regular o funcionamento da correspondência; a fiscalização de acantonamentos e propostas de medidas visando a higiene do combatente; o controle diário dos efetivos, ter-se-á uma noção do vulto de trabalho de uma 1ª Secção em campanha. Mais no exterior, que na comodidade do Q.G., os oficiais exercem sua atividade. A 1ª Secção se compenetrou da sua tarefa nestes moldes.

Convêm frisar aqui, que os regulamentos americanos retiram da 1ª Secção, atribuindo à Ajudância Geral, todo o mecanismo burocrático que já nos habituamos ver com aquela, o que lhe permite, assim, cumprir cabalmente suas relevantes funções em campanha, com um efetivo reduzido.

e - <u>2ª Seccão (G 2)</u>

Na sua faina diária de determinar a verdadeira situação do inimigo, coletando e selecionando os dados, estudando suas ações e lançando-se à busca de informações, a 2ª Secção do E.M. esmerou-se a fundo para bem esclarecer o Comando e concluir das características e possibilidades do adversário.

Os vastos recursos de que dispunha foram sempre inteligentemente aproveitados.

Quando da entrada em linha de toda a D.I.E. no vale do RENO, soube manter contato com os elementos da 1ª Divisão Blindada americana que substituíamos, para colher os necessários informes e acompanhar a evolução do inimigo.

Daí em diante até a vitoria final, esteve sempre alerta e, nas diversas fases que se sucederam, conhecendo as intenções do Comando elaborou os documentos indispensaveis que, integrando todas as informações disponíveis, provenientes de fontes terrestres (tropas em contato, agentes, patrulhas acionadas para captura de prisioneiros, etc.) ou ainda, da foto-informação, puderam delinear o quadro da situação:

- Qual o inimigo (natureza e valor dos meios)
- Onde está o inimigo (seu dispositivo, organizações defensivas, locais de tiro, desdobramento de sua artilharia).
- Possibilidades do inimigo (interessando o cumprimento da missão).

Antes de cada operação, foram elaborados "Estudos sôbre o terreno em poder do inimigo", sob o ponto de vista topo-tático e das organizações defensivas executadas pelo inimigo para defendê-lo. A Secção manteve sempre em dia um calco com os campos minados preparados pelo adversário.

Além desses trabalhos, outros de natureza bem importante foi realizado pela Secção, que permitiu, na maioria dos casos, levantar a ordem de batalha inimiga ou confirmar suspeitas neste particular, bem como colher informações as mais variadas e de grande valor para o desenrolar das operações. Trata-se do interrogatório de prisioneiros, que necessitou ser conduzido com certa habilidade para explorar ao maximo essa valiosa fonte de informações, principalmente por se tratar de elementos de um exército de obcecados pelo regime adotado em seu país. Os desertores é que falavam com mais facilidade, merecendo, por isso, mais crédito as informações que davam. Em nenhuma vez foi usada a violência para forçar declaração de prisioneiros, por não se coadunar com a nossa educação e mesmo porque era desaconselhado pelo Exército. Os prisioneiros, depois de interrogados, eram encaminhados ao V Exército, a quem competia reuní-los nos campos de concentração.

Diariamente, a Secção expedia um Boletim de Informações de carater secreto e distribuido pelas unidades da Divisão, no qual eram feitas observações sôbre o inimigo, como ordem de batalha, número de prisioneiros do periodo anterior, situação de sua artilharia e infantaria, tiros dirigidos contra nossas linhas, movimentos de viaturas, operações realizadas, etc..

Quando se estudam as atividades da 2ª Secção, não se deve deixar de fazer um comentário sôbre dois orgãos novos, ainda não aplicados em nosso Exército e cujos serviços foram de molde a merecer as mais lisongeiras referências pela relevância de sua conduta.

Tratam-se da Sub-Secção de Foto-Informação e da Sub-Secção de Contra-Informação, ambas subordinadas ao G 2 pela própria natureza de seus trabalhos.

A Sub-Secção de Foto-Informação, a cargo de dois oficiais que se especializaram em cursos americanos, pôde bem locar abrigos, tiros, sapas, trincheiras e demais organizações estabelecidas pelo inimigo, permitindo:

- Uma impressão segura sôbre o valor defensivo dos objetivos a atacar com conclusões táticas de interêsse capital para a manobra ofensiva a montar.

- localizar com precisão e obter os dados necessários à uma perfeita designação dos mesmos à Artilharia.

Informações, às vezes imprecisas, obtidas por patrulhas, eram quasi sempre "recobertas" pela Foto-Informação, que fornecia todos os elementos para sua designação como objetivo para a Artilharia, dando as coordenadas decámetricas dos mesmos.

A Sub-Secção de Contra-Informação (S.C.I.) teve a seu cargo o contrôle de todos os elementos que atravessavam nossas linhas, vindos do lado alemão, o que era comunissimo nesta guerra, alem de busca e apreensão dos agentes de espionagem inimiga.

Não se podia impedir que os italianos refugiados na área alemã voltassem ás suas cidades, de onde se afastaram quando a luta se aproximava. Passando nossas linhas, tinham que ser interrogados e revistados, pois não se conheciam suas intenções. Nesses milhares de pessoas refugiadas foi possível capturar 17 agentes e internar outras 63 por suspeitas.

Além disso, o S.C.I. lançava agentes seus para as linhas alemãs em busca de informações, utilizando, às vezes, o pombo correio para a remessa de suas observações na retaguarda inimiga. Outros foram e retornaram, trazendo sempre preciosos dados que puderam ser explorados com sucesso.

Fica aqui registrado todo o nosso apreço pelos inestimáveis serviços prestados por êsses abnegados auxiliares italianos.

O S.C.I. foi chefiado durante as operações por oficiais brasileiros.

d - 3ª Secção (G 3)

Sem dúvida alguma, coube à 3ª Secção a missão mais árdua e de maior responsabilidade de todo o E.M., desde o inicio de nossa preparação no Brasil.

Dentro dos recuros que então dispúnhamos em material, com o tempo escasso e contando ainda com as dificuldades de uma organização lenta e defeituosa, orientou a instrução da tropa de maneira objetiva e pratica, segundo os processos americanos. Na Itália, em plena campanha, não cessou o cuidado pelo aperfeiçoamento da tropa e dos seus quadros e, sempre que possível, os nossos oficiais e sargentos frequentaram cursos especializados nas escolas americanas e diretrizes foram expedidas visando o aproveitamento do tempo disponível para determinadas intruções, como patrulhas, exercícios

com refletores, etc., além de demonstrações de novos armamentos e conferências sôbre o combate ofensivo.

O trabalho, porém, de maior envergadura e que constitui a razão de ser da Secção em campanha é o estudo das operações. Neste particular, como nos demais, esteve à altura de suas responsabilidades, esmerando-se sempre por propor ao Comando as soluções mais oportunas, dentro das missões conferidas pelo IV Corpo de Exército. Apesar dos insucessos que inicialmente sofremos, o seu moral não abateu, e deles soube colher os devidos ensinamentos e bem avaliar da capacidade de reação do inimigo. Jamais perdeu a confiança no valor do soldado brasileiro.

Os momentos críticos sempre encontraram um representante da 3ª Secção junto à tropa, fosse uma substituição, um reconhecimento ou uma ação ofensiva, levando assim, o estímulo ao combatente e a assistência técnica para a operação planizada. É um processo que merece ser ressaltado pela influência com que atua no ânimo do executante. Sua ação não se circunscreveu ao confôrto de uma sala de Q.G., foi mais além, sentindo e convivendo com os elementos empenhados em linha, para bem julgar de suas possibilidades e transmitir-lhes o pensamento do Comando. Em íntima ligação com os S3 (oficiais de operações) dos Corpos, pôde acompanhar de perto as evoluções da frente, dosar as reações, orientar as ações das patrulhas e avaliar suas informações. Construiu, assim, um acentuado prestígio no seio da tropa.

Os sucessos da Divisão Brasileira estão, assim, ligados intimamente aos trabalhos da 3ª Secção do E.M..

As Ordens Gerais de Operações e as Ordens Particulares de Operações do Comando foram aí organizadas.

Os seus Boletins de Informações diariamente registravam os principais acontecimentos da jornada anterior, constituindo o seu arquivo um soberbo repositório para os que desejarem estudar as minúcias da atuação da 1ª D.I.E. na campanha da Itália.

O efetivo americano prevê, apenas, um Adjunto para a Secção, mas suas múltiplas obrigações forçaram, ainda no Brasil, o acréscimo de mais um. Posteriormente, já no Teatro de Operações, foi preciso reforçá-la de outros auxiliares, inclusive para atender a necessidade de manter próximo à frente alguns oficiais estagiários chegados com os 4º e 5º escalçoes da F.E.B..

As atribuições da 3ª Secção são bem definidas nos regula-

mentos adotados e, para o caso brasileiro, se formos aceitar o efetivo americano, talvez tivessemos que acrescer mais um adjunto, mesmo na paz, para melhor atender os vastos territórios de nossas Regiões Militares, onde as guarnições se diluem e necessitam ter sempre uma maior assistência por parte do Comando sob o ponto de vista da instrução e do preparo para a guerra.

e - 4ª Secção (S/4)

A evolução natural dos afazeres da 4ª Secção exigiu que seu efetivo fosse gradativamente aumentado, passando de 1 chefe, 2 adjuntos e 5 praças no Brasil a 1 chefe, 8 adjuntos e 10 praças no final das operações.

Durante a fase de nossa organização, ficou a seu cargo o planejamento do uniforme da F.E.B., a fixação das dotações, a padronização, a embalagem e o embarque do material, o preparo do transporte dos escalões de tropa, por iniciativa própria , ou em intima ligação com as Diretorias provedoras, com o Estado Maior Especial e com as autoridades americanas no Rio.

Em campanha, vimos a 4ª Secção se desdobrar em atividades, acionando os seis Serviços - Intendência, Saúde, Material Bélico, Engenharia, Transmissões e Guerra Química, na parte que diz respeito aos suprimentos; entrando em ligação e atendendo as necessidades constantes das Unidades, por intermédio dos S/4; organizando e dirigindo os transportes, através da sua "Sub-Secção de Tráfego"; regulando as questões de trânsito, e com a Policia Militar, controlando a circulação nas estradas do setor da Divisão; colaborando diretamente nas operações em curso e projetando medidas para as ações futuras; em estreito contato com os Orgãos Americanos de Suprimento e 4ªs Secções do IV Corpo e V Exército, solucionando todos os problemas surgidos ; enfim, trabalhando intimamente com os Serviços de Intendência, Material Bélico e Saúde, cujo emprêgo sorreu diretamente por sua conta.

A própria organização da 4ª Secção, nos moldes americanos, decorre das suas incumbências, muito mais amplas que as atribuições normalmente prescritas na regulamentação brasileira.

A sua interferência direta no equipamento e suprimento de material de toda espécie, fixando novas dotações, alterando quantidades existentes; agindo sôbre os Corpos, por intermédio das suas sub-unidades de Serviço e deixando de lado a praxe dos "canais com-

petentes" a ingerência ativa e pronta sôbre os transportes, lançando mão de todas as viaturas da Divisão, com uma autoridade fora dos nossos moldes comuns; o emprêgo da Polícia Militar na orientação do trafego e na fiscalização repressiva das medidas relativas à circulação, foram adotadas com real proveito na movimentação e vida da retaguarda, tirando dos Comandos da D.I. e dos Corpos a preocupação do aparelhamento e da manutenção do estado combativo da tropa.

No regresso da F.E.B. ao Brasil, ainda foi a 4ª Secção, ampliada com novos orgãos, que tomou a seu cargo o recolhimento, recompletamento, embalagem e embarque de todo o material da tropa brasileira, num tempo relativamente curto e com resultados os mais favoráveis, que vieram pôr em evidência a inteligência, o interesse e a faculdade de adaptação do nosso homem a quaisquer funções que se lhes possam atribuir.

Para atender situações especiais, a Secção acionou duas Companhias de cargueiros (Salmerie), do Real Exército Italiano, com 800 homens e 320 muares. A topografia da zona de operações e o estado precário da rede de estradas, impôs o emprêgo de mulas de carga para servir aos elementos de primeira linha. Foi um auxílio de grande valia na época das chuvas, no periodo da neve e, mesmo, nos tempos normais, quando o "Jeep" não podia levar o seu concurso à tropa empenhada. Essas Unidades italianas, diretamente ligadas à sorte de nossas fôrças, tambem sofreram as oscilações e as consequências dos combates, perdendo homens, sacrificando animais e mantendo o seu moral dentro do mesmo ambiente de sentimentos da tropa brasileira.

Uma 4ª Secção em funcionamento, quando se trata de operações de guerra, precisa dispor de efetivo capaz de cumprir, a qualquer hora, as funções que lhe são atribuidas. Além do mais, precisa que seus oficiais conheçam bem o mecanismo de todos os seis Serviços provedores principais. Como se isso ainda não bastasse, convem acrescentar que um oficial de 4ª Secção deve ser munido de uma grande calma e bom humor e de certo espírito de renúncia, para bem comprender o estado de alma dos que estão agindo sob a pressão dos acontecimentos e, por isso mesmo, muita vez, fora do seu estado normal de julgador imparcial e tolerante.

B - ESTADO MAIOR ESPECIAL

a - Ajudância Geral

A Ajudância Geral surgiu com a organização americana mandada adotar para a 1ª D. I. E. e veio desempenhar um papel importantissimo, desobrigando a Chefia do E.M. e a 1ª Secção de uma série de encargos, facultando-lhes o emprêgo de suas atividades em benefício exclusivo das operações. A ela coube toda a correspondência oficial, com exceção da referente a ordens e instruções de combate.

Trata-se de uma inovação que aprovou inteiramente e que merece ser introduzida nos nossos Q.G. pela maneira por que simplifica as tarefas dos Chefes do E.M. e da 1ª Secção, encarregando-se de toda a estafante burocracia.

A princípio, como era natural, não teve necessário desenvolvimento, mas, pouco a pouco, compreendido o seu funcionamento e perdidos os vícios de nosso antigo sistema, passou a atender inteiramente suas finalidades, mesmo com os acréscimos de encargos oriundos de servir, também,todo o 1º Escalão da F.E.B. e não só à Divisão como era previsto. Ao término das operações, a Ajudância Geral já atingira uma perfeita estruturação, acorde com os imperativos a que se destinava.

Como um escalão pesado, integrou sempre o Q.G. Recuado e essa sua localização dificultou, em parte, o serviço e os entendimentos com as Unidades e com os orgãos da retaguarda, como, por exemplo, o Depósito de Pessoal.

Sua constituição, já com a ampliação consequente de sua ação sobre todo o 1º Escalão da F.E.B., compreendeu a Chefia, com uma secretaría, tres divisões, abreviadamente chamadas D 1, D 2 e D 3 e uma Secção Postal.

Os trabalhos da Secretaría foram avultados, sendo necessária a criação de uma equipe de tradutores, com o objetivo de se fazer a divulgação, em Boletins e circulares, das diretrizes, instruções, partes de transgressões e outros documentos expedidos por autoridades americanas. Competia à Secretaría a confecção de ofícios, memorandos (sigilosos e ostensivos) radiogramas e teletipos, atingindo, durante sua existência, um total aproximado de 7.000 documentos.

A D1 tinha o encargo de preparar os Boletins internos (reservados e ostensivos), de confeccionar as alterações dos oficiais, de manter em dia o fichario índice dos boletins e de organizar o arquivo da Ajudância.

A simples enumeração dos encargos da D2 demonstra cabalmente a sua importância na vida administrativa da tropa brasileira, em campanha, assim:

- Contrôle númerico dos efetivos através quadros e mapas.
- Contrôle númerico e nominal dos efetivos, pelo fichário geral.
- Contrôle número e nominal dos mortos.
- Contrôle número e nominal dos extraviados.
- Contrôle número e nominal dos evacuados.
- Contrôle número e nominal dos feridos e acidentados em ação.
- Contrôle do movimento de baixas e altas dos hospitais.
- Contrôle dos sentenciados.
- Contrôle do resultado de inspeção de saúde.
- Confecção de Boletins reservados sôbre mortos, extraviados, feridos e acidentados em ação.
- Contrôle e remessa de relatorio de sepultamento, certificado de enterro e espólio.
- Transferência de praças hospitalizadas há mais de 15 dias (das Unidades para o Depósito).
- Trabalhos próprios de secretaría : Comunicação sôbre mortos, feridos ou acidentados, evacuados, extraviados, (radiogramas e ofícios).
- Confecção de placas de identificação.
- Serviço de identificação.

O fichário da F.E.B. prestou relevantes serviços, identificando praças, facilitando a distribuição de cartas e telegramas de endereços errados, acompanhando a vida do homem a ponto de ajudar a Unidade que, às vezes, ignorava o seu paradeiro e controlando perfeitamente o efetivo da tropa. Organizado quando da confecção da placa de identidade, compreendia o fichário nominal e o número.

No próprio Teatro de Operações o serviço de identificação prosseguiu, uma vez que centenas e centenas de soldados embarcaram nos 4º e 5º Escalões sem as respectivas placas e dados o que constituiu uma falta imperdoável. Em vez de educarmos o homem no uso da placa de identidade, elemento indispensável na guerra, embarcâmo-lo sem ela, assoberbando o serviço dos orgãos em operações e dificultando o contrôle do pessoal. Não se admite que, num Exército organizado, se permita, em plena guerra, a viagem de contingentes com centenas de homens não identificados e sem as respectivas placas.

Seria, até, de toda a conveniência que, mesmo na paz, os soldados usassem placas de identidade, pelo menos para criar o hábito. Nosso homem, de um modo geral, é desinteressado por êsse detalhe, o que trouxe inúmeras dificuldades em campanha. Perdiam as placas facilmente, porque não as penduravam ao pescoço, colocando-as no embornal, junto ás chaves ou canivetes, etc.. Muitos corpos só foram identificados pela impressão digital e outros foram sepultados com desconhecimento dos nomes. Uma prova do pouco zêlo nesse particular é que, só para um R.I., quando do regresso ao Brasil, a Ajudância teve que confeccionar 882 jogos de placas, ou seja 24% do seu efetivo.

Não há necessidade de descer aqui a maiores detalhes e, para uma apreciação melhor, deve ser consultado o Relatório da Ajudância Geral.

A D3 funcionava como protocolo, controlando os documentos recebidos e expedidos por intermédio de um fichário.

A Secção Postal é orgão estritamente divisionário, cabendo-lhe a coleta e distribuição da correspondência, depois acrescido com o serviço de telegramas e ligação com o Correio Regulador.

Estava dividida em Agências, de acôrdo com as necessidades da tropa, que se instalavam de preferência junto aos elementos de intendência encarregados do suprimento de víveres. Todos os esforços foram dispendidos para que os homens recebessem sua correspondência em dia, pois era de grande influência para o moral da tropa.

Em traços ligeiros, temos aí uma ideia do funcionamento da Ajudância Geral, cujos relevantes serviços na campanha da Itália são de molde a merecer as melhores referências.

b - Secção de Inspeção

Orgão inexistente em nosso Exército, porem normal no americano, onde funciona desde junto ao Ministério da Guerra e se ramifica pelos vários escalões de comando até o da Divisão.

É destinado sobretudo a constatar as deficiências e irregularidades decorrentes da falta de meios e o funcionamento dos Serviços, deficiências e irregularidades que, afetando a vida da tropa combatente, escapam às visitas e inspeções sempre de caráter geral dos Comandos.

A Secção de Inspeção da Divisão é encarregada também, da

parte disciplinar de uma maneira mais ampla.

Sendo um orgão novo não estava em nossos hábitos e exigiu certa habilidade por parte de seus chefes nas relações que teve com os vários comandos de Unidades.

Em plena campanha, foi determinado á Secção uma inspeção com o objetivo de conhecer as necessidades da tropa engajada, quanto a fardamento, alimentação e material de acampamento, visando sua eficiência durante o inverno.

O resultado dessa inspeção foi o conhecimento exato da deficiência dos uniformes e material proveniente do Serviço de Intendência brasileiro e as providências que puderam ser tomadas a tempo, com o fornecimento e distribuição dos artigos americanos, graças aos quais a nossa tropa pôde atravessar em boas condições de saúde o rigoroso inverno apenino.

A Secção de Inspeção da Divisão foi ainda encarregada dos casos de disciplina, apurando quais os de simples transgressão e os que exigiam abertura de inquérito; acompanhou o andamento dêstes e, depois de entregues, verificou se estavam corretos, em ordem e os estudou para orientar o Comando numa solução justa.

O seu chefe foi, ainda, um elemento de ligação entre a Justiça Militar e os Comandos de Unidades, para que os processos tivessem um andamento mais rápido.

As reclamações e queixas dos elementos civis eram igualmente recebidas pela Secção, que encaminhava ao Serviço de Reclamações dos E.E.U.U. os casos que lhe diziam respeito, solucionando os afetos à jurisdição brasileira.

Finalmente, depois de quebrada a resistência inimiga nos Apeninos, com a vinda de rápidos e constantes deslocamentos da D.I.E., foi-lhe atribuida a coleta de informações sôbre a existência de corpos, insepultos ou não, de nossos homens, a sua localização e providências para que fossem transportados e enterrados no cemitério de Pistoia.

A Secção de Inspeção é um orgão que pode aliviar o Comando de muitas preocupações, porem é indispensável que seja chefiada por oficial de absoluta confiança desse mesmo Comando.

A Secção funcionou, normalmente, junto ao Q.G. Recuado, mas, quando se tornou necessário, fez parte integrante do Q.G. Avançado.

c - Serviço de Intendência

A ação do Serviço de Intendência da 1ª D.I.E., durante a campanha, já foi estudada no presente Relatório dentro das diversas fases em que se dividiram as operações militares e segundo a maneira pela qual sua atuação influiu na vida administrativa das Unidades empenhadas.

São indispensaveis ainda alguns comentários à margem daqueles acontecimentos, para que melhor se julgue do seu valioso concurso para o sucesso das armas brasileiras na Itália.

O problema da alimentação, por exemplo, exigiu e mereceu sempre cuidados especiais, por isso que dele dependia, em grande parte, o êxito de nossas tropas.

Tinham os cozinheiros brasileiros ao seu dispor, em quantidade e qualidade, uma variedade de artigos de que lançar mão para confeccionarem uma alimentação agradavel e sadia.

O quasi completo desconhecimento do preparo dêsses artigos e, não raro, a dificuldade em lidar com a respectiva nomenclatura constante dos cardápios americanos, constituiam sérios entraves que redundava numa comida defeituosamente preparada.

O problema em si se resumia na confecção, o que fez o Serviço, com a colaboração de profissionais postos à disposição pelo IV Corpo, instituir um curso especial de cozinheiros.

Plenamente satisfatório foram os resultados dessa medida, que ofereceu, em pouco tempo, cêrca de 150 homens habilitados para todas as Unidades. Os cozinheiros, assim especializados, passaram a fornecer à tropa, nos diferentes escalões, uma alimentação primorosa e agradavel, de plena aceitação, passando a ração e o cardápio americano a serem bem recebidos.

A questão dos transportes mereceu tambem melhor atenção, particularmente no que se relacionou com os motoristas do próprio Serviço.

Provado em determinado momento que a maioria dos acidentes e das avarias decorriam da fraca formação dos motoristas e do quasi desconhecimento de manutenção, organizou a Companhia de Intendência um curso, destinado, não só ao aperfeiçoamento dos que se encontravam em serviço, como ao preparo de novos.

Êsse curso funcionou normalmente, produzindo resultados positivos, traduzidos na redução do número de caminhões indispo-

niveis que daí em diante passaram às oficinas da própria Companhia de Intendência ou às da Manutenção da D.I.E..

O resumo que se segue, dá bem uma ideia do vulto de transportes de tropa efetuados pela Companhia de Intendência nos primeiros meses da campanha do RENO, sem prejudicar o suprimento das Unidades.

- Do 2º Escalão da F.E.B., da área de estacionamento em PIZA para a de treinamento em FILETOLE (outubro de 1944).
- De elementos da D.I., do Vale do SERCCHIO para o do RENO, numa distancia de 120 quilômetros, durante três dias consecutivos (novembro de 1944).
- Do 1º R.I., da área de treinamento para a zona de combate no RENO (novembro de 1944).
- De vários Batalhões, de BORGO CAPAGNE, LUSTROLA e GRANAGLIONE para a linha de frente (novembro de 1944).
- De dois Batalhões do 6º R.I., da frente para BORGO CAPAGNE e PORRETA TERME (novembro e dezembro de 1944).
- Do III/11º R.I. e do II/1º R.I., de GRANAGLIONE e BORGO CAPAGNE para a linha de frente (segunda quinzena de dezembro de 1944).
- De quasi toda a tropa deslocada das posições para PORRETA TERME, salientando-se a do III/11º R.I. de SILLA para SARACA, em estrada completamente enfiada pelas vistas e fogos do inimigo (janeiro de 1945).

Por estes dados, pode-se julgar do intenso trabalho atribuido pelos caminhões da Companhia.

Coube, ainda, ao Serviço uma grande atividade durante a concentração da tropa em FRANCOLISE, assinalada pelo preparo do estacionamento, pelo reabastecimento, tambem, dos efetivos em VOGHERA e ALESSANDRIA e pelo recolhimento do material de intêndencia distribuido às Unidades e que se destinava aos orgãos de recuperação, brasileiros e americanos, para a devida embalagem e embarque.

A guerra moderna, na sua complexidade, salientou a necessidade da creação de um Serviço de Sepultamento, que viesse, de uma vez por todas, sanar os lamentaveis casos ocorridos nas anteriores, de verdadeiras hecatombes de epidemias mortíferas, ocasionadas em geral pela displicência com que eram tratados os cadaveres, conservados insepultos por muito tempo, além do descaso no registro e

identificação dos corpos, trazendo, como consequência, um elevado número de mortos desconhecidos.

Quando do emprego do Destacamento F.E.B., o Comando resolveu organizar um modesto serviço de Sepultamento, a cargo de um Pelotão retirado de diversas Companhias, constituido de elementos de boa vontade, porem sem conhecimento de tão humanitária tarefa. Paralelamente, no Brasil, era criado o Pelotão de Sepultamento (Aviso Reservado nº 333-229, de 4-VII-944), que, depois de aparelhado, seguiu, com os 2º e 3º Escalões, apontados na Itália em outubro do mesmo ano.

Absorvendo o Pelotão ali organizado e já conhecedor da técnica de sepultamento, em conseqüencia do estágio feito em Cemitério e Postos de Coleta americanos, entrou logo em função, desenvolvendo uma notável atuação.

Inicialmente, nossos mortos eram dados à sepultura no Cemitério civil de TARQUINIA e nos militares de FELONICA e VADA.

Esta era a situação até dezembro de 1944, quando, por proposta do Serviço de Intendência da D.I.E., foi instalado o Cemitério Militar Brasileiro de PISTOIA, sito à margem da estrada de CANDEGLIA, naquela cidade.

Dentre as providências determinadas e adotadas no sentido de ser o Cemitério convenientemente instalado, há a salientar as seguintes:

- Entendimento com o Comando do IV Corpo e com o Serviço de Sepultamento americano.
- Procura de um local adequado na região de PISTOIA.
- Entendimento com o proprietario do terreno.
- Legalização da ocupação.

Que comportaram diversas fases, como:

- Demarcação, drenagem e construção da cêrca em torno do terreno.
- Abertura das sepulturas
- Confecção de cruzes
- Instalação do necrotério
- Ajardinamento do terreno

No que concerne à administração, cabe aqui indicar os documentos principais que eram organizados pelo Serviço de Sepulta-

mento da D. I.:

- Atestado de óbitos
- Relatórios de sepultamento
- Inventários dos objetos deixados
- Certificados de enterramento
- Fichário do Cemitério, por quadras e sepulturas.

Documentação indispensavel para:

- Facilitar informações em qualquer tempo
- Constituir uma base de partida para o cálculo de pensões e montepio.
- Estatística
- Permitir a exhumação e a transladação dos restos mortais para o Brasil.

O Cemitério compreende quatro quadras para brasileiros e duas para o inimigo, devidamente demarcadas.

Hoje repousam, em PISTOIA, os corpos de 445 herois da F.E.B. e 8 da F. A. B., constituindo-se o Cemitério num ponto de visitação permamente da população civil que, com suas flores e orações, procura homenagear aqueles que tombaram pela libertação da Pátria italiana.

A missão do Pelotão era receber nos Postos de Coleta, os mortos evacuados pelas Unidades com os seus próprios meios. Entretanto, por falta de transporte ou porque o combate não permitia, o Pelotão adiantava-se no serviço, retirando os corpos do campo de batalha. Dêste modo, quando da conquista de MONTE CASTELLO, em 21 de fevereiro de 1945, recebeu o Pelotão ordem do Chefe do Serviço de Intendência, para proceder ao recolhimento de corpos de soldados brasileiros tombados nos combates anteriores e insepultos cêrca de dois meses.

Foi cumprida a missão, com grande dificuldade, pois muitos cadáveres estavam em completo estado de decomposição, e o inimigo castigava a região com pesado bombardeio de artilharia. O terreno, quasi totalmente minado, era limpo pela nossa Engenharia, e em diversos corpos foram encontrados "booby-traps", deshumanamente colocados pelos alemães. Foram, assim recolhidos 66 cadáveres, sendo que 20 do ataque recem findo.

Na região de MONTESE, o Pelotão retirou 222 corpos de soldados americanos que foram transportados para seu Cemitério e 40 corpos de alemães, êstes sepultados junto aos brasileiros em PIS

TOIA.

Reuniu, ainda, o Pelotão todos os 77 mortos brasileiros, enterrados nos Cemitérios americanos e civis, e os 11 sepultados pelo inimigo, perfazendo um total de 88 transladações.

Nenhum corpo baixou à sepultura em PISTOIA sem o devido cerimonial fúnebre e sem a encomendação feita pelo Capelão Militar pertencente ao Pelotão.

O terreno do Cemitério e casa destinada ao alojamento do pessoal incumbido à sua guarda, foram requisitados, por tempo indeterminado, por intermédio do Serviço de Engenharia do V Exército.

São, assim, resumidos os trabalhos do Serviço de Intendência da D.I.E.,ou por êle superivisionados,e que não tiveram oportunidade de ser tratados no capítulo destinado à Campanha da Itália.

d - Servico de Fundos

Durante a campanha, integrou o Q.G. Recuado da Divisão, acompanhando-o nos seus deslocamentos.

Criado pelo Decreto-Lei nº 6.463, de 2 de maio de 1944, teve sua organização assim estabelecida pelo art. 7º das instruções baixadas pela Portaria Ministerial nº 6.499, de 3 do mesmo mês e ano:

Carteira Administrativa, cumprindo:

- estudar os assuntos administrativos não compreendidos na Carteira de Vencimentos e Vantagens e preparar a respeito o expediente necessário;
- escriturar as alterações do pessoal do Serviço.

Carteira de Vencimentos e Vantagens devendo:

- fazer o contrôle prévio da contabilidade das folhas de pagamento de oficiais e aspirantes e das recapitulações das praças das Unidades;
- organizar a requisição geral de numerário, em face dos documentos citados na alínea anterior;
- preparar a discriminação das notas ou moedas em que o numerário deverá ser entregue, mediante nota discriminativa fornecida pelas unidades;
- organizar a prestação de contas de que trata a alínea 8, do art. 24, com a guia geral de recolhimento das

importâncias de vencimentos e vantagens recolhidas pelas unidades.

Caixa, cabendo:

- Receber os suprimentos de numerário destinados às unidades administrativas;
  efetuar os pagamentos aos tesoureiros dessas unidades;
- Fazer em livro próprio a escrituração dêsses recolhimentos e pagamentos.

Competia ainda ao Serviço de Fundos providenciar, no devido tempo, sôbre as prestações de contas das unidades, encaminhando-as à Pagadoria Fixa, no prazo de dez dias contados do seu recebimento, bem como possuir, devidamente atualizadas, toda a legislação referente a vencimentos e vantagens do pessoal.

O nosso mecanismo administrativo não se emquadrava perfeitamente na organização americana, por isso houve necessidade de uma legislação especial para o Serviço de Fundos e uma consequente alteração em seu efetivo.

Na previsão de serem enviadas outras divisões para além mar, foi tambem criada, pelo mesmo Decreto-Lei nº 6.463, uma Pagadoria Fixa, como orgão principal de provimento de numerário aos Serviços de Fundos das Divisões, do Serviço de Fundos da F.E.B. e seus elementos orgânicos, que tinham, entre suas finalidades, a incumbência de sacar da Agência do Banco do Brasil, instalada no Teatro de Operações, as importâncias necessárias ao pagamento dos vencimentos e vantagens dos oficiais, aspirantes e praças.

Aconteceu, então, que tínhamos dois elementos distintos para uma mesma finalidade: o saque de vencimentos. O Serviço de Fundos como intermediário entre a tropa e a Pagadoria, e esta entre aquele e a Agência do Banco do Brasil, impunham inutilmente o estágio de mais uma operação.

Para corrigir êste e outros senões que a prática veio apontar, foi que o Comando apresentou ao Exmo.Snr. Ministro da Guerra um projeto de Instruções para o Serviço de Fundos da F.E.B., fundindo em um só os dois orgãos, unificando e ampliando as atribuições. Até que fossem aprovadas as Instruções, foram baixadas regomendações especiais que visavam estabelecer a boa marcha, por ordem e eficiência na vida administrativa dos elementos em campanha.

Ao Serviço de Fundos coube sacar os vencimentos dos oficiais, enfermeiras e praças que serviam no Serviço de Saúde da F. E. B. e localizados na zona do V Exército, cabendo à Pagadoria idêntica atribuição para os que estavam em serviço na sua própria área, isto é LIVORNO.

No interêsse de regularizar a vida administrativa dos Corpos, o Serviço de Fundos adiantou-se, muitas vezes, orientando seus trabalhos, no louvável interêsse de colaborar e por bem compreender as dificuldades em que viviam em plena campanha, com elementos disseminados numa vasta frente e em constantes deslocamentos.

Coletou, tambem, as multas impostas pelo Comando aos infratores das regras de trânsito e as perdas de vencimentos por punições disciplinares, recolhendo as importâncias à Agência do Banco do Brasil, como "Fundo destinado às familias das praças falecidas em campanha", num total de CR$496.139,60 (quatrocentos e noventa e seis mil cento e trinta e nove cruzeiros e sessenta centavos).

Durante o periodo de permanência da F.E.B. na Itália, o Serviço de Fundos correspondeu inteiramente à sua finalidade, indo mesmo além das atribuições normais, impondo-se como uma máquina administrativa em ajustado funcionamento e de contrôle correto, inspirando confiança pela ordem e disciplina em seus trabalhos.

Junto ao Serviço de Fundos, funcionou a Tesouraria do Quartel General da 1ª D.I.E., conforme determinou o Boletim interno nº 6, de 29-VII-944.

Entretanto, em virtude da organização constante do tempo de paz que lhe regula as atividades, a Tesouraria do Q,G. continuou os seus trabalhos no Teatro de Operações, adaptando-se às novas contingências de guerra, sem contudo se afastar muito da legislação anterior, por não ter se criado um novo instrumento regulador dos seus encargos em campanha. Desse modo, as três funções de Agente Diretor, Fiscal Administrativo e Tescureiro foram mantidas e nenhuma interferência teve o Serviço de Fundos sôbre o desenvolvimento dos seus trabalhos, a não ser os que por sua função, lhe eram atribuidos, isto é, a conferência e o pagamento das folhas de vencimentos e o recebimento dos respectivos comprovantes dessas folhas.

Assim, quanto aos suprimentos de numerário sôbre a rúbrica "material", a Tesouraria do Q.G. fazia os saques diretamente à Pagadoria Fixa e a essa repartição remetia os balancetes comprobatórios das despesas realizadas.

A Tesouraria do Q.G. teve funções outras que excederam aos seus encargos normais, quando o Comando resolveu atribuir-lhe o suprimento de numerários para fazer face às necessidades materiais das Unidades Administrativas . Isto resultou num vultoso aumento dos seus trabalhos, pois teve de fazer o exame dos balancetes "Material" das diversas Unidades da Divisão e dos Orgãos da F.E.B..

Merece a Tesouraria do Q.G. um registro especial pela correção e ordem que soube imprimir aos encargos que lhe foram atribuidos.

e - Serviço de Material Bélico

As atividades do Serviço de Material Bélico já foram, de um modo geral, estudadas sob o titulo "Campanha da Itália",em diversas fases das operações.

Agora,será feito, apenas, um relato sumário do papel que coube ao seu orgão de execução, a Companhia de Manutenção, sem dúvida um fator de realce nos nossos sucessos em campanha.

A falta de qualidades técnicas e disciplinares dos motoristas e mesmo de muitos oficiais responsáveis pelas viaturas das unidades teriam levado a 1ª D.I.E. a um fatal fracasso, se não houvesse um orgão bem constituido e bem dirigido que, sem desfalecimento, arcasse com os pesados encargos de sanar erros e de solucionar situações embaraçosas.

Organizada e constituida nos moldes americanos, inclusive o sistema de escrituração e fichários para contrôle de sua parte técnica e do material a elas pertencentes, mereceu sempre da parte dos seus chefes e das autoridades americanas os melhores encômicos.

Houve falhas no recrutamento e convocação dos seus reservistas especializados, tanto assim que, embarcando com o 1º Escalão para a Europa, não teve o seu efetivo completo e, por êsse motivo, os seus operários em além-mar foram sacrificados, com serviço redobrado pela inexperiência de muitos e dos claros existentes. Graças, porem, à ação dos seus oficiais, todos

êsses senões foram sanados em um reajustamento , depois de submetidos os homens a uma constante prática nas especialidades para que foram convocados.

O nosso soldado é pouco cuidadoso com o material que lhe é confiado. Redobraram-se na Itália as atividades do Material Bélico na distribuição farta e exaustiva de diretivas e instruções sôbre o funcionamento, trato e conservação do material além de repetidas inspeções em grande parte inopinadas.

Um fato interessante convém registrar, como advertência, pois que muito depõe contra os que têm responsabilidade no bom estado do material.

Certa Unidade recolheu doze fuzis automáticos à Cia. porque estavam defeituosos e reclamou substituição urgente dada a iminência de uma operação. Removida a sujeira encontrada , voltaram a funcionar perfeitamente. Na ocasião em que os operários procediam a limpeza, o Chefe do S.M.B. do IV Corpo, em inspeção à Cia. interpelou-os a respeito e, esclarecido do que se passava, não pôde calar a sua impressão: "os brasileiros não gostavam ou não sabiam limpar os seus fuzis!".

Quanto aos veículos, a repercussão seria maior se o Comando não tomasse medidas severas de repressão, como multas aos infratores, contrôle rigoroso da manutenção, com registro e fiscalizações contínuas, etc..

Outro abuso excessivo foi verificado no que se refere ao extravio ou inutilização do material, uma vez que, pelas normas americanas, a substituição era automatica com a apresentação do certificado passado pela Unidade. O volume dos pedidos excedia aos estoques da Cia., dando lugar a outras requisições aos depósitos americanos. Em alguns Corpos, constatou-se até que o pedido feito para uma sub-unidade podia ser satisfeito com o excesso existente em outra. Vício adquirido no Brasil, onde se assistem oficiais prestigiosos conseguirem abundante quantidade de material para sua Unidade, superior mesmo à dotação, em detrimento de outras, que se veem assim, prejudicadas, apezar de integrarem o mesmo Exército. Rigorosas normas foram estabelecidas para coibir essas faltas.

O material de limpeza e de lubrificação foi fornecido em dia, tendo mesmo a Cia. o cuidado de notificar diretamente a Unidade da quantidade que tinha à sua disposição.

O volume dos serviços realizados na Cia. de Manutenção,

nos seus Pelotões de Armamento e Automóvel, é, sem exagêro, grandioso, como atestam os dados estatísticos dos Relatórios de Serviço , da 4ª Secção do E. M. e da Cia., o que seria estafante repetir aqui.

É digno de menção ressaltar a colaboração da 101ª Cia. de Manutenção Média americana, que, concorrendo com a nossa Cia., contribuiu inestimavelmente para a eficiência da 1ª D.I.E..

Uma das obrigações atribuidas ainda à Cia. de Manutenção foi a marcação de todas as viaturas da Divisão. No Brasil, a Diretoria de Moto-Mecanização estabelecera um código especial para cada corpo de tropa e estipulara, como distintivo identificador, a estrela verde e amarela, usada pelos veículos do Exército.

Chegada a tropa à Itália, verificou-se não ser possivel por em prática o estabelecido pela D.M.M., porque seria introduzir mais um código, além do já usado para o correio e para a bagagem, bem como havia dificuldade de encontrar tinta de côres azul, verde e amarela, além do tempo perdido para a pintura de mais de 1.600 viaturas da F.E.B.. Foi, então, adotado o próprio código em uso nas Unidades e a estrela substituida por uma coroa branca tendo no centro, na mesma cor, as cinco estrelas do Cruzeiro do Sul.

Êsse distintivo foi pintado nas capotas dos motores, em tamanho grande; em tamanho médio nos dois lados dos carros e na parte trazeira dos caminhões e Sedans e, em ponto pequeno, nos parachoques dianteiros de todos os veículos. Submetidos o código e o distintivo ao V Exército foram êles aprovados, depois de consultada a aviação.

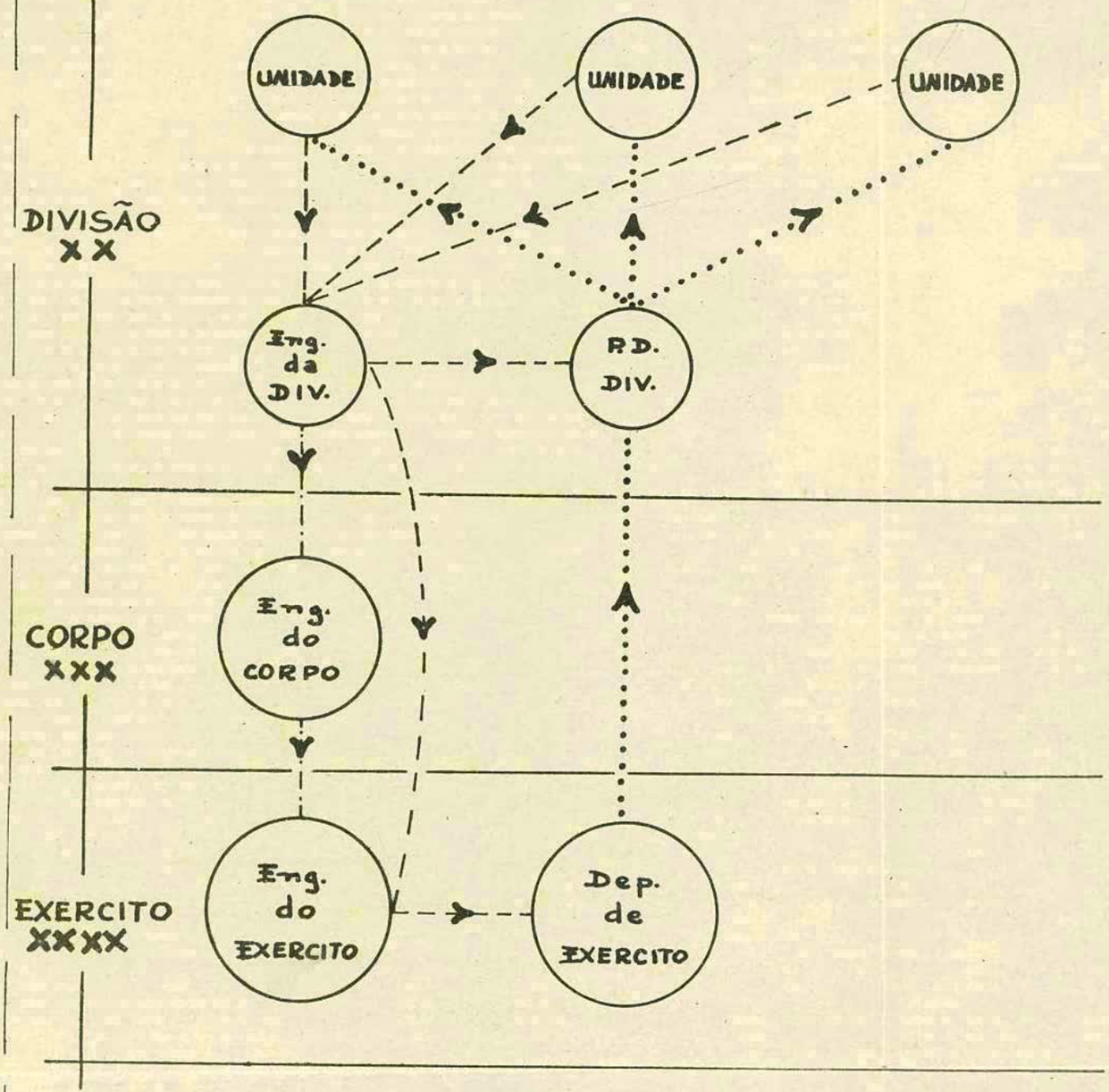
f - <u>Servico de Engenharia</u>

Pelo estudo da "Campanha da Itália" tivemos uma idéia do funcionamento do Serviço de Engenharia no setor da Divisão e as suas principais atividades em favor das operações.

Como a organização americana estabelece um mecanismo de trabalho diferente do que habitualmente usamos, vejamos, em linhas gerais, sua articulação, recordando ainda seu valiosíssimo concurso no desenrolar das ações de combate.

O Chefe do Serviço, também comandante do 9º B.E., desempenhou sua missão de conselheiro do Comando e do Estado Maior da

ESQUEMA INDICANDO O MECANISMO DO SUPRIMENTO DO MATERIAL DE ENGENHARIA



LEGENDA

— — — PEDIDOS.

— • — PEDIDOS DE MATERIAL CUJO CRÉDITO NÃO TINHA SIDO AINDA ABERTO.

• • • • SUPRIMENTOS.

A. Silva
Rte Ten.

D. I. em assuntos de engenharia, utilizando como fonte de informações os reconhecimentos gerais e especializados em número de 49, realizando uns pessoalmente e outros por intermedio de seus auxiliares técnicos.

Permanentemente no Q.G. Avançado da Divisão estava a Secção de Engenharia, dirigida pelo Adjunto do Serviço, sendo orgão de execução o próprio Batalhão.

Na função de suprir os Corpos do material especializado, teve o B.E. que constituir Pontos de Distribuição (P.D.), formados por elementos da Secção de Suprimentos da Companhia de Comando e Serviços, sob a direção imediata do S/4 da Unidade, transformando-se algumas vezes, em verdadeiros Depósitos Divisionários, dado o desenvolvimento que tomava. Pelo esquema que se segue está explicado o mecanismo de suprimento durante a campanha, vindo as unidades interessadas apanhar no P.D., com seus próprios meios, o material pedido, o que só não acontecia quando um Regimento ocupava quarteirões afastados entre si, caso em que os elementos do Serviço iam então até as vizinhanças das posições.

Entre o material suprido pelo Serviço estão os mapas, fornecidos em grande profusão durante a campanha pelo S/2 do B. E. e cuja distribuição foi sujeita às informações prestadas pelo G2 da Divisão das possíveis zonas de operações. Na fase ofensiva, dada a rapidez do movimento, o Serviço teve necessidade de montar um depósito de cartas em caminhões e constituir um ponto de distribuição suplementar junto ao seu Adjunto, sempre que o ponto normal estava afastado da frente.

Além das tarefas ligadas imediatamente às operações (acompanhamento ao combate, colocação de minas na frente das posições de infantaria, etc.) a Engenharia da Divisão manteve brilhante desempenho nos trabalhos concernentes às comunicações, destruições, abastecimento dágua, instalação de unidades de banho, etc., já especificados anteriormente, que recomendam exemplarmente os engenheiros do Brasil e lhe asseguram um lugar de merecido destaque na história escrita pela F.E.B. na campanha da Itália.

g - <u>Serviço de Transmissões</u>

A pesada e nobilitante incumbência de estabelecer as comunicações em campanha, realizada, com elevado espírito de co-

laboração e destacada noção do cumprimento do dever, pelo Serviço de Transmissões da 1ª D.I.E., já foi pálidamente descrita nas diversas fases das operações, e, agora, cumpre apreciar a organização que lhe foi imposta, modificando sua estrutura inicial, e comentar de um modo rápido sua eficiente ação.

Com a entrada da Divisão em linha, surgiram enormes dificuldades consequentes de vários fatores, principalmente por sermos uma Grande Unidade brasileira integrada num Corpo de Exército Americano, onde a diferença de linguas implicaria em muitos embaraços e por termos obrigações com os elementos de retaguarda pertencentes ao 1º Escalão da F.E.B., caso único no Teatro de Operações da Itália.

Foram, então, tomadas as seguintes medidas que facilitaram extraordinariamente as nossas atividades:

- Criação pelo V Exército de um destacamento de Transmissões, composto de pessoal americano com conhecimento da lingua portuguesa, que, bem equipado, passou à disposição do S. Trns. da 1ª D.I.E., com a missão de:
  - estabelecer contato direto do Comando brasileiro com o Comando Superior;
  - traduzir e verter, do inglês para o português e vice-versa, sómente os documentos sôbre as operações militares;
  - instalar, manter e explorar todas as agências e os meios de transmissões, fazendo conexão do sistema brasileiro com o norte-americano do IV Corpo e do V Exército.
- Criação pelo Comando da 1ª D.I.E. dos seguintes novos orgãos:
  - depósito de material de transmissões, dado o vulto do movimento atingido pelos elementos de retaguarda; as Divisões americanas só dispõem de um ponto de distribuição, o que aliás é muito prático, uma vez que os depósitos de Exército (o Corpo, como unidade tática, não fornece material) não ficam localizados em locais distantes;
  - grupos de tradutores, para suprir as necessidades de tradução e versão, funcionando junto ao Centro de Mensagens americanos;
  - Serviço Rádio da F.E.B. (circuito Brasil-Itália),

criado para manter a ligação com o Ministério da Guerra, no Rio.

Montado o Serviço dessa maneira, ficamos inteiramente habilitados a cumprir com segurança as múltiplas atribuições impostas pelas circunstâncias de comandar toda a tropa brasileira do Teatro de Operações, num meio estranho e sem perder a indispensável ligação com a alta administração da Guerra.

Pelo que foi dado observar na Itália, a organização das transmissões na Divisão tipo americano apresenta uma flexibidade que atende perfeitamente às exigências em campanha, mas que reclama um acúmulo de funções de responsabilidade para um mesmo soldado especialista, para o qual, infelizmente, ainda não estamos preparados, pela deficiência física, moral e intelectual do nosso homem, que não puderam ser superados pelo seu entusiâmo sadio e pela exata compreensão dos seus deveres. Por exemplo, dificilmente encontramos um rádio-operador que possa ser, também, um bom motorista, um atirador ou um mineiro.

Esta situação impôs um acréscimo de efetivo em todas as unidades, porque o previsto pela dotação não permitia o rendimento desejado.

O recrutamento do pessoal atingiu, na preparação da F.E.B., a um extremo inacreditável. Houve necessidade de se vir buscar o homem na oficina em que trabalhava, forçando o patrão a fornecer os dados necessários para sua imediata convocação, às vezes casado e com a idade superior ao limite fixado. Assim, foi possível preencher algumas das muitas vagas existentes nas transmissões dos Corpos, mas não se conseguiu impedir ainda o embarque com sérios claros nas suas fileiras. Os 4º e 5º Escalões que levaram os contingentes do Depósito de Pessoal não possuiam siquer um rádio-operador ou um mecânico de rádio em condições, pois não havia mais onde tirar.

E, em plena campanha, vimos, por vezes, o 9º B.E. e o 1º B. S. paralizar suas redes rádio, por falta de radio-operadores capazes.

Que nos sirvam de ensinamentos o que acima é apontado. Olhemos com mais carinho a formação de nosso especialista de transmissões, para que o processo de recrutamento seja mais perfeito.

O orgão de execução do Serviço, a Companhia de Transmissões, esteve sempre à altura de suas responsabilidades, flexível

na organização e eficiente no desempenho de suas funções. O relatório do próprio serviço fez uma análise perfeita do seu emprego e articulação nas diferêntes fases da campanha, devendo ser lido e meditado pelos estudiosos do assunto e pelos que têm obrigações definidas, como chefes militares.

O desenvolvimento atingido pelas Transmissões na última guerra reclama maior atenção para sua organização futura, afim de que possa desempenhar o verdadeiro papel que lhe cabe no exercicio de um comando em operações.

Tendemos para a especialização e, dentro desta, avulta, pela sua importância e variedade de funções, a que se prende aos orgãos de transmissões. Não podemos fugir às imposições do progresso. Devemos nos adiantar aos problemas da evolução e resolvê-los com inteligência e vistas largas, principalmente quando já temos experiência própria e exemplos marcantes em outros povos.

A independência das Transmissões é um deles. Marchamos para êsse desiderato, como consequência lógica do alto grau atingido no seu emprêgo. Só com liberdade de ação e sob a direção de chefes capazes, profundos conhecedores de seus segredos e cônscios de suas responsabilidades as Transmissões terão em nosso Exército a eficiência desejada e por todos reconhecida.

h - Serviço de Saúde

A organização americana demonstrou-se capaz de permitir aos diversos elementos do Serviço de Saúde, quer regimentais, quer divisionários, o cabal desempenho de suas primordiais missões em campanha. A conservação dos efetivos, pela preservação da saúde da tropa e pela recuperação das perdas - saúde, atingiu um nível elevadíssimo, procurando, até certo ponto compensar a ação do inimigo.

Acompanhamos sua ação junto à tropa no desenrolar das operações e vimos como se articulou o 1º Batalhão de Saúde, seu orgão de execução. Em traços gerais, recapitulemos a assistência médica dada aos Corpos.

A preservação da saúde da tropa, com o emprêgo de medidas higieno-profiláticas pôde ser assegurada, não havendo, durante toda a campanha, um único surto epidêmico em toda a Divisão.

Houve cinco casos de meningite cérebro-espinhal, dos quais um fatal e quatro curados facilmente, e dois de infecção tifoidica, imediatamente debelados.

O fornecimento de meios de campanha higiênica de rotina, como: comprimidos de Atebrina, inseto-repelente, pó inseticida, sacos de javel, empolas de hipocloreto de cálcio, cresol, pó DDT, etc., foi entregue ao Serviço de Intendência , que se aproveitou da cadeia normal de distribuição de rações, o que facilitou de muito a entrega dos mesmos produtos às Unidades e Sub Unidades.

Por outro lado, as vacinações feitas com absoluto rigor isolaram a tropa das endemias regionais e das epidemias mais comuns em campanha.

Estacionando em zonas altamente malarígenas, vivendo em regiões onde havia epidemias de febre tifoide, acampando em zona que recentemente sofrera uma grande epidemia de tifo exantemático, batalhando na falda marítima, nos vales dos rios, nas montanhas, sob o calor intenso, debaixo do frio rigoroso do inverno apenino, a tropa da Divisão passou, incólume dos males que outrora dizimavam os exércitos em luta.

A imunização rigorosamente ativa e a execução integral de simples e eficientes medidas higiênicas, sob a responsabilidade dos comandos, preservaram a saúde da nossa tropa.

Como exceção, surge o elevado número de venéreos com que a Divisão manchou os seus limpos mapas estatísticos sanitários mensais. Todas as cidades da Itália em que operavam as tropas aliadas estavam aparelhadas, pelos seus Postos de Profilaxia ante-venérea, a prevenirem o soldado contra o contágio sexual. O Serviço de Saúde permaneceu sempre equipado para a proteção do homem, mantendo Postos aparelhados, difundindo a necessidade da preservação individual, diluindo até as secções de Saúde de Batalhão a função de fornecimento de preventivos mecânicos e quimicos e a profilaxia naqueles locais. A coação, o castigo para que o homem se sentisse obrigado a procurar aqueles meios de proteção foram contra-producentes. Sente-se que o problema é uma questão de educação geral e não de medicina militar.

Quanto à recuperação dos efetivos, finalidade alcançada pela soma e entrosamento harmônico dos primeiros socorros, evacuação sob cuidados médicos, preparo do evacuado para novos lances , triagem, hospitalização e tratamento, ela se fez sentir

por altas cifras.

O primeiro socorro prestado pelos enfermeiros da Cia., acompanhando em todas as situações militares o Pelotão para o qual eram destacados, permitiu que êle chegasse ao ferido quase que imediatamente depois do ferimento, eliminando-se, assim, uma das causas mais frequentes do choque: a anemia aguda por hemorragia externa. O funcionamento dos P. S. D. e dos P. T. D. já foi estudado e a evacuação dos feridos para os hospitais de retaguarda analisado quando expusemos o trabalho do Serviço de Saúde da F.E.B..

Os padioleiros e os enfermeiros correram durante a campanha os mesmos riscos dos combatentes e quantas vezes abandonaram seus abrigos para, campo aberto, procederem ao recolhimento dos feridos, sem armas, confiados na proteção dos seus braçais de neutralidade, nem sempre respeitado pelo inimigo. O elevado número de perda dessas praças é um atestado de seu valor e despreocupação da própria segurança em proveito da abnegada missão em que se empenharam.

Com perícia, com abnegação, com denodo, o pessoal da Saúde permitiu, com sua ação, que o Serviço iniciasse e encerrasse a campanha dentro do cumprimento absoluto de suas missões, merecendo a confiança dos elementos de combate que contavam junto a si, em qualquer situação tática, com um socorro médico pronto e hábil, dedicado e eficiente.

1 - Serviço de Guerra Química

Integrou, na maioria das vezes o Q.G. Recuado, sendo que, quando a situação impunha, a Chefia se deslocava para o Escalão Avançado, afim de acompanhar de perto as operações que diziam respeito à sua especialidade.

O Serviço de Guerra Química, de acôrdo com a doutrina e regulamentos americanos, tem a seu cargo todos os assuntos concernentes ao emprêgo de tóxicos, incendiários e fumígenos, bem como o que diz respeito à proteção individual, coletiva e tática contra os agentes químicos de guerra. Abrangem assim suas atribuições todos os problemas de guerra química ligados à organização, instrução, operações e informações, além do suprimento, manutenção e recuperação do respectivo material.

Pela Diretiva nº 1, de 10-I-944, foi fixada a organização de pessoal do Serviço nos Corpos, com um oficial de guerra

química por unidade e sub-unidade, atribuindo-se a cada oficial uma turma composta de 2 sargentos, 1 cabo e 8 soldados. Todos êsses elementos não constam dos quadros de efetivos das Unidades, acumulando suas funções de guerra química com as normais que possuiam nos corpos.

A instrução na Divisão foi progressiva e começou com o preparo de instrutores e monitores, em curso dado no Centro de Instrução de Especialistas, na Vila Militar, sob a orientação da Chefia do Serviço. Conseguidos êsses, teve inicio a instrução especializada das unidades, cumprindo notar que algumas delas, por falta de tempo, não puderam completar os respectivos programas. Contudo, todas as unidades do 2º e 3º Escalões tiveram uma instrução satisfatória e passaram pela câmara de gás. O Depósito de Pessoal também instruiu eficientemente seu efetivo em guerra química.

Por não possuir unidades especializadas em seu efetivo, a Divisão teve que aceitar, durante as operações, o concurso da 179ª Companhia Química de Geradores de Fumaça e da Cia. A do 84º Batalhão de Morteiros Químicos, americanos, cuja valiosa contribuição já foi ressaltada no capítulo "Campanha da Itália".

Os oficiais de guerra química dos nossos Corpos, sempre que depararam com material especializado ínimigo, fizeram seus relatórios e enviaram as respectivas amostras das apreensões feitas . Apesar de não se ter encontrado material desconhecido, verificou-se que o inimigo dispunha de proteção idêntica à nossa, isto é, máscaras, coberturas, roupas e vários tipos de descontaminantes.

As unidades da Divisão foram supridas de todo o material de guerra química necessário para enfrentar - sem perda de eficiência - um primeiro ataque químico do inimigo, estavam preparadas para o uso de fumígenos e conheciam as principais normas de proteção coletiva e individual.

Além do material distribuido, dispunha-se de crédito, nos depósitos americanos, para material de maior vulto que só seria empregado após um desencadeamento de guerra tóxica.

A Divisão achava-se, pois, preparada para a guerra química, que, felizmente, não houve, mas quando se medita nas consequências que a mesma teria, achava-se digno de valor, o esfôrço e o enorme gasto despendido nas medidas preventivas tomadas.

j - Serviço Especial

Pela primeira vez organizado entre nós, o Serviço Especial, complexo pela sua natureza, destina-se a atender a tropa em tudo que afete o seu moral, desde a preparação psicológica até as suas necessidades de recuperação física nos campos de repouso. É entrosado com a 1ª Secção do E.M. nesta última parte, com a 2ª no que se refere ao alertamento contra a espionagem e fatores subversivos e com a 3ª na preparação moral dos homens, porque interfere com a instrução.

Dispondo inicialmente, pelo efetivo americano adotado, de apenas 2 oficiais e 6 praças, foi depois aumentado de 1 oficial e 22 praças, para atender as necessidades da sua organização e prevendo as dificuldades que surgiriam com o fato de constituir a 1ª D.I.E. uma tropa de nacionalidade diferente das dos outros exércitos.

Por outro lado, graves dificuldades foram enfrentadas no Brasil pela falta de verbas destinadas a êste Serviço. Todo o material esportivo e musical, bibliotecas, jogos de salão, etc., destinados a recreação, foram obtidos por doação de pessoas ou entidades particulares que atenderam, com alto espírito de colaboração, ao apêlo feito. Outro obstáculo vencido, ainda em nossa Pátria, foi a seleção de especialistas não previstos nos quadros normais, como linotipistas, tipógrafos, redatores, locutores, encarregados de espetáculos, artistas e outros, para constituirem o núcleo do Serviço no Teatro de Operações.

Os resultados durante a permanência em território estrangeiro foram além da espectativa.

Publicaram-se dois jornais, um mimeografado, o "Zé Carioca", boletim noticioso e diário, para distribuição dentro da D. I. E.; outro,o "Cruzeiro do Sul", impresso em FLORENÇA e bi-semanal, para circulação entre os orgãos divisionários. Tiveram larga difusão na tropa e foram quase as únicas fontes de notícias do Brasil e da guerra que os expedicionários tiveram a seu dispor.

Em FLORENÇA, durante a larga e exgotante fase em que as operações estiveram estabilizadas, foi organizado um centro de repouso, compreendendo um hotel e um club para oficiais, um hotel e restaurante para praças e um escritorio de informações.

A importância e utilidade dos centros de repouso, já sobejamente comprovados no Exército americano, foram por nós verificadas na experiência de quasi um ano de campanha. Os homens que permaneciam 3 ou 4 dias em FLORENÇA, dispondo de alojamentos bons, serviço de restaurante perfeito e diversões variadas, regressavam à frente com a melhor disposição e entusiasmo para enfrentar novo periodo de luta árdua. Após o encerramento das hostilidades, o Serviço Especial instalou clubes de oficiais e clubes de praças nas cidades em que as unidades estacionaram (ALESSANDRIA, STRADELLA, PIACENZA, VALENZA e BRONI), auxiliando com eficiência a manutenção da disciplina na fase em que se aguardava o embarque. Ainda no acampamento de FRANCOLISE, com auxilio do Serviço Especial da MTOUSA e do V Exército, proporcionou excursões, jogos esportivos e espetáculos.

No setor de espetáculos, o Serviço Especial da Divisão conseguiu constituir um grupo de artistas variados, com a colaboração da nossa Banda de Música na formação do "Jazz". O Exército Americano dispõe de Companhias de Serviço Especial para tal fim, além da organização das diversas chefias de Divisão, Corpos, Exército e MTOUSA, contando ainda com numerosos grupos de civís, dos mais afamados artistas, inteiramente à sua disposição. O Serviço Especial foi obrigado a selecionar os elementos das próprias unidades, utilizando-os quando a situação permitia. Conseguiu contudo organizar espetáculos na frente, na retaguarda e nos hospitais, proporcionando-os também aos americanos, com grande sucesso. A série de espetáculos realizada na zona de combate, vencendo as condições difíceis de terreno, mereceu um comunicado especial do Comando do V Exército, publicado e irradiado.

Nos esportes, a distribuição do material levado do Brasil e obtido dos americanos proporcionou horas de distração às unidades, quando em reserva. Foram realizados jogos de futebol contra esquadrões civís e militares em que fomos sempre vencedores. Da seleção do V Exército, vice-campeã do Teatro do Mediterrâneo, participaram 7 praças brasileiras.

A ação do Serviço Especial fez-se sentir mesmo na viagem dos diversos escalões para o Brasil. Durante a travessía, pequenos jornais, exibições cinematográficas e teatrais e outras diversões foram proporcionadas à tropa, merecendo elogios dos respectivos comandantes.

Em vista dos ótimos resultados alcançados pela ação do

Serviço Especial Brasileiro, recomenda-se o estudo da sua conservação, em moldes mais amplos, eliminada a dificuldade oriunda da sua não existência em escalões superiores.

Merece que se destaque também a ação do Serviço nas horas de combate, às vezes sob bombardeio inimigo. Os elementos do Serviço - oficiais e praças de que dispunha nas unidades - assistindo-os e orientando-os quanto ás aspirações e necessidades da tropa, informavam a Chefia do que ocorria e esta, com seus orgãos especializados, procurava o convívio das praças engajadas na frente, levando-lhes o confôrto moral. A distribuição de cerveja, coca-cola e chocolate, sob intenso bombardeio, em MONTESE, RANOCCHIO, ROCCA PITTICLIANA e outros pontos foi fator decisivo na conservação de um alto moral na tropa. Conseguiram-se ainda resultados admiráveis na recuperação dos homens esgotados: o espetáculo proporcionado às praças do III/6º R.I., logo após a sua permanência de terriveis dias de bombardeio em MONTESE, restituiu o bom humor e o entusiasmo a homens alterados pelo intensíssimo fogo e pela tensão exaustiva do combate.

Para que sua ação fosse a mais eficiente possível, o Serviço manteve a Chefia no Q.G. Avançado da Divisão e elementos no Recuado e nos centros de repouso.

k - <u>Serviço de Polícia</u>

A Polícia Militar, organizada nos moldes americanos com uma Chefia do Serviço e um orgão de execução, foi constituida de pessoal credenciado junto ao Comando para auxiliá-lo na execução das leis, regulamento e ordens.

Na guerra, as Unidades de Polícia Militar fazem parte das Divisões e das G.U. maiores. Constam dos planos de mobilização para as principais organizações territoriais. Normalmente o Batalhão é a maior Unidade de emprêgo, existindo ainda formações de típo especial, tais como as Campanhia de Escolta de Prisioneiros de Guerra, de Contrôle de Tráfego e Investigação Criminal.

Nos quadros de organização, prevêm-se Chefes de Polícia que fazem parte do Estado Maior do Comandante, nas Unidades Táticas, desde a Divisão até o Escalão Exército. Um oficial do Estado Maior é designado como Chefe de Polícia para auxiliar o Comando na supervisão e nas operações que se relacionem com os

assuntos de Polícia.

A Polícia Militar trabalha inteiramente ligada às diferentes Secções do Estado Maior, em virtude da natureza especializada de suas múltiplas e variadas atribuições, tais como:

- Guarda e evacuação de prisioneiros de guerra
- Captura de espiões e elementos suspeitos
- Captura de desertores e extraviados
- Evacuação de refugiados
- Organização, fiscalização e condução de comboios
- Guarda de pontes e balizamento de itinerários
- Contrôle do movimento da população civil
- Contrôle do tráfego na zona de combate
- Regime de luzes
- Contrôle de hora de recolhimento para militares e civis
- Manutenção da ordem e disciplina nas cidades
- Crime e atentados
- Informações diversas, inclusive sôbre tiros da artilharia inimiga, localização de P.C., etc.

A nossa Polícia Militar seguiu para o Teatro de Operações tendo, como orgão de execução, um Pelotão. Sua organização foi cercada dos maiores entraves pela impossibilidades de encontrar homens alfabetizados nos Corpos, com capacidade física especial, dotes morais reconhecidos durante o serviço militar ou por ações e exercicio de funções anteriores que os recomendassem. Foi quando veio a idéia de se aproveitar os elementos da Guarda Civil de São Paulo, corporação sempre distinguida e que, no momento, vibrava com o envio de uma Fôrça Expedicionária para a guerra. As atuações posteriores no Teatro de Operações confirmaram sobejamente a expectativa com que foram recebidos na F.E.B..

As atribuições que competiam ao Pelotão e já descritas, agravadas pelas grandes frentes e profundidade da F.E.B. que se extendia até o Depósito de Pessoal, acarretaram a transformação em Companhia de Polícia.

As atividades rotíneiras da Polícia Militar eram mensalmente expostas, em relatório, às autoridades americanas do IV Corpo e do V Exército e versavam principalmente sôbre:

- Localização e missão dos elementos de Polícia
- Especificação das transgressões constatadas
- Prisioneiros de guerra, elementos suspeitos e refugia-

dos em trânsito pela repartição e respectivos destinos
- Tráfego em seus diferentes aspectos (organização, contrôle e fiscalização)
- Itinerários e áreas policiais

Integrando o Q.G. Avançado da Divisão, executou os seguintes deslocamentos depois da entrada em linha de todas as Unidades:

PORRETA TERME	10-XI-944
VIDICIATICO	11-VII-945
GAGGIO MONTANO	8-IV-945
ZOCCA	22-IV-945
MONTECCHIO	27-IV-945
ALESSANDRIA	3-V-945
FRANCOLISE	24-VI-945

No vale do SERCCHIO, acompanhou sempre o Q.G. do Destacamento F.E.B..

Cumpre ainda salientar que um serviço para nós inteiramente novo e de natureza bastante complexa, interferindo em assuntos e zonas sob a influência de autoridades estrangeiras, jamais deixaram de merecer a confiança dos chefes e os aplausos de todos, dada a maneira altamente dignificante com que se souberam conduzir os seus elementos componentes, que tudo fizeram, sem medir esforços e sacrifícios, para bem cumprir a difícil missão que lhes tinha sido confiada.

1 - Serviço de Justiça

O Serviço de Justiça no Q.G. da Divisão foi instituido em face da organização americana mandada adotar para a F.E.B. Não cogitando satisfatoriamente a nossa legislação militar, então vigente, da organização da Justiça, do processo e da punição dos delinquentes, em tempo de guerra, o governo teve de introduzir nela radicais modificações, baixando diversas leis a respeito.

Assim, o Decreto-Lei nº 6.396, de 1-IV-944, organiza a Justiça Militar junto à F.E.B. e regulariza o seu funcionamento, havendo pouco antes promulgado o Código Penal Militar pelo Decreto-Lei nº 6.227, de 24 de janeiro do mesmo ano.

Anteriormente, já haviam sido tomadas outras medidas legislativas, suprindo a imperfeição e à deficiencia de nossas leis

de processo e penas de guerra, destacando-se dentre elas o Decreto-Lei nº 4.766, de 1-X-942, que, além de outras providências, define crimes militares e contra a segurança do Estado.

Em complemento ao decreto que organiza a Justiça Militar junto à F.E.B., criou o governo, pelo Decreto-Lei nº 6.509, de 18-V-944, alterado pelo 6.678, de 13-VII-944, um quadro especial de oficiais, na reserva de segunda classe do Exército, para juizes, membros do Ministério Público, advogados e escrivães da mesma Justiça.

Foram, então, cons ituidas duas Auditorias para funcionarem junto ao Q.G. da 1ª D.I.E. na campanha da Itália, compreendendo, cada uma, um auditor, um promotor, um advogado, um escrivão, um oficial de justiça e os escreventes necessários.

Ainda, como orgão de justiça, foi criado o Conselho Supremo de Justiça Militar, que merecerá uma referência especial no título "Apreciações Gerais".

Vigilante e inflexivel, imparcial e serena, meticulosa na elaboração processual, régida nos seus julgamentos e exata e exemplar nas suas sentenças, a nossa Justiça Militar concorreu eficientemente para que não se partissem os elos da disciplina e se não quebrasse a coesão moral da tropa que o Brasil mandou ao continente europeu, como legítima expessão do seu poder militar e como genuina representante dos principios jurídicos, secularmente esposados e defendidos pela sua nobre e invariavel política internacional.

Mais de 300 processos transitaram pelas duas auditorias, sendo 13 de oficiais, 206 de praças e civis, todos de forma ordinária e 63 de forma sumária de deserção. Foram, ainda, processadas 27 cartas precatórias expedidas do Brasil.

Pelo Decreto nº 20.082, de 3-XII-45, houve por bem o govêrno conceder indulto a oficiais, praças e civis, que fizeram parte integrante da F.E.B. ou a ela prestaram serviços, quando em operações na Itália, já condenados ou não, e cujos crimes não fossem de natureza infamantes, considerando o citado decreto, como tais, o homicídio doloso e a deserção para o inimigo.

O referido indulto em nada desmerece o inegavel serviço prestado pela nossa Justiça Militar na campanha, como o Comando da F.E.B. reconhece e sempre fez questão de destacar.

Concluidos, assim, os seus trabalhos, foram extintos os orgãos de Justiça Militar da F.E.B., conforme determinou o Decreto-Lei nº 8.443, de 25-XII-945.

m - Serviço Religioso

A assistência religiosa prestada pelos Capelães Militares na campanha da Itália justificam, plenamente, a criação dêsse Serviço, constante do efetivo americano adotado pela F.E.B..

Sua ação se fez sentir sob a orientação da 1ª Secção do E.M., tendo a Chefia do Serviço integrado sempre o Q.G. Recuado, de onde pôde acionar os Capelães dos Corpos, do Depósito de Pessoal, do Cemitério Militar e os que atendiam os Hospitais.

A finalidade do Serviço foi bem compreendida por todos, gozando os Capelães do máximo respeito na F.E.B. e merecendo suas iniciativas o indispensável acatamento dos chefes e oficiais. Foram encarados como colaboradores do Comando na elevação do nível moral da tropa, por meio de palestras, pelo interêsse do bem estar e do confôrto do soldado, principalmente dos doentes.

E a delicadeza dessa contribuição está em que nunca se transforme, como de fato não se transformou, numa catequese. Êste princípio deve ser observado, principalmente agora que acabamos de incorporar os Capelães ao Exército.

A permanência dos Capelães junto à tropa, convivendo intimamente com todos, participando dos alimentos, padecendo da inclemencia do tempo, arrostando iguais perigos, sempre com o ânimo forte, auscultando as consciências para aconselhar e guiar, alegrando-se nos momentos de prazer e consolando nas horas amargas da dor e da tristeza constituiu, sem dúvida, uma fonte segura para que bem se avaliasse do estado moral do nosso soldado, julgando-o melhor e melhor explorando os seus sentimentos.

E foi o que se verificou em campanha.

Num momento crítico das operações, após os insucessos de MONTE CASTELLO, (29 de novembro a 12 de dezembro de 1944), no rude inverno dos APENINOS, quando o prestígio da F.E.B. ainda vacilava, foi o Serviço Religioso uma das fontes a que o Comando recorreu para soerguer o moral do nosso soldado, incentivando-o para os momentos difíceis que ainda teríamos que enfrentar. Ao lado da ação do Serviço Especial, com seu programa de férias nos centros de repouso, o Serviço Religioso, articulado pela 1ª Secção do E.M., pôde prestar valiosa colaboração, assistindo com

frequência o expedicionário, com palavras amigas que tocavam ao fundo sua alma, recordando seus compromissos com a Pátria distante, escrevendo suas cartas para a família, levando o confôrto da fé, principalmente no periodo das festas do Natal, numa coordenação feliz e oportuna que semeou o ânimo forte com que chegamos à Ofensiva da Primavéra.

As visitas sucessivas aos baixados, auscultando e resolvendo suas necessidades, levando presentes úteis, facilitando a entrega da correspondência extraviada em consequência de seus novos destinos nos hospitais, transmitindo notícias dos antigos companheiros de luta, foram outro setor de suas atividades, tão nobre e proveitoso como os demais.

Mereceram os que tombaram o mesmo carinho, recebendo nas horas do sepultamento a devida assistência religiosa. Quando o número de Capelães permitiu, foi um designado para o Pelotão de Sepultamento e sem mistér extendeu-se até a identificação e reconhecimento dos corpos, numa expontânea e corajosa colaboração.

Sempre existiu a máxima harmonia entre nossos Capelães, que souberam estar a altura de sua dignificante missão, confundindo-se católicos e evangélicos no mesmo interêsse de bem servir à causa comum.

Da parte do V Exército e do IV Corpo recebeu o Serviço Religioso da F.E.B. todo o apôio e assistência, revelando-se os Capelães americanos perfeitos chefes militares para os nossos sacerdotes.

n - Comando do Quartel General

O Comando do Quartel General da D.I.E., na organização americana, é exercido comulativamente com o da Tropa Especial, que compreende:

- Destacamento de Saúde
- Companhia do Quartel General
- Companhia de Manutenção
- Companhia de Transmissões
- Pelotão de Polícia
- Banda de Música

Para maior facilidade da administração, foi criado o Destacamento do Q.G., com o pessoal das Chefias das Secções e Serviços, dentro das normas já em uso no nosso Exército.

Êsses dois Comandos numa só função apresentavam características especiais, uma vez que não havia pleno exercício das atividades militares - administração, disciplina, instrução e emprêgo - sôbre a totalidade da tropa ou elementos.

Sómente o Destacamento de Saúde e a Cia. do Q.G. recebiam integral impulso do Cmt. do Q.G.; os demais, e em maior número, se subordinavam em parte.

Êssas considerações servem, apenas, para salientar as dificuldades enfrentadas diante da inexperiência e da inoperosidade das normas administrativas brasileiras, diversas das americanas, e as consequentes medidas tomadas pelo Comando da Divisão para por em funcionamento o organismo, preenchendo todas as suas finalidades.

No periodo de organização e, depois, durante a campanha, alterações foram introduzidas, quer nos efetivos, quer nas normas iniciais, devido às exigências da nossa legislação e do desdobramento enorme dos orgãos divisionários para atender também ao Comando da F.E.B. com maior responsabilidade e maior área de açaõ.

A primeira alteração sofrida foi a de ordem administrativa, imposta pela necessidade de pagar fardas e alimentos, sanada imediatamente com a autonomia concedida ao Q.G. e às Companhias, acarretando, como consequência, a criação de tesourarias, almoxarifados e fiscalizações, com acrescimo nos efetivos de oficiais e praças. Ficaram, assim descentralizados os serviços de administração, com grande facilidade para a vida dessas Unidades.

A segunda dificuldade era a do desconhecimento dos limites disciplinares e emprêgo dos mesmos embora o senso militar estivesse a indicá-los.

Isso foi regulado em Boletim da Divisão, ficando o Comando Q.G. e Tropa Especial com atribuições disciplinares, de Comandante de Regimento, quanto à alimentação, saúde e alojamento de todos os elementos, sem prejuizo das de Comandantes de Corpos que tinham os Comandantes de Cias., de acôrdo com a autonomia administrativa concedida. Os Comandantes do Pelotão de Polícia, do Destacamento de Saúde e da Banda de Música foram, ao mesmo tempo, investidos de atribuições de Comandantes de Cias. enquadradas, administrados todos pela Cia. do Q.G..

O preparo do Pessoal do Q.G. se resumiu à instrução geral, higiene em campanha, tiro, conhecimento das regras de acam

pamento, das armas usadas, marchas e educação física.

Na Cia. do Q.G. teve a instrução um amplo desenvolvimento, compatível com as variadas especialidades de seus Pelotões. Assim, pode-se dizer que, além da instrução geral, educação física, tiro e armamento ministrada a toda a Cia., foram ensinadas e cuidadosamente revistas a direção e conservação de veículos, preparo de alimentação, conservação do material e emprêgo do seu Pelotão de Defesa.

Nas demais Cias. e elementos foram cuidadas particularmente suas especialidades, sempre acompanhados de uma instrução moral e geral muito intensa e interessadamente dada.

Foi intenso e trabalhoso para todos os orgãos de administração a preparação da tropa para embarque, porque medidas de saúde, instrução e educação se juntaram ás imposições do fardamento e dispersão dos respectivos estacionamentos.

Com a chegada do 1º Escalão à Itália apresentou-se a necessidade de manter a vida, por seus próprios meios, dos elementos do Q.G. que o constituiram, obrigando o Comando, dada a falta dos orgãos não embarcados, a improvisá-los, sob a direção da Ajudância Geral.

Foi, por isso, criado um Comando do Q.G., com almoxarifado e tesouraria, uma secção de cozinha e orgãos de transporte, graças ao qual pôde o Q.G. da Divisão ali concentrado viver e enfrentar as dificuldades iniciais.

Em outubro de 1944, chegando o restante da Divisão , foi enfim normalizada a vida administrativa do Quartel General.

As imposições de ordem tática determinaram o fracionamento do Q.G. em dois escalões, Avançado e Recuado, conforme se viu no estudo das operações.

O Q.G. Avançado teve a sua vida administrativa, no que diz respeito à alimentação e estacionamento, regulada pelo adjunto do Comando do Q.G..

Foi no Q.G. Recuado, como era natural, que se instalou a administração geral do Comando do Q.G..

Dêsse modo, verificou-se um aumento considerável em pessoal, sendo necessaário até a admissão de empregados civís,principalmente para trabalhos pesados de faxina geral, para os quais o Q.G. e a Cia. do Q.G. não têm dotação especial.

É importante assinalar que mesmo durante os periodos de deslocamentos, os transportes do Q.G. foram prontamente realizados pela Cia. do Q.G., através de seu Pelotão de Transporte e mais os meios próprios das diversas secções e serviços.

Terminada a guerra, todo o Q.G. foi reunido em ALESSANDRIA, onde, para não ocasionar maiores embaraços, se mantiveram os dois grupamentos já apontados.

Depois de regulada pelo Comando o funcionamento da Tropa Especial nenhum choque ou dificuldade surgiu na vida administrativa de seus orgãos competentes.

É fóra de dúvida, que a organização americana dada a um Q.G., reunidos seus elementos sob um Comando único, atende perfeitamente á vida em campanha, porém, para o caso brasileiro, dadas as particularidades de seus regulamentos, impoêm- se certas medidas que o bom senso logo aponta.

Sôbre a ação das Companhias de Manutenção, de Transmissões e Intendência, orgãos de execução dos respectivos Serviços especializados, o presente Relatório já tem uma apreciação a respeito, necessitando, porém, no caso de um estudo detalhado, serem consultados os documentos encaminhados pelos seus Comandantes e que fazem parte do arquivo geral da Divisão.

Resta, agora, uma rápida apreciação sôbre as finalidades do Destacamento de Saúde, da Banda de Música e da Cia. do Q. G.

O Destacamento de Saúde do Q.G. visa englobar as funções de um Posto de Saúde para toda a Tropa Especial, que, particularmente, não contam com recuros para êsse fim.

Dispõe de médicos, dentistas e praças especializadas, cujo trabalho pode ser aquilatado pelo ótimo estado sanitário mantido durante toda campanha pela tropa a seu cargo. Ainda no Brasil, com as vacinações, as inspeções de saúde e os serviços dentários, sua ação se fez sentir em toda a plenitude, permitindo que o pessoal embarcasse em perfeitas condições sanitárias.

A Banda de Música, durante a Campanha, colaborou também com o Serviço Especial, desdobrando-se em conjuntos que participaram dos espetáculos por êle promovidos. Foi um orgão que sempre primou pela disciplina, apesar de seus componentes terem, às veses, missões extranhas às que lhe competiam. Quando chamada para retretas, tocatas em solenidades militares ou desfiles revelou um perfeito treinamento, que provocou aplausos dos

nossos chefes aliados e da própria população italiana.

Em vista de sua constituição e finalidade particulares, a Cia. do Q.G. não teve propriamente missões de combate. Sua interferência nas operações é restrita e tem seus limites exatos nas suas relações com o Q.G. da Divisão, cuja vida normal lhe cumpria manter, seja atendendo às suas necessidades administrativas, seja assegurando-lhe o transporte geral e particularmente dos oficiais do E.M..

O fracionamento do Q.G. para as operações, forçou a sua divisão em dois escalões abaixo:

1 º Escalão (junto ao Q.G. Avançado):
- Pelotão de Defesa
- Pelotão de Transporte (parte)
- Pelotão Especial (parte)

2º Escalão (junto ao Q.G. Recuado):
- Comando
- Secção de Comando
- Pelotão de Transporte (parte)
- Pelotão Especial (parte)

Estava dêste modo tomado o dispositivo que, com ligeiras alterações, foi mantido até o final da campanha.

Uma apreciação mais completa de seus encargos, dos ensinamentos colhidos no seu emprêgo e das modificações aconselhadas, deve ser estudada no Relatório particular da Companhia, por não se comportarem no presente trabalho.

5 - ÓRGÃOS NÃO DIVISIONÁRIOS

A - PRELIMINARES

A constituição dos órgãos pertencentes própriamente ao 1º Escalão da F.E.B., com exceção portanto da 1ª D.I.E., sofreu uma evolução natural, consequente do desenvolvimento processado em nossa retaguarda com a chegada dos diversos contingentes e da necessidade de normalização definitiva da vida administrativa desses elementos.

Inicialmente, a organização compreendia a Secção de Base Brasileira (S.B.B.), do Comando do Coronel João Pinto Pacca, com:

- Depósito de Intendência
- Pagadoria Fixa
- Correio Regulador
- Grupos suplementares brasileiros junto a hospitais americanos
- Serviço de ligação
- Serviço de transporte de Base
- Agência do Banco do Brasil
- Depósito de Material em Trânsito
- Quartel de Base

Além desses elementos existiam o Serviço de Saúde da F.E.B., como órgão técnico para movimentação e assistência das equipes médicas junto aos hospitais americanos, e o Depósito de Pessoal, constituido a princípio do pessoal do 11º R.I. conforme já foi dito, ambos diretamente subordinados ao Comando do 1º Escalão da F.E.B..

Os deslocamentos sucessivos da primeira tropa brasileira desembarcada na Itália foram acompanhados de perto pelos órgãos de retaguarda, para bem desempenharem sua incumbência.

Esta constituição permitiu o suprimento à tropa do material, americano ou brasileiro, que lhe era destinado; a evacuação dos indisponíveis para a Zona do Interior; a movimentação de fundos; a assistência aos baixados; o estabelecimento das ligações permanentes de comando na Zona de Comunicações e com os diplomatas brasileiros (Embaixadas e Consulados); o serviço postal-telegráfico; o serviço de polícia de retaguarda; a recepção, hospedagem e encaminhamento dos militares em trânsito e a recepção e encaminhamento das tropas que chegavam do Brasil, dando ao Comando

do 1º Escalão da F.E.B. a necessária articulação para desempenhar conjuntamente o da 1ª D.I.E..

A 24 de dezembro de 1944, já com o 1º Contingente do Depósito de Pessoal na Itália, todos os órgãos da F.E.B., com exceção da 1ª D.I.E., ficaram subordinados diretamente a um novo Comando Geral - o Executivo da F.E.B. (menos 1ª D.I.E.), - exercido cumulativamente com as funções de Inspetor Geral da F.E.B. (cargo atribuido ao Gen. Olympio Falconieri da Cunha em 20 de outubro do mesmo ano).

A nova organização correspondia:

- Secção de Base Brasileira, com:
  - Chefia
  - Depósito de Intendência (Dep. Int. e Cia.Int./F.E.B.)
  - Correio Regulador
  - Depósito de Material em Trânsito
  - Oficiais de Ligação em CASERTA e NÁPOLES
- Depósito de Pessoal da F.E.B..
- Pagadoria Fixa
- Serviço de Saúde da F.E.B., com:
  - Chefia
  - Secções Brasileiras anexas aos hospitais americanos
- Serviço Especial da F.E.B..

A 14 de janeiro de 1945, os elementos do 11º R.I. que constituiam o Depósito de Pessoal foram transformados em Centro de Triagem, pois já havia chegado o 1º contingente do Depósito de Pessoal da F.E.B..

A 21 de fevereiro foi organizado, em NÁPOLES, um acantonamento de trânsito, subordinado à S.B.B..

A 15 de março foi extinta a S.B.B., ficando autônomos o Correio Regulador e o Depósito de Intendência (ao qual se anexou o Depósito de Material em trânsito), passando os Oficiais de Ligação à subordinação do Inspetor Geral.

Finalmente, pelo Boletim nº 84, de 25.III.45, foi dada constituição definitiva ao 1º Escalão da F.E.B., sendo então reorganizados os elementos de retaguarda, agora com o nome de Órgãos Não Divisionários, bem como baixadas instruções especiais para seu funcionamento e fixados os seus quadros de efetivo.

Sob o Comando do General Falconieri, os Órgãos Não Divisionários (O.N.D.) passaram a ser:

- Depósito de Pessoal
- Serviço de Saúde
- Depósito de Intendência
- Correio Regulador
- Pagadoria Fixa
- Posto Regulador em LIVORNO
- Posto de Ligação em NÁPOLES
- Posto de Ligação em CASERTA

B - COMANDO DOS ÓRGÃOS NÃO DIVISIONÁRIOS

O Comando dos Órgãos Não Divisionários (O.N.D.) foi entregue ao Gen. Olympio Falconieri da Cunha, que manteve o seu Quartel General em MONTECATINI TERME, onde se instalara desde sua nomeação para Inspetor Geral da F.E.B., cargo de que fôra dispensado naquela última data.

Para auxiliar o Comando dos O.N.D. nas suas funções, foi-lhe atribuido um Estado Maior com um Chefe e 3 Secções, com as seguintes atribuições:

1ª Secção:

- Efetivo dos O.N.D. e recompletamento dos mesmos.
- Ligação com o G-1 da 1ª D.I.E. para o recompletamento da Divisão.
- Evacuações para além-mar.
- Punições e recompensas.

3ª Secção:

- Instrução do Depósito de Pessoal
- Matrícula de Oficiais e Praças nos Cursos e Escolas Americanas.

4ª Secção:

- Suprimento dos O.N.D. (Ligação com o G-4 da 1ª D.I.E.).
- Ligação do G-4 da 1ª D.I.E. com o G-4 do 5º Exército.

Com a nova constituição dada aos O.N.D. foi possível manter um perfeito contrôle dos nossos elementos de retaguarda, todos subordinados àquele Comando, que, assim, viu crescer suas responsabilidades, definidas nas atribuições constantes do Boletim de 25 de março:

- Acionar todos os seus órgãos subordinados e outros que, por ventura, venham a ser criados por necessidade de eficiência do 1º Escalão da F.E.B..

- Assegurar em nome do Comandante do 1º Escalão da F.E.B. as ligações do Comando do T.O. (Quartel General Aliado e MTOUSA) e órgãos da zona de comunicações, por intermédio de oficiais qualificados.

- Punir e recompensar, com as atribuições de Cmt. de I.D. (art. 37, do R.D.E.) todo o pessoal pertencente aos O.N.D..

Quando sua ação se fez sentir em toda a plenitude, o Comando do 1º Escalão F.E.B., aliviado dos problemas da retaguarda, pôde se dedicar quase que inteiramente à direção das operações em que se empenhara a 1ª D.I.E..

No período de 2 a 11 de maio, em que o General Falconieri foi chamado à frente para comandar o Grupamento nº 6 (ver Campanha da Itália), o Comando dos O.N.D. esteve a cargo do Coronel Mário Travassos, do Depósito de Pessoal.

As Secções do seu E.M. acionaram convenientemente os escalões subordinados, controlando os efetivos, providenciando a evacuação do pessoal, orientando a instrução, matriculando oficiais e praças em cursos especializados, suprindo e providenciando o suprimento do material indispensável à vida em campanha, conforme se verifica dos relatórios particularizados de cada uma delas.

As ligações com as autoridades extranhas à F.E.B. podem ser assim apreciadas:

- Com o Comando do 5º Exército: instrução do Depósito de Pessoal e assuntos referentes aos cursos norte-americanos, por intermédio do 107th Group A.A.A., de ligação junto ao Depósito; provimento, por intermédio do oficial de ligação da 4ª Secção do E.M. da 1ª D.I.E., destacado para junto dos O.N.D..

- Com a Peninsular Base Section (P.B.S.): provimentos, transportes, etc., por intermédio do Posto Regulador em LIVORNO.

- Com o Mediterranean Theater Operation United States American (MTOUSA) e Allied Forces Headquarters(AFHQ): chegada de contingentes, evacuações, suprimentos, efetivos da F.E.B., retôrno da F.E.B., informações diver-

sas, etc., por intermédio do Posto de Ligação em CASERTA.

- Com Embaixadas brasileiras junto ao Vaticano e ao Quirinal: auxílios prestados à população italiana.

No final da campanha e já com o regresso dos últimos contingentes, conforme ordem deixada pelo Comando do 1º Escalão da F.E.B., toda a sobra de gêneros e cigarros vindos do Brasil, na sua maior parte, foi doada pelos O.N.D. em nome da F.E.B. à população pobre italiana, por intermédio do Vaticano e da Cruz Vermelha Italiana e uma pequena quantidade distribuida entre os funcionários das Embaixadas e Consulados Brasileiros, famílias brasileiras residentes na Itália e certas instituições, como, por exemplo, o Colégio Pio Brasileiro, que funciona em ROMA, sob a direção de padres patrícios.

O Q.G. dos O.N.D. permaneceu em MONTECATINI TERME até 30 de agôsto de 1945, quando se deslocou para a área de FRANCOLISE, saindo daí para NÁPOLES em 18 de setembro. A 13 de outubro, o General Falconieri iniciou sua viagem de regresso ao Brasil, chegando ao Rio de Janeiro três dias depois.

C - ELEMENTOS SUBORDINADOS AOS O.N.D.

As atividades dos diferentes elementos subordinados aos O.N.D. podem ser apreciadas, de um modo geral, da seguinte maneira:

a - Depósito de Pessoal

Contingentes integrantes:

O primeiro contingente do Depósito de Pessoal da F.E.B. desembarcou em NÁPOLES a 7 de dezembro de 1944, com um efetivo de 280 oficiais e 4.239 praças, representando cêrca de 9/10 do previsto pelo Boletim Reservado do Exército nº 18 JJ, Especial, de 11 de novembro do mesmo ano. Sua concentração na área de STAFFOLI, estacionamento definitivo, verificou-se a 24 de dezembro.

A 22 de fevereiro de 1945, chegou à Itália o contingente que constituia o Centro de Recompletamento de Pessoal, trazendo 246 oficiais e 4.835 praças, o qual concluiu sua reunião em STAFFOLI a 12 de março.

O antigo Depósito da 1ª D.I.E., criado com elementos do

11º R.I. para atender as primeiras baixas em operações, foi incorporado ao Depósito de Pessoal chegado em dezembro e, a 14 de janeiro de 1945, transformou-se em Centro de Triagem, no seu próprio acantonamento de ALTOPASCIO, vizinho de STAFFOLI, transferindo-se, depois, a 10 de março, para PISTOIA. Seu efetivo, quando da inclusão ao Depósito, era de 12 oficiais e 219 praças.

Desta forma, verifica-se que os 3 contingentes deram ao Depósito um efetivo de 538 oficiais e 9.293 praças, sem computar os homens recuperados da corrente hospitalar que nele foram incluidos.

Já a 22 de abril o seu efetivo estava reduzido a 325 oficiais e 3.291 praças foi utilizada no recompletamento da frente.

Organização:

A organização dada ao Depósito, ainda no Brasil e com a qual chegou ao T.O., teve de ser modificada desde logo, para que pudesse atender, entre outras cousas, ao Centro de Instrução que teria de comportar.

Os Depósitos americanos conservam um nível constante de efetivos preparados magnificamente para a guerra pelos Centros de Instrução.

Na F.E.B., entretanto, o Depósito recebeu pessoal sem nenhum preparo, desconhecendo mesmo o próprio armamento. Consequentemente, nunca chegamos a ter exatamente um Depósito de Pessoal na acepção da palavra, porque não deve ter êsse nome uma formação de homens sem preparo, para entrar em operações. O tempo mínimo necessário ao treinamento básico é de seis semanas e, quando o Depósito chegou à Itália, a 1ª D.I.E. já exigia um pesado recompletamento de seu efetivo, consequente das baixas sofridas nos insucessos de MONTE CASTELLO de novembro e dezembro de 1944.

Urgia, pois, que se desse ao Depósito uma organização compatível com as contingências do momento e que lhe permitisse apressar o preparo do seu efetivo de substituição, uma vez que o enquadramento já estava sendo sacrificado com a absorção pela frente.

Assim, foi aprovada a nova organização, em consequência da qual o efetivo de enquadramento foi elevado a 210 oficiais e 1.749 praças, perdendo em março 1 oficial e 47 praças para o Pelotão de Polícia integrante da respectiva Companhia da 1ª D.I.E..

Quanto ao efetivo de substituição foi julgado conveniente não fixar, bastando, apenas, definir os efetivos globais de nível máximo - 150 oficiais e 6.000 praças. A repartição dos mesmos pelas armas, serviços, especialidades, postos e graduações, eminentemente variável com as circunstâncias, ficaria a critério do Cmt. do 1º Escalão da F.E.B..

O Centro de Instrução teria efetivo variável com o efetivo dos contingentes a preparar.

Em linhas gerais, está apreciada a constituição do Depósito para atender sua finalidade principal - o recompletamento da frente de combate. Para os estudiosos, merecendo mesmo uma consulta mais detalhada, principalmente por parte do Estado Maior do Exército, deve ser procurado o próprio Relatório apresentado pelo Cmt. do Depósito de Pessoal.

Instrução:

O problema da instrução em um Depósito americano resume-se em manter o adextramento físico e militar, além da conservação no mais alto nível da moral, da disciplina e da higiene, já obtidos pelos homens com preparo básico ministrado nos centros de treinamento.

É por isso que a organização americana não comporta propriamente instrutores, sendo a instrução dada nos Btls. pelos seus quadros.

Um grupo de oficiais norte-americanos posto às ordens do Depósito, assim se expressou nos primeiros momentos dêsse nosso contingente na Itália, quando fez sugestões sôbre um "Depósito Típico" para solucionar o caso brasileiro: "a distinção entre as missões de um Centro de Treinamento e de um Depósito de Substituição é muito importante, porque fica compreendido que o Depósito de Pessoal da F.E.B. tem necessidade de executar, em grande parte, ambas as missões. Isto apresenta uma dificuldade, visto que o número de pessoal destinado a atender ao Depósito de Substituição é inadequado para prover o treinamento, a não ser o treinamento de conservação. Portanto, um pessoal necessário para dar mais extenso treinamento aos elementos de substituição deve ser acrescentado ao Depósito de Substituição".

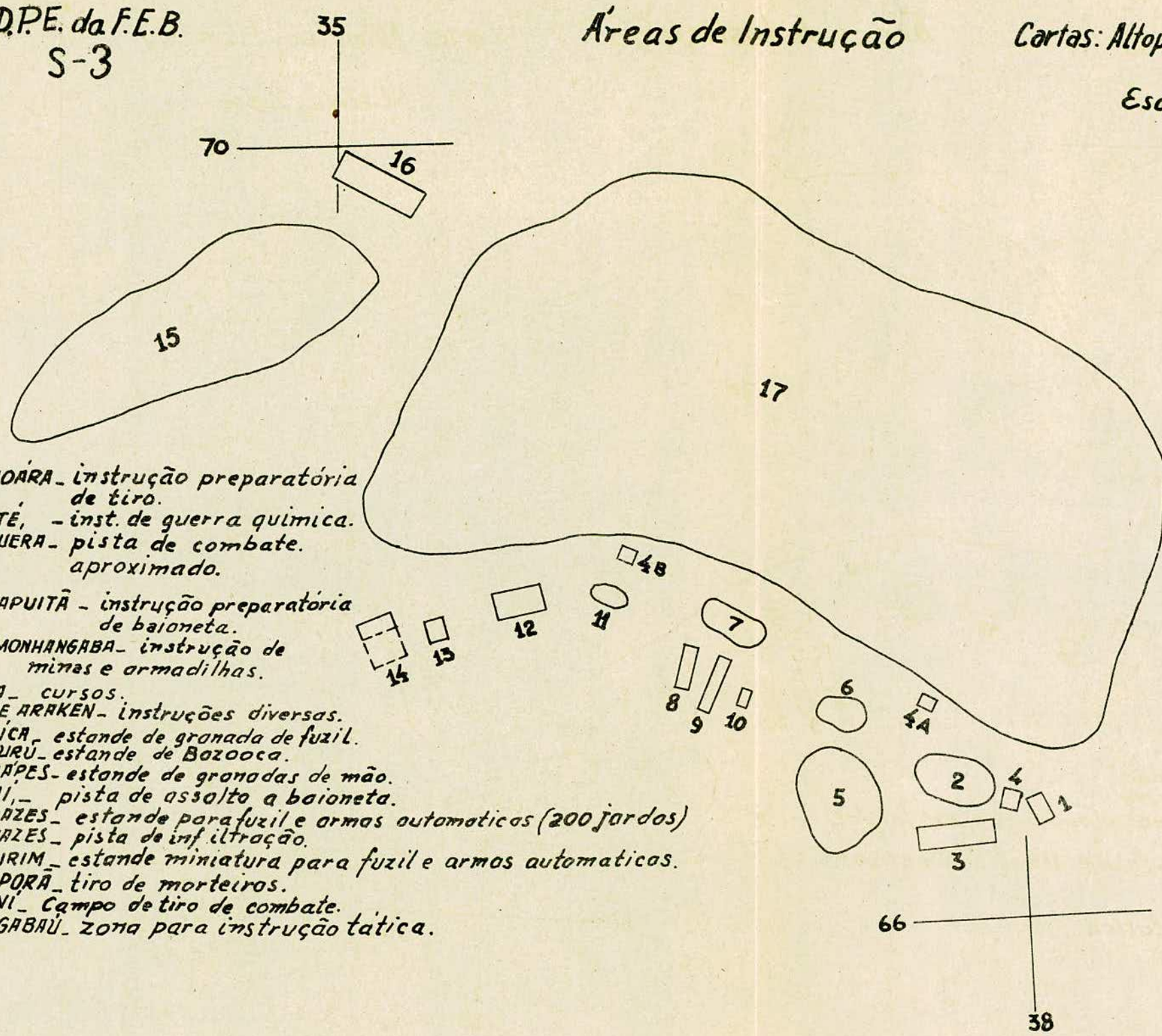
O nosso Depósito não tinha o pessoal de substituição instruido nas condições exigidas para a luta no Teatro de Operações.

D.P.E. da F.E.B.
S-3

Áreas de Instrução

Cartas: Altopascio - Fucecchio

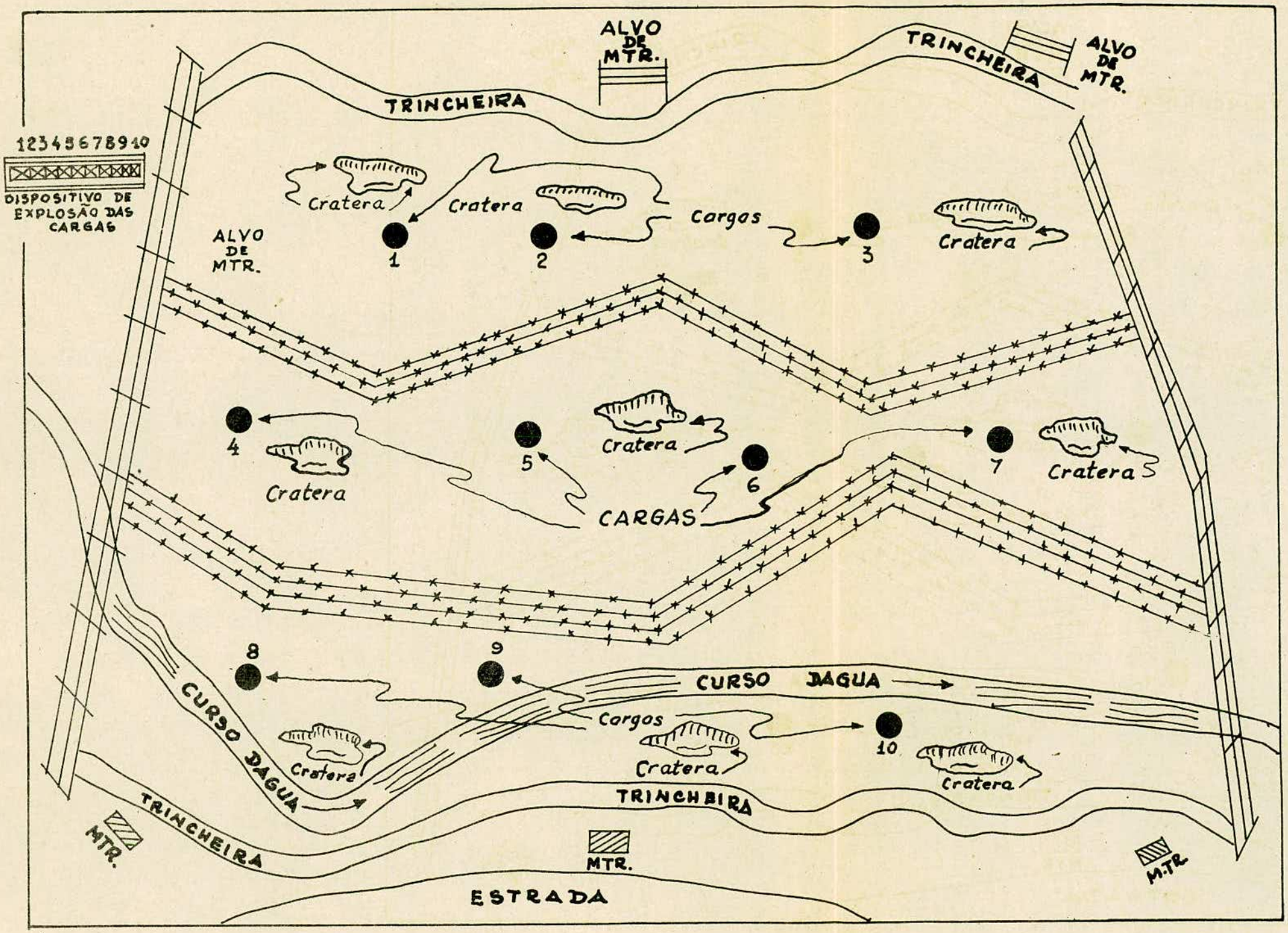
Escala: 1/25.000



LEGENDA

1. MARAJOÁRA - instrução preparatória de tiro.
2. TAUBATÉ, - inst. de guerra química.
3. ANHANGUERA - pista de combate aproximado.
4. 4A. 4B. IBIRAPUITÃ - instrução preparatória de baioneta.
5. PINDAMONHANGABA - instrução de minas e armadilhas.
6. CARIOCA - cursos.
7. TABA DE ARAKEN - instruções diversas.
8. ITAPARICA - estande de granada de fuzil.
9. CARAMURÚ - estande de Bazooca.
10. GUARARAPES - estande de granadas de mão.
11. VACACAI, - pista de assalto a baioneta.
12. GOITACAZES - estande para fuzil e armas automaticas (200 jardas)
13. CATAGUAZES - pista de infiltração.
14. INHUMIRIM - estande miniatura para fuzil e armas automaticas.
15. PONTA-PORÃ - tiro de morteiros.
16. GUARANI - Campo de tiro de combate.
17. ANHANGABAÚ - zona para instrução tática.

ESQUEMA DA PISTA DE INFILTRAÇÃO



Foi reconhecido que o período de doze semanas exigido nos Centros de Instrução Americanos era muito longo, tanto mais que o pessoal já possuia, na sua maioria um ano de serviço militar, sendo então reduzido a seis semanas o tempo destinado a ministrar a instrução básica.

Devido a razões de ordem material e ao mínimo de instrutores, foi a instrução organizada de forma a que se pudesse iniciá-la, com um novo contingente, de três em três semanas.

O primeiro contingente submetido a êsse regime foi de 960 praças, o que exigia 50 oficiais instrutores, 100 sargentos monitores e 60 cabos e soldados auxiliares. Posteriormente, para dois contingentes de 1.500 homens, teve o Depósito que lançar mão de um reforço tirado do próprio efetivo de substituição.

O restante de pessoal de substituição não contemplado nesses contingentes recebia uma instrução básica reduzida nas próprias sub-unidades.

Narrado o mecanismo adotado para a instrução do pessoal, podemos dizer que esta decorreu sempre num aproveitamento crescente, dispondo a área de estacionamento de pistas, aparelhos, campo de tiro para as diversas armas, munição, etc. em número bastante para o preparo das turmas acima, havendo da parte dos instrutores o máximo interêsse no rendimento da mesma.

Cursos especiais para instrutores, monitores e especialistas funcionaram paralelamente.

Turmas sucessivas de oficiais e praças frequentaram cursos norte-americanos em diversas escolas, como Cmt. de Pelotão, Minas e Demolições, Pontes Bailey, Manutenção do Automóvel,etc..

Os croquis juntos dão uma ideia da área de treinamento e da pista de infiltração, especialmente construidas e montadas com recursos americanos.

A partir de 28 de fevereiro, foi posto à disposição do Depósito um grupo de 3 oficiais instrutores e 38 praças monitores escolhidos de divisões norte-americanas, todos falando o idioma português, sendo em abril acrescido de mais 8 oficiais. Colaboraram na fiscalização da instrução.

Contou, ainda, o Depósito com um oficial de Ligação do 5º Exército e um outro grupo de oficiais americanos para prestar a assistência necessária à orientação da instrução.

Sucessivamente turmas de oficiais americanos inspecionavam o estado de adeantamento do preparo da tropa.

Instalações:

STAFFOLI, o local escolhido para estacionamento, presta-se admiravelmente à realização das diversas instruções.

A adaptação das áreas de treinamento, a instalação de pistas e a construção de estandes só foi concluida dois meses após à chegada do Depósito, sendo necessário lançar-se mão de improvisações para que a instrução tivesse o devido progresso em janeiro e fevereiro de 1945.

O acampamento propriamente dito já estava instalado em dezembro quando para lá se transferiu o primeiro contingente do Depósito, vindo de PIZA.

Foi, porém, indispensável que se preparasse, depois, acomodações para os seus diferentes serviços, bem como se construisse latrinas, fossas para detritos, banheiros, locais para estocagem de material, etc. em número suficiente para o efetivo. Êsse trabalho esteve à cargo do próprio pessoal do Depósito.

O Depósito não viera aparelhado suficientemente para que dispusesse de instalações adequadas à vida semi-permanente de acampamento. A respeito de instalações pode-se mesmo dizer que muitos são os ensinamentos de grande proveito, sob os mais diversos aspectos.

A obra de improvisação foi grande, já que não fôra assentado previamente um plano de instalação para um acampamento a longo prazo de um órgão pesado e que se tornou complexo, em virtude de outras finalidades que lhe foram acrescidas (instrução básica e de especialistas, recuperação da corrente hospitalar e evacuações fora da mesma, etc.).

Só no mês de março de 1945 pôde o Depósito sentir que o problema das instalações não era mais uma das preocupações dominantes, porque estavam em vias de serem concluidas não só as que interessavam à instrução, mas também as que se relacionavam com as questões de administração e médico sanitárias, como uma unidade de banho para atender 200 pessoas por hora.

Centro de triagem

Êste órgão, logo criado no âmbito do Depósito, foi localizado em ALTOPASCIO, onde seus elementos acantonaram. O pessoal em trânsito, por vezes numeroso, permanecia mal instalado, devido

às precárias condições de estacionamento de um efetivo eminentemente variável.

Em abril, deslocou-se para um velho quartel italiano, no centro da cidade de PISTOIA.

Seu maior afastamento da área do Depósito não ultrapassou de 30 Kms., permitindo, no novo local, que melhor atendesse a coleta dos recuperados da corrente hospitalar.

Estado Sanitário

O estado sanitário geral da tropa sempre foi bom, sendo o número de baixados em relação ao efetivo bastante razoavel, como se vê dos seguintes dados colhidos no período de 22 de dezembro de 1944 a 15 de abril de 1945:

Baixados	Por Moléstia	Por acidente	S o m a
À enfermaria..	703	19	722
Aos Hospitais.	554	11	565
Total.....	1.257	30	1.287

Pequenos surtos de moléstias infecciosas foram observados, correspondendo com a chegada do último escalão vindo do Brasil, geralmente mal inspecionado e oriundo de vários pontos do país. Os casos de meningite cérebro-espinhal epidêmica e de parotidite foram logo atacados e as medidas profiláticas adotadas deram ótimo resultado.

As doenças venereas não chegaram a constituir um problema sério.

A enfermaria foi localizada a 3 Kms. do acampamento, comportando 100 leitos.

Recompletamento

A função primordial do Depósito - o recompletamento - por comportar uma série de considerações é estudado num capítulo especial, sob o título "Apreciações Gerais", quando se analiza a flutuações dos efetivos.

b - Serviço de Saúde da F.E.B.

Preliminares:

As atribuições do Serviço de Saúde da F.E.B. iam desde o escalão divisionário até as formações de tratamento da Zona de Comunicações e sua atividade teve início com a chegada do 1º Escalão à Itália, em julho de 1944.

A complexidade dos problemas a resolver e a extensão do sistema sanitário exigiu que se dotasse a Chefia de pessoal suficiente e se organizasse o Serviço segundo moldes diversos dos previstos entre nós, o que assegurou satisfatórios resultados.

A Chefia do Serviço ficou assim constituida:

S/1 - Pessoal: compreendendo o pessoal de saúde e o fichário de pacientes baixados
S/2 - Secretaria
S/3 - Operações
S/4 - Suprimentos Médicos
S/5 - Intendência: vencimentos, suprimentos de uniformes e demais material de intendência.
S/6 - Medicina preventiva.

Para a 1ª D.I.E. os quadros de pessoal obedeceram ao previsto para as Divisões americanas.

Já quanto ao pessoal de Saúde dos órgãos não divisionários, os quadros previstos no Brasil sofreram profundas modificações aconselhadas pelos acontecimentos. Posteriormente, no decorrer dêste relato, veremos como se distribuiu o seu pessoal.

De um modo geral, o efetivo total de saúde foi suficiente e seus elementos mostraram-se capazes de realizar as missões, por vezes duras, de que foram investidos. Desde a frente, onde os enfermeiros de Cia. prestaram o primeiro socorro, acompanhando os Pelotões em todas as situações militares, até as formações mais recuadas da Zona de Comunicações, onde se completara a difícil missão do tratamento, contamos sempre com o desenvolvimento, a habilidade, a disciplina e o espírito de sacrifício dos médicos, enfermeiros, enfermeiras e praças de saúde.

Alguma dificuldade surgiu na aplicação dos Oficiais Farmacêuticos. Uns foram aproveitados como Ajudantes das Secções de Hospitalização, em que se houveram com muita habilidade e sòmente no 7th Station Hospital (LIVORNO), um farmacêutico desempenhou

função técnica dentro da profissão. A manipulação de fórmulas, estando reduzida ao mínimo no Exército americano, não permitiu o emprêgo dos demais oficiais. As Farmácias dos grandes hospitais da Zona de Comunicações são dirigidas por sargentos práticos de farmácia.

O funcionamento do Serviço de Saúde no âmbito da Divisão já foi estudado na exposição feita no decorrer das operações, no título "Campanha da Itália".

Agora, veremos como se desenvolveu o Serviço fora do setor divisionário.

Posto Avançado de Neuro-Psiquiatria:

O objetivo de acompanhar os progressos realizados na esfera da assistência neuro-psiquiatria aos exércitos modernos, surgiu a criação de um serviço especial neste particular, mais ou menos nos moldes americanos.

De início, foi instalado no próprio Posto de Tratamento Divisionário (P.T.D.) mas, um mês depois, já estava independente.

Êste Posto tinha por missão:

- O recebimento dos indisponíveis psico-neuróticos das unidades, através a triagem procédida pelo P.T.D..
- Observação e tratamento precoce.
- Recuperação a muito curto prazo (até 5 dias).
- Possibilidade de reter até 10 dias, em situações especiais.
- Evacuação para a Secção Brasileira de Hospitalização anexa ao Hospital de Evacuação.

Mais de 3 centenas de doentes foram aí internados e cêrca de 85% dos pacientes rotulados como casos de neuro-psiquiatria pelo P.T.D. retornaram à tropa, depois de recuperados.

Os restantes foram evacuados para hospitais de retaguarda, tendo como destino a recuperação ou a evacuação definitiva para a Zona do Interior.

Serviço Dentário:

O Serviço Dentário da F.E.B. funcionou com muita eficiência e com elevado número de trabalhos técnicos, requeridos pelas

pelas más condições do aparelho dentário da maioria dos homens.

A simples enumeração dos seguintes dados relativos ao período de 1º de outubro de 1944 a 30 de abril de 1945 - consultas 28.154, curativos 20.110, extrações 17.261, sem considerarem os outros trabalhos - exprimiu perfeitamente o esfôrço pedido aos gabinetes dentários da 1ª D.I.E. e dos órgãos não divisionários.

A 3 de janeiro de 1945 foi instalado, como órgão não divisionário, um Laboratório de Prótese, completamente equipado fornecido pelos americanos. Sòmente a 15 de fevereiro, por deficiência de pessoal especializado, que teve de ser retirado dos Corpos, entrou em pleno funcionamento na reconstituição do coeficiente mastigatório dos homens desprovidos de dentes.

Entre trabalhos de chapas (confecção, consertos e remodelações), coroas, pontes, etc., na base do preço médio cobrado no Rio de Janeiro, o Laboratório executou serviços, até 15 de abril, no valor de CR$ 672.520,00 (seiscentos e setenta e dois mil e quinhentos e vinte cruzeiros), o que atesta a inestimável cooperação que deu à conservação da saúde da tropa.

A propósito dos cirurgiões dentistas deve-se assinalar que sòmente o Capitão Chefe do Serviço era da ativa. Os valiosos serviços prestados por êsses profissionais, desde os destacamentos de saúde dos corpos até os escalões mais recuados, vêm confirmar a necessidade, há tanto tempo evidenciada, de ser reorganizado o quadro de Dentistas do Exército, a exemplo do que já tivemos e ocorre nos Estados Unidos.

Se considerarmos as más condições sanitárias do homem brasileiro, que vêm repercutir no Exército, com a contínua necessidade de assistência dentária ao incorporado, teremos uma razão a mais para sugerir medida de tão alto alcance.

O dissabor e o vexame impôsto ao Comando da F.E.B., quando da chegada do 1º Escalão de tropa à Itália, já narrado anteriormente - cêrca de 19.166 cáries profundas do 3º gráu no contingente de 5.000 homens, constatadas pelos americanos - vêm confirmar a dolorosa situação sanitária do brasileiro e que poderia ser evitada em um quadro permanente de dentistas assistindo os Corpos.

Correntes de Evacuações

A corrente de evacuações utilizada pela tropa brasileira esteve sempre adstrita às regras em vigor no Teatro de Operações.

Três aspectos distintos podem ser encarados, para apreciarmos o funcionamento da cadeia de hospitalização, que são, respectivamente, a ação do Destacamento F.E.B. no Vale do SERCCHIO, as operações que se desenrolaram no Vale do RENO com toda a Divisão e a Ofensiva da Primavera.

Já vimos os hospitais que recolhiam os nossos pacientes até a entrada em linha do Destacamento F.E.B..

No início das operações dêste, as evacuações se davam para o 38th Evacuation Hospital, localizado em PODE DEL PASSI, ao N. de PIZA, onde ficou concentrada a maioria do pessoal de saúde, constituindo uma Secção de Hospitalização.

Os baixados não passíveis de recuperação em poucos dias eram transportados para o 64th General Hospital, em ARDENZA, que a partir do princípio de outubro recebeu uma secção nossa.

Os casos que exigiam mais de 120 dias, tempo máximo estabelecido para permanência no Teatro de Operações, eram transferidos para o 45th General Hospital, em NÁPOLES, através de um hospital em ROMA, que contava com outra secção brasileira para assistir os evacuados até o embarque para o Brasil.

A partir de 12 de outubro, em face das necessidades de tratamento decorrentes da chegada dos novos Escalões da F.E.B. (2º e 3º), o sistema de hospitalização foi assim reajustado:

Secção de Hospitalização anexa ao 38th Evacuatinn Hospital (PIZA), com a missão de:

- Tratamento dos feridos e doentes evacuados da frente. Recuperação a curto prazo. Uma vez em condições de serem transportados, eram os pacientes, não possíveis de recuperação em poucos dias, evacuados para o 7th S.Hospital (LIVORNO).

Secção de Hospitalização anexa ao 7th Station Hospital (LIVORNO), com a missão de:

- Tratamento dos indisponíveis de Staging Área.
- Tratamento dos pacientes evacuados do 38th Evacuation Hospital.
- Evacuação, por transferência, para os 45th General Hospital e 182th Station Hospital (ambos em NÁPOLES), conforme os casos.

Secção de Hospitalização anexa ao 182th General Hospital (NÁPOLES), com a missão de:

- Tratamento dos evacuados transferidos do 7th Station Hospital.
- Recuperação até 120 dias.
- Avaliação das condições físicas para permanecer no T.O., por incapacidade temporária, que exija tratamento por 120 dias, ou por incapacidade definitiva.
- Retenção e tratamento dêsses incapazes até a evacuação para a Zona do Interior (Brasil).
- Preparo dos grupos de evacuados a serem embarcados para a Zona do Interior (sistematização dos documentos, inspeção de saúde, etc.).

Ficou estabelecido, como medida de ordem administrativa, que os homens recuperados dos hospitais fossem recebidos pelo Depósito de Pessoal. Essa providência, centralizando o movimento e transporte dos curados, evitou ainda a brusca transição do hospital para a tropa.

A transferência da tropa brasileira para o setor do RENO e a entrada em linha de toda a Divisão, impôs modificações no sistema de hospitalização já descrito e um reajustamento na distribuição do pessoal de saúde para atender às novas necessidades de tratamento.

A partir do P.T.D., instalado inicialmente em PORRETA TERME, a via de evacuação funcionou regularmente e de modo seguinte:

Secção de Hospitalização anexa ao 32th Field Hospital (VALDIBURA), com a missão de:

- Tratamento dos intransportáveis cirúrgicos.
- Depois de adquirirem condições satisfatórias, eram os pacientes transferidos para o 16th Evacuation Hospital.

Secção de Hospitalização anexa ao 16th Evacuation Hospital (PISTOIA), com a missão de:

- Tratar dos feridos de 1ª e 2ª urgências e dos doentes evacuados diretamente do P.T.D.
- Receber os evacuados do 32th Field Hospital.
- Recuperação a curto prazo.
- Transferir para o 7th Station Hospital os não recuperáveis em poucos dias e em condições de serem transportados.

Secção de Hospitalização anexa ao 7th Station Hospital (LIVORNO), com a missão de:

- Tratamento dos indisponíveis do Depósito de Pessoal e dos demais órgãos de retaguarda da F.E.B.
- Recebimento e tratamento dos doentes evacuados do 16th Evacuation Hospital.
- Evacuação, por transferência, para os 45th General Hospital e 182th Station Hospital dos recuperáveis em longo tempo e incapazes para o serviço.
- Foi sempre a secção brasileira de maior movimento.

Secção de Hospitalização anexa aos 45th General Hospital e 182th Station Hospital (NÁPOLES), cuja missão já se descreveu anteriormente.

Apesar de não se tratar de um órgão de hospitalização, podemos incluir na corrente o Posto Avançado de Neuro-Psiquiatria, exclusivamente brasileiro, cujo funcionamento estudamos, que a princípio se instalou em PORRETA TERME e, depois, quando atingido por uma granada alemã, mudado para PONTE DELLA VENTURINA.

À Secção anexa ao 17th Station Hospital (LIVORNO) foi atribuida, em janeiro, a incumbência também de evacuar para a Zona do Interior (Brasil) ou para os Estados Unidos os doentes incapazes definitivamente ou os de tratamento superior a 120 dias.

Convém, ainda, registrar mais uma Secção posteriormente criada (17 de janeiro de 1945), por imposição técnica moderna de tratamento e cuja falta já se fazia sentir, uma vez que os homens recuperados dos hospitais, os convalescentes e recebidos no Depósito de Pessoal para evitar a brusca transição de retôrno à tropa não dispunham aí de um ambiente adequado à reconstituição das condições físicas primitivas. Trata-se da:

Secção de Hospitalização anexa ao 3rd Convalescent Hospital (MONTECATINI TERME), com a missão de:

- Receber das outras Secções os doentes julgados necessitarem de convalescência.

O aparelhamento de que dispunha o Hospital, também à disposição dos brasileiros, quando não comportava uma dotação especial, e os métodos empregados, compreendendo palestras, trabalhos manuais, diversões, atletismo e esportes, leitura, marchas, etc., muito colaboraram para a cura dos doentes e permitiam uma observação mais acurada dos médicos.

Já na iminência das operações ofensivas, a 23 de março foi criada a:

Secção de Hospitalização anexa ao 70th General Hospital (PISTOIA), com a missão de:
- Tratamento das doenças transmissíveis.

Com o desencadear da Ofensiva da Primavera a corrente não se alterou, mas a rápida progressão das tropas brasileiras na segunda quinzena de abril exigiu um reajustamento do dispositivo de hospitalização, traduzido nas seguintes medidas:

- Reforço da mão de obra cirúrgica, representada por equipe retirada da Secção de Hospitalização da Zona de Comunicações para a Secção de Hospitalização da Zona de Combate.
- Deslocamento para a frente de Secções de Hospitalização.
- Instalações de Secções de Hospitalização interpostas na cadeia de evacuações.
- Extinção de Secções de Hospitalização.

Pondo em execução as referidas providências, podemos assim condensar a corrente de evacuações adotada a partir do P.T.D.:

- Posto Avançado de Neuro-Psiquiatria (PONTE DELLA VENTURINA), cuja ação já conhecemos.
- Secção de Hospitalização anexa ao 32th Field Hospital (VALDIBURA), cuja missão continuou sendo a anterior, mas agora reforçada por uma equipe cirúrgica vinda do 7th Station Hospital. De 17 de abril em diante o 32th Field Hospital passou sòmente a receber feridos brasileiros e a 19 foi imobilizada, com os doentes já internados. A 24 foi extinta a Secção, com a evacuação para o 16th Evacuation Hospital dos seus pacientes e aequipe do 7th Station Hospital retornou à sua séde.
- Secção de Hospitalização anexa ao 16th Evacuation Hospital (PISTOIA). Funcionou até 23 de abril, com a missão anterior, quando seu pessoal foi transferido para o 15th Evacuation Hospital.
- Secção de Hospitalização anexa ao 15th Evacuation Hospital (CORVELA), com a missão de:
  - Tratamento dos intransportáveis cirúrgicos.
  - Tratamento dos feridos, doentes e acidentados da Divisão.

Contou, a princípio, isto é a 19 de abril, com uma equipe cirúrgica vinda do 32th Field Hospital e a 23 foi completada pelo pessoal oriundo do 16th Evacuation Hospital. A 27 toda a secção foi extinta e suas equipes transferidas para a

- Secção de Hospitalização anexa ao 38th Evacuation Hospital (MARZABOTTO), com a missão de:
  - Tratamento dos intransponíveis cirúrgicos.
  - Tratamento dos feridos de 1ª, 2ª e 3ª urgências e dos doentes evacuados do P.T.D..
  - Recuperação a curto prazo.

  Instalada a 27 de abril, funcionou em MARZABOTTO até 30, quando acompanhou o Hospital para PAROLA, 3 kms. a L. de FIRENZE, onde continuou até 18 de maio, mudando-se, então, para SALSO MAGIORE.

- Secção de Hospitalização anexa ao 70th General Hospital (PISTOIA). Da missão de tratamento das doenças transmissíveis, passou a receber os feridos evacuados já operados, em trânsito, e provindos da Secção do 15th Evacuation Hospital. O avanço da Divisão indicou essa solução ficando a Secção intercalada na cadeia de evacuações, para eliminar o inconveniente das longas distâncias a percorrer pelos feridos vindos da frente.

- Secção de Hospitalização anexa ao 3rd Convalescent Hospital (MONTECATINI TERME), de funções já definidas.

- Secção de Hospitalização anexa ao 182th Station Hospital (BELLA VISTA), com a missão de:
  - Tratamento dos doentes evacuados da Divisão que passavam em trânsito para o 16th Evacuation Hospital.
  - Tratamento dos casos de doenças transmissíveis a partir de 25 de abril.

- Secção de Hospitalização anexa ao 103th Station Hospital (PIZA), com a missão de:
  - Tratamento das doenças transmissíveis.

  A Secção foi instalada a 2 de abril, em substituição à anexa ao 70th General Hospital, que passou a receber os feridos em trânsito, como já vimos.

- Secção de Hospitalização anexa ao 7th Station Hospital (LIVORNO), cuja missão não sofreu alteração.

- Secção de Hospitalização anexa ao 45th General Hospital (NÁPOLES), também de missão não alterada.

A partir de 2 de maio, quando cessaram as hostilidades e até o final da ocupação, as evacuações continuaram a ser feitas para as Secções em funcionamento. Na área de FRANCOLISE a tropa foi atendida por uma Secção anexada ao 32th Station Hospital (CASERTA).

Do exposto, ficou evidenciado que os doentes da F.E.B. tiveram sempre a assistência de médicos brasileiros, que souberam se impor à admiração dos seus colegas americanos pela capacidade profissional, interêsse e elevada compreensão dos deveres, criando para a medicina patrícia uma aureola de confiança e respeito.

A chefia do Serviço de Saúde da F.E.B. esteve constantemente atenta ao trabalho das diferentes Secções, numa assistência técnica-profissional desvelada e num clima de absoluta eficiência.

Suprimentos Sanitários:

As peculiaridades dos mecanismos de suprimentos médicos no Exército americano e as dificuldades resultantes da diferença de línguas e de Farmacopeia, obrigavam a criação de uma "Secção de Suprimentos Sanitários" na Chefia do Serviço de Saúde da F.E.B., a cargo do S/4.

Para facilitar os fornecimentos à tropa da 1ª D.I.E., um oficial médico do 1º B.S. mantinha estreito entendimento com o S/4 da Chefia, liberando, assim, para o exclusivo exercício profissional, o dentista daquela unidade, que, na organização americana, acumula as funções de oficial de suprimentos.

O material sanitário se distinguia em permanente e de consumo.

As requisições para o material permanente eram elaboradas na Chefia do S.S. (S/4), segundo a rotina americana e, com todos os documentos redigidos em inglês, encaminhadas à Chefia do S.S. do 5º Exército e, depois, levadas aos Depósitos Médicos. As requisições de material perdido em combate eram imediatamente atendidas, o mesmo acontecendo com o inutilizado em serviço mediante requisições de troca, ou sistema de "Salvage". Quanto aos pedidos extra-tabela, tinham de ser encaminhados em requisições especiais, através a 4ª Secção da D.I.E., ao G-4 do 5º Exército

e, finalmente, à chefia do S.S. do Exército e ao Depósito Médico.

O 1º B.S. mantinha, em conexão com o seu S/4, um Pôsto de Suprimentos Sanitários para material de consumo, pensos e medicamentos, pedidos pelos Destacamentos de Saúde dos Corpos. O referido Pôsto, dirigido por um tenente médico, iniciava suas próprias requisições para completar o seu pequeno estoque. Tais requisições eram levadas diretamente ao Depósito Médico. Quasi todos os órgãos não divisionários e mesmo os da D.I. mais próximos, enviavam à Chefia do S.S. da F.E.B. os pedidos de medicamentos redigidos em português e elaborados segundo a farmacopéia brasileira e recebiam, em troca, requisições para os Depósitos Americanos, em inglês e na nomenclatura própria.

Medidas de Profilaxia

Medidas de profilaxia foram adotadas para proteger a tropa contra as doenças seguintes, de maior importância médico-militar no Teatro de Operações:

- Desinterias
- Doenças do grupo tífico
- Nepatite epidêmica
- Doenças venéreas
- Malárias
- Tifo exantemático
- Doenças do aparelho respiratório
- Pé de trincheira e geladoras
- Tétano.

A enumeração dessas medidas constam do Relatório da Chefia do S.S. da F.E.B. e merecem ser lidas pelos nossos órgãos técnicos, bem como os dados estatísticos comparativos das incidências dessas doenças na D.I.E. e nas demais Divisões americanas naquele Teatro, o que vem em abono do estado sanitário sempre bem mantido pela tropa brasileira.

Apenas as doenças venéreas, que constatam 1012 casos em nove meses de campanha, encontravam um surto alarmante, natural em um povo de educação precária e pouco zeloso de sua saúde neste particular.

Desde o desembarque do 1º Escalão na Itália até 31 de maio de 1945, pode ser assim resumido o movimento de doentes para as Secções de Hospitalização anexas aos Hospitais americanos:

- Total dos entrados durante a campanha	10.536	
- Total de recuperados	9.137	86,7%
- Total de evacuados pelo S.S.	846	8,1%
- Total de mortos	49	0,4%
- Total de remanescentes	252	2,4%
- Total dos incapazes temporariamente .	252	2,4%

As percentagens de recuperados e de mortos nos hospitais constituem índices desvanecedores para a classe médica brasileira e falam melhor que qualquer comentário a respeito.

Do total de baixados, 10.536, temos 7.989 doentes, 1.038 acidentados e 1.549 feridos em combate.

Apreciemos, agora, outras percentagens bem interessantes sôbre os ferimentos em ação.

Classificação dos feridos pela localização dos ferimentos:

Região	Percentagem
- Cabeça	12,0%
- Torax	10,0%
- Abdomen	2,4%
- Membros	47,2%
- Poli-feridos	18,9%
- Blast	9,5%

Classificação dos feridos de acôrdo com o agente vulnerante:

Agente	Percentagem
- Bala	10,3%
- Granada	83,6%
- Mina	4,8%
- Coronhada	0,1%
- Arma branca	0,06%
- Outros projéteis	1,1%

Classificação dos feridos por armas e Serviços:

Arma ou Serviço	Percentagem
- Infantaria	93,0%
- Engenharia	2,0%
- Artilharia	1,9%
- Serviço de Saúde	1,3%
- Motomecanizada	0,9%
- Tropa Especial	0,9%

c - Depósito de Intendência

Preliminares:

O Depósito de Intendência do 1º Escalão da F.E.B., criado pelo Decreto-Lei nº 6.459-A, de 2.V.944, que funcionou na Itália nas cidades de NÁPOLES, CIVITAVECCHIA, PIOMBINO, e, até o término das Operações em LIVORNO, foi organizado da maneira abaixo pelas Instruções aprovadas pela Portaria Ministerial nº 32.131-Res., de 28.IV.944:

- Chefia, para direção do conjunto.
- Gestão de Subsistência, para manuseio dos víveres especiais procedentes do território nacional ou adquiridos no estrangeiro.
- Gestão de Material de Intendência, para guarda e distribuição de fardamento, equipamento, material de estacionamento e outros destinados à dotações comuns ou reserva de guerra.
- Gestão de Material Recuperável, para aproveitamento de peças inutilizadas e de matéria prima recolhidas pelos corpos de tropa e formações de serviços.
- Gestão de Oficinas, para trabalhos de recuperações e ligeiras confecções, com especialidade na parte de remonta de calçado.
- Gestão Reembolsável, para venda dos artigos necessários ao bem estar do pessoal da F.E.B.
- Companhia de Intendência, para execução dos serviços gerais e guarda do Depósito.

As atividades do Depósito no Teatro de Operações, desde julho daquele ano, demonstraram porém a necessidade de criação de mais um órgão indispensável à execução perfeita dos seus serviços. Assim, a título precário, foi criada a 10 de novembro de 1944, a Secção de Contabilidade, destinada a manter inicialmente a escrituração dos estoques, além de outros encargos que lhe foram afetos posteriormente.

A organização do Depósito atende, de um modo geral, as suas finalidades, dando-lhe uma flexibilidade que permite um desdobramento fácil quando seu emprêgo assim o exige. Dessa maneira, por exemplo, foi possível o deslocamento para NÁPOLES, em carater urgente, de várias gestões, fracionadas em escalões.

Uma Gestão de Transportes, porém, faz falta em sua com-

posição. Sua ausência causou as maiores dificuldades para o Depósito durante a campanha, principalmente na fase de evacuações.

Vejamos o funcionamento dos diversos órgãos do Depósito de Intendência.

Gestão de Subsistência:

Sua vida teve início com a partida do 1º Escalão da F.E.B. do Brasil, a 2 de julho de 1944, com o fornecimento de gêneros para a alimentação mixta a bordo do navio General Mann.

Ao chegar ao Teatro de Operações, os víveres foram transportados para BAGNOLI e, daí, acompanhando os sucessivos deslocamentos da tropa, a Gestão estacionou em NÁPOLES, CIVITAVECCHIA, TARQUINIA, PIOMBINO, VADA e LIVORNO.

Teve a seu cargo o abastecimento da tropa da 1ª D.I.E. e dos Órgãos não Divisionários, utilizando caminhões do Depósito ou das Unidades.

A Gestão forneceu à tropa quase a totalidade de seu estoque, tomando-se, às vezes, exaustivo o trabalho de distribuição, dada à deficiência sempre crescente de pessoal e o estado precário da embalagem feita no Brasil. O estoque restante foi distribuido a entidades brasileiras e italianas de acôrdo com as ordens do Comando.

Houve no transporte marítimo e sucessivas movimentações dos estoques algumas quebras que se acentuaram no açucar e no arroz. Recebeu, por isso, uma taxa de quebra, fixada em 1/2% para o arroz, 1% para o açucar e 12,3% no café crú (desidratação, manuseio e ação de animais daninhos).

Gestão de Material de Intendência:

Seu funcionamento teve início a 16 de julho de 1944, com o desembarque da tropa do 1º Escalão em NÁPOLES e, daí, sucessivamente, instalou-se em CIVITAVECCHIA, PIOMBINO (com um Depósito Avançado em OSPEDALETO) e LIVORNO. Nesta última cidade, desmembrou-se com uma Secção lançada para FLORENÇA, junto a um Depósito do 5º Exército, com a finalidade de suprir as Unidades Divisionárias, enquanto que a Gestão ficava com a incumbência de atender os O.N.D. e o fornecimento, em grosso, àquela Secção, dentro de um nível pré-fixado. Obteve-se, assim, economia de tempo

e espaço.

A Gestão supriu toda a F.E.B. com grande parte de material de procedência brasileira e com alguns artigos vindos dos Depósitos americanos.

Recebeu ainda material recuperado, inclusive cobertores norte-americanos, procedendo o respectivo enfardamento pelo processo americano, para isso recebendo prensas especiais da P.B.S., o que deu aos volumes dimensões e pesos mais práticos que os adotados por nós.

Forneceu quase a totalidade do material destinado à F.E.B., inclusive o chegado pelo navio D.Pedro II, depois de concluídas as operações.

Na primeira quinzena de agôsto de 1945, deslocou-se para NÁPOLES, onde preparou o embarque do material que devia retornar ao Brasil.

Seu trabalho foi grande, dado o volume do material exigido para uma Divisão, em moldes da guerra moderna. A deficiência em pessoal constituiu um sério impecilho às suas atividades, não sendo poucas as vezes em que teve de recorrer a reforços para o seu serviço.

O nosso sistema de embalagem, dadas as dimensões dos volumes, sem considerar a fraqueza da mesma, exigia de 2 a 4 homens para a movimentação de um só, resultando o arrebentamento do envólucro, a perda e a deterioração da carga, por falta de meios impermeabilizantes.

Cumpre, ainda, ressaltar a questão do pessoal, sem conhecimento do material de intendência especializado e o recebimento de artigos americanos, com embalagem e características próprias, dando causa a uma série de embaraços na distribuição e no manuseio.

Houve, por ser impossível evitar, extravios de material, com furtos e desvios, pois a falta de pessoal não permitia uma vigilância segura.

Gestão de Material Recuperável:

Sua organização representa um alto esfôrço daqueles que sentiram a necessidade da recuperação, ao máximo, de todo o material de intendência que, nesta última campanha, representou mais de 50% da totalidade do que foi utilizado, não só em valor e quan-

tidade, mas também em volume e variedade.

Pelos resultados obtidos, se bem que modestos, podemos acreditar que a lição produzirá seus efeitos, mesmo na paz, incrementando-se o serviço de recuperação de todo o material de intendência, dando assim uma economia apreciável à Nação.

Nossa Gestão, com um efetivo de apenas de 8 praças, não poderia ter feito mais e melhor, mesmo porque as disponibilidades e recursos em material sempre foram por demais escassos.

A partir de janeiro de 1945, a Gestão começou a receber, selecionar e enviar para a lavandaria e, consequentemente, para as Oficinas do Depósito, para mais de 100.000 peças de brim v.o., depois restituidas à tropa.

Ainda na Itália, a 23 de julho de 1945, a Gestão foi extinta e ficou habilitada para retornar ao Brasil.

Gestão de Oficinas:

A 9 de agôsto de 1944, a Gestão deu início aos seus trabalhos em CIVITAVECCHIA, funcionando a princípio com uma Secção de recorte e adaptação de fardamento para praças e oficiais. Aí não foi possível funcionar a Secção de Sapataria-Correiaria, por falta de energia elétrica. Esteve em PIOMBINO e a 4 de outubro instalou-se em LIVORNO, quando atingiu o máximo de rendimento, com trabalhos para todas as suas Secções de Alfaiataria-Correiaria, Carpintaria e Recuperação de Fardamento.

À Gestão coube volumoso serviço de embalagem da totalidade do material do Depósito, bem como do material de suprimento da tropa em regresso para o Brasil; a recuperação de mais de 100.000 peças de fardamento e cêrca de 12.000 pares de borzeguins. Não fôra a deficiência de maquinária e pessoal especializado, mais acentuada teria sido sua produção, pois nem a mão de obra civil solucionou o problema pela falta do material para confecção. Os pedidos superavam de muito o rendimento de que era capaz.

Encerrou suas atividades no Teatro de Operações a 23 de julho de 1945.

Gestão Reembolsável:

Criada para atender a um efetivo de 25.000, funcionou, em território italiano, de 3 de setembro de 1944 a 17 de setem-

bro de 1945.

Inicialmente, dispunha de um Depósito em TARQUINIA e dois outros avançados em VADA e ROSSOIAGNO; depois, o primeiro foi para PIOMBINO e os demais extinguiram-se à proporção que as tropas avançavam para o Norte.

O de PIOMBINO, em outubro, transferiu-se para LIVORNO, onde também foi aberto um ANEXO (pequeno depósito e cantina).

Em novembro de 1944, foi instalado um Anexo em PISTOIA, para onde, aos poucos, foi se transferindo o Depósito de LIVORNO, permanecendo aí apenas o Anexo (cantina).

No começo de janeiro de 1945, com a abertura de mais dois Anexos, a Gestão dispunha de quatro cantinas em pleno funcionamento.

- PORRETA TERME, para as tropas da frente.
- PISTOIA, para os elementos em trânsito e para os órgãos aí instalados.
- STAFOLLI, para o Depósito de Pessoal.
- LIVORNO, para os órgãos de retaguarda e em trânsito.

Com o desenrolar das operações, novos elementos reembolsáveis tiveram de ser criados e, assim, entre cantinas fixas e sôbre rodas, houve ocasião que a Gestão chegou a atender em sete pontos diferentes.

A de PORRETA, acompanhando o Q.G. Avançado da Divisão, deslocou-se sucessivamente para LIZZANO IN BELVEDERE e para GAGGIO MONTANO.

Paralelamente foi criado uma cantina em PÁVANA, que se instalou, depois, em VIGNOLA, onde absorveu o de GAGGIO MONTANO.

A de VIGNOLA, a 1º de maio de 1945, mudou-se para ALESSANDRIA e a 10 de julho foi extinta, devido à concentração da tropa em FRANCOLISE.

Nessa época, a Gestão dispunha de 4 Anexos, assim distribuidos:

- FRANCOLISE, para a tropa aí acampada.
- NÁPOLES, para os elementos em trânsito ou em serviço na cidade.
- LIVORNO, (que desde julho absorvera o de PISTOIA), para os remanescentes ao Norte da península italiana e para o pessoal em trânsito.
- STAFFOLI, para o Depósito de Pessoal.

A concentração do Depósito de Pessoal em FRANCOLISE, extinguiu, a 23 de agôsto, os Anexos de STAFFOLI e LIVORNO.

A 15 de setembro, vésperas do embarque dos últimos elementos ainda na Itália, foram fechados os de NÁPOLES e FRANCOLISE.

Temos, assim, uma descrição rápida dos deslocamentos de nossas cantinas durante a vida da tropa na Itália, e, por ela, conclue-se da atividade da Gestão, sempre preocupada com o sério problema do pessoal, relativamente bem fraco para o serviço que se lhe exigia. Fraco, no sentido do efetivo (1 oficial e 39 praças) e na insuficiência de quasi metade de seus homens para o mister de servir à tropa.

Várias queixas foram recebidas, inclusive do exagero nos preços pedidos pelos vendedores, o que era difícil de apurar pela não existência de notas de venda e pela imprevisão das reclamações.

A propósito, cabe aqui uma observação interessante. Nossos homens, habituados a comprar nas cantinas americanas (Post Exchange, abreviadamente P.X.), onde tinham franco ingresso por uma distinção especial aos brasileiros, constatavam as diferenças flagrantes de preços em artigos similares, vendidos muito mais em conta nos P.X. e, sem dúvida, com melhor acabamento e qualidade. Nos Estados Unidos, tudo que se destina à tropa está isento de impostos e quanto à confecção não é necessário fazer comentários. Para os brasileiros, os artigos eram entregues a comerciantes gananciosos que, além de trabalharem mal, queriam lucrar o máximo, daí os preços chegarem ao Teatro de Operações bem exagerados e as peças com uma péssima apresentação. Como exemplo que no momento vem a mente, temos as camisas de tricoline verde oliva. Nesse confronto, sempre levamos a pior, com grande prejuizo para o prestígio dos responsáveis nessas remessas do Brasil.

Foram frequentes os desvios de artigos das cantinas e as sindicâncias consequentes nunca puderam apurar devidamente os responsáveis. Apesar da vigilância pelo pessoal das cantinas, alguns assaltos foram realizados à noite por soldados nossos. Fato lamentável, mas que não pode ser ocultado aqui.

Muitos artigos adquirimos no P.X. americanos para venda em nossas cantinas, com uma pequena margem de lucros para compensar as perdas e prejuizos. Estavam sujeitos ao mesmo regime de racionamento adotado no Exército dos Estados Unidos.

Para se conhecer o movimento de mercadorias e financeiro, convém ser lido o Relatório apresentado pelo Chefe da Gestão Reembolsável.

Companhia de Intendência

Êste elemento do Depósito de Intendência a princípio autônomo, foi, depois, incorporado ao órgão que servia, situação em que se manteve até o final das operações.

De efetivo reduzido para sua finalidade, sempre lutou com essa deficiência no serviço.

Compreendia uma Secção de Comando e 3 Pelotões de Viaturas, de Guardas e de Serviços, além de uma manutenção tipo 2º escalão.

O Pelotão de Viaturas realizou esforços sobre-humanos para atender ao volumoso serviço, com seu efetivo reduzido e com homens insuficientemente instruidos. Daí, a necessidade de se recorrer ao auxílio de profissionais civis e aos americanos para cumprir os grandes fornecimentos feitos pelo Depósito de Intendência.

O Pelotão de Serviços, também de efetivos reduzido, não pôde atender integralmente sua finalidade, sendo indispensável recorrer ao Depósito de Pessoal.

A Companhia que deveria ser organizada com pessoal especializado - motoristas, artífices e trabalhadores braçais - foi constituida de elementos desconhecedores do serviço, originando dificuldades no enquadramento do pessoal numa fase em que o tempo era pouco para atender à tropa. Além disso, transferidos de outras Unidades no período de organização vieram para a Companhia muitos elementos de má conduta que só serviram para criar sérios casos de polícia e justiça.

Secção de Contabilidade:

Criada, por imposição do serviço, na Itália, a 10 de novembro de 1944, prestou relevante auxílio ao contrôle dos estoques das Gestões regularizando a escrituração do Depósito de Intendência.

Ficou, desde logo, aparelhada para o seu funcionamento e pôde manter em dia o registro de todo o material, acompanhando,

assim, a vida de cada Gestão.

Ao encerrar suas atividades, em agôsto de 1945, contava com um fichário composto de 1035 fichas, devidamente escrituradas, com dados extraidos dos Boletins e Portarias de fornecimento.

d - Correio Regulador

Viajando com o 1º Escalão da F.E.B., o Correio Regulador chegou à Itália a 16 de julho de 1944, e, logo no dia imediato, entrou em contato com as autoridades americanas de CASERTA, afim de iniciar a remessa da correspondência para o Brasil.

Nenhuma dificuldade surgiu e, assim, foi possível que a 21 estivesse o Correio instalado e funcionando, em BAGNOLI, remetendo a 23 as duas primeiras malas para o Brasil, uma para o Coletor Sul com 4.745 cartas e outra 115 para o Coletor Norte.

De BAGNOLI, o Correio Regulador efetuou os seguintes deslocamentos:

Para CIVITAVECCHIA . . . . a 1º.VIII.944
Para PIOMBINO . . . . . a 25.VIII.944
Para LIVORNO . . . . . a 2.IX.944
Para BAGNOLI (de regresso) a 15.VI.945.

Suas atividades foram encerradas, na Itália, a 18 de setembro de 1945, com a entrega de 3 malas postais aéreas e 135 telegramas endereçados para o Brasil.

Passemos, agora, à apreciação de alguns setores do Correio Regulador.

Carros-Correio:

Para atender aos diversos elementos da F.E.B. que ficaram escalonados ao longo do seu eixo de deslocamento, foi instituido o Serviço de Carros-Correio, iniciado em PIOMBINO a 11 de setembro de 1944. Fazendo o percurso de ida e volta a NÁPOLES, essas viaturas coletavam e distribuiam a correspondência não só aos diversos órgãos da F.E.B. que permaneciam em ROMA, CASERTA e NÁPOLES, como também prestavam serviços ao Corpo Diplomático do Brasil, que se utilizou de nosso Correio até a regularização das malas postais.

Correspondência Postal:

Desde sua instalação, o Correio manteve uma média semanal de três expedições de malas, só a interrompendo em poucas ocasiões e, no caso geral, a demora da correspondência em sua séde não ultrapassava de 48 horas, apesar do pouco pessoal de seu efetivo.

Para isso, entretanto, foi necessário abolir algumas formalidades de rotina do serviço, exclusivamente em benefício da maior rapidez da correspondência.

Até o final de suas atividades, o Correio Regulador expediu a seguinte correspondência total para o Brasil:

	Malas	Cartas
Coletor Sul (Rio) . . .	544	1.385.986
Coletor Norte (Natal). . .	176	111.534
	710	1.497.520

O Serviço soma cêrca de 10.143.922 gramas e representa uma média mensal de 47 malas e 99.835 cartas, o que atesta o trabalho intenso atribuido ao seu pessoal.

Com o objetivo de abreviar a demora, no Correio, da correspondência recebida do Brasil e também devido ao seu efetivo reduzido não foi feita a contagem das cartas remetidas pelo Coletores Sul e Norte. Também por falha do Serviço, proveniente principalmente do desconhecimento de algumas formalidades da rotina de um correio, de início, não se anotou o número de malas recebidas.

Numa estimativa muito aproximada, porém, é possivel avaliar em 240 o número de malas entradas no ano de 1944.

No decorrer de 1945, foram recebidas 403 malas, o que apresenta um total de cêrca de 643 durante o período de funcionamento do Correio.

Correspondência Telegráfica:

Por iniciativa do Coletor Sul foram feitos no Rio, ainda em setembro de 1944, entendimentos com diversas companhias telegráficas para serem estabelecidas trocas de mensagens entre o Brasil e a F.E.B. e vice-versa.

Impossível foi iniciar o serviço logo, após essas negações, devido à ausência de consentimento do Comando Aliado no Mediterrâneo e das autoridades americanas em WASHINGTON, que desco-

nheceram o acôrdo firmado no Rio com os representantes daquelas Companhias.

Contornadas todas as dificuldades, na segunda quinzena de outubro de 1944, teve início o serviço.

Algumas circunstâncias, porém, impediram fossem os telegramas expedidos e recebidos com a rapidez que seria para desejar, tais como a localização da séde da Companhia Telegráfica (ROMA), há mais de 300 quilômetros do estacionamento do Correio (LIVORNO), e a frequente falta do indicativo numérico do destinatário no endereço, que obrigava recorrer ao fichário da Divisão, e, finalmente, a falta de pessoal disponível para a tradução em texto claro das transmissões em código.

Pouco a pouco foi possível melhorar o serviço e o rendimento final já era bem satisfatório.

Pode, assim, ser resumido o movimento de telegramas no Correio Regulador:

	Expedidos	Recebidos
1944	39.005	5.688
1945	109.628	70.061
Total	148.628	75.749.

O que perfaz um total de 224.377 mensagens telegráficas.

Encomendas:

Feito exclusivamente por via marítima. Em virtude da escassez de transportes dêsse gênero, entre o Brasil e a Itália, o tráfego de encomendas para a F.E.B. e vice-versa sempre deixou muito a desejar, sem que nisso houvesse qualquer descaso ou negligência por parte do Correio.

Com raras remessas vindas pelos Estados Unidos, as encomendas para a F.E.B. foram transportadas nos navios que conduziam os diversos contingentes de tropas.

Nos intervalos dessas viagens, as encomendas se acumulavam nos Coletores do Brasil, provocando inúmeras reclamações dos destinatários, que, por carta, já tinham conhecimento das remessas, e atribuiam o atraso a outros motivos.

No longo trajeto percorrido, sujeitos a trabalhos diversos de carga e descarga, não poucos volumes foram recebidos com-

pleta ou parcialmente destruidos, impossibilitando até a identificação dos destinatários.

Durante seu funcionamento, deram entrada no Correio 2801 malas e 477 caixas contendo encomendas para a F.E.B..

O serviço para o Brasil foi menor, atingindo a 38 malas, com um pêso total de 12.000 quilos, aproximadamente.

Censura:

Mau grado o reduzido número de censores, o serviço não apresentou demoras e não prejudicou a expedição.

Ao Correio ficou afeta a censura da correspondência dos oficiais, pois a das praças foi atribuida às próprias sub-unidades de origem.

Os censores tiveram o cuidado de evitar mutilações desnecessárias nas cartas e a ausência de reclamações bem revela o critério em que atuaram. A discrição mantida pelos mesmos, também, é digna das melhores referências.

Conclusões:

Tratando-se de um serviço praticamente novo em nosso Exército, pouco conhecimento para a totalidade dos seus componentes, que tiveram de suprir, com expedientes vários, as deficiências inevitáveis que foram surgindo, merece os maiores encômios o trabalho desenvolvido pelo nosso Correio Regulador.

Compreendendo a importante influência da carta no moral da tropa, seus componentes souberam empregar todo o esfôrço para que nunca faltasse ao combatente notícias do seu lar distante, e, por isso, merecem a gratidão dos integrantes da F.E.B..

e - <u>Pagadoria Fixa</u>

A Portaria Ministerial nº 6463, de 2.V.944, criou o Serviço de Fundos da 1ª D.I.E., e a de nº 6.499, de 23 do mesmo mês, aprovou as instruções para organização e funcionamento do referido Serviço. Como órgão principal de provimento de numerários aos Serviços de Fundos Divisionários e demais elementos orgânicos da F.E.B., foi instituida a Pagadoria Fixa, como parte integrante do

Serviço de Fundos da F.E.B..

Com base nas Portarias citadas, organizou-se a Pagadoria que veiu integrar o 1º Escalão da F.E.B. chegado à Itália a 16 de julho de 1944.

Acampou em BAGNOLI, com os demais componentes da tropa brasileira, e efetuou, depois, os seguintes deslocamentos:

CIVITAVECCHIA . . . a 31.VII.944
PIOMBINO . . . . . a 26.VIII.944
LIVORNO . . . . . a 4.X.944
PISTOIA . . . . . a 23.I.945
LIVORNO . . . . . a 10.VI.945
FRANCOLISE . . . . a 30.VII.945.

Daí, retornou ao Brasil, pelo Navio Nacional D. Pedro II, chegando ao Rio a 31 de agôsto de 1945.

Como já foi assinalado, a permanência da Pagadoria na Itália, sem o seu órgão controlador, o Serviço de Fundos da F.E.B., criou uma dualidade orgânica (com o Serviço de Fundos da 1ª D.I.E.) desnecessária ao desenvolvimento do serviço em uma só Divisão.

Em todo o caso, desenvolveu as atividades previstas nas instruções que regulavam seu funcionamento, movimentando os fundos da F.E.B. no Teatro de Operações e mantendo relação muito estreita com a Agência do Banco do Brasil, por intermédio da qual fazia todas as operações de pagamento e recebimento de créditos.

Durante a campanha da Itália, foram sacadas naquela Agência, para atender às requisições de Unidades ou para remessas, as seguintes importâncias:

Conta corrente - 10
(Suprimentos) . . . . . Cr$ 116.736.086,20

Conta corrente - 11
(Transferências). . . . . Cr$ 604.443.885,80

Total de saques . . . . . Cr$ 721.179.972,00.

A primeira conta se refere a despesas de pessoal pago em campanha, isto é, quotas fixas, bem como despesas de material (adiantamentos concedidos pelo Comando e pagos na Itália aos vários agentes diretores); a segunda é relativa às parcelas enviadas ao Brasil e a Washington (vencimentos de pessoal) e adiantamentos a serem entregues fora do território italiano.

Além das importâncias acima, caso se pretenda conhecer o

montante das despesas da F.E.B., há que considerar a diferença de câmbio entre os recebimentos e os pagamentos no exterior (sete cruzeiros por dolar). A despesa relativa a esta diferença correu a conta de um crédito aberto pelo Ministério da Fazenda. Assim, não foram afetados os créditos à disposição do Comando da F.E.B..

Os pagamentos de pessoal no Teatro de Operações se limitaram à quota fixa e foram feitos para a tropa divisionária, por intermédio do Serviço de Fundos da D.I.E.. Os Órgãos Não Divisionários receberam diretamente na Pagadoria Fixa.

A quota fixa dos hospitalizados era recolhida pelas Unidades à Pagadoria e esta efetuava diretamente os pagamentos, sendo, para isso, organizado um fichário especial.

Os pagamentos foram sempre feitos em moeda especial creada pelos aliados e de ampla circulação em todo o território italiano. A lira de ocupação tinha a seguinte equivalência com a nossa moeda:

100 liras . . . . . Cr$ 20,00 ou
1 lira . . . . . Cr$ 0,20.

Nunca se verificou atrazo no pagamento da tropa brasileira, o que por si já constitue um realce para o trabalho desempenhado pelos responsáveis desse serviço.

Órgão novo dentro do Exército Brasileiro, destinado a funcionar em ambiente estranho e distante, organizado e servido por pessoal que não tinha vivido uma situação de guerra como a que veio de terminar, a Pagadoria representa um produto da capacidade e boa vontade dos elementos que o organizaram e serviram.

f - Posto Regulador em LIVORNO

O Posto Regulador em LIVORNO (P.R.L.) foi criado, em 21 de março de 1945, para substituir a Secção de Base Brasileira, extinta quando da reorganização dos Órgãos Não Divisionários do 1º Escalão da F.E.B..

Tinha como atribuições:

- Assegurar o transporte na Zona de Comunicações
- Receber e encaminha aos pontos de destino os suprimentos, os contingentes e os isolados procedentes do Brasil, requisitando os meios de transportes necessá-

rios.

- Controlar o embarque de todos os evacuados de LIVORNO para o Brasil.
- Assegurar o funcionamento dos acantonamentos de trânsito, instalados em LIVORNO e NÁPOLES, respectivamente conhecidos pelas abreviaturas A.T.L. e A.T.N..

Durante seu funcionamento, praticamente até o fim de junho de 1945, o Posto manteve, além das decorrentes da subordinação funcional, ligações com o Depósito de Intendência, Correio Regulador, Peninsular Base Section (em LIVORNO), Secção de Hospitalização anexa ao 7th Station Hospital (LIVORNO), Centro de Triagem e com os Postos de NÁPOLES e CASERTA (êste, para efeito de regulação de transportes do pessoal dos diversos cursos americanos).

Para o A.T.N. transitaram 1.023 militares e no A.T.L. foram alojados 2.469 homens, oriundos dos hospitais e do Centro de Triagem.

Para o Brasil foram evacuados de 21.III/21.VI.945:

Oficiais	-	145
Praças	-	377
		522.

O movimento total de trânsito mantido pelo Posto registra 1.861 homens, sendo 214 oficiais e 1.467 praças, numa média diária de 21 pessoas.

A maior fase de atuação do Posto foi no deslocamento da Divisão de ALESSANDRIA para NÁPOLES, depois de concluidas as operações.

Durante o período de 8 a 26 de junho de 1945, concorreu eficazmente para a regularização dos movimentos rodoviários e rodo-marítimo das Unidades, recolhendo, também, o material de guerra, que, de acôrdo com as instruções em vigôr, deveria ser entregue em LIVORNO.

g - Posto de Ligação em NÁPOLES

Inicialmente, foi mantido apenas, em NÁPOLES, um Oficial de Ligação junto à Peninsular Base Section (P.B.S.), aí situadas que tinha a missão de:

- estabelecer contato com a P.B.S., sôbre todos os problemas dependentes de sua solução;

- ligar-se ao Oficial de ligação em CASERTA, prestando-lhe toda a colaboração no estudo e solução prática das questões que reclamassem a intervenção da MTOUSA.

Seu desempenho correspondeu sempre à expectativa, adiantando-se mesmo em providências que muito recomendam os seus serviços como:

- Facilidade de instalação, distribuição de agasalhos e transporte dos Escalões chegados do Brasil para o Teatro de Operações.
- Entendimentos para simplificar a evacuação aérea dos nossos doentes recolhidos à Zona do Interior.
- Acomodação do pessoal em trânsito.
- Assistência aos baixados nos hospitais de NÁPOLES.
- Serviço de Correio na área de NÁPOLES.

A evolução natural que foi tomando o serviço, impôs que se transformasse em Posto de Ligação em NÁPOLES (P.N.) por ocasião da reorganização dos Órgãos Não Divisionários, quando então suas atribuições ficavam assim definidas:

- Assegurar a ligação permanente com os elementos da P.B.S. e com as autoridades portuárias de NÁPOLES.
- Operar em última ligação com o Posto Regulador em LIVORNO, Posto de Ligação em CASERTA e Consulado do Brasil e Chefia da Secção de Hospitalização Brasileira anexa ao Medical Center, tudo em NÁPOLES.
- Controlar o embarque de todo o pessoal evacuado ou não, pelo pôrto e aero-pôrto, para o Brasil.
- Receber e encaminhar os contingentes e isolados procedentes do Brasil, entrando, para isso, sempre em entendimento com o Posto Regulador em LIVORNO.
- Supervisionar o recebimento, transbordo e encaminhamento dos suprimentos destinados ao 1º Escalão da F.E.B., com procedência do Brasil.
- Recolher à prisão militar da P.B.S., em AVERSA, todos os presos que aguardavam evacuação para o Brasil e lhe fossem apresentados.
- Assegurar alojamento e alimentação dos Oficiais e Praças em trânsito por NÁPOLES.

Dessa maneira foram ampliadas as atribuições para execução do serviço, contando o Posto com um contingente de oficiais e praças que muito fez para facilitar a tarefa dos elementos que transitavam por NÁPOLES e que necessitavam de concessões do Comando americano sediado na cidade.

Por ocasião da concentração da F.E.B. em FRANCOLISE e no embarque dos diversos Escalões para o Brasil, suas atividades cresceram, mas tudo foi perfeitamente solucionado, como atestam a ordem e a disciplina dessas operações.

h - Pôsto de Ligação em CASERTA

Anteriormente denominado Secção de Ligação Brasileira, foi instalado em 30.VI.944, por um dos oficiais que integraram a Missão chefiada pelo General Mascarenhas de Moraes que, em dezembro de 1943, visitou o Teatro de Operações do Norte da África e da Itália. Êste oficial permanecendo na Europa, quando do regresso da Missão, foi, depois, designado para instalar a referida Secção.

Funcionou sempre em uma dependência do S.O.S. (Service of Supply), em CASERTA.

Para o desempenho de suas funções, manteve ligação com:

- Os Services of Supply, North African Theater Operations Unitde States America (S.O.S./NATOUSA), organismo americano subordinado ao AFHQ (Allied Force Headquarters), e que enfeixava todo o serviço de suprimento "yankee", e superintendia, inclusive, os elementos de retarguarda, Bases, Depósitos, etc. Em setembro de 1944, o S.O.S. transformou-se em COMZONE (Communication Zone) e a ligação passou a ser feita com êsta. Finalmente, em novembro, a COMZONE foi extinta e absorvidos os seus serviços pelo G-4, da MTOUSA, com quem, daí em diante, o Posto manteve contacto.
- O G-3, do AFHQ, por intermédio da Sub-Secção Brasileira da Secção de Ligação (oficiais americanos) do Comando Aliado, em tudo que concerne à instrução.
- O G-1, do AFHQ, da mesma maneira, no que se refere a efetivos da tropa brasileira.
- Os escalões superiores da F.E.B..

- O Pôsto Regulador de LIVORNO (movimento de pessoal da Escolas), o Depósito de Intendência (balanços mensais do respectivo material), o Pôsto de Ligação em NÁPOLES (evacuação de pessoal), a Agência do Banco do Brasil de NÁPOLES (transmissão de rádios enviados pela Agência Matriz do Brasil e recebidos pelo AFHQ) e a Chefia do Serviço de Saúde da F.E.B. (remessa de documentos peculiares ao serviço).

Com a reorganização dos Órgãos Não Divisionários passou a Pôsto de Ligação em CASERTA (P.L.C.) sendo assim definida sua missão:

- Assegurar a ligação permanente com o AFHQ e com o MTOUSA.
- Encaminhar aos Cursos e Escolas Americanas os oficiais e praças indicados para matrícula e, que lhe sejam apresentados.
- Requisitar ao MTOUSA os necessários transportes para o Brasil.
- Cooperar com o Pôsto de Ligação em NÁPOLES.

Sem dúvida, a missão de ligação era a mais importante e todo esfôrço foi mantido, ficando sempre o Comando da F.E.B. ao par das decisões superiores e, por outro lado, as autoridades americanas informadas das necessidades e determinações do Comando brasileiro, o que mais se acentou no período do retôrno ao Brasil.

Quanta à apresentação de oficiais e praças às Escolas e Cursos foi intensa a atividade do Pôsto, que dispensou permanente assistência às diversas turmas que cursaram a "Lendership and Batlle Training School" e a "Engineer Training School" (Pontes e Minas), recebendo-as e encaminhando-as de volta, além de acompanhar a atuação dos instrutores.

A cooperação com o Pôsto em NÁPOLES, se fez sentir acentuadamente na questão dos transportes aéreos para o pessoal brasileiro.

6 - SECÇÃO ESPECIAL DO COMANDO DA F.E.B.

A Secção Especial do Comando da F.E.B. foi organizada pelo Boletim da 1ª D.I.E. nº 55, de 19 de outubro de 1944, e, posteriormente, sua constituição teve a aprovação do Ministro da Guerra pelo Aviso nº 30-31, de 23 de janeiro de 1945.

Sua criação visava atender ao expediente e às relações entre o Comando da F.E.B. e os elementos que lhe eram subordinados, tendo, de início, as seguintes atribuições:

- Confeccionar o histórico do 1º Escalão da F.E.B..
- Regular a atividade dos correspondentes de guerra nacionais e estrangeiros acreditados junto á F.E.B. e exercer a censura de todo o noticiário e reportagens, inclusive fotografias destinadas á imprensa brasileira.
- Organizar os processos de concessão de condecorações aos elementos da F.E.B., de acôrdo com a legislação vigente.
- Encarregar-se da correspondência especial do Comando do 1º Escalão da F.E.B..
- Participar da representação do Comando do 1º Escalão da F.E.B..

Posteriormente, as exigências do serviço determinaram a ampliação das suas tarefas, cabendo-lhe ainda, como consequência:

- Preparar, em cooperação com o Psychological Warfare Branche do 5º Exército, o material e folhetos de contra-propaganda.
- Preparar os diplomas de ferimentos em ação, bem como as citações de combate, para serem entregues aos interessados.
- Divulgar, entre a tropa e a imprensa brasileira, os atos de bravura ou feitos excepcionais dos oficiais e praças da F.E.B..

No cumprimento de sua missão de orientar os correspondentes de guerra, facilitando-lhes a execução dos trabalhos, deparou a Secção com algumas dificuldades, dentre as quais se destaca o problema do seu transporte à frente de combate, embaraço comum em todos os Exércitos em luta, como se deduz dos livros pelos mesmos publicados, o que constitue até motivos para comentários irônicos.

O número de correspondentes, 13, sem dúvida exagerado para uma só Divisão, todos desejando visitar a frente ao mesmo tempo ou em turmas e para locais diferentes, consistiu um sério obstáculo, porém sempre desfeito com os recursos de outros órgãos ou unidades, pois a Secção apenas dispunha de 2 "jeeps" e de um carro de 3/4 toneladas.

Nas operações de importância, eram os correspondentes reunidos e, acompanhados de um oficial da Secção, assitiam a ação, consultando-os quando desejavam obter maiores esclarecimentos sôbre o que se desenrolava.

Devido à diferença de idioma, a Secção foi obrigada (afim de não prejudicar os correspondentes brasileiros) a destacar um oficial para a Public Relations Section do 5º Exército, por meio do qual era feita a censura dos textos redigidos em português.

Essa diferença de idioma acarretou ainda a preparação em inglês dos processos de condecoração americana e a versão de folhetos para a Psychological Warfare Branche.

Para o histórico da F.E.B., a Secção aparelhou-se convenientemente e, hoje, já está elaborando o respectivo documento, razão pela qual seus oficiais ainda são conservados à disposição do General Mascarenhas de Moraes.

No desempenho de suas missões, teve a Secção a seu cargo um volumoso expediente, que, em 8 meses, atingiu a 5.149 documentos datilografados, dos quais 3.256 foram submetidos à assinatura do Cmt. do 1º Escalão da F.E.B..

Sôbre as condecorações, podem ser assim resumidas as propostas remetidas aos órgãos competentes:

Medalhas brasileiras:

De Guerra	1.119
Cruz de Combate de 1ª classe .	417
Cruz de Combate de 2ª classe .	290

Medalhas americanas

Distinguished Service Cross .	1
Silver Star Medal	30
Bronze Star Medal	115
Air Medal	21

Para entrega das condecorações concedidas durante a guerra, foram realizadas cinco solenidades na Itália, todas dirigidas pela Secção:

LIZZANO IN BELVEDERE . . a 21.III.945
ALESSANDRIA . . . . . a 19.V.945
FRANCOLISE . . . . . a 4.VII.945
GARDONE . . . . . a 18.VII.945
FRANCOLISE . . . . . a 23.VII.945

Ainda durante a campanha, a Secção executou os seguintes trabalhos: confeccionou e entregou aos interessados 1.563 diplomas de ferimentos em ação e 200 citações de combate; redigiu 11 relatórios quinzenais e 141 referências elogiosas e preparou numerosos panfletos de propaganda para serem lançados nas linhas inimigas (escritos em português, eram vertidos para o inglês e entregues ao Psychological Warfare Branche, que os traduzia, então, para a língua alemã).

A criação da Secção Especial foi uma iniciativa imposta pelo volume e variedade das atribuições afetas ao Comando da F.E.B. e os seus serviços dizem, melhor que qualquer comentário, das vantagens dessa inovação.

VI

APRECIAÇÕES GERAIS

1 - SITUAÇÃO E LIGAÇÃO DA F.E.B. COM O COMANDO AMERICANO E COMANDO ALIADO.

2 - OS PODERES DO COMANDANTE BRASILEIRO NA ITÁLIA

3 - VISITAS DE ALTAS AUTORIDADES

4 - CONSELHO SUPREMO DE JUSTIÇA MILITAR

5 - O RODÍZIO DE OFICIAIS

6 - APRECIAÇÃO SÔBRE O OFICIAL DA RESERVA

7 - ESTADO DISCIPLINAR

8 - O MORAL DO COMBATENTE

9 - CONDECORAÇÕES

10 - CITAÇÕES DE COMBATE

11 - DIPLOMAS HONROSOS

12 - CAPACIDADE COMBATIVA E DE ADAPTAÇÃO DO SOLDADO BRASILEIRO

13 - APRECIAÇÃO SÔBRE O FARDAMENTO, EQUIPAMENTO E MATERIAL DE ESTACIONAMENTO

14 - QUALIDADE DOS GÊNEROS BRASILEIROS E EMBALAGEM DO MATERIAL ENVIADO DO BRASIL

15 - AS ENFERMEIRAS NA F.E.B.

16 - AS ATIVIDADES DA AGÊNCIA DO BANCO DO BRASIL

17 - OS CORRESPONDENTES DE GUERRA

18 - LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA

19 - FLUTUAÇÃO DE EFETIVOS

20 - DESPEZAS DA F.E.B.

1 - SITUAÇÃO E LIGAÇÃO DA FÔRÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA COM O COMANDO AMERICANO E COMANDO ALIADO

SITUAÇÃO DA FÔRÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA COM O COMANDO AMERICANO E COMANDO ALIADO.

Muitas dificuldades encontrou o Comando brasileiro em seus primeiros entendimentos, em NAPOLES, (julho de 1944) com as autoridades americanas (P.B.S.), em assuntos referentes a suprimentos da tropa.

O Brasil não era bastante conhecido nos seus propósitos de colaborar na guerra e por êsse motivo sofríamos dissabores causados pela incompreensão dos chefes menos graduados da P.B.S., que vinha a ser a nossa fonte de suprimentos.

O comandante da Fôrça Expedicionária Brasileira não poderá esquecer, quando de sua visita a CASERTA (26-VII-944), as palavras de censura que recebeu do General Chefe do Service of Suply (S.O.S.) a respeito da qualidade do calçado, das roupas, de agasalho e do equipamento da tropa brasileira.

É preciso que os Chefes do nosso Exército tomem conhecimento, em carater secreto, dos momentos amargos por que passou o comando brasileiro, em consequência das falhas, só para nós compreensíveis, da nossa administração militar.

Á proporção que a F.E.B. avançava para o Norte da Itália, (agôsto de 1944) em busca do seu armamento, em CIVITAVECCHIA, e de seus campos de instrução, em TARQUINIA e VADA, afastava-se da ação da P.B.S. e aproximava-se do Comando do V Exército (General CLARK), de quem começou a receber um tratamento mais cordial e mais liberal.

É que a mentalidade dos homens da guerra - chefes e oficiais de Estado Maior vai se tornando mais razoável, mais esclarecida e mais expedita, a medida que se avizinha da zona de combate.

A compreensão da razão de ser da guerra evolúe ao longo da profundidade do campo de batalha, criando embientes e mentalidades várias, tendentes a se esclarecer, cada vez mais, ao contato com a linha de frente; quanto mais nos aproximamos dessa linha, melhor impressão recebemos dos acontecimentos, mais valor atribuimos ao fator tempo, maior ânimo sentimos em cooperar.

Por essas razões, o Comandante do V Exército acolheu (agôsto e setembro de 1944) o primeiro contingente da F.E.B., com as maiores demonstrações de atenção e de carinho, porque já começava a sentir o enfraquecimento de seus efetivos com a retirada da tropa francesa para o Teatro do Sul da França e se apercebia, sem duvida da compensação que lhe proporcionava a tropa brasileira, recem-chegada.

A visita do nosso Ministro da Guerra, Exmo. Snr. General DUTRA (setembro e outubro de 1944) ao Teatro de Operações da Itália, foi muito oportuna e benéfica, quer para o moral da tropa, quer para os entendimentos dos Comandos Brasileiros e Americanos.

As vitórias alcançadas pela nossa tropa no vale do SERCCHIO (setembro e outubro de 1944) bem como as gentilezas trocadas entre o nosso Ministro e os altos chefes americanos e ingleses deram notável realce e agradável repercussão a essa visita de inspeção e de cordialidade.

Deixou o nosso Ministro, na Itália, uma agradável situação para a tropa brasileira em relação ao Comando Americano.

Em começo de novembro de 1944 novas dificuldades surgiram entre o Comando Brasileiro e Americano, por motivo da demora na entrega por parte da P.B.S., do armamento destinado á instrução e ao emprego dos 2º e 3º Escalões da F.E.B., chegados a LIVORNO a 11 de outubro.

Essa demora lamentável deu causa a que as unidades da Divisão Brasileira (1º e 11º R.I.) se engajassem no vale do RENO em precário estado de treinamento.

De um lado, o Comando Brasileiro (novembro e dezembro de 1944) preocupava-se em empregar a sua tropa com um razoável nível de instrução e, do outro lado, o Comando Americano, ameaçado pela iminência do inverno, obstinava-se a atacar, de qualquer maneira, com a nossa tropa bisonha e mal treinada.

Dessa situação desagradável resultaram os insucessos de MONTE CASTELLO (novembro e dezembro de 1944), que repercutiram de um modo desastroso sôbre o moral da tropa brasileira e sôbre o seu valor combativo.

O Comando americano volta então a razão em face das reclamações do Comando Brasileiro, amargurado pelos duros revezes de sua tropa, e resolve manter a D.I.E. como acontecia com as demais Divisões aliadas, em situação defensiva durante o inverno que se aproximava.

A Divisão Brasileira, em dezembro, completa o recebimento de seus agasalhos especiais fornecidos pelo V Exército e inicia a revisão cuidadosa de sua instrução de combate, sem prejuizo da guarda defensiva de sua longa frente.

Entrementes, o Comando Brasileiro, assistido pelo Comando Americano, cuida atentamente da instrução do Depósito de Pessoal. E assegura o recompletamento de suas unidades para operações futuras.

Finalmente, a 21 de fevereiro de 1945, a vitória sobre MONTE CASTELLO, conquistada pela tropa brasileira, restabelece nova situação de simpatia e de confiança entre os comandos brasileiros e americanos.

Outras vitórias se sucedem a de MONTE CASTELLO, como sejam as de LA SERRA e de CASTELNUOVO, (fevereiro e março de 1945) para reafirmar a capacidade ofensiva da Divisão Brasileira, tão discutida, meses antes, pelo Comando americano.

Inicia a Divisão brasileira a Ofensiva da Primavera com a tomada de MONTESE em 14 de abril de 1945 para prosseguir a sua marcha vitoriosa em direção ao PÓ e ao longo do PÓ até a captura da 148ª Divisão alemã (29 de abril de 1945).

No dia 2 de maio de 1945, cessam as hostilidades no Teatro de Operações da Itália, conquistando a Força Expedicionária Brasileira, pelas mais brilhantes vitórias, uma situação previlegiada perante o Comando americano e Comando Aliado.

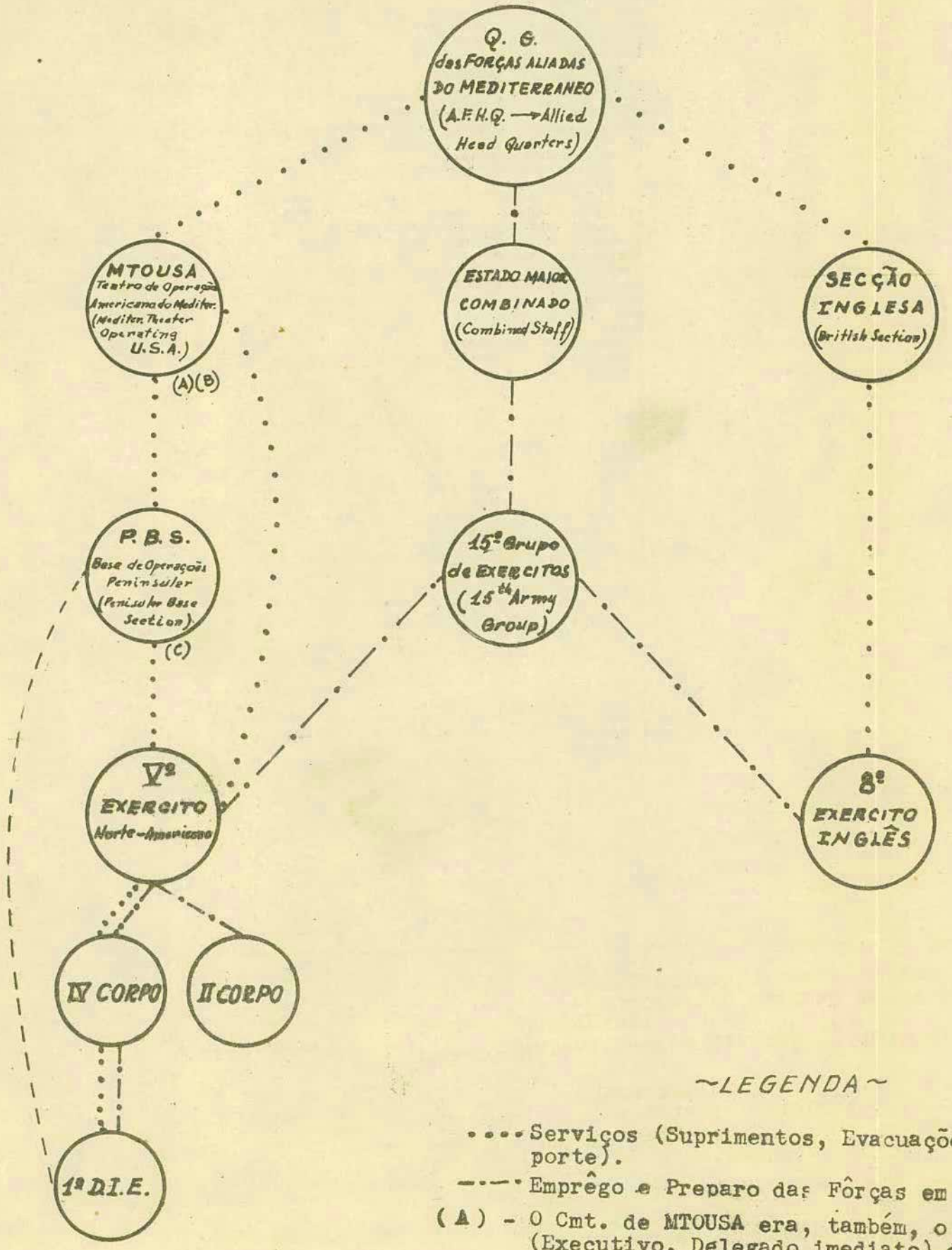
Durante a fase de ocupação, todas as honras eram conferidas à F.E.B. e ao Comando Brasileiro, nas reuniões dos grandes chefes aliados, comemorativos da vitória, recebia as mais significantes homenagens pelos feitos da nossa tropa.

Em junho começa a F.E.B. a se concentrar em FRANCOLISE e a 6 de julho parte de NAPOLES para o Brasil o primeiro contingente de nossa tropa.

A P.B.S. desdobrou-se em atenções e cuidados para com a F.E.B., preparando as suas instalações em FRANCOLISE, reparando e substituindo as suas viaturas e o seu armamento em máu estado. O General Comandante de MTOUSA por essa ocasião prestou ao Comandante da F.E.B. todas as honras e atenções, com as mais lisongeiras referências à nossa colaboração.

Essa foi a situação da F.E.B. na Itália, em suas relações

ESQUEMA DA ORGANISAÇÃO DO COMANDO ALIADO E DO COMANDO AMERICANO



~LEGENDA~

···· Serviços (Suprimentos, Evacuações, Transporte).

—·—· Emprêgo e Preparo das Fôrças em Operações.

(A) - O Cmt. de MTOUSA era, também, o "DEPUTY" (Executivo, Delegado imediato) do Supremo Comando Aliado do Mediterrâneo.

(B) - MTOUSA (Mediterranean Theater Operation United States of America) foi criada com a extinção do NATOUSA (North African Theater Operation of United States of America).

(C) - A P.B.S. se desmembrava em:
- Sub-Base do Sul (Pen South) em Napoles, e a mais importante;
- Sub-Base do Norte (Pen North) em Livorno.

– – – – Entendimentos diretos em dois trabalhos importantes:
- Equipamento inicial da F.E.B.
- Reajustamento para o regresso da F.E.B.

A. Silva 2º Ten.

com o comando Americano e com o comando das Fôrças Aliadas no Mediterrâneo.

Não foram aqui relatados os detalhes e os pormenores das desinteligências que tão funestas se tornaram ao curso das operações militares e quasi promoveram a destruição da Divisão Brasileira.

Limitou-se o signatário deste Relatório a fazer referências ligeiras a êsses desagradáveis acontecimentos, que a nossa História Militar deve registrar, sem comentários que possam desvirtuar os propósitos honestos dos chefes militares americanos.

Tiveram êles incompreensões para conosco e, no tratamento injusto que, as vezes, deram à F.E.B., cometeram erros de apreciação sôbre a nossa civilização e sôbre a nossa história política militar. Houve mesmo momentos que empregaram mal a nossa tropa com visível desinterêsse pela sua sorte.

Mas os imponderáveis da guerra justificam todos êsses desvairios que fugazmente desvirtuaram o pensamento e a imaginação dos nobres e dignos comandantes americanos nas suas relações com o comando brasileiro, cuja inexperiência da guerra, foi, de início, campo vulnerável aos lamentáveis estouvamentos daqueles chefes gloriosos e experiêntes.

A F.E.B. encerra assim a Campanha da Itália, desagravada e exaltada pelas suas próprias glórias, conquistadas pela bravura de seus soldados, pela conciência profissional de seus quadros e pelo patriotismo e equilíbrio de seus chefes.

ORGANIZAÇÃO DO COMANDO AMERICANO E DO COMANDO ALIADO

O Comando das Fôrças Aliadas do Mediterrâneo (A.F.H.Q. Allied Forces Quarters) se dubdivide em três ramos essenciais:

1 - "Estado Maior Combinado" (Combined Staff).
2 - "Mtousa" (Mediterean Teater Operation of United States of American).
3 - "Bristish Section" (Secção Inglesa)

O "Estado Maior Combinado" tem por finalidade a ação de Comando, para fins de emprego e preparo das Fôrças em Operações, sobre o 15º Grupo de Exército (15th. Army Group), ao qual se subordinavam os 5º Exército Norte Americano e o 8º Exército Inglês.

ESQUEMA DAS LIGAÇÕES DA F.E.B. COM O COMANDO AMERICANO E O COMANDO ALIADO

Comando Aliado (A.F.H.Q. Alied Forces Head Quarters)

MTOUSA (Mediterranean Theater Operations United States America)

Estado Maior Combinado (Combined Staff)

Estado Maior Geral (General Staff)

G.3 — Instrução

Estado Maior Especial (Especial Staff)

(A)

Sec, Ligação

(B)

Sub. Sec. Brasileira

Estado Maior Geral (General Staff)

G. 1

G. 4

P.B.S.

Sub Base Sul (Napoles)

Sub Base Norte (Livorno)

Estado Maior Especial (Especial Staff)

Informação e Edução Serviço Especial

Secção Medica (Medical Section)

Cmt. F. E. B.

ORGAOS NÃO DIVISONARIOS

COMANDO

Pôsto de ligação do Caserta

Pôsto de ligação de Napoles

Pôsto regulador de Livorno

Deposito de Intendencia

Correio Regulador

Serviço de Saude da F.E.B.

1ª D.I.E.

IV CORPO

(C)

Deposito de Pessoal

Vº EXERCITO

NOTA

(A) França, Austrália, Canadá, India, Nova Zelandia — Cada um dêsses paises tinha uma Missão Militar constituindo uma Secção do E.M. Especial.

(B) Brasil, Polonia — Tinham apenas um Oficial de Ligação, que tratava dos problemas de interesse dos seus paises, através das Sub Secções Brasileira e Polonesa, como orgãos da Sec. de Ligação do E.M. Especial.

(C) Ligação diréta entre a 1ª D.I.E. e o Vº Exercito era estabelecida somente em casos especiais.

A. Silva
2º Ten.

O órgão de execução do "MTOUSA" é a P. B. S. (Peninsular Base Section) a qual se subdivide em duas sub-bases, uma localizada em NAPOLES, a principal, e denominada "South Pen", e outra em LIVORNO, secundária, a "North Pen".

A Fôrça Expedicionária Brasileira mantinha uma verdadeira rêde de ligação, onde além da principal, de comando para comando, existia também uma série de contatos diretos, entre determinados serviços e os orgãos americanos correspondentes.

O Comando da F.E.B. subdividia-se em dois ramos "1ª D.I.E" e "Orgãos não Divisionários", através dos quais mantinha ligação com as autoridades militares aliadas, da maneira seguinte:

LIGAÇÃO ATRAVÉS DA 1ª D. I. E.

Como G. U. subordinada diretamente ao IV Corpo de Exército Americano, sua ligação era com êsse Escalão, para o que possuia no Quartel General do Corpo um oficial de ligação, com a missão principal de ligação tática, mas cuidando de todos os interêsses de sua Divisão.

Em alguns casos estabeleciam-se entendimentos diretamente com o Exército, particularmente porque existia na 1ª D.I.E. um "destacamento americano de ligação", inclusive um oficial como "ligação pessoal" do Gen. CLARK cmt. do V Exército Americano. Êsse destacamento prestou relevantes serviços facilitando os contatos e, por viver entre nós, reconhecia melhor as nossas necessidades.

LIGAÇÃO ATRAVÉS DOS ORGÃOS NÃO DIVISIONÁRIOS

O Comando dos Orgãos não Divisionários acionava diretamente o Depósito de Pessoal, através do qual, e para cujos interêsses, mantinha ligação com o V Exército.

Para os demais fins mantinha uma série de postos de ligação:

a - "Posto de Ligação em CASERTA" , para contato com "MTOUSA", especialmente, com as 1ª e 4ª Secções do E.M. Geral; sendo que através desta última estabelecia, quando necessário, ligação com qualquer das 16 secções em que se subdividia o "Estado Maior Especial".

É curiodo observar que sómente o Brasil e a Polônia não mantinha uma "Secção de Ligação" junto ao Estado Maior Especial do Estado Maior Combinado (Combined Staff). Os interêsses do Brasil nesse orgão eram apresentados e defendidos por oficiais americanos, especialmente designados para êsse fim, os quais recorriam ao oficial brasileiro do "Posto de Ligação de CASERTA" sempre que necessitavam de informações mais precisas e minuciosas.

b - "Pôsto de Ligação em NAPOLES", para fins de contato com a P.B.S., e, em alguns casos, com a "Pen. South".

c - "Posto de Ligação em LIVORNO", para ligação com a Sub-Base Norte, ou "North-Pen".

Além dêsses três postos principais de ligação de Comando, havia uma série de contatos diretos entre os orgãos subordinados e os elementos americanos correspondentes. Assim o Depósito de Intendência e o Correio Regulador mantinham ligação direta com a "North Pen"; a Chefia do S.S. da F.E.B. mantinha contato direto com "MTOUSA".

O objetivo das ligações de escalões inferiores era, não só completar as do Comando, como, principalmente, facilitar os entendimentos e as medidas práticas decorrentes, de modo a se obter os melhores resultados possíveis.

Os gráficos anéxos apresentam, de modo claro e preciso, a organização do Comando Aliado no Teatro de Operações do Mediterrâneo e as ligações mantidas pela F.E.B. com as autoridades militares americanas as quais estavam subordinadas.

2 - OS PODERES DO COMANDANTE BRASILEIRO NA ITÁLIA

A F.E.B. se fez representar no Teatro de Operações da Itália pelo seu 1º Escalão, comandado pelo General de Divisão JOÃO BATISTA MASCARENHAS DE MORAIS. Por determinação do Govêrno do Brasil, a F.E.B. e o seu Comandante não existiram de fato naquele Teatro.

O Comando americano, entretanto, nunca tomou conhecimento da existência de Escalões, reconhecendo apenas, na tropa brasileira na Itália, a F.E.B. e o seu Comandante. Do mesmo modo, assim sempre foi interpretada pela imprensa e pelo povo do Brasil.

Foi, por isso, o Cmt. do 1º Escalão se transformando indevidamente em Comandante da F.E.B., ficando assim explicado o motivo por que o presente Relatório, as vezes, faz impróprio amente referências ao Comando da F.E.B..

Convem ainda acentuar que essa denominação de Escalão, para a F.E.B., causou muitos embaraços nas relações entre as autoridades brasileiras e americanas.

Só quando do regresso do General Mascarenhas de Moraes ao Brasil, foi o 1º Escalão da F.E.B. definitivamente transformado em Fôrça Expedicionária Brasileira (Aviso 217-185, Res., de 6-VII-945).

Houve, por certo, da parte do Govêrno, motivos relevantes para não realizar a transformação em apreço ainda no Teatro de Operações da Itália.

Os poderes do General Mascarenhas de Moraes, como Cmt. da tropa brasileira na Itália, foram limitados e restritos, circunscrevendo-se quasi que exclusivamente aos regulamentos do tempo de paz, como os de qualquer general em exercicio de manobras.

Mas a missão que lhe fôra confiada, exigiu, porem, que agisse como Comandante em Chefe, assumindo perante o Comando americano todas as responsabilidades administrativas, técnicas e táticas do emprêgo da tropa.

Apoiado pelos seus Generais, tomou a atitude que lhe pareceu mais digna e patriótica em defeza da tropa e do Brasil, quando o Comando americano se obstinava em emprega-la em condições comprometedoras de eficiência.

Durante a campanha e durante a ocupação, manteve, com as autoridades e o povo da Itália, as melhores relações de cordialidade e respeito e foi, dentro da ordem jurídica militar, obediente aos preceitos da mais severa disciplina e do mais austeros costumes.

A campanha registrou, como fato único, uma promoção por bravura (de sargento a 2º tenente). Os acessos de oficiais sempre se processaram, como em tempo de paz, por intermédio da Comissão de Promoções, não se invocando para isso atos de bravura ou serviços relevantes excepcionais.

A tropa brasileira na Itália conquistou uma página de glórias para o Exército e para o Brasil e o seu Comandante, dentro dos limitados poderes de que foi investido, dominando e esquecendo os seus dissabores, tem a conciência tranquila de haver bem cumprido o seu dever e de se ter constituido num exemplo de acatamento e respeito às autoridades superiores.

3 - VISITAS DE ALTAS AUTORIDADES

WINSTON CHURCHILL - PRIMEIRO MINISTRO DA INGLATERRA

A visita de Sua Excia. Snr. Winston Churchil, feita a 19 de agosto de 1944 ao 5º Exército, foi recebida e comentada, com grande alegria e simpatia, pelos chefes, oficiais e soldados aliados.

Em CECINA uma garbosa e forte tropa, da qual fazia parte uma Cia. do 6º R.I. da 1ª D.I.E., prestou-lhe as devidas honras militares.

Ao dirigir a palavra á tropa formada, referiu-se com muita simpatia á cooperação do Brasil na guerra.

Finda a cerimônia militar, encaminhou-se Sua Excia. ao Q.G. da 34ª D.I. (americana), onde lhe foi oferecido um almoço, em que tomou parte o Cmt. da F.E.B..

Ao sentarem-se á mesa, o General Clark apresentou o General Mascarenhas áquele eminente homem de Estado, que fez as melhores referências ao aspeto e vigôr físico do soldado brasileiro.

Foi para o Cmt. da F.E.B. motivo de grande júbilo e honra o contacto com essa alta personagem do cenário mundial, em quem procurou sentir, pelos gestos e atitudes, a sua alma cívica e valorosa de grande estadista, campeão da liberdade e da justiça.

GENERAL CHADEBEC DE LAVALADE (DO EXÉRCITO FRANCÊS)

Na tarde de 24 de Agosto de 1944, o Cmt. da F.E.B. recebia no seu Q.G. em VADA, a visita do General Chadebec De Lavalade, ex-chefe da Missão Militar Francesa no Brasil.

A oficialidade brasileira recebeu o ilustre hóspede com as mais sinceras demonstrações de simpatia e de respeito, oferecendo-lhe um ambiente cordial e acolhedor.

Jantou e pernoitou no Q.G. da F.E.B. para que pudesse, no dia seguinte, 25 de Agosto, tomar parte nas comemorações cívicas do Dia do Soldado.

O General De Lavalade veiu especialmente à Itália para visitar a F.E.B. e rever assim os seus antigos camaradas do Exército Brasileiro.

Na tarde de 25 regressou a MARSEILLE, séde de seu novo comando.

DR.VASCO LEITÃO DA CUNHA - MINISTRO PLENIPOTENCIÁRIO EM ARGEL

A 7 de setembro de 1944 visitou o Q.G. da F.E.B. em VADA o Ministro Leitão da Cunha, acompanhado dos correspondentes de guerra brasileiros, Sra. Bittencourt e Sr. Barreto Leite.

O ilustre hóspede e seus dignos companheiros, tiveram uma acolhida muito amiga por parte da oficialidade brasileira.

Esse distinto diplomata, na ÁFRICA do Norte, dispensou especiais cuidados aos oficiais brasileiros que lá estiveram em missão de observadores militares.

Após o almoço, o Ministro Leitão da Cunha visitou o Q.G. do General Zenóbio e os acampamentos da nossa tropa, que o recebeu afetuosamente, bem como aos seus dois companheiros.

À noite, os distintos visitantes jantaram com o Cmt. da F.E.B., na sua residência, em CASTIGLIONCELLO, também tomando parte na mesa o General Zenóbio e outros oficiais. Na manhã do dia seguinte, regressou com sua comitiva à ROMA.

GENERAL EURICO GASPAR DUTRA - MINISTRO DA GUERRA

Pela manhã de 24 de setembro de 1944, desembarcou no Aeroporto de Marcianise, em NÁPOLES, o Exmº Snr. General Eurico Dutra, Ministro da Guerra do Brasil, acompanhado do Major General Ralph H. Wooten, Brigadeiro General Hayes Kroner, Coronel Bina Machado, Chefe do Gabinete, e seu Ajudante de Ordens Capitão João Dutra.

O titular da Guerra foi recebido por altas autoridades americanas e inglêsas, tendo almoçado com o General H.M.Wilson e jantado com o Major General Larkin. Por essa ocasião foi condecorado o General Wilson com o gráu de "Grande Oficial da Ordem do Mérito Militar".

A 25, partiu de automóvel para ROMA, onde pernoitou. A 26, prosseguiu viagem, por via aérea, aterrizando em SIENE, afim de visitar o General Alexander, Cmt. do 15º Grupo de Exército, a quem condecorou com o gráu de "Grande Oficial da Ordem do Mérito Militar". Continuou, então, sua viagem aérea, chegando no mesmo dia 26 a FLORENÇA, onde se achava o Q.G. do General Clark.

Foi recebido com as devidas honras militares, assistindo então a cerimônia da condecoração dos Generais Mascarenhas e Zenóbio, procedida pelo General Clark.

O Exmº Snr. Ministro, com a sua comitiva e o General Mascarenhas, hospedaram-se no "Hotel Excelsior", em FLORENÇA.

No dia 27 visitou Sua Excia. o II Corpo de Exército do comando do General Geoffrey Keyes, onde almoçou.

De volta, jantou com o General Clark no seu Q.G..

O dia 28 foi destinado ás suas visitas em FLORENÇA.

No dia 29 visitou o Exmº Snr. General Dutra o IV Corpo de Exército, do comando do General Crittenberger, em cujo Q.G. almoçou, dirigindo-se depois para LUCCA onde lhe foi oferecido um chá pelo Governador Militar da cidade.

No dia 30, Sua Excia. dirigiu-se com a sua comitiva para o Q.G. da 1ª D.I.E., situado nas proximidades de PIZA, para proceder a cerimônia da condecoração do General Clark e outros generais americanos. Aquele recebeu o gráu de "Grande Oficial da Ordem do Mérito Militar" e os demais o gráu de "Comendador" da mesma Ordem.

Na tarde desse mesmo dia, o Exmº Snr. General Dutra, acompanhado de sua comitiva e do General Mascarenhas, dirigiu-se para o Q.G. do Gen. Zenóbio, em CHIESA, onde passou os dias 1, 2 e parte do dia 3 de outubro em inspeção à tropa brasileira.

Na tarde de 3, dirigiu-se à FLORENÇA para despedir-se do General Clark, hospedando-se novamente no "Hotel Excelsior".

No dia 4, seguiu para ROMA afim de ser recebido em audiência pelo Sumo Pontífice.

Daquela capital seguiu viagem para FRANÇA e INGLATERRA de onde regressou à NÁPOLES, aí chegando a 15 de outubro.

A 16, Sua Excia. chegou ao aeroporto de PIZA, próximo do acampamento da tropa brasileira, recem chegada do Brasil.

Do aeroporto de PIZA partiu o Exmº Snr. Ministro, de automóvel, para aquele acampamento, onde passou em revista a nossa tropa com um efetivo de 10.000 soldados, sob o comando do General Oswaldo Cordeiro de Farias.

Recebeu Sua. Excia. ótima impressão do aspeto moral e físico dos nossos homens, dirigindo a palavra a muitos deles, indagando de sua procedência e obtendo sempre respostas afáveis e confiantes.

Desse local, dirigiu-se nesse mesmo dia o Exmº Snr. General Dutra para LIVORNO, pela estrada de rodagem, afim de visitar

e inspecionar a Secção de Base Brasileira, comandada pelo Coronel João Pinto Pacca.

Na apresentação dos oficiais ao Exmº Snr. General Dutra, procurou o Comandante da Base informar Sua Excia. sôbre a organização e marcha dos serviços, respondendo o titular da guerra com as melhores referências ao Coronel Pacca, bem como ao General Mascarenhas.

Durante o almoço, o General Mascarenhas fez uma breve saudação a Sua Excia., exaltando a obra de Sua Excia. em relação à organização e ao transporte da tropa brasileira para a Itália.

Após o almoço, o Exmº Snr. General Dutra inspecionou os depósitos de Subsistência e Material de Intendência, recebendo bôa impressão da ordem e organização dos mesmos.

Finda a visita, retirou-se para a sua vila em CASTIGLIONCELLO, onde jantou e pernoitou.

No dia 17 de manhã, dirigiu-se à Linha de Frente, onde o Destacamento do General Zenóbio se estabelecia para a montagem de um ataque.

Sua Excia. atingiu o observatório de uma das Cias. de 1º escalão, para apreciar o dispositivo da tropa em linha.

Almoçou no Posto de Socorro de um Batalhão em linha e depois regressou a CASTIGLIONCELLO, passando antes pelo P.C. do IV Corpo, onde conferenciou longamente com o General Crittenberger, na presença do General Mascarenhas, sôbre os interesses da F.E.B..

No dia 18 de outubro, o Exmº Snr. General Dutra, com a sua comitiva, chegou por cêrca de 9 horas da manhã ao aeroporto de PIZA, de onde partiu para NÁPOLES com destino ao Brasil.

A visita do nosso Ministro da Guerra ao Teatro de Operações da Itália foi de ótimo efeito para o moral da nossa tropa e para o prestígio da F.E.B. junto aos Comandos Americanos e Aliados.

As condecorações concedidas pelo Govêrno do Brasil e entregues pelo nosso Ministro aos grandes chefes militares americanos e ingleses deram um grande realce á nossa cooperação na guerra.

MARECHAL ALEXANDER - CMT. DO 15º GRUPO DE EXÉRCITOS

A 8 de novembro de 1944, pela manhã, o Cmt. da Divisão brasileira recebeu a visita do Marechal Alexander, em seu Q.G. em PORRETA TERME.

Esse grande chefe militar acompanhado do General Crittenberger, foi recebido na Praça de PORRETA pelos generais brasileiros e oficiais do E.M. da D.I.E., sendo-lhe as honras militares prestadas nessa ocasião, por uma Cia. de guerra brasileira, banda de música e as bandeiras brasileira, americana e inglesa.

Como é sabido, o 15º Grupo de Exército compunha-se do 5º Exército Americano e do 8º Exército Inglês.

O Marechal Alexander, acompanhado do General Crittenberger e do Cmt. da D.I.E., dirigiu-se a um observatório de artilharia, donde descortinou toda a frente defensiva guardada pela nossa tropa, recebendo todos os esclarecimentos do General brasileiro.

Em seguida, voltou a PORRETA, almoçando no Q.G. da Divisão, em companhia do Gen. Crittenberger e dos generais brasileiros.

A artilharia alemã, durante todo o almoço, não cessou o seu bombardeio sôbre PORRETA, dando lugar a que o Marechal Alexander agradecesse ao General Mascarenhas as salvas que mandara dar em sua honra.

O Divisionário brasileiro teve uma excelente impressão desse alto chefe militar inglês, glorioso pelas suas campanhas e seu grande valor militar.

O seu tratamento é afavel, o seu porte militar é impecável.

Como bom observador, indagou muito das qualidades de adaptação da nossa tropa em relação ao terreno e ao clima e se sentiu satisfeito em saber que esperavamos que fosse ela bem sucedida nesse particular e também no combate.

O Major Walters, oficial de ligação, serviu de intérprete em todas as conversações.

MINISTRO DR. JOAQUIM PEDRO SALGADO FILHO

Na tarde de 12 de dezembro de 1944 visitava o Ministro da Aeronautica, Dr. Joaquim Pedro Salgado Filho, o Quartel General brasileiro em PORRETA TERME, no vale do RENO. Era uma tarde chuvosa e fria em que a tropa brasileira acabava de sofrer o seu último insucesso nas encostas de MONTE CASTELLO.

O Ministro Salgado, acompanhado do General Crittenberger

e de outros oficiais brasileiros e americanos, não esperava, por certo, ter uma recepção tão cheia de constrangimentos.

Os generais expedicionários, cansados e extenuados de tão árduo combate, defrontaram-se, de surpresa, com aquelas fisionomias amigas, consternadas pela infausta notícia do nosso insucesso.

Momentos amargos passaram os nossos ilustres hospedes diante dos sofrimentos dos chefes brasileiros, vítimas de revezes sucessivos, promovidos pelas incompreensões da guerra.

Grupos de oficiais expedicionários acercaram-se dos visitantes, indagando das coisas do Brasil e ocultando as amarguras da Itália.

O Ministro da Aeronautica palestra vagamente com o General Mascarenhas, sem poder compreender, sem dúvida, a situação grave por que passa o chefe brasileiro.

Serve-se um cock-tail que anima e prolonga a palestra por alguns momentos, para logo em seguida terminar a visita por uma despedida cheia de emoções e de mudas interrogações.

GENERAL MC NARNEY - SUB-COMANDANTE DAS FÔRÇAS ALIADAS NO MEDITERRÂNEO E CMT. DAS FÔRÇAS AMERICANAS NA ITÁLIA

A 4 de janeiro de 1945, o General Mc Narney esteve em visita ao Q.G. do Cmt. da Divisão brasileira, em PORRETA TERME.

Em companhia do General Crittemberger, General Mascarenhas e General Cordeiro, o distinto visitante dirigiu-se ao observatório do III Grupo, de onde descortinou todas as posições alemães.

O Major Walters interpretou sempre, com muita fidelidade, a palestra mantida entre os chefes americanos e brasileiros.

Mostrou-se o General Mc Narney bem impressionado com o que viu, tendo palavras elogiosas para o bom aspecto físico do nosso soldado.

Do observatório voltou ainda a PORRETA, de onde regressou para o Q.G. do IV Corpo.

PRÍNCIPE UMBERTO DE SAVOIA

Na manhã de 17 de janeiro de 1945, chegou ao Q.G. da 1ª D. I. E., em PORRETA, o Príncipe Umberto de Savoia, Tenente General

do Reino da Itália, acompanhado do General Crittenberger, Cmt. do IV Corpo e do General Hune, Chefe da G-5 do 5º Exército.

Sua Alteza foi recebida, ao saltar do carro, pelos generais Mascarenhas, Zenóbio, Cordeiro e Falconieri, dirigindo-se para o salão do Q.G. onde foi apresentado aos oficiais do E.M. da Divisão.

O Major Walters, oficial de ligação, não teve oportunidade de fazer uso do seu italiano porque o Príncipe, compreende bem o português, como descendente da familia real portugesa.

Sua Alteza manteve interessante e cordial palestra com o Divisionário brasileiro, demonstrando grande interesse pala organização de nossa Divisão, e especialmente pela situação do nosso expedicionário na sua adaptação ao clima e aos hábitos de campanha.

Entreteve Sua Alteza animada conversa com os outros generais brasileiros aos quais mostrou interesse sôbre a vida dos italianos no Brasil.

Retirou-se o gentil Príncipe, mostrando-se visivelmente bem impressionado com a cordial recepção dos brasileiros.

EMBAIXADOR JOAQUIM NABUCO E MINISTRO VASCO LEITÃO DA CUNHA

No dia 25 de janeiro de 1945, conforme havia sido anunciado, chegavam ao Q.G. da Divisão brasileira o Embaixador no Vaticano Joaquim Nabuco, o Ministro no Quirinal, Vasco Leitão da Cunha, o Consul de LIVORNO, Nogueira Porto, e o 1º Secretário da nossa Embaixada no Quirinal, Jaime Brandão, acompanhados do Ten. Cel. Amaury Kruel, Chefe da 2ª Secção do E.M. da Divisão.

A visita dos ilustres hóspedes obedeceu a um variado programa de contatos com os Q.G. da Infantaria e da Artilharia, bem como com os Batalhões em linha.

No Estado Maior da Divisão foi lhes feita uma exposição, na carta, da situação do inimigo e das fôrças amigas.

A convivência dos distintos diplomatas patrícios com os oficiais brasileiros foi a mais agradável e cordial.

A sua visita prolongou-se até o dia 28, pela manhã, quando regressaram para ROMA.

GENERAL JOÃO AFFONSO DE SOUZA FERREIRA

Encontrava-se na Itália, durante a segunda quinzena de fevereiro de 1945, em visita de inspeção aos orgãos do Serviço de Saúde, o General Souza Ferreira, Diretor de Saúde do Exercito Brasileiro.

Nessa situação, resolveu, no dia 27 de fevereiro, visitar o Comandante das tropas expedicionárias no seu Quartel General Avançado de PORRETA-TERME, sendo nessa oportunidade acompanhado de dois generais médicos norte americanos.

Honrado com a visita, o Comandante da 1ª D.I.E. convidou o General Souza Ferreira para almoçar comsigo em PORRETA TERME, estendendo o convite aos dois outros visitantes, Tenente General Stayer, do Q.G. das Forças Aliadas, e Brigadeiro General Martin, do V Exército.

Tomaram parte, tembém, nesse almoço os Generais Zenóbio da Costa, Cordeiro de Farias e Falconieri da Cunha.

Durante o agape, o General Souza Ferreira, externou-se sôbre a sua missão em território italiano, declarando que vinha colhendo as melhores impressões do Serviço de Saúde da F.E.B..

4 - CONSELHO SUPREMO DE JUSTIÇA MILITAR

O decreto-lei nº 6.396, de 1-IV-944, alterado pelo de nº 7.057, de 20-XI-944, definindo os orgãos da Justiça Militar junto à F.E.B., previu a creação de um Conselho Supremo de Justiça Militar.

Êsse Conselho compunha-se de dois generais da atíva, um de divisão, como seu presidente, e outro de brigada; e de um general de divisão da reserva, ministro togado do Supremo Tribunal Militar. No Conselho funcionou, ainda, um procurador, general de brigada da reserva, procurador geral da Justiça Militar àquele Tribunal. Seus membros eram de nomeação do Presidente da República.

Competia ao Conselho: processar e julgar, originalmente, os oficiais generais; julgar as apelações interpostas das sentenças proferidas pelos auditores e Conselhos de Justiça; julgar os embargos opostos às decisões proferidas nos processos de sua competência originária; proferir decisão final nos processos em que o promotor não oferecer denuncia, ou esta fôr rejeitada.

Viajando por via aérea, seus membros chegaram à Itália com o 1º Escalão da F.E.B. e, desde logo, o Conselho foi instalado na cidade de NAPOLES, entrando imediatamente em funcionamento.

No desempenho de tão nobre missão, o Conselho Supremo soube constituir-se num orgão valioso para a manutenção da disciplina e para o respeito às leis, concorrendo, com suas justas, inflexiveis e serenas decisões, para que a tropa brasileira na Europa fosse sempre uma expressão fiel do povo altivo que representava. Zelando pelos nossos foros de nação civilizada, foi um fator decisivo do prestigioso concêito que a F.E.B. conquistou entre os Exércitos aliados.

Conforme decisão posterior do Govêrno, sua sede transferiu-se, em dezembro de 1944, para a Capital Federal até a extinção dos orgãos da Justiça Militar da F.E.B., determinada pelo decreto-lei nº 8.443, de 26-XII-945.

5 - O RODÍZIO DE OFICIAIS

Um capítulo especial da vida da F.E.B. na Itália e que merece ser agora, recordado, com todos os entendimentos e apreensões que provocou é o que se prende a ideia da substituição dos oficiais em plena campanha.

Nos primeiros dias de fevereiro de 1945, o Comandante da F.E.B. tomou conhecimento do ofício de 23.I.45, do Exmo. Snr. General Ministro da Guerra, que encaminhava o Aviso-Reservado 32-31, assim redigido:

" I - Afim-de-que o maior número de oficiais tome conhecimento das condições de guerra, a única verdadeira e mais eficiente escola para o exercitamento da nossa profissão, determino que a partir de fevereiro vindouro seja feito o rodízio dos oficiais que contem ou vierem a contar mais de seis meses de serviço de guerra, sem interrupção na Itália.

II - O Chefe do Estado Maior da F.E.B. no interior, em ligação com as Diretorias das Armas e dos Serviços, organisará uma relação por postos, armas e serviços, contendo os nomes e as funções dos oficiais que devem ser substituidos e os seus respectivos substitutos".

A emoção produzida no círculo dos oficiais por tal medida teve um duplo aspécto: uns, já fatigados da campanha, viram aí a feliz e honrosa oportunidade de seu regresso ao Brasil e outros, mais ardorosos, melindravam-se diante de uma substituição que lhes estava sendo imposta compulsoriamente.

O Comandante da F.E.B., cuja pessoa o rodízio provavelmente não atingiria, encarou-o exclusivamente sob o ponto de vista da eficiência da Divisão. Realizado nas condições indicadas pelo citado Aviso, feria em cheio o valor combativo da tropa e mutilava a contestura moral da F.E.B.

Acontecera ainda que as praças de um modo geral mostravam-se já descontentes por não serem contempladas nessa medida que, para elas, tomava um carater odioso. Convem lembrar a grave repercussão que traria para a disciplina da Tropa, quando os soldados, na sua maioria convocado contra a vontade, vissem os seus oficiais, elementos permanentes do Exército, retornarem ao Brasil para o confôrto do lar, enquanto que êles ali permaneciam, arriscando a vida, longe dos parentes e afastados dos interesses particulares.

Compreendendo o Cmt. da F.E.B. a gravidade da situação, resolveu executar o rodízio de um modo parcimonioso, fora da letra do próprio Aviso, abrangendo apenas aqueles oficiais superiores,

cuja substituição, por outros reconhecidamentes capazes, não afetaria o valor combativo da tropa, que em breve dias iria se lançar ao ataque.

Contornando assim todas essas dificuldades, poude o Comando brasileiro recuperar a capacidade ofensiva da Divisão, posta logo à prova nos novos sucessos de MONTE CASTELO (21 de fevereiro) e de CASTELNUOVO (5 de março).

Preocupava-se ainda o Comando com a execução da medida, quando, a 12 de março, foi convocado para uma conferência no P.C. do IV Corpo, em CASTELUCCIO, com os Generais Truscott e Crittenberger, Cmts. do Vº Exército e IV Corpo, afim de tratarem do rodízio dos oficiais da F.E.B., em vista de uma solicitação feita pelo General Wooten, Cmt. do Teatro de Operações do Atlântico Sul, que falava em nome do Ministro da Guerra do Brasil.

Ambos os chefes americanos não extranharam a opinião do Comandante da F.E.B., contrária ao rodízio determinado pelo Aviso 32-31 e solicitado pelo General Wooten, que dispunha dos meios aéreos para o transporte dos oficiais, substitutos e substituidos. Ao contrário, aprovaram a ideia apresentada pelo chefe brasileiro, de atender, em primeiro plano, o nivel combativo de sua tropa, já experimentado nos recentes sucessos e cujos quadros não suportavam uma substituição sistemática numa iminência de operação de vulto.

Prometeu o Cmt. do V Exército apresentar ao General Wooten as razões da impossibilidade de um rodízio sistemático, ficando entretanto o Cmt. da F.E.B. autorizado a realiza-lo parcimoniosamente e sem prejuizo da capacidade combativa da D.I..

Encerrou-se, assim, de um modo feliz, um assunto tão palpitante para a vida da F.E.B., sôbre o qual só podiam opinar os chefes militares que estavam vivendo a guerra e que tinham responsabilidade imediata sôbre a conduta das operações.

6 - APRECIAÇÃO SÔBRE O OFICIAL DA RESERVA.

As necessidades de estado de guerra obrigaram, pelo desdobramento do Exército, a convocação de grande número de oficiais da reserva de 2ª classe, na sua quase totalidade dos postos de 1º e 2º tenentes. Além disso, muitos sub-tenentes e sargentos possuidores do curso da antiga "Escola de Sargentos de Infantaria" ou dos "Cursos de Comandante de Pelotão e Secção" foram promovidos a 2º tenente para a reserva de 1ª classe, e convocados.

Desta maneira, para uma preciação sôbre os oficiais da reserva, pode-se separá-los em dois grandes grupos homogêneos, os de 1ª e 2ª classe.

Os oficiais da reserva de 2ª classe (R-2), oriundos do meio civil, com uma formação militar em geral insuficiênte divido aos seus afazeres privados, seguiram para além-mar sob cuidadosa atenção de seus chefes imediatos afim de ajudá-los a vencer a longa fase de adaptação.

Possuindo, em geral, sólida base intelectual, aprenderam com facilidade os novos conhecimentos, e souberam explorar ao maximo tudo quanto a experiência lhes ditava. No Teatro de Operações foram enviados, por turmas, a cursarem a "Leadership and Batlle School" (para os de Infantaria e Cavalaria), a "Bridg School" (para os de Engenharia), e a "Mines School" (para os especialístas de todas as Armas), onde num curso rápido, de um mês, curso eminente prático, dava-se ao oficial subalterno uma revisão do comando em combate da fração que lhe competia, conhecimento perfeitamente atualizado de acôrdo com os conhecimentos adquiridos na guerra e, particularmente, no Teatro de Operações.

De posse dêsse novo cabedal de conhecimentos, foram os oficiais da reserva excelentes comandantes de suas frações, cumprindo cabalmente suas obrigações, com êxito e capacidade profissional.

Na tropa, especialmente no Comando de Pelotão, os oficiais da reserva foram excelentes chefes, bravos e decididos, tendo conquistado muitas condecorações por bravura diante do inimigo, inclusive a única "Distingushed Service Cross", norte-americana, com que foi galardoado um oficial brasileiro.

Em determinadas funções ligadas ao Estado Maior, tiveram ação brilhante pela capacidade intelectual, cooperando apreciavelmente com os oficiais da ativa. Alguns, pelos conhecimentos ou habilidades particulares que possuiam, como desenhistas hábeis, conhecedores seguros da lingua inglêsa e italiana, ou experimentados em certos ramos da vida civil, cooperaram com excelentes resultados em determinadas funções para as quais estavam particularmente indicados.

O oficial da reserva veiu, na guerra, completar o da ativa. Êste possuindo um enquadramento melhor, com conhecimentos militares mais sólidos, inclusíve na sua parte administrativa, e sabendo mais tratar seus homens. Aquele possuindo diferentes valores intelectuais; capacidades particulares, conhecimentos diversos e habituado a outros métodos e hábitos de trabalho. Na luta comum deram, um ao outro, aquilo que lhes era mais familiar; entenderam-se completamente, de tal maneira, que não se fazia distinção entre ambos, e provaram a importância que se deve dar ao recrutamento dos quadros de oficiais da reserva.

Quanto maior base intelectual tiver o oficial da reserva, mais facil e completamente poderá satisfazer suas funções. E que instrução significa educação; e educação importa em preparo moral, já que habitua o homem a refreiar seus desejos e instintos, e a enfrentar todas as situações com calma e domínio de si mesmo.

Desta maneira, fazendo esta ligeira apreciação, é importante, além de destacar o valor do meio de onde é recrutado o oficial da reserva para que os melhores resultados sejam obtidos, dizer que seu trabalho foi magnífico, honrando o Exército Brasileiro e, mais do que isto, afirmando o valôr de nossa gente.

Analizado, em traços gerais, a ação do oficial da reserva de 2ª classe, passemos a apreciar a atuação do outro grande grupo formado pelos oficiais da reserva de 1ª classe (R-1). Ex-praças que ascenderam ao oficialato após vários anos de serviços prestados nos postos inferiores, muitos tendo se iniciado como simples soldados, são geralmente homens entre 30 e 40 anos de idade - um tanto exagerada para o primeiro pôsto do oficialato, - porém portadores de uma formação militar excelente, muito disciplinados, com grande tirocínio em lidar com tropa, conhecedores perfeitos da administração militar de rotina e ótimos comandantes de pelotão e secção.

Prevenientes de outro meio, em geral com base intelectual deficiênte, tiveram, contudo, de modo a suprir totalmente aquela falha, uma preparação militar longa e sólida que lhes tornou auxiliares primorosos, em pé de absoluta igualdade com os de 2ª classe.

No Teatro de Operações foram, em idêntica condições que os de 2ª classe, mandados cursar as escolas americanas: "Leadership and Batlle School", Bridge School", que lhes aprimorou os conhecimentos e lhes deu um maior desembaraço de comando, além de tornar eminentemente prático seu cabedal militar correspondente ao pôsto.

De sua atuação na guerra, falam bem alto as inúmeras condecorações conquistadas por atos de bravura diante do inimigo, e o respeito e consideração com que são cercados pelos seus superiores.

Diante das considerações acima, e compreendendo bem o valôr de uma formação militar adequada, não seria justo encerrar-se esta apreciação sem render-se uma homenagem à antiga "Escola de Sargentos de Infantaria", pois os oficiais da reserva de 1ª classe e os sargentos dali oriundos, destinguiram-se na campanha da Itália, pela excelência da formação militar, quer sob o ponto de vista profissional, quer, e talvez principalmente, moral.

7 - ESTADO DISCIPLINAR

O estado disciplinar da Fôrça Expedicionária deixou um pouco a desejar, devido a vários fatores dentre os quais devem ser ressaltados: a preparação moral defeituosa da tropa ainda no Brasil, o contacto com um povo estranho de nível moral abalado pelas vicissitudes da guerra, e uma falsa compreensão dos direitos adquiridos pelos combatentes, aos quais tudo era permitido por certos comandantes como uma compensação às agruras dos "fox-holes".

É indiscutível a importância da preparação moral. Por meio dela o indivíduo fica imbuído dos seus deveres, conscientemente, de modo a ter uma linha rígida de conduta, quaisquer que sejam as situações a enfrentar. Não é necessário discutir aqui, as falhas de formação da F.E.B. para deixar bem claro a impossibilidade de ser cultuada essa formação moral do soldado que se preparava para a mais gloriosa das missões. Mas é bom relembrar fatores que, aparentemente sem importância, foram de muito prejudicial a êsse objetivo. Assim a F.E.B. recebeu de certos Corpos, contingentes de homens de má conduta; serviu como uma válvula de escape para os Comandantes daquelas Unidades, que por êsse processo "limparam" seus efetivos, esquecendo-se dos objetivos, necessidades e responsabilidades da Fôrça que se preparava para, deixando o Brasil, ser mais que uma tropa combatente, para ser uma representação.

Naturalmente que fatos assim foram em quantidade pequena, mas serviram, infelizmente, para espalhar pela F.E.B. um contingente de elementos que não eram dignos de nela figurar.

Outros fatores serviram também para dificultar de muito a formação moral de nossos combatentes, como a flutuação dos efetivos até quasi os últimos instantes do embarque. Mas, o principal talvez, de todos êles, foi o ambiente que se formou antes da partida para além-mar. Em vez de se cercar o soldado de incentivos, procurou-se formar um ambiente absolutamente diverso, difundindo-se falsas noticias; dizendo-se que iriam ocupar terras já conquistadas, diminuindo assim a confiança que deveria ser uma das maiores fôrças do combatente; afirmando-se que, antes de partir para a defesa da Pátria, deveriam os expedicionários combater o facismo dentro do próprio Brasil, numa insinuação contra autoridades da República.

Recordando-se todos êsses fatores pode-se bem compreender, as dificuldades encontradas para bem formar moralmente o combatente brasileiro nas vésperas de sua partida para o desconhecido.

Chegados à Itália, encontrando um povo desorganizado pela guerra, mais um fator veiu se juntar aos demais, para baixar o nível

disciplinar da tropa, já que as facilidades eram muito grandes, e o ambiente propício às ações excusas e inconfessáveis.

Por outro lado, a falta de preparação moral ainda no Brasil, veiu a sofrer um impulso na Itália, pois os próprios oficiais, sofrendo sua influência, não tiveram com seus homens, a ação de comando que seria de desejar e esperar. Ainda sob a ação da propaganda desagregadora que os envolvia no Brasil, achavam que os soldados combatentes tinham direitos superiores às ordens em vigor, pois passavam dias e dias sofrendo nos "Fox-holes"; permitiam-lhes a falta de compostura militar e de uniformes, e quasi os estimulavam à prática da falta das saudações militares; e não lhes davam a necessária e continuada assistência militar, base da disciplina especialmente no escalão inferior.

Outra faceta importante e de péssima consequência, foi o hábito da crítica e do comentário às ordens recebidas; e, o que é ainda mais grave, feitos na presença dos subordinados, quasi sempre os seus executantes, diminuindo-lhes, portanto, o estímulo e o ardor necessários ao cumprimento da missão que lhes era atribuida.

Sentindo todas essas dificuldades, o Comandante da F.E.B. procurou, tomando uma série de medidas, diminuir os fatores de desagregação, e impedir a continuação de fatos que não se coadunavam com um exército combatente, de um país civilizado.

Ordens claras e precisas, severas punições aos infratores, e uma preparação moral já em pleno T.O., vieram diminuir de muito as transgressões disciplinares. Mas a punição não correspondia para determinados elementos, já que seu efeito era puramente moral, pois não havia locais adequados para reclusão.

Foi estabelecido em face disto e em imitação ao sistema americano, multas para os casos de infração das regras de tráfego, transformação de punições em perdas de vencimentos, e organização de um xadrez para os casos de maior gravidado. Essas medidas, fortalecidas pela continuação da luta, que trazia ao homem um maior sentimento de responsabilidade, tiveram salutar efeito sôbre a tropa, melhorando muito o estado disciplinar de nossos soldados.

Antes de cuidarmos das quantias arrecadadas correspondentes a multas, e transformação de prisão em perda de vencimentos, é interessante salientar o vulto das transgressões das regras de tráfego, analisando suas causas.

De um total de 1061 transgressões, 784 o foram por infração às regras de tráfego, ou, mais claramente, 74 %.

Os fatores principais foram uma preparação falha, de nossos motoristas, muitos dos quais não estavam em condições de execu-

tar sua função com a capacidade esperada. Podemos citar o caso dos oficiais de ligação que, em certas ocasiões, tiveram de aceitar como motoristas, homens não capazes para essa função, ficando êles próprios na direção de suas viaturas, até que seus auxiliares praticassem suficientemente. O desconhecimento das regras de trânsito, e da lingua inglesa - que os impossibilitava de ler os sinais e placas advertidoras - foram causas de muitas transgressões.

Medidas foram tomadas de modo a assegurar placas escritas em português, além de inglês, e para intensificar a instrução aos motoristas dos dizeres, nesta lingua, correspondentes ao tráfego.

Outros fatores porem existiram, como a falta de cuidado de muitos motoristas, em geral os menos hábeis; as dificuldades próprias da rêde de estradas, e do trânsito intensíssimo; a reação ao cumprimento de ordens emanadas da Policia Militar - especialmente por parte dos oficiais, não habituados a êsse sistema; - a condução das viaturas por pessoal não habilitado; e uma série de outras pequeninas causas.

Desta maneira, enquanto somente 4 punições a oficiais por transgressões disciplinares eram impostas, 71 infrações a regras de tráfego eram cometidas pelos mesmos.

Desta maneira, as multas e perdas de vencimentos se avolumaram a um total de 496.139,60 cruzeiros dos quais 438.918,00 corresponderam às multas por infrações do trânsito, o que é bastante significativo.

Encerrando esta apreciação, o Comando tem a satisfação de declarar que o estado disciplinar da F.E.B. foi, à proporção que a campanha se prolongava, melhorando de maneira notável; essa evolução foi devida, não só às medidas coercitivas, postas em prática, como, também, a uma nova compreensão adquirida pelos nossos homens em pleno T.O.. A preparação moral que deveria ter sido feita ainda no Brasil, o foi em plena luta, melhorando nosso combatente e elevando de maneira sensível o estado disciplinar da Fôrça Expedicionária Brasileira.

Podemos encerrar êsses comentários, proclamando tambem, como fator de influência decisiva sôbre a disciplina da tropa, a ação vigilante e enérgica da Justiça Militar da F.E.B,.

8 - O MORAL DO COMBATENTE

A Fôrça Expedicionária Brasileira, cujas falhas de organização já tivemos oportunidade de apontar, tanto sob o aspécto do recompletamento dos seus efetivos, como nas seleções moral e física, lutou contra êsses males em toda a campanha, dominando-os, afinal, graças ao senso de responsabilidade de que se viram atribuidos os seus integrantes, lançados nessa luta sangrenta longe da Pátria, à docilidade e à brandura natural em nosso homem, ao conôrto fôrto proporcionado por uma assistência contínua, conciênte e oportuna e ao sentimento expontâneo, que brota nessas ocasiões, de não nos inferiorizarmos no confronto com tropas de outras nações.

Chegamos ao armistício, descrevendo uma trajetória que honra a nossa tradição militar e ultrapassa os feitos de outras grandes unidades aliadas também participantes da guerra na península italiana; mas é mister chamar a atenção para certos aspéctos: cuidar da preparação moral do combatente brasileiro, educando-o pelo exemplo, impondo-lhe confiança em si mesmo; acatar a decisão do chefe; demonstrar segurança na execução das ordens recebidas e dosar bem as possibilidades de sua tropa antes de atribuir-lhe uma missão. Não se educa moralmente uma coletividade com a simples narração de feitos heróicos e com a descrição das côres da bandeira, como é habito em nossos quarteis.

O chéfe é o espêlho e o subordinado colhe os reflexos do seu íntimo. As ponderações tão comuns dos nossos oficiais, denotam desrespeito ao superior, temor à responsabilidade e falta de confiança no seu próprio valor. O Chefe sabe o que pode e deve exigir de seus comandados. Uma ordem discutida é uma ordem que tende para o fracasso, pelas vacilações que provoca.

É errado julgar que o chefe contemporizando com o subordinado conquista-lhe a simpatía. Esta deve ser inspirada pela confiança que o comandado possue no contáto e na observação diária do superior, no trato amigo sem chegar aos limites da intimidade, na maneira correta de cumprir as ordens e no zelo que tem pelo bem estar de sua tropa. A falsa dedicação revela fraqueza e abala a disciplina. Punir, mas com justiça. Fingir que desconhece a falta, para não parecer severo e exigente, receiando desagradar, prejudica a autoridade do chefe e dá ao subordinado uma demonstração de que compactua com o transgressor.

E os nossos quadros cometem repetidamente falhas dessa natureza. Alguns fatos ocorridos na campanha da Itália veem corroborar as afirmações que fazemos.

Na véspera de um dos ataques ao MONTE CASTELLO, o Comandante de um dos Batalhões encarregados da operação, referindo-se ao fato de haver escapado, com seus oficiais, dos efeitos de arrebentamento de uma granada de artilharia que atingira o P.C. momentos antes, disse, ao representante do Comando da Divisão alí em visita, que apenas fôra adiada por algumas horas a morte de todos. Com essa frase pessimista, previa o sacrifício de seus oficiais na ação do dia seguinte. Que poderia exigir dos comandados, si já antecipava fracassada a sua missão? Revelou, pelo menos, falta de confiança no chefe e em si mesmo. Realmente o ataque não produziu o efeito desejado.

Outro comandante de Batalhão, também na véspera do assalto ao MONTE CASTELLO em 12 de dezembro, não só escreveu carta de despedida à familia, como aconselhou alguns de seus subordinados a fazerem o mesmo. Poderia, em tal estado de ânimo, sem confiança na missão, colaborar eficiêntemente no ataque? Por certo que não. E não colaborou.

Um dos oficiais do Estado Maior Divisionário, acompanhando à frente dois representantes do IV Corpo que procuravam conhecer o estado de ânimo da nossa tropa, antes do desencadear da ofensiva da primavera, teve oportunidade de visitar as instalações de um grupo de combate, presentes o comandante da companhia e o do batalhão. Quando um dos dois oficiais americanos perguntou a um soldado se recebia a sua alimentação quente, o capitão, sem permitir que a praça respondesse, disse, gesticulando e de modo indisciplinado, que os seus homens nada tinham, que tudo lhes faltava, que o regimento e a Divisão não lhes davam nada, etc.. Isto obrigou a intervenção enérgica do representante do Comando. Com acusações aos escalões superiores, êle queria, além de passar por bom moço junto aos soldados que tudo ouviam, desculpar-se de providências que devia ter tomado para melhorar progressivamente as condições de vida de seus comandados, o que foi verificado, momento depois, em outra companhia de outro batalhão, cujo capitão, disciplinado e capaz, não poupava esforços para atenuar as duras contingências que seus homens tinham que suportar nos "fox-holes".

Quando citamos fátos dessa natureza, queremos apenas apontar exemplos que atestam a nossa defeituosa formação moral. O homem brasileiro é de bôa índole, de uma bravura que chega às raias da inconciência e vaidoso do seu valor como combatente, precisa porem de uma educação que prime pelo exemplo, para que não desvirtuem tão recomendaveis qualidades, degenerando em abusos prejudiciais à disciplina e ao respeito que deve existir entre comandantes e comandados.

Na simplicidade e na modéstia do nosso soldado, assistimos inúmeros episódios que merecem ser destacados, testemunhas evidentes das observações que fazemos. Alguns deles narraremos a seguir, sem citar propriamente atos de bravura, mas apenas fatos que se repetiam diariamente na campanha da Itália.

Um sargento comandante de grupo de combate, sabedor que não poderia tomar parte na ação do dia seguinte sôbre MONTE CASTELLO, dada certa insensibilidade em uma das pernas, implora ao seu capitão que lhe permitisse permanecer nas funções, pois tinha certeza de poder, como das vezes anteriores, levar o seu grupo para a frente e que se responsabilizava pelo domínio dos membros afetados. A aflição estampada na fisionomia dêsse jovem ante a justa negativa de seu chefe, bem atestava a sua angustia por não poder cumprir o que considerava seu dever e talvez mesmo receiando uma interpretação diferente de sua moléstia.

Na mesma ocasião um oficial do Q.G. da Divisão, indagava a outro sargento que cuidadosamente limpava o seu armamento si todos os homens do seu grupo demonstravam igual valor deante do perigo; êle, modestamente, respondeu sorrindo:" Todos, não, Snr. Coronel; eu tenho um soldado que, no primeiro dia de permanência na frente, ao sentir cair granadas de morteiro perto do seu "fox-hole", correu e veio cair no meu abrigo; peguei-o pelo braço e o conduzí, propositadamente de vagar, ao seu logar, sob risada dos companheiros que o apelidaram, desde então, de medroso". E concluindo:"mas nós o estimamos; êle tem melhorado e, dentro em pouco, será como os outros".

Nas visitas que o Comando e os oficiais de E.M. da Divisão faziam aos feridos, após os combates, a preocupação única dos hospitalizados, sem exceção, mesmo entre os mutilados, era saber se a sua companhia ou seu pelotão haviam mantido as posições ou atingido e conquistado o objetivo que começaram a atacar. E riam, como crianças, quando se lhes declaráva que tudo corria muito bem e que fizéramos grande número de prisioneiros. Aspécto notável, embora entre feridos alguns houvessem praticado atos de heroismo a que nunca faziam alusão.

Nossos oficiais também souberam ser bravos e dar exemplos de espírito de sacrifício á sua tropa. Casos analogos sucederam com oficiais briosos e capazes que, em outras ocasiões, levaram seus homens a conquistas brilhantes, que hoje constituem episódios marcantes da atuação da F.E.B. na Itália.

O que desejamos porém frizar são os pontos capitais para uma bôa preparação moral da tropa, o que, convenhamos, não fazemos

como se deve. Repetidamente, damos prova da nossa indisciplina intelectual, da falsa noção que temos da capacidade dos chefes, e substimamos nossas verdadeiras possibilidades e o valor da tropa que comandamos.

Palavras de estímulo são necessárias em momentos críticos para incentivar os homens, mas é preciso que os chefes que as pronuncie mereça a confiança dos comandados. Vimos, um major Comandante de batalhão levar suas companhias ao cume do MONTE CASTELLO, em fevereiro de 1945, com exortações através o rádio, arrancando-as de posições fortemente batidas pelo fogo inclemente do inimigo. Sem dúvida, êsse oficial possuia autoridade, porque respeitava e sabia se fazer respeitar.

Uma medida posta em prática pelo Comando e que trouxe reais proveitos, foi a de regularmente verificar o estado moral da Divisão, por meio de visitas sucessivas de sua 1a. Secção do E.M., escolhendo principalmente os dias que antecediam as principais operações. Assim, foram afastados da frente homens incapazes, inclusive oficiais, que se mostravam tímidos e que poderiam acarretar prejuizos para a ação. Em campanha, não se deve ser tolerante para com tais elementos; a solução, aliás a adotada, consiste em retirar os fracos, em benefício geral.

Em proclamações sucessivas, o Comando, desprezando falhas naturais de execução numa tropa de formação defeituosa e que estreiava em campanha, fez publicar em seu Boletim diário sucessivas exortações às Armas, Serviços e diversas classes especializadas, exortações essas que tiveram repercursão favoravel entre as Unidades e Órgãos da Divisão. Anexas ao presente Relatório juntamos cópias das mesmas proclamações.

No campo de batalha, há feitos individuais que, apontados à tropa, servem para destacar os valores, aplaudindo suas ações, e estimular os demais, incentivando-os à prática de ações semelhantes. Para êsse fim, o Comando creou uma norma para seleção dos principais episódios que, sob a forma de Citações de Combate eram publicados no Boletim diário da Divisão e nas edições do jornal da F.E.B.- O Cruzeiro do Sul. Cêrca de duzentas Citações chegaram, assim, ao conhecimento de toda a D.I.E. especificando o nome e a Unidade de seus autores e a natureza da ação.

Dentro do mesmo espírito, foi estabelecido o critério para promoções de praças e comissionamento no posto de 2º Tenente, sendo incluido neste unicamente os sargentos que comandaram Pelotão na frente de combate e que se distinguiram em operações de guerra. Daí o fato de terem sido comissionados apenas 16 sargentos, quando o Comando estava autorizado a fazer 60, sendo suspensa tal

medida logo que foram concluidas as operações propriamente da guerra a 2 de maio de 1945.

Assim, também, as promoções de praças foram fixadas sucessivamente para 3 épocas distintas:

- fim do período defensivo no Vale do RENO
- fim do período ofensivo da Primavera
- fim do período de perseguição no Vale do PÓ;

Atingindo um total de promoções a:

- Sub Tenente. 42
- 1º Sargento 46
- 2º Sargento 88
- 3º Sargento 168
- Cabo 226

Estudadas e aplicadas criteriosamente, as citações, os comissionamentos e as promoções, foram, sem dúvida, fatores de estímulo à tropa, contribuindo para o ambiente moral que permitiu à Divisão cumprir com galhardia suas missões de guerra.

O processo de condecorações, moroso pela exigência a que forçava a legislação em voga, impediu que tivéssemos em nossas mãos mais êsse magnífico recurso para premiar no momento oportuno, os elementos que se destacavam. A verdade exige que se diga que os oficiais e praças da 1a. D.I.E., distinguidos em ações de combate, receberam pelo mesmo feito, em primeiro lugar as medalhas americanas e só mêses depois, já na ocupação, a 19 de maio em ALESSANDRIA, tiveram a honra de ostentar em seus peitos a medalha brasileira correspondente. Em capítulo especial, faremos uma apreciação detalhada sôbre condecorações.

Não podemos deixar de assinalar a valiosa contribuição de dois serviços, creados com a organização americana, o Religioso e o Especial, pelo incentivo que souberam levar às nossas fileiras por uma assistência contínua e inteligente. O Capelão militar foi encarado como um colaborador precioso do Comando da Unidade na manutenção de um nível moral elevado da tropa, merecendo por isso acatamento e respeito especiais, tendo, porém, o cuidado de não desvirtuar sua honrosa missão para o aspécto da catequese. O Serviço Especial, mantendo publicações periódicas de notícias do Brasil, por intermédio do "Zé Carioca" e do "Cruzeiro do Súl", renovando os estoques das bibliotécas ambulantes, promovendo torneios esportivos, organizando espetáculos recreativos na própria linha de frente, passando filmes em locais que poderiam ter o comparecimento de turmas de praças das unidades, regulando a frequência em seus

hoteis de repouso e as visitas sucessivas aos grandes centros da Itália, etc., cumpriu inteligentemente sua finalidade, apesar dos fracos recursos que recebia do Brasil, e concorreu para a elevação do moral do nosso homem.

Para a alimentação, de grande influência tambem no espírito combativo de nossa tropa, reservaremos uma apreciação especial, dizendo da maneira como foi aceita a cosinha americana e como recebemos os gêneros brasileiros.

Avaliamos, assim, fatores decisivos para o moral do combatente, observação feita sôbre um pequeno contingente do nosso Exército em período de guerra e que constituiu, como sabemos, um grande esforço para todo o paiz. Reflitamos agóra, sobre o que acontecerá amanhã, si tivermos necessidade de uma mobilisação total, para uma luta no próprio continente.

É indispensavel que, desde o período de paz, sejam os nossos quadros permanentes bem orientados, dentro de principios básicos para uma perfeita seleção inicial, uma sã formação nos diversos cursos e um contínuo aperfeiçoamento moral durante o tempo de serviço.

9 - CONDECORAÇÕES

Para premiar os elementos da Fôrça Expedicionaria criou o govêrno brasileiro em Decreto nº 6.795 de 17 de agôsto de 1944, as seguintes medalhas:

a - Medalha de Guerra;
b - Medalha de Campanha;
c - Cruz de Combate de 1ª Classe;
d - Cruz de Combate de 2ª Classe;

As medalhas acima mencionadas foram regulamentadas pelo Decreto nº 16.821, de 13 de outubro de 1944, o qual estabelecia o critério de concessão abaixo descrito:

1 - Medalha de Guerra: Concedida a oficiais da ativa da reserva e civis que cooperaram na preparação da tropa ou concorressem para o esfôrço de Guerra do Brasil no país ou no estrangeiro.

2 - Medalha de Campanha: Concedida aos militares da F.E.B. que tomaram parte na campanha da Itália sem nota que os desabone. A medalha de Guerra e de Campanha podem ser concedidas aos militares estrangeiros de nações aliadas que tenham cooperado no esforço de guerra do Brasil ou tenham estado em operações de guerra com nossas tropas;

3 - Cruz de Combate de 1ª Classe: Concedida aos que praticassem atos de bravura ou demonstrassem grande espírito de sacrifício no cumprimento de missões de combate;

4 - Cruz de Combate de 2ª Classe: Concedida para premiar os que participassem de feitos excepcionais praticados em conjunto por vários militares, na execução de missões de combate;

A primeira medalha poderia ser concedida, não sómente por proposta do comandante da fôrça em operações, como também pelos Diretores de Armas e Serviços e Chefes do Estado Maior do Exército.

A segunda medalha seria concedida mediante proposta organizada pelas Diretorias de Armas e Serviços, excluindo da mesma os militares que houvessem praticado durante a campanha, atos desabonadores.

Quanto às Cruzes de Combate só poderiam ser concedidas mediante proposta do comandante das tropas em operações.

No decorrer da campanha, fazendo a Fôrça Expedicionária Brasileira parte integrante do V Exército americano, houve por bem o comando do referido exército, atribuir a tropa brasileira uma dota

ção de medalhas americanas, destinadas a premiar os oficiais e praças da F.E.B. que fizeram jús a tais recompensas, de acôrdo com a legislação americana. A dotação dada a F.E.B. foi a mesma que a atribuida periodicamente às divisões americanas. Assim é que em oficio de 8 de novembro de 1944, do Comandante do V Exército. Ficaram a disposição da F.E.B. as seguintes medalhas, que seriam concedidas mediante proposta do comando brasileiro:

Distinguished Serviçe Cross..... 3

Silver Star Medal.....15

Bronze Star Medal.....30

A primeira das medalhas acima é concedida por excepcional heroísmo em combate, a segunda por bravura em ação e a terceira por conduta heroica em ação, serviços meritórios em combate ou ainda por serviços meritórios em apôio a operações de combate. Posteriormente, em oficio de 25 de maio de 1945, do Cmt. do IV Côrpo, nova dotação igual a primeira foi posta à disposição da F.E.B.

Se compararmos cuidadosamente a legislação americana, relativa a condecorações, com a nossa, somos obrigados a reconhecer que a brasileira apresenta algumas lacúnas, que bem se fizeram sentir no Teatro de Operações, e das quais passo a fazer menção:

a - Pela legislação americana, as medalhas acima citadas são concedidas pelo Comandante do Exército em Operações, mediante proposta dos comandos subordinados. Tal prescrição regulamentar traz os benefícios não só da rapidéz do processo de concessão como também a oportunidade da recompensa cria o estímulo no seio da tropa. As nossas medalhas são concedidas unicamente por decreto do Presidente da República, o que significava que a proposta vinha do Teatro de Operações para o Rio de Janeiro para aprovação, e consequentemente concessão. Essa remessa aliada ao tempo gasto em percorrer os trânsmites legais acarretava grande lapso de tempo entre a proposta e a concessão da condecoração, em detrimento do estímulo ao agraciado como também a tôda a tropa. Em regra quando o agraciado recebia a justa recompensa de seu ato, o mesmo já tinha caído no olvido de seus companheiros, deixando portanto de ser aproveitado um esplêndido fator psicológico, para uma tropa que combate, como sem dúvida o é uma recompensa de suma importância como uma condecoração. Além disso a demora da concessão de nossas medalhas em contraste com a rapidez com que eram concedidas as americanas causavam murmuríos e descontentamentos.

b - Não ocorreu tambem ao legislador a idéia da criação de uma medalha destinada a premiar os oficiais e praças cujas funções, embora não lhes déssem ensejo á prática de atos de bravura ou feitos excepcionais, pelo seu valor, ação de comando, dedicação ao dever e capacidade de trabalho em misteres relacionados com o combate merecessem uma recompensa pelos seus reais méritos. É o exemplo de um oficial de ligação que vai constantemente a Zona de combate, ou do oficial de estado maior que atravessa inúmeras vezes, com risco de vida, barragens de artilharia,, na execução de ordens recebidas. É também o caso dos comandantes de unidades e seus auxiliares diretos, oficiais e praças, e do próprio comandante da Divisão, comandante de I.E. e A.D., que estão sempre na zona de combate, ao alcance da artilharia inimiga e não poucas vezes arriscam a vida na execução de seus deveres profissionais. Para os exemplos acima relatados, os americanos possuem a Bronze Star Medal. Esta lacúna em nossa regulamentação, deixou o comandante das fôrças em operações na impossibilidade de premiar adequadamente oficiais e praças sob seu comando, os quais, se achando nas condições descritas no presente item, mereciam pelo seus reais méritos terem os seus serviços reconhecidos pela nação.

c - Também para premiar os feridos de guerra, possuem os americanos a medalha "Purple Heart" (Coração de Purpura). Esta medalha é concedida imediatamente aos feridos, nos próprios hospitais de campanha, mesmo durante o tratamento, e no caso de morte entregue à familia do falecido em curto prazo. Constituia sempre um espetáculo chocante para os nossos feridos, em tratamento nos hospitais americanos assistirem os seus camaradas americanos serem agraciados com uma justa recompensa, ao passo que a êles, em caso idêntico, nenhum prêmio cabia pelo seu sacrifício. Isto causava sempre certo descontentamento e certo mal estar, plenamente justificáveis.

Em face das observações acima relatadas propôs o comando brasileiro para sanar os incovenientes da nossa legislação de recompensas, em oficio nº 47, de 6 de janeiro de 1945, a criação de dois tipos de medalha: o primeiro para premiar os oficiais e praças nas condições expostas acima no item b do presente relatório; o segundo para ser concedido aos feridos em ação e às familias dos mortos.

Terminada a campanha, foi finalmente criada pelo Decreto nº

uma dotação de condecorações de diversos gráus da Ordem da Corôa da Itália e "Croce Al Valor Militare" que seriam concedidas mediante proposta do comando brasileiro.

Assim como o govêrno italiano, também o francês concedeu algumas condecorações a oficiais brasileiros que estiveram em contato com o Exército Francês, bem como a vários feridos de guerra e outros oficiais indicados pelo comando da F.E.B..

É a seguinte a estatistica das medalhas acima referidas:

Medalhas italianas

Corona d'Itália..... 12

Croce Al Valor Militare.....150

Medalhas francezas

Légion d'Honnour..... 4

Croix de Guerra Avec Palmes..... 82

7.709, de 5 de julho de 1945, a Medalha "Sangue do Brasil" destinada aos feridos da F.E.B. e a família dos mortos em campanha.

Durante a campanha, tendo em vista sanar a demora da entrega das condecorações a todos que o merecessem, foi o comandante das fôrças em operações autorizado pelo Exmo. Snr. Ministro da Guerra a fazer entrega de medalhas aos que a seu critério as mereciam regularizando-se, após o ato, a situação, mediante a remessa das respectivas, propostas.

Para êsse fim foram remetidas para o teatro de operações um certo número de medalhas que corrigiram em parte a situação em que se encontrava a F.E.B., na questão relativa a condecorações.

Assim é que em retribuição às medalhas concedidas aos brasileiros pelas autoridades americanas pôde o comando da F.E.B. condecorar com as Medalhas de Campanha e de Guerra oficiais e praças americanas, que conosco trabalharam e fizeram jús a tal distinção.

É a seguinte a estatística das propostas para as diversas medalhas americanas e nacionais, feitas durante a campanha da Itália:

Medalhas brasileiras

Medalha de Guerra	1.119
Cruz de Combate de 1ª Classe	417
Cruz de Combate de 2ª Classe	270

Medalhas americanas

Distinguished Service Cross	1
Bronze Star	116
Silver Star Medal	30

Para entrega de condecorações foram realizadas na Itália, durante a guerra, duas solenidades, uma em Lizano In Belvedere e a outra em Alessandria, ambas com a presença do Tenente General Lucien K. Truscott, comandante do V Exército. A primeira foi realizada no dia 21 de março de 1945 e a segunda a 19 de maio de 1945.

Após a cessação das hostilidades mais três cerimonias foram levadas a efeito, duas em Francolise, nos dias 2 de julho de 1945 e 23 de julho de 1945 e uma em Gardonne, no dia 18 de julho de 1945. Nestas três últimas foram agraciados com as medalhas de guerra e de campanha oficiais e praças americanos.

Também o governo Italiano, já findas as hostilidades, em reconhecimento á ação da F.E.B. na campanha da Itália, atribuiu à mesma

10 - CITAÇÕES DE COMBATE

Para que se conservasse impoluta a tradição das armas brasileiras, toda rica de belos sacrifícios e pontilhada de glórias imarcessíveis, era mister cuidar, além da parte técnica, do estado moral da tropa punindo ou afastando os ineptos e premiando aqueles que, desprezando a própria segurança, apenas tinham o pensamento e o coração presos à imagem da Pátria.

Dentro dêsse espírito, impunha-se a todo o custo não permitir o nivelamento de valores, tão prejudicial ao estímulo do combatente e às operações militares. Por outro lado seria injusto deixar no esquecimento os nomes dos bravos que pelo despreendimento, pelo esfôrço, pelas qualidades marcantes de rigidez de carater e alto patriotismo se tornaram verdadeiros símbolos para a tropa em luta no continente europeu e quiçá para a Nação brasileira.

Dêsse dignos filhos do Brasil, alguns regressaram aos lares, outros tombaram no campo da honra e hoje repousam em terra estranha, no cemitério de Pistoia, Itália, protegidos pelo respeito dos seus irmão e pela honra da nossa Pátria.

Assim, na época oportuna foram baixadas instruções aos diversos escalões de comando, condensadas na Nota de Serviço nº 3 (1ª Sec.) de 24-XII-944, determinando:

a - No mais tardar, 48 (quarenta e oito) horas após a ação de combate, sejam condensados num documento todos os detalhes da ação em apreço, com a citações justas, e, em destaque, as excepcionais, por parte dos cmts. de sub-unidades, Pelotões (Secções) ou qualquer comandante de fração de tropa.

b - O relatório minucioso das circunstâncias desses atos meritórios, de modo a servir de base para ação ulterior do Comando.

c - A citação em boletim da Unidade;
- em particular, de todos os mortos em ação;
- de todos os feridos em ação, que o merecerem;
- de todos os feitos destacados de seus subordinados.

d - A participação, sem demora, ao commandante da Divisão, dos atos meritórios julgados excepcionais para publicação no Boletim Interno da 1ª D.I.E. e conhecimento de toda a F.E.B., na Itália, sem prejuizo de outras provi

dências que se fizerem mistér, inclusive processos de condecorações.

As ações em causa deviam se caracterizar:

- "pelo equilíbrio
- pela noção ampla do cumprimento do dever de soldado brasileiro".

Ainda para evitar que as citações de combate caissem na vulgaridade, tirando-lhes o brilho excepcional pois que excepcionais deviam ser as ações postas em relêvo, foi baixada a Nota de Serviço (1ª Sec.) nº 7, de 15-III-945, definindo que o título e a disposição das "citações de Combate", adotadas no Boletim interno da 1ª D.I.E. para referências elogiosas a oficiais e praças que praticarem atos meritórios em combate, de caráter excepcional, são de uso privativo do Comando da Divisão, e o referido Boletim Divisionário o único orgão autorizado a dar publicidade às Citações que se revistam daquela forma. " No seu item seguinte a mesma Nota completava o pensamento do Comando da Divisão": "Esta restrição não importa em privar os escalões de comando, de elogiar, nos moldes usuais, os subordinados que se destacarem em ações de combate, devendo fazê-lo sempre que se apresentar essa oportunidade, e indicando ao Comandante da Divisão, em documento no qual se condensem todas as circunstâncias da ação focalizada, aqueles merecedores de destaque excepcional".

Estas citações de combate tiveram a mais ampla divulgação no seio da tropa através das colunas do "Cruzeiro do Sul", órgão do Serviço Especial da F.E.B., e mesmo no Brasil através da imprensa do País. Repercutiram largamente no espírito dos nossos combatentes em território de além-mar e dos seus benéficos efeitos sobre o estado moral da tropa dizem bem alto as consagrações recebidas pela F.E.B. e o cumprimento integral das missões apesar dos pesados sacrifícios que elas sempre exigiram.

Como corolário das ações particulares de um povo em guerra, elas se refletirão vantajosamente na paz formando, pelo exemplo, dos seus heróis, o espírito das gerações futuras empenhadas em construirem uma Nação forte e digna da grande família americana .

Estatísticas das citações de combate

Até o encerramento da campanha foram citados:

	Of.	Sgts.	Cabos	Soldados
II Grupo	3	-	-	-
III Grupo	-	-	-	1
9º B.E.	1	2	2	-
1º R.I.	20	6	3	12
6º R.I.	14	24	5	34
11º R.I.	9	19	4	41
	47	51	14	88

T O T A L: 200

Como exemplo, são apresentadas a seguir duas citações de combate, semelhantes às que foram entregues aos oficiais e praças:

5º EXÉRCITO (Norte-Americano) TEATRO DE OPERAÇÕES DA ITALIA

FÔRÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

CITAÇÃO DE COMBATE

1º Tenente .....
1º R. I.

-"EM 23-II-1945:- É uma figura singular de combatente, esta que tenho especial satisfação em focalizar para conhecimento da tropa brasileira. Seu Pelotão, orgânico da 6ª Cia., atacava com o maximo vigor, o ponto cotado 958, considerado a posição chave da operação da sub-Unidade. Apezar dos pesados e incessantes bombardeios a que são submetidos, o Tenente ..... e os seus elementos, investem firmemente contra a posição, dela se apoderam, aí se instalam dispostos a mante-la, quaisquer que fossem os sacrifícios. Dentro em pouco os alemães contra-atacam. Mesmo desabrigados, os nossos resistem e repelem o inimigo. Os contra-ataques não cessam, como tambem não cessa o esfôrço da defesa, e os adversários são, todas as vezes, rechaçados. É uma posição ardorosamente disputada. O valor dos defensores é notavel, como terrivel é a tenacidade do inimigo. E a inflexibilidade de animo desses combatentes asseguram, emfim, para a tropa brasileira a posse definitiva do ponto cotado 958. A combatividade, o espirito de sacrifício, a decisão inquebrantavel, a elevada compreenção que tem da honra militar, a capacidade de comando, reveladas pelo Tenente ....., são exemplos dignificantes que desejo pôr em relevo, para os brasileiros que combatem na Italia.

Gen. Div. J.B.MASCARENHAS DE MORAES

Cmt. da F. E. B.

5º EXÉRCITO (Norte-Americano) TEATRO DE OPERAÇÕES DA ITALIA

FÔRÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

CITAÇÃO DE COMBATE

Soldado .....

1º R. I.

-"EM 23-II-1945:- A citação do soldado ....., tem dupla significação, uma vez que exalça não só o valor - combativo da gente brasileira, como o profundo amôr as tradições de sua terra. A sua sub-Unidade atacara e se apossara do ponto cotado 958. Manter o terreno conquistado era - condição basica para o prosseguimento das operações do Regimento, mesmo que lhe custasse os maiores sacrificios. Dessa verdade bem sabia o soldado .... , tanto que lutou muito, lutou denodadamente para que todos os contra-ataques lançados pelo inimigo com o intuito de reapossar-se das posições perdidas, fossem rechaçados. Foram quatro dias de tenaz esforço, coroados de completo sucesso, conservando, assim, sem - macula, a pureza das ações dos homens de sua tempera. Si houvesse necessidade de comandar, ele tambem sabia comandar. E tanto isso e verdade, que de uma feita, quando o seu Comandante de Pelotão se deslocara com um grupo de combate para uma ação nas proximidades, o soldado ....., como observador avançado de seu grupo, pressentira que cerca de 60 alemães se avizinhavam da posição. Sem perda de tempo, comandou o fogo do Pelotão, solicitou ao Comandante da Companhia apôio de fogos de artilharia, enquanto simultaneamente fiscalisava o consumo de munição, só permitindo tiros a curta distância. Numa legitima explosão de sentimento de responsabilidade, na fase mais critica do combate, gritou, com toda a fôrça de seus pulmões, para os companheiros empenhados|"Quem recuar eu fuzilo". Ele mesmo abateu, a tiros de fuzil, um inimigo armado de metralhadora, Era um brasileiro que ali estava, defendendo o nome da tropa brasileira e honrando as belas tradições de sua gente. Mais tarde foi ferido por estilhaço de granada e evacuado para o Hospital. A ação excepcional do soldado ..... traduz, na sua grandiosidade, as mais perfeitas virtudes do Soldado do Brasil."

Gen.Div.J.B.MASCARENHAS DE MORAES

Cmt. da F. E. B.

11 - DIPLOMAS HONROSOS

O incentivo e estímulo dos valores na guerra foram preocupação constante dêste Comando, durante a Campanha da Itália. Assim procurou,por todos os meios ao seu alcance, tomar conhecimento, para a devida exaltação, dos nomes daqueles que se destacavam por sua ação em combate ou por trabalhos difíceis e árduos de retaguarda, afim de promover as recompensas que fossem indicadas.

Dêste modo determinou a publicação no jornal bi-semanal da Divisão - o Cruzeiro do Sul - das "citações de combate", alem de conceder ao homem, em papel especial, uma cópia das mesmas, assinadas pelo Comandante da F.E.B. pessoalmente. Isto permitia aos bravos brasileiros, citados por ação excepcional em combate, um documento que os acompanhasse pela vida em fóra, recordar e afirmar seu destemor, sua bravura, o modo enfim porque soubera enfrentar o inimigo contra o qual se batia.

Não era propriamente uma recompensa, mas servia como uma compensação. Duzentos brasileiros, entre oficiais e praças, possuem hoje, como uma lembrança consagradora da guerra, aquele diploma, em que está fixado um transe difícil que souberam enfrentar e vencer com decisão e valor acima do normal. Em capítulo especial dá êste Comando o destaque merecido a êsse importante assunto.

Com o prosseguimento da guerra, em suas inspeções e verificações, pôde o Comandante da F.E.B. bem sentir as dificuldades e os sacrifícios impostos pelas condições de guerra e suas exigências aos motoristas brasileiros. E estradas submetidas a um tráfego intensíssimo, sujeitas em certos setores a bombardeios inimigos intensos e inesperados, tinham os nossos motoristas de percorrer diariamente longos e asperos percursos que exigiam tenacidade e capacidade profissional. Além disto as destuições produzidas pelos alemães em sua retirada tornavam o tráfego dificílimo e exaustivo; eram os "by pass", em que as condições da via só permitiam sua transposição em velocidade reduzidíssima, e onde qualquer descuido significaria, possivelmente, uma parada e, consequentemene, um atraso na marcha, com prejuizo para os combatentes. As horas de trabalho se acumulavam em quantidades assustadoras, já que à proporção que o inimigo se retirava, aumentavam de muito as linhas de comunicações. Mas vencendo todos os impecilhos, desassombradamente, os motoristas brasileiros trabalharam noite e dia, na chuva e na neve, na escuridão dos "black out", debaixo das cortinas de fumaça, conduzindo tropas, munições, alimentos, e executando outras missões, além de transportar seus camaradas combatentes para

descansos reparadores e os reconduzir à linha de frente. No seu trabalho de retaguarda foram verdadeiros herois na luta anônima contra o cansaço, o sôno, a alimentação falha devido às longas viagens e a irritação natural ao descontrôle nervoso de quem trabalha exageradamente.

Em face dessas considerações criou o Comando da F.E.B. um diploma a ser conferido aos motoristas brasileiros que, no T.O., tivessem mais de seis meses de trabalho contínuo, sem nenhum acidente de sua responsabilidade, e, naturalmente, tendo produzido bons serviços sem faltas que os desabonassem.

Era o reconhecimento do valor profissional daqueles bravos lidadores, verdadeiros herois anônimos; mais tarde seria um documento honroso que demonstraria a importância e eficiência de sua cooperação de guerra, sob condições as mais difíceis possíveis, vencendo todos os obstáculos para bem cumprir sua missão.

Voltando-se para outro setor o Comando da F.E.B., sentindo o sacrifício daqueles que eram feridos em ação, muitas vezes dolorosamente, e em outros casos sofrendo mutilações ou deformações, resolveu tentar dar àqueles bravos uma compensação que significasse seu reconhecimento ao esfôrço dispendido. O "diploma de ferimento em ação", onde ficava assinalado o ferimento em ação do seu possuidor, foi o processo utilizado, para deixar com o homem um documento que mostrasse aos seus parentes e amigos ter êle dado à sua Pátria um pouco ou muito, de seu sangue. Singelo e simples é esse certificado, contudo um símbolo de glória para aqueles que o possuem. Mas, além disto, os feridos em ação da Fôrça Expedicionaria Brasileira receberiam uma medalha correspondente ao fato: "Medalha Sangue do Brasil", e ao deixar o Exército e se recolher à vida civil, teriam, em outra homenagem muda ao seu esfôrço, inscrito nos seus certificados militares as palavras: "Ferido em ação".

Por todos os modos procurou o Comando da F.E.B. dar aos seus homens uma compensação de reconhecimento dos seus feitos, ou de sua longa permanência em terras estranhas, afastados da família e longe do confôrto de seus lares. Todos consideravam uma honra estar alí, correndo perigos, sofrendo privações, debaixo da ação envolvedora da saudade; portanto, no regresso, teriam a justa satisfação de dizer aos seus amigos ter estado com a F.E.B. na Itália. O modo mais simples de facilitar a êsses homens a prova de sua participação na luta era, como foi feito, inscrever em seus certificados militares, a serem recebidos ao deixar o Exército de retôrno à vida civil, numa homenagem singela ao seu possuidor, cinco palavras que significam o resumo de longos meses de guerra com seus sacrifícios e com uma vitória gloriosa: "Veterano da Campanha da Itália".

Ainda com a preocupação de estimular aqueles que se destacavam pelo seu trabalho e dedicação, voltou o Comando Brasileiro sua atenção para as enfermeiras e para o exelente grupo de funcionários do Banco do Brasil destacados para a Agência que funcionou junto à Fôrça Expedicionária.

Aquelas fazendo de sua atuação na campanha um verdadeiro sacerdócio, enfrentando a dura e dolorosa realidade dos hospitais de guerra, com bravura, estoicismo e dedicação; transportadas para uma vida completamente diferente da que estavam acostumadas, de sacrifícios imensos e trabalhos sem fim, produziram o melhor dos seus esforços para conceder ao soldado ferido, além da assistência medica, uma atenção carinhosa que lhe transmitisse um pouco de ânimo nos transes dolorosos que viviam. Foram verdadeiras heroínas anônimas e obscuras, trabalhadoras silenciosas de dedicação sem limites.

Os funcionários do Banco do Brasil, provenientes do meio civil, souberam se adaptar completamente à vida militar, e se impuseram aos seus patricios da F.E.B., pela perfeição com que executavam suas obrigações, e particularmente, pelo alto espírito de cooperação de que se achavam imbuídos; facilitaram tudo e tudo providenciaram para que nada faltasse aos combatentes brasileiros, mesmo em assuntos fora de sua alçada.

Desta maneira o Comando Brasileiro, considerando que nem as enfermeiras nem os funcionários do Banco do Brasil receberiam ao se afastarem da F.E.B. um certificado militar, por não estarem enquadrados entre os convocados para o Exército; e considerando o magnifico trabalho executado, além do seu patriotismo em deixarem a Pátria para se irmanarem às incertezas e sofrimentos dos seus irmãos combatentes, resolveu, como reconhecimento ao mérito e recordação oficial dos longos meses de luta, angustia e vitórias, e afim de lhes permitir possuirem um documento que lhes servisse como prova de suas presenças na campanha da Itália, conceder-lhes um diploma honroso, em que ficasse esclarecida a sua situação de componente da Fôrça Expedicionária Brasileira em operações em além-mar.

5º EXÉRCITO (Norte-Americano) TEATRO DE OPERAÇÕES DA ITALIA

FÔRÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

FERIMENTO EM AÇÃO

Ao soldado do 11º Regimento de Infantaria,

faço entrega do presente DIPLOMA, por ter, no cumprimento de seu dever militar, sido ferido em ação em MONTESE, por estilhaço de granada, em 15 de abril de 1945.

Gen. Div. J. B. MASCARENHAS DE MORAES
Cmt. do 1º Esc. F. E. B. e Ia D. I. E.

5º EXÉRCITO (Norte-Americano) TEATRO DE OPERAÇÕES DA ITALIA

FÔRÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

Ao .....

.....

faço entrega do presente DIPLOMA, por ter, durante .....

..... no teatro de operações da Italia, revelado habilidade, disciplina e cuidado na direção e manutenção de sua viatura.

Gen. Div. J. B. MASCARENHAS DE MORAES
Cmt. do 1º Esc. F. E. B. e la D. I. E.

Modelo de Certificado distribuido aos Funcionários do Banco do Brasil e às Enfermeiras da F.E.B..

MINISTERIO DA GUERRA

FÔRÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

Certifico que _____

_____ *identificação* _____ *Serviu no*

TEATRO DE OPERAÇÕES DA ITALIA

no periodo de _____ *a* _____

como integrante _____

FÔRÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

com as honras correspondentes ao posto de _____, *conforme autorização do Exmo. Snr. Ministro da Guerra em* _____

_____

Rio de Janeiro, ____ *de* _____ *de 194*____

_____

GEN. DIV. JOÃO BATISTA MASCARENHAS DE MORAES,
Cmt. do 1.º Escalão da F. E. B.
e da 1.ª D. I. E..

12 - CAPACIDADE COMBATIVA E DE ADAPTAÇÃO DO SOLDADO BRASILEIRO

Pronta a F.E.B. para cumprir sua missão em além-mar, depois de vencidos os obstáculos e dificuldades encontradas durante sua preparação, ficava contudo, como uma interrogação a ser respondida com o tempo, a incerteza do comportamento do soldado brasileiro nos combates em que tomaria parte, e de sua capacidade de adaptação ao clima e ambientes estranhos para onde se destinava.

Hoje, depois de terminados os longos meses de campanha, a resposta àquela interrogação surge afirmando o valor do nosso homem.

Chegando à guerra, sem que tivesse sido submetido a uma preparação psicológica adequada, demonstrou qualidades indiscutíveis para o combate. Corajoso e calmo, sempre enfrentou o inimigo com decisão e sem temor, procurando atingir, em todas as ocasiões, o objetivo que lhe havia sido designado.

Não desejou a guerra, e preferia nela não morrer, podendo assim regressar à Pátria; mas nunca colocou êsses fatores diante de seu orgulho de ser valente e de cumprir as ordens recebidas. Neste particular, o soldado brasileiro sempre revelou um amor-próprio excepcional, o qual o incentivava a não ficar, em nenhum momento, para trás, e o fazia produzir o máximo para evitar receber dos companheiros uma palavra menos lisongeira quanto à sua coragem individual.

Sua capacidade combativa se revela na aprendizagem rápida, diante do inimigo, das artimanhas da guerra; e, à proporção que ia adquirindo essa experiência, tornou-se mais e mais consciente do seu valor, aprimorando, assim, suas inegáveis qualidades de combatente.

Suas falhas foram, práticamente, originadas de sua própria formação, pois eram provenientes de uma educação defeituosa e de pouca instrução; elas se apresentavam, em geral, sob a forma de críticas às ordens superiores, e de uma falsa interpretação de direitos adquiridos no "fox-hole", o que o levava a agir erradamente fóra do combate, especialmente quanto às atitudes militares.

Sua ação em combate, em lugar de ser encarada como um simples dever de cidadão, servia para estimular-lhe a vaidade, tornando-o importante diante de si mesmo, e o levava a se vangloriar de seus feitos com exaltação e orgulho.

Êste fenômeno, que deve ser levado à conta de uma educação falha, não diminuia a sua qualidade de combatente; pelo contrário, servia como um incentivo para o seu "espírito de corpo", pois

sua vaidade o levava a julgar o seu regimento como o melhor da Divisão, assim como seu batalhão o melhor do regimento, e assim, sucessivamente, até garantir que o melhor dos pelotões era o seu.

Outra faceta proveniente de seu amor-próprio e do orgulho de ser valente era o desprezo com que se referia aos homens da retaguarda, mesmo que essa retaguarda estivesse a poucas centenas de metros para trás.

Quando se via, lado a lado, com outros soldados aliados -em geral os americanos, - fazia questão de provar que era melhor do que êles, e que um brasileiro não pode perder em confronto com qualquer soldado, por melhor que seja. Em ocasiões assim deu extraordinárias provas de heroismo, em todos os postos, impondo-se à admiração de seus camaradas aliados, particularmente dos americanos que lutavam ao seu lado, em operações combinadas.

Finalizando esta apreciação, temos que afirmar o extraordinário valor pessoal do nosso soldado em combate, nada ficando a dever aos melhores do mundo; somente necessita uma mais cuidadosa preparação para o trabalho em equipe, afim de que sejam obtidos resultados mais compensadores ao seu valor pessoal como combatente.

Outra qualidade digna de realce do nosso homem foi sua adaptação às contingências da nova natureza que enfrentava. Tendo deixado um país de grandes planícies e de um inverno suave, quase sem o sentir adaptou-se completamente à luta nas montanhas agrestes e soube resistir ao frio intenso do longo inverno cheio de neve.

Aprendeu a vestir peças de agasalho de varios tipos e varias fórmas; chegou à conclusão de que o papel picado, palha, penas de ave ou tiras finas de cobertor, colocadas no interior dos galochões, sem o borzeguim, constituiam magnífico expediente para defender os pés do frio terrível.

Soube se defender contra o "Pé de trincheira", e inventou processos novos e inteligentes para, sem diminuir a vigilância, obter maior e mais confortador descanso no seu "fox-hole".

Não sem reclamar um pouco, adaptou-se, também, à alimentação americana que, admirável quanto à nutrição, não lhe sabia bem ao paladar acostumado a outro tempêro.

Assim, o soldado brasileiro, talvez entre todos os combatentes o que enfrentava condições mais diferentes das que em que habitualmente vivia, soube conseguir uma adaptação quase perfeita, o que lhe serviu para melhorar suas condições físicas, e estar, por tanto, apto aos grandes esforços que lhe foram exigidos durante toda a campanha da Itália.

118

13 - APRECIAÇÃO SÔBRE O FARDAMENTO, EQUIPAMENTO E MATERIAL DE ESTACIONAMENTO.

Como dissemos no início do presente Relatório, faremos neste título um reparo especial sôbre o fardamento, o equipamento e o material de estacionamento distribuido á tropa e que, confeccionado de um modo geral nos moldes americanos, não mereceu, porem, no seu fabríco, o mesmo zêlo e o mesmo critério que os nossos aliados dispensaram ao preparo do material distribuido ao seu soldado. Sem exagero, podemos afirmar que o militar brasileiro era o peor servido no Teatro de Operações da Itália. Devemos, pela preocupação constante de oferecer um melhor confôrto ao homem, e tambem, por uma questão de decôro nacional, cuidar com mais carinho do uniforme do nosso homem, não medindo para isso sacrifícios financeiros e exigindo uma fiscalização rigorosa dos órgãos responsáveis por essa confecção.

O principio de honestidade que preside os nossos atos de chefe e responsáveis pela educação e preparação militar do contingente humano que a nação entrega anualmente ao Exército, deve tambem se estender para o setor que agora abordamos, pois toda vez que há um confronto com um país estrangeiro estamos sempre em situação inferior.

Para a vida em campanha, não houve melhor experiência do que a enfrentada pela F.E.B. nos campos de batalha e os ensinamentos e observações colhidas e convenientemente pesadas servirão como um subsídio importante para nossa orientação futura. Não nos move nenhum espírito de crítica, mas apenas faremos comentários sinceros que esperamos sejam convenientemente aproveitados.

O Comando não teve outro recurso senão aceitar o oferecimento americano e distribuir à sua tropa peças e agasalhos exclusivamente em uso no Exército dos Estados Unidos, para que seus homens não viessem a sofrer com o rigôr da estação invernosa, com abalo para a saúde e diminuição da capacidade combativa.

Os artigos de inverno mostravam-se incapazes de abrigar o soldado pela sua qualidade inferior e a única salvação foi o apêlo aos estoques americanos e a consequente distribuição dos "Field jackets", "combat-jackets", cobertores de pura lã, galochões, meias, camisas, ceroulas e o fardamento especial de trincheira para os oficiais e praças que não se afastam dos "fox-holes".

Os borzeguins, apesar de sua boa aparência, submetidos á realidade do emprêgo, deixaram muito a desejar, despregando a sola e forçando-nos a aceitar, como recurso desesperado, o calçado ame-

ricano de couro amarelo e de superior qualidade. Ainda pudemos tomar uma outra providência, com a colocação de nova carreira de pregos, serviço feito pelo Deposito de Intendência, mas tambem não de todo satisfatório.

Para evitar o aspecto desagradável que o fardamento apresenta depois de algum tempo, o Comando adotou algumas medidas de emergência, como o uso da blusa por dentro da calça, ou o recorte em forma de blusão, a proibição a passeio do gorro sem pala de brim verde-oliva e a adoção da camisa de tricoline, com gravata, posta á venda em nossas cantinas. Sem dúvida, a apresentação da tropa melhorou de muito, mas a qualidade inferior do tecido impediu um aspecto mais condigno.

Em 29 de março de 1945, foi expedido um "Projeto de Plano Resumido de Uniforme da F.E.B.(Oficiais e praças)", com as modificações e adaptações que a prática determinou e que veio alterar o Plano aprovado ainda no Brasil. Anéxo um exemplar do projeto referido.

Apreciemos as diferentes peças dos nossos uniformes, equipamentos e material de estacionamento para um juizo mais completo:

Chapéus de lona V.O. - Foram fornecidos de dois tipos e dois tecidos, com a copa pontuda e arredondada. Desbota facilmente, deforma-se e encolhe depois de lavado. É antiestético e permite a colocação de vários modos, dando um aspecto deselegante á tropa. Foi proibido o seu uso. Um tipo semelhante é fornecido aos pretos americanos e os oficiais nunca usam. Para nós foi extensivo aos oficiais.

Gorro sem pala de brim V.O. - O pano é de qualidade inferior e encolhe bastante depois de lavado, não servindo mais na cabeça do homem. Além disso, a sua confecção é imperfeita, pois a bainha, não sendo dobrada duas vezes, esgaça e os fiapos dão um mau aspecto. Foi proibído o seu uso externo.

Gorro sem pala de lã V.O. - Sua fazenda não encolhe nem esfiapa, como a anterior. Foi peça obrigatória nos passeios, mas precisa de um melhor acabamento.

Capacete de aço-fibra americano- resolveu plenamente o problema da cobertura em campanha. O capacete de fibra é leve e o seu afastamento da cabeça permite um arejamento mais conveniente. O de aço, adaptável ao de fibra, é usado e transportado com facilidade pelo homem; é uma peça de grande aplicação, tambem, como bacia ou vasilha de agua, para lavagem do rosto, de roupa, etc.

Uniforme de brim V.O. - de pano inferior, encolhendo muito depois de lavado. Logo de início, os homens apresentavam-se com um aspecto grotesco, provocando um ridículo inevitável, com as blusas e calças curtas. As costuras internas, sem o arremate duplo, permitiam que a fazenda esfiapasse e, quando as mangas eram arregaçadas, vinham á vista os fiapos em grande quantidade. O tipo de gola, feita para ser abotoada, não correspondeu a essa finalidade, pois dificilmente o soldado fecha a blusa. Foi determinado o seu uso no interior da calça ou recortada como blusão.

Uniforme de lã V.O. - O melhor fornecido á tropa, apesar de ser constatado pelos técnicos americanos uma pequena percentagem de lã, insuficiente para suportar o frio da Itália. A sua blusa tambem passou a ser usada por dentro da calça, ou como blusão tipo inglês, com cinto, punhos abotoados e dois bolsos externos. A gola aberta e com a camisa de tricoline e gravata, oferece um aspecto apreciável.

Jaquetas de lã (Japona) - bôa peça de uniforme a distribuida aos oficiais; o mesmo já não se póde dizer das fornecidas às praças, pela má qualidade do tecido, acabamento inferior e aspecto feio.

Capote impermeabilizado - recolhido porque não agasalhava, não protegia convenientemente contra a chuva e, no geral, muito largo, impedia o seu uso pela tropa. Foi substituido pelo capote de lã e capa de borracha americanos, distribuidos e usados de acôrdo com as condições do tempo.

Camisêtas de algodão e lã - Satisfizeram ás necessidades.

Meias- qualidade inferior e dotação fraca. As próprias meias de lã, bôas para o nosso clima, tiveram que ser usadas em duplicata. Recebemos um refôrço de meias de pura lã, fornecido pelos americanos.

Ceroula de lã - em geral de tamanho pequeno, protegendo em parte o homem. Sua côr clara, como as camisêtas, tráz inconvenientes. Tambem recebemos um refôrço pelos americanos, mas de artigos de pura lã.

Perneira de lona - peça antiestética e imprópria ao uso da tropa. Não tem a forma da perna e é no geral muito larga; cai pela canéla abaixo. Desbota facilmente e tem o fechamento defeituoso. Imediatamente trocada pela perneira americana.

Borzeguins - serão bons, se a sola fôr bem preparada e a qualidade do material bem fiscalizada. O salto de borracha ofereceria melhor resistência. A perneira e o borzeguim poderão ser substituídos, com vantagem, por uma única peça - a botina de combate ("Combat-boot"). O tipo enviado á Europa, não é o melhor, pois a agua filtra facilmente e o aspecto externo é feio porque o couro

arrepiado exige um trato especial para conservação. O ultimo tipo, de côr preta e sola repregada, já feito sob a orientação da Sub-Diretoria de Intendência, parece corresponder ás necessidades do Exército.

Cobertores - revelaram uma insignificante percentagem de lã e a dotação foi insuficiente, razão porque requisitamos abundante quantidade dos depósitos americanos.

Galocha - ficou provado que o homem tem necessidade de uma proteção de borracha para os pés, mas não uma simples galocha. O galochão distribuido pelos americanos resolveu plenamente e em um país como o nosso, onde há regiões de grande pluviosidade, o problema de proteção dos pés é de capital importância.

Equipamento - satisfaz; os olhais do cinto logo se estragam, com o constante uso do porta-pistola ou outra peça.

Barracas - a lona desbota facilmente e o pano não é suficientemente encorpado para impedir a filtragem da agua. A barraca de 10 praças é baixa e não permite seja instalada no seu interior uma secção ou outra repartição. A de estado-maior tem um sistema de fechamento precário, enferrujando os botões, que quebram com pouco tempo; o couro se desprende logo. A de general passa agua nas costuras, porque a lona não resiste à pressão da corda esticada. Há necessidade de barracas mais altas e espaçosas para as Secções do Estado-Maior e Serviços.

Cama de campanha - é fraca, não só na lona, como na armação de madeira e juntas metálicas e mais estreitas que as americanas, cujo tipo deve ser integralmente copiado.

Mesa de campanha - o tipo adotado não satisfaz ás necessidades, porque não tem firmeza e os pés não oferecem comodidade ao trabalho. O modelo americano reforçado, no entanto, é mais vantajoso.

Banco de Campanha - prático, porem muito frágil, inutilizando-se facilmente.

Saco d'agua - satisfaz, mas vaza agua inicialmente. As torneiras nem sempre são bôas.

Marmita, cantil, talher - o tipo adotado para a F.E.B. é superior ao antigo em uso ainda no Exército. A separação da comida é sempre mais agradavel e permite uma limpeza mais eficiente. Necessita, porem, aumentar o triângulo da tampa, para que, introduzido no cabo da marmita, facilite a lavagem na agua fervendo. O seu transporte é mais cômodo que a do tipo ainda em uso.

Fogões e materiais de cosinha - O tipo americano que utilizamos é muito bom e prático, necessitando, como é natural, de

cuidados especiais. Alem disso não necessita de viaturas apropriadas para o transporte, como as nossas cozinhas a lenha. A questão do combustível é caso a ser estudado, uma vez que a lenha é encontrada em toda parte e a gasolina ainda não é de produção nacional.

Cantinas, bancos e mesas para refeitórios - As cantinas (canécos, pratos, etc.) de alumínio que conduzimos, não foram bem aceitas, pois não é possivel empunhar ou colocar os lábios em uma xícara com líquido quente. As de ferro esmaltado são de melhor aspecto e não apresentam aqueles inconvenientes. A variedade de louças usadas em nosso refeitório dava uma demonstração de desorganização e imprevidência. A montagem de um serviço de rancho não se improvisa. É preciso que sejam conhecidos os tipos de mesa e banco a serem construidos e que existam louças de modelo previamente estabelecidos. Um Q.G., recebendo visitas constantes de oficiais estrangeiros, não pode dar exemplo de desorientação e falta de material adequado ao serviço. Isso aconteceu com o nosso Q.G. durante toda a campanha, forçando-nos para um melhor aspecto, recorrer várias vezes ao fraco comércio italiano das localidades em que estacionávamos.

Privadas - o nosso homem habituou-se facilmente ao tipo de privada de campanha, que permite uma higiene mais perfeita.

Cama rôlo - inovação útil para os oficiais; prática e permite até o transporte de algumas peças de roupa.

Mosquiteiros - a defesa contra o mosquito foi uma medida das mais eficientes postas em prática. O de barraca de praça e o individual para uso em cama de campanha. tiveram larga e útil aplicação.

14 - QUALIDADE DOS GÊNEROS BRASILEIROS E EMBALAGEM DO MATERIAL ENVIADO DO BRASIL

O enquadramento da F.E.B. em organizações americanas, a par dos excelentes resultados apresentados, ocasionou algumas dificuldades, como por exemplo, na parte referente à alimentação. Excelente sob o ponto de vista científico, os alimentos americanos não agradavam totalmente ao nosso paladar. Isto ocasionava uma deficiência de alimentação já que muitos de nossos soldados não os aceitavam totalmente.

Determinou então o Comando da F.E.B. a distribuição, dentro das possibilidades, de gêneros brasileiros, afim de melhorar o paladar da alimentação distribuida ao seu pessoal. Os depósitos, constituidos desde a chegada da F.E.B. à Itália, de feijão, arroz, farinha, café, sal, etc., não permitiam um fornecimento suficiente para distribuição diária a todos os homens. Diante desta dificuldade ficou estabelecido um plano de distribuição, em geral executado duas ou três vezes por semana, de gêneros brasileiros. Em certas épocas, como por exemplo nas vésperas do ataque do MONTE CASTELLO, receberam os que se preparavam para aquela ação gêneros brasileiros todos os dias, afim de terem uma alimentação melhor, quanto aos seus hábitos, nas proximidades de uma ação que exigiria um esfôrço intenso.

Essas considerações são feitas para caracterizar a importância dêsse assunto, e para acusar as falhas quanto à remessa daqueles gêneros para além-mar. É que, como se não bastasse a quantidade pequena recebida, muitas vezes chegavam ao Teatro de Operações em condições precárias quanto à qualidade. O arroz, o açucar e os cigarros ocuparam a primeira linha das observações do Comando da F.E.B. feitas nêsse sentido às autoridades competentes, e medidas que deveriam dar solução ao caso foram prometidas.

Os cigarros, por exemplo, foram motivo de frequentes reclamações. A tropa se acostumou ao cigarro americano, de muito bôa qualidade e de preço reduzido, não aceitando determinadas marcas brasileiras de qualidade alarmantemente inferior, que, em determinadas épocas, foram distribuidas aos nossos soldados. Uma crise de cigarros americanos redundou na suspensão normal do fornecimento diário dos mesmos aos nossos soldados, e obrigou sua substituição pelos cigarros de origem brasileira. A tropa se ressentiu de tal maneira, que o Comando Brasileiro determinou a aquisição dos cigarros americanos, afim de continuar a fornecê-los aos soldados brasileiros, diariamente ou em dias alterna-

dos. A chegada de nova remessa de cigarros, pelo navio Pedro II, de qualidade melhor, normalizou a situação, apesar da grande quantidade, tambem chegada, de qualidade inferior.

Houve, indiscutivelmente, muitas falhas por parte das autoridades encarregadas da remessa de gêneros e material do Brasil para além-mar. Assim a embalagem do material enviado chegava a destino em precárias condições, dando um triste exemplo de nossas organizações, em contraste chocante com a cuidadosa atenção recebida pelo material de origem americana.

É necessário uma correção dessa parte, numa previsão cuidadosa, pois a embalagem, os alimentos, os cigarros, os uniformes, as peças de material de estacionamento, enfim, praticamente, tudo que era proveniente do Brasil para os soldados brasileiros, deixou muito a desejar. Êste fato não passou despercebido às autoridades estrangeiras, nem mesmo aos nossos soldados, e foi objeto de crítica, e em certas situações, de vexames para muitos brasileiros, colocados diante de fatos evidentes, irrespondíveis, de material em más condições, de embalagens precárias, de pouco cuidado com o que era remetido para os que lutavam, e davam a vida pela Pátria.

125

15 - AS ENFERMEIRAS NA F.E.B.

Excelente foi o serviço prestado pelas nossas enfermeiras, nos hospitais para onde foram designadas, no Teatro de Operações italiano.

Com a entrada do Brasil na guerra e a organização da Fôrça Expedicionária, cogitou o nosso Serviço de Saúde da criação de um quadro de enfermeiras militares, coisa até então nova no nosso País.

O recrutamento das moças para o mister de enfermeira não foi feito dentro das condições que a situação iria exigir. Várias causas concorreram para isso e, ao lado da situação hierárquica inferior e oferecimento de escassas vantagens econômicas pesou, como fator principal, a falta de preparação psicológica do nosso povo para a guerra e, como consequência natural, o retraimento das moças de melhor formação social e mais elevado nível de educação e cultura. A nossa enfermeira iria desempenhar no Teatro de Operações a missão profissional e de representante das virtudes da mulher brasileira no convivio quotidiano nos hospitais americanos com homens e mulheres de várias nacionalidades. A sua seleção, dada aos aspectos delicados de ambiente onde desempenhou a sua missão, poderia ter sido melhor. Porém, se por um lado, salvo exceções, não foram recrutadas as enfermeiras nas nossas classes sociais mais privilegiadas, por outro lado, as nossas compatriotas que acorreram ao chamado da Pátria souberam, com energia e vontade, vencer todas as dificuldades e se tornaram dignas da nossa admiração e do nosso reconhecimento. Lutaram contra condições hostís, sofrendo ainda no Brasil a maledicência impatriótica de alguns, vivendo e servindo em hospitais americanos onde o idioma e os hábitos eram diferentes, enfrentando as intempéries e os rigores do inverno, suportando condições de desigualdade hierarquica e de vencimentos em relação ás suas colegas americanas com quem conviviam e, apesar de tudo, atendendo com desvelo, solicitude e abnegação os nossos feridos e doentes.

Já no teatro de operações o comando, em vista das condições de desnível hierárquico entre as nossas enfermeiras e as enfermeiras americanas, procurou ampará-las, arvorando-as ao posto de 2º Tenente, sem as vantagens dos vencimentos dêste posto.

O Comando brasileiro julga o esfôrço, a operosidade e a dedicação das nossas enfermeiras na Itália como um atestado veemente do valor da mulher brasileiro.

16 - AS ATIVIDADES DA AGÊNCIA DO BANCO DO BRASIL

A portaria ministerial nº 6.499, de 23 de maio de 1944, que organizou o "Serviço de Fundos da F.E.B.", regulou as atribuições da agência do Banco do Brasil junto à Fôrça Expedicionária Brasileira.

Esta Agência, denominada "AGEFEB", subordinada diretamente ao Comando da F.E.B. quanto às condições de vida e disciplina, teve o encargo de suprir a F.E.B. dos numerários previstos para pagamento da tropa, e ainda os fornecimentos e indenizações que se fizessem necessários.

Apesar do prazo exíguo - cêrca de um mês sòmente - soube o Banco do Brasil selecionar, na base do voluntariado, um grupo de funcionários capazes, que soube, cumprindo modelarmente suas obrigações, dar um magnífico exemplo de capacidade e honestidade profissionais.

Na fase inicial das operações, quando suas atribuições ainda não estavam perfeitamente definidas, os funcionários do Banco do Brasil criaram um serviço, denominado "balcão móvel", cuja finalidade era facilitar ao combatente na linha de frente o recolhimento de suas economias à agência, ou a remessa para o Brasil. Serviço árduo, sob os perigos normais no "front", e exigindo longo tempo para sua execução, foi sempre realizado com método e boa vontade.

Enfrentando condições de vida anormais, e necessitando um entrosamento com as autoridades aliadas,além de ter,por sua própria finalidade,de acompanhar a F.E.B. nos seus deslocamentos para o Norte, dividiu-se a AGEFEB em três escritórios. Um localizado em NÁPOLES, para a ligação com as autoridades aliadas do Estado Maior Combinado em CASERTA; outro, o Central, ficou situado em ROMA; e o terceiro, cuja finalidade era o contacto com a tropa, instalou-se em PISTOIA,e,mais tarde com o evoluir das operações,em GENOVA.

Além do desdobramento em "escritórios" impôsto pela situação, a Agência do Banco do Brasil, adaptando-se às necessidades que surgiam, aumentou seus encargos com a criação de novos serviços, todos visando a satisfação de interêsses da tropa. Desta maneira a AGEFEB passou a realizar a transferência de fundos para o Brasil. Criou um Serviço de Conta Corrente, o que situou os brasileiros numa posição destacada sob o aspecto financeiro, já que eram os únicos, em todo o T.O., que possuiam um serviço assim. Es-

sas Contas Correntes podiam ser movimentadas em qualquer dos escritórios. Realizou a conversão de cruzeiros em dólares, francos e liras, e a reconversão destas moedas em cruzeiros quando do regresso da tropa.

Encarada sob o ponto de vista técnico, soube a AGEFEB corresponder totalmente a sua finalidade sem uma única falha, cumprindo de modo exemplar suas obrigações e, mais ainda, sabendo transformar sua organização à proporção que as circunstâncias o indicavam, esteve sempre apta a servir os expedicionários da maneira mais completa.

Porém, as atividades da AGEFEB não terminaram aí. Estando localizados seus escritórios praticamente, de modo definitivo, em NÁPOLES e ROMA, tornaram-se verdadeiros elementos de ligação para a F.E.B., num sentimento de cooperação digno de todos os elogios, o que solucionava uma série de situações inesperadas, com critério e ponderação. Nunca um soldado brasileiro apelou para qualquer escritório da AGEFEB que não fosse atendido dentro da justiça, de boa vontade, mas sempre de acôrdo com as ordens em vigor baixadas pelo Comando.

Não pode ficar sem uma citação especial o trabalho de coordenação do serviço telegráfico, cujo centro de irradiação era ROMA; os elementos do Banco tornaram-se auxiliares valiosos para seu melhor rendimento, facilitando todas as medidas necessárias, sem considerar o acúmulo da pesada tarefa já a cargo de seus limitados funcionários.

Como um complemento magnífico a todos êsses trabalhos extraordinários, a AGEFEB procurou, por todos os meios ao seu alcance, fazer uma propaganda inteligente de nosso País; seus escritórios, particularmente o de ROMA, mantinham, em vistosos cartazes, fotografias e dados estatísticos do Brasil, apresentando aos soldados aliados e aos italianos, de modo geral, as realizações de nossa Pátria e suas possibilidades, que nos enchem de orgulho.

Encerrando esta apreciação sôbre as atividades da Agência do Banco do Brasil, deve-se destacar, ainda, a adaptação ao meio militar que demonstraram seus funcionários, ajustando-se á camaradagem militar de tal modo que regressaram completamente ambientados e cercados da simpatia geral. Esta simpatia foi o fruto da capacidade profissional, da boa educação e, especialmente, da orientação sábia que souberam dar aos seus trabalhos os funcionários da agência do Banco do Brasil revelando, em todas as ocasiões,

cionários da agência do Banco do Brasil revelando, em todas as ocasiões, um aprimorado espírito de cooperação visando tudo facilitar ao combatente brasileiro, de modo a ajudá-lo na árdua tarefa de que se achava investido.

17 - OS CORRESPONDENTES DE GUERRA NA F.E.B.

Não é necessário ressaltar aqui a importancia que exercem os órgãos de divulgação (imprensa, rádio e cinema), no acompanhamento de uma tropa empenhada em guerra.

Para o caso particular da F.E.B., a magnitude dessa cooperação cresceu de vulto por se tratar da única nação latino-americana que diretamente atuava no conflito mundial e cujos feitos militares até então estavam circunscritos ao seu continente.

A curiosidade despertada pela participação da tropa brasileira na luta que se desenrolava no território italiano, ao lado dos veteranos e aguerridos soldados dos V e VIII Exércitos, levaram a F.E.B. a receber credenciais de 12 correspondentes de guerra, sendo que 4 de imprensas estrangeiras.

Tarefa árdua e corajosa, galhardamente vencida, graças à maneira inteligente e interessada por que souberam orientar todo o noticiário referente aos acontecimentos ligados à F.E.B., divulgando-os com clareza, espírito imparcial e oportunidade. Convivendo desde os primeiros momentos com a tropa, foram dos dias incertos da luta aos brilhantes dias da vitória final, sempre os mesmos reais colaboradores cuja presença amiga, nas horas de vicissitudes e nos instantes de júbilo, indagando e colhendo informações para registrar em suas crônicas ou em películas, é recordada, hoje, com prazer e entusiasmo. Sem horário para o exercício de seus deveres profissionais, puderam transmitir ao mundo e, particularmente, ao Brasil, dentro de um tempo útil e com um colorido vivo e real, tudo que se passava com o nosso expedicionário: - os sucessos, a vida em campanha e as agruras da luta.

Num registro justo, não se pode esconder a dificuldade encontrada pelos correspondentes brasileiros, sempre menos favorecidos que os colegas estrangeiros, dotados de maiores recursos, especialmente para o serviço de transmissão do noticiário e do material fotográfico e de cinema. Si contamos com uma documentação organizada pela reportagem brasileira para ilustrar a passagem da F.E.B. na Itália, por meio de fotografias e de films cinematográficos, devemos à boa vontade dos americanos que forneceram grande parte do material indispensável, porque do Brasil só chegou uma insignificante porção levada pelos próprios correspondentes.

A propósito convém salientar a despreocupação de ser feita uma apurada e criteriosa seleção entre os jornalistas indicados pelos orgãos de divulgação, para evitar o dissabor por que teve de passar o Comando da F.E.B. ao determinar, depois de repetidas adver

tências, o regresso imediato de dois correspondentes enviados pelo antigo Departamento de Imprensa e Propaganda, os quais não estavam à altura de representar a nossa culta imprensa, nem mereciam continuar a conviver com seus dignos companheiros. Desvirtuando informações ou nada noticiando, êsses dois elementos mantiveram no meio militar uma conduta irregular, o que forçou o Comando àquela medida extrema. É lamentável que se tenha de registrar esta ocurrência, mas os comentários que ambos fizeram no Brasil, depois que regressaram do Teatro de Operações, sôbre a atuação do nosso bravo expedicionário, exigem o presente reparo, que, nem de leve, atinge os infatigáveis correspondentes que permaneceram até o fim da campanha.

Aqui ficam, pois, as nossas homenagens e os nossos agradecimentos, a essa pleiade notável de trabalhadores da imprensa que preferiram arrostar o incerto destino da F.E.B., para bem servirem à tropa brasileira e ao seu País.

18 - LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA

Logo após a entrada do Brasil na guerra foi criada, sob a orientação da Exma Sra. Dnª Darci Vargas, a Legião Brasileira de Assistência, cuja finalidade era de modo geral, o amparo ao soldado brasileiro e suas famílias, sob todos os aspéctos.

Organização complexa, abrangendo todo o Brasil, numa ramificação que se infiltreva por todos os municípios, trabalhou extraordinariamente, levando em conta o voluntariado dos que se prestavam a colaborar com ela.

Com o objetivo de amparar o soldado, procurou cercá-lo de cuidadosa atenção, ora provendo centros de recreação e descansos, ora visitando os quarteis para assistí-los com presentes úteis e levar-lhes palavras de confôrto e carinho.

Mas o seu principal trabalho foi o de amparar o soldado na parte mais afetiva; sua família. Desta maneira, empregando métodos especiais de coleta de informações, forneceu às familias necessitadas dos que se preparavam para a defesa da Pátria, uma assistência oportuna quanto à alimentação à habitação e vestuário, ou quanto às necessidades médicas, judiciárias ou de qualquer outro aspecto, como, por exemplo, a obtenção de emprêgos para parentes próximos, afim de, por êste meio, conceder-lhes mais uma fonte de amparo.

Seria longo de mais para êste relatório, enumerar todas as iniciativas da L.B.A.. Basta para abarcar seu extraordinário valor, saber que criou no Brasil a "Cantina do Combatente", onde o soldado encontrava lanche, jogos, locais para correspondência, bibliotéca, e um ambiente propício para sua recreação; distribuia uma quantidade enorme de peças de agazalhos; obteve do comércio de modo geral, oferecimentos de utilidades diversas distribuidas pelos combatentes; criou um serviço de procura de informações, afim de permitir às famílias, notícias dos seus entes queridos na frente de combate; enfim, esforçou-se por todos os meios para cumprir sua finalidade, e o conseguiu em sua maior parte.

Naturalmente teve suas deficiências, como uma organização complexa e criada para fins tão diversos e em tão grande quantidade; porém a parte prática e executada foi de imenso valor para o soldado, particularmente dos que viram suas famílias amparadas com cuidadosa atenção. Não é exagero dizer que a L.B.A. foi fator

magnífico para o moral do nosso soldado, já que o deixava descansado quanto ao auxílio que podeira ser necessário aos seus, e que lhes seria prestado.

Possivelmente muitos não compreenderão totalmente o valor da L.B.A., porque, mais favorecidos, não tiveram necessidade dela; mas, os mais desprotegidos da sorte, os humildes e os necessitados terão dado muitas graças a Deus, pelos auxílios recebidos.

Mas, apesar de todo o trabalho que executava no Brasil com as famílias dos expedicionários, também fazia chegar sua atenção até a linha de frente. Pequenos volumes de presentes, correspondência, madrinhas de guerra, eram sinais de que a L.B.A. velava e cuidava dos nossos soldados.

Com a chegada do Natal, remeteu a todos os expedicionários caixas com presentes simples, mas de grande utilidade e que foram motivo de alegria, e de recordações da Pátria distante, valendo especialmente pelo objetivo carinhoso com que fora m remetidos.

Trabalho anônimo da mulher brasileira, que oferecia suas horas de folga para êsse fim, foi uma afirmação do que pode o patriotismo e o amôr à Pátria. Cercaram as famílias dos que tinham partido, de auxílio maternal e de carinho, dando uma contribuição notável ao esfôrço dos combatentes, e sendo, portanto, um fator dos magníficos resultados alcançados pela F.E.B. nos campos de batalha da Itália.

Á L.B.A., e seus colaboradores anônimos e desinteressados, o sincero "muito obrigado" do soldado expedicionário.

19 - FLUTUAÇÃO DE EFETIVOS

Um importantissímo problema, e que teve toda a sorte de dificuldades para uma solução adequada, foi o dos efetivos. Se somente se tratasse de preencher números, enviando para os destinos convenientes certas quantidades de homens, seria assunto fácil e de solução normal. Mas o problema apresentado era o de selecionar individuos fisicamente preparados, alguns tendo de satisfazer as condições difíceis de um conhecimento especializado; isto sem se considerar o outro fator preponderante que é o preparo psicológico do individuo.

Tendo que ser organizada dentro de uma nova estrutura, como era a organização americana, necessitou a F.E.B. de uma quantidade e variedade de especialistas digna de consideração.

É necessário recordar aqui as dificuldades iniciais e os meios empregados para demovê-las, afim de bem poder encarar, sentindo as dificuldades encontradas, as flutuações de efetivos durante a campanha da Itália.

Os quadros de efetivos em que se calcava a nossa organização era os previstos para uma D.I.; desta maneira houve uma falta de elementos de E.M., pois os encargos recebidos eram os normais de uma Divisão, e mais os correspondentes ao Comando do 1º Escalão da F.E.B..

De fácil solução, êste problema, contudo, serviu para impedir um início normal para as atividade do E.M., sobrecarregados com uma infinidade de encargos, para solução dos quais não tinha elementos suficientes.

Mas o problema mais sério foi o dos especialistas. Dos indivíduos convocados para êste fim, a estatística nos mostra que 40% eram incapazes fisicamente para a F.E.B., 40% não satisfaziam as condições técnicas suficiêntes para as especialidades previstas. Assim, sómente 20% vinham ao encontro das necessidades da F.E.B.. Desta maneira o trabalho desenvolvido para cobrir os claros de especialístas era executado numa proporção cinco vezes maior, já que sómente 20% eram aproveitados.

Além disto algumas especialidades continuavam a resistir a estes esforços. Foi, então, necessário, afim de nivelar os efetivos, uma "convocação nominal"; e mais de que isto, uma instrução especializada, intensiva, aproveitando instrutores brasileiros já

adaptados aos métodos americanos, e monitores oriundos do exército dos Estados Unidos.

Vencidos, se bem que apresentando ainda muitas irremovíveis deficiências, êsses obstáculos, foi determinado um acréscimo de efetivos de 10%, afim de cobrir os claros devidos às baixas diárias e permitir que todas as unidades se apresentassem no dia do embarque com um efetivo 100% completo.

Todas essas providências e medidas postas em prática , e oriundas da experiência que se ia adquírindo, permitiram o embarque do 1º contingente da F.E.B., para além-mar; mas, principalmente, deixaram em destaque a necessidade de que as unidades que seguissem fossem acompanhadas de uma reserva suficiente para manter o nível de efetivos, que naturalmente sofria uma flutuação diária.

Desta maneira, imediatamente após êsse embarque, iniciou se, o preparo do seguinte. Outra deveria ser, entretanto, a técnica. Em vez de se fazerem embarcar as unidades com os efetivos apresentados num dia qualquer "D", como se fizera para a primeira remessa, dever-se-ia fazer seguir, para além-mar, as unidades com seus efetivos orgânicos majorados de uma percentagem variável entre 15 a 20%. Êsse acréscimo, como seria de esperar, deu lugar a novos e atribulados entendimentos com a 1ª R.M., e com o E.M./F.E.B. do Interior, de que resultou a aproximação para o Rio, do "Deposito do Pessoal" até então em franco período de organização nas cidades paulistas de CAÇAPAVA, LORENA e PINDAMONHANGABA.

Chegado à Itália o primeiro escalão de embarque, e previsto o emprêgo do Destacamento F.E.B., cujo núcleo era o 6º R.I., foi feito em TARQUINIA, a 11 de agosto de 1944, o reajustamento dos efetivos para aquele fim, com os elementos pertencentes ao 11º R.I. embarcados no mesmo contingente.

Com os remanescentes, foi organizado um primeiro núcleo de recompletamento do Destacamento da F.E.B., o - DEPOSITO DE PESSOAL DA 1ª D.I.E..

Destinava-se êsse órgão:

- a receber, por transferência, todos os baixados do Destacamento F.E.B.
- a fornecer, devidamente fardados e em bôa forma física, os homens necessários para manter estável o nível de efetivo do Destacamento.

Essa dupla missão obrigava o Depósito:

- de um lado, a manter "em forma" um efetivo razoável para atender, a qualquer momento, uma requisição de homens;
- por outro lado, a manter um serviço de coleta de doentes e convalescentes dos hospitais, para recuperá-los, e logo transferí-los para a categoria anterior.

Não havia, pois,um "plano de recompletamento" em funcionamento. O homem baixado por morte, doença ou ferimento era logo em seguida, no mesmo dia se possível, substituido por outro vindo do Depósito; êste processo só podia subsistir emquanto fossem fracas as perdas (como eram as do momento) e enquanto o Depósito estivesse, como estava, muito próximo dos hospitais de LIVORNO e PISTOIA, que atendiam à tropa brasileira. As baixas um pouco maiores verificadas nos combates de BARGA, nos últimos dias de outubro, foram suficiêntes para exgotar os recursos do Depósito que, a partir dêsse momento, só podia atender a pedidos com grandes restrições, e devolver às unidades homens ainda não completamente recuperados, com prejuizo, portanto, para a eficiência física e estado moral da tropa que, até fins de dezembro, só via decrescer seus efetivos.

Com a chegada, a 11 de outubro de 1944, à Itália, dos 2º e 3º escalões de transportes, estava a 1ª D.I.E. práticamente reagrupada quando da rocada do "Destacamento F.E.B." para o vale do RENO, foi também toda a D.I.E. aspirada para a frente de combate (fins de outubro e começos de novembro). No entanto seus recompletamentos continuariam a ser previstos pelo restante do Depósito que supria o Destacamento F.E.B., e que não atingia, então, a trezentos homens.

Por êste motivo, e numa frente mais importante, o que ocasionava um maior número de baixas, a flutuação de efetivos passou a preocupar seriamente o Comando.

O Depósito de Pessoal, criado no Brasil, embarcaria com a seguinte organização:

- Sub-Grupamento de Infantaria (Valor de um R.I.)
- Sub-Grupamento de Artilharia (Valor de um Grupo)
- Terço de Cavalaria (Valor de dois Pels. Reconhecimento)
- Terço de Engenharia (Valor de uma Cia. de Engenharia)
- Terço de Transmissões (Valor de um Pel. de Exploração)
- Terço de Saúde (Valor de uma Cia. Evac. e um Pel.Trat.)
- Terço de Intendência (Valor de um Pel. de Transporte)

- Terço de Manutenção (Valor de um Pel. reparação Viaturas)

Esta constituição se traduzia nas seguintes disponibilidades:

Infantaria	-	68,0%
Artilharia	-	11,0%
Engenharia	-	5,0%
Cavalaria	-	1,5%
Saúde	-	8,0%
Intendência	-	2,0%
Manutenção	-	1,5%
Transmissões	-	2,0%

E, dentro dessa previsão, ultimava-se para juntar-se aos seus companheiros em além-mar.

Porém, a realidade apresentava as necessidades sob proporções diferentes. Assim é que a "campanha do vale do SERCCHIO" e as ações iniciais do vale do RENO davam as seguintes percentagens de baixas:

97,0%	provenientes de	Infantaria
1,0%	"	" Artilharia
1,0%	"	" Engenharia
0,5%	"	" Cavalaria
0,5%	"	" Diversos

Essas proporções já se desenhavam em novembro, o que permitiu que se alertasse ainda no Brasil, o Depósito de Pessoal, que teve, ainda naquele mês, sua estrutura orgânica reformada ao mesmo tempo que se ultimavam as providências visando seu embarque para a Europa, onde os recursos de recompletamento estavam práticamente absorvidos pela frente de combate.

Finalmente, a 10 de dezembro de 1944, chegava a LIVORNO (ITÁLIA) o Depósito de Pessoal. Parecia que, a partir de então, estaria a 1ª D.I.E. apta a receber um recompletamento de que muito necessitava.

Porém, do efetivo recém-chegado, de cêrca de 4.500 homens, sómente 700 - de 12 a 13% - tinham condições de eficiência para poderem seguir para a linha de frente. O restante era formado por tropa bisonha, insuficientemente treinada e instruida.

Novos problemas a serem resolvidos. Foi necessária a uti

lização de grande número de instrutores, bem como preparar a máquina administrativa, o que absorveu cêrca de 30% do efetivo.

A F.E.B., práticamente, deixava de ter um Depósito de Substituições (Replacement Center) para transformá-lo em um Centro de Treinamento de Pessoal de Recompletamento (Replacement Training Center). Isto porque, em vez de ter recebido homens de substituição completamente treinados, o Depósito necessitava providenciar o preparo do seu pessoal através de programas maciços de instruções, com um aproveitamento total do tempo diário disponível. Os resultados não se fizeram esperar, e, em pouco tempo a tropa do Depósito estava transformada em elementos de elite.

Apesar dessas transformações todas, previstas e executadas em pleno T.O., ainda mantinha um "CENTRO DE TRIAGEM" com missões semelhantes às do antigo Depósito de Pessoal do "Combat-Team", naturalmente em proporções mais vastas e complexas.

A campanha tomava novos aspectos; combates mais intensos produziam, em pequenos espaços de tempo, um volume considerável de baixas; a tudo o Depósito pôde atender, mantendo sempre o nível de efetivos de todas as unidades combatentes. Do valor dêsses recompletamentos, pode-se aquilatar pelo retôrno à frente de combate de 52% das baixas.

É importante salientar a eficácia do mecanismo previsto para atender às necessidades das Unidades combatentes.

Um sistema de informações periódicas, constando dos mapas dos 10 dias, mapas dos 5 dias, mapas de perdas diárias, e registro de perdas, permitiam à 1ª Sec./E.M. a apuração cuidadosa das baixas; baseados nessa apuração eram pedidos os recompletamentos, em épocas oportunas, os quais eram trazidos, pelo Depósito, até locais préviamente estabelecidos.

Êste processo permitia às unidades uma total despreocupação quanto ao problema de efetivos; ao E.M. um contrôle cerrado sôbre os efetivos de todas as unidades, e, consequentemente, de dados para aquilatar da eficiência combativa, e, até certo ponto, do valor moral da tropa.

Terminando esta breve apreciação sôbre a flutuação dos efetivos, pudemos verificar, com satisfação, que o mecanismo que tinha por fim o funcionamento do recompletamento necessário às unidades funcionou satisfatoriamente depois de fevereiro de 1945,

mantendo na frente de combate um nível eficiente de efetivos; e que o Depósito de Pessoal soube se adaptar às situações, prevendo e realizando o treinamento necessário para formar bons combatentes, além de estar provido de um efetivo suficiênte às solicitações da frente de combate.

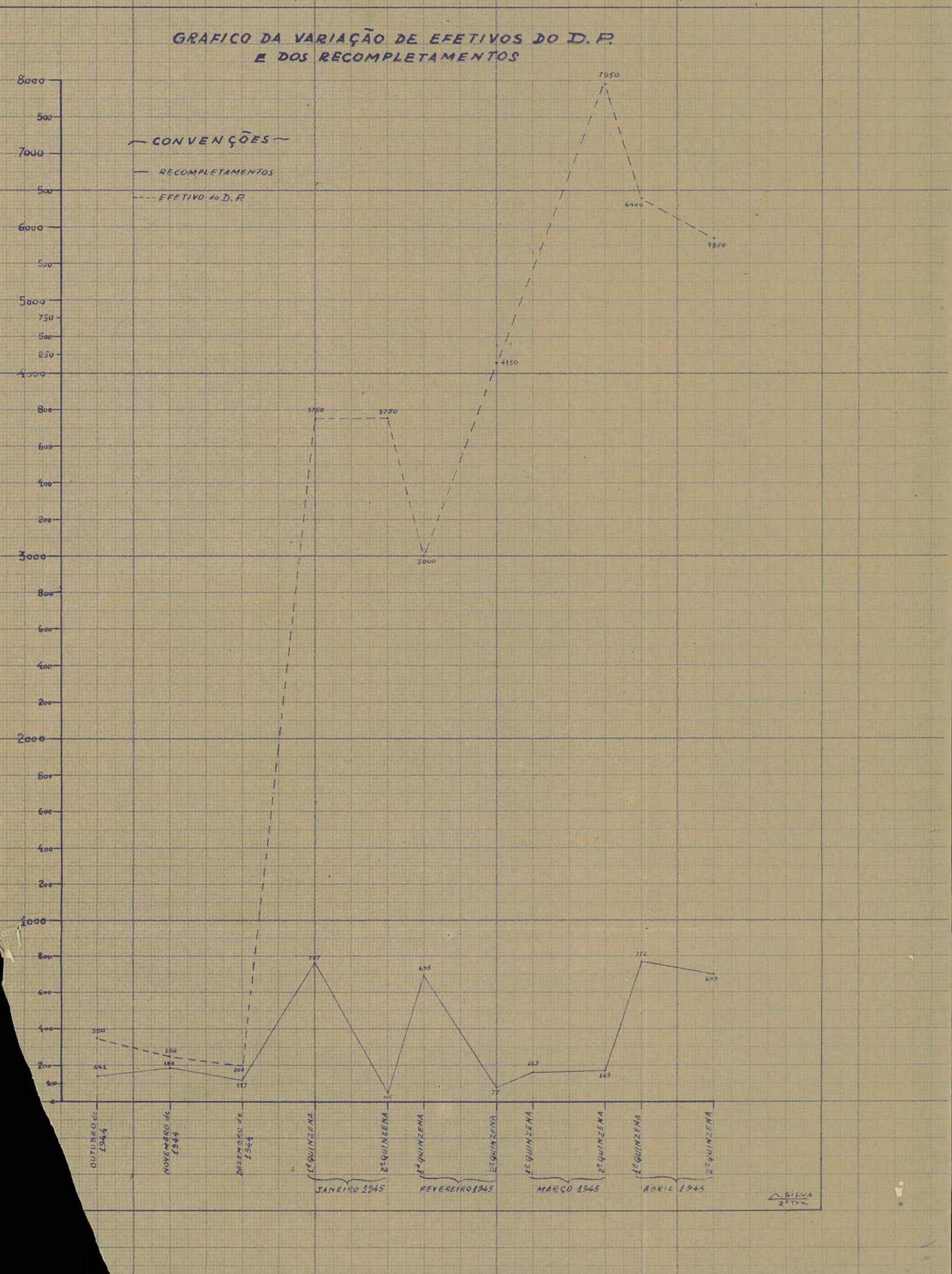


GRAFICO DA VARIAÇÃO DE EFETIVOS DO D. P.
E DOS RECOMPLETAMENTOS
— CONVENÇÕES —
— RECOMPLETAMENTOS
---- EFETIVO do D. P.
OUTUBRO de 1944
NOVEMBRO de 1944
DEZEMBRO de 1944
1ª QUINZENA
2ª QUINZENA
JANEIRO 1945
FEVEREIRO 1945
MARÇO 1945
ABRIL 1945
A. SILVA
2º Ten.

440

20 - DESPEZA MATERIAL DA F.E.B.

O Cmt. do 1º Escalão da Fôrça Expedicionária Brasileira e 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, dispunha de um crédito aberto em nome da Fôrça Expedicionária Brasileira, para atender às despezas docorrentes das necessidades no Teatro de Operações.

Os suprimentos eram solicitados pela Pagadoria Fixa, na Itália, à Diretoria de Intendência do Exército no Brasil, que colocava os respectivos créditos à disposição da Pagadoria por intermédio da Agência do Banco do Brasil junto à Fôrça Expedicionária Brasileira. Esta agência, por sua vez, efetuava o pagamento do numerário referente a esses créditos na moeda corrente no Teatro de Operações.

O total das despezas efetuadas pela Fôrça Expedicionária Brasileira foi de Cr.$3.471.199.00 (Três milhões quatrocentos e setenta e um mil cento e noventa e nove cruzeiros), conforme está discriminado no quadro anexo:

Nº de Ordem	UNIDADES	Adiantamentos feitos pela Tezouraria do Q.G. Cr.$	Adiantamentos feitos pela Pagadoria Fixa Cr.$	TOTAL Cr.$
1.	Quartel General da 1a. D.I.E.	-- --- --	843.446,20	843.446,20
2.	Quartel General dos O.N.D.	15.000,00	15.000,00	30.000,00
3.	Quartel General da I.D./E-1	54.500,00	-- --- --	54.500,00
4.	1º Regimento de Infantaria.	17.400,00	-- --- --	17.400,00
5.	6º Regimento de Infantaria.	12.160,00	-- --- --	12.160,00
6.	11º Regimento de Infantaria.	54.767,80	-- --- --	54.767,80
7.	I Grupo.	1.400,00	-- --- --	1.400,00
8.	II Grupo.	4.800,00	-- --- --	4.800,00
9.	III Grupo.	2.900,00	-- --- --	2.900,00
10.	IV Grupo.	4.600,00	-- --- --	4.600,00
11.	1º Batalhão de Saúde	4.080,00	-- --- --	4.080,00
12.	Pelotão de Sepultamento.	78.337,00	-- --- --	78.337,00
13.	1º Esquadrão de Reconhecimento	7.074,00	-- --- --	7.074,00
14.	9º Batalhão de Engenharia.	1.600,00	-- --- --	1.600,00
15.	Bateria de Comando	1.200,00	-- --- --	1.200,00
16.	Centro de Triagem.	2.360,00	6.000,00	8.360,00
17.	Conselho Supremo de Justiça Militar.	46.460,00	-- --- --	46.460,00
18.	Companhia de Manutenção	7.614,00	-- --- --	7.614,00
19.	Depósito de Intendência da F.E.B.	20.600,00	1.383.423,80	1.404.023,00
20.	Depósito de Pessoal da F.E.B.	80.000,00	25.000,00	105.000,00
21.	Pagadoria Fixa	-- --- --	4.000,00	4.000,00
22.	Secção de Base Brasileira.	328.481,60	-- --- --	328.481,00
23.	Serviço Especial	220.994,00	-- --- --	220.994,00
24.	Serviço de Saúde da F.E.B.	4.000,00	24.000,00	28.000,00
25.	Comissão Mixta de Defesa Brasil-Estados Unidos	-- --- --	200.000,00	200.000,00
		970.329,00	2.500.000,00	3.471.199,00

A - O adiantamento total feito pela Pagadoria Fixa ao Q.G. da 1ª D.I.E., foi de Cr.$1.813.775,20 (um milhão oitocentos e treze mil setecentos e setenta e cinco cruzeiros e vinte centavos), importância essa desdobrada em Cr.$843.446,20 (oitocentos e quarenta e três mil quatrocentos e quarenta e seis cruzeiros e vinte centavos), de despezas efetuadas pelo Q.G. e Serviços e Cr.$970.329,00 (novecentos e setenta mil trezentos e vinte e nove cruzeiros), de despezas das Unidades.

B - Das importâncias acima a Pagadoria Fixa falta receber os balancetes de comprovação das seguintes importâncias: Cr.$12.100,00 (doze mil e cem cruzeiros), (US$605,00) da Comissão Mixta de Defesa Brasil-Estados Unidos (Washington EE.UU.) cuja prestação de contas foi solicitada ao Exmº Sr. Gen. Ministro da Guerra, fosse feita diretamente à Sub-Diretoria de Fundos do Exército, por intermédio da D.I.E. e Cr.$165.870,50 (cento e sessenta e cinco mil oitocentos e setenta cruzeiros e cincoenta centavos), da Tezouraria do Q.G., cuja prestação de contas será feita com a extinção do mesmo.

C - As despezas constantes dos adiantamentos acima foram autorizadas pelo Exmº Sr. Gen. Cmt. do 1º Escalão da F.E.B. e 1ª D.I.E., nos seguintes boletins:

- Bol. 12 de 15-VIII-944: liras 150.000,00 ao Q.G. da I.D./E-1; liras 150.000,00 ao C.S.J.M.; liras 1.500.000,00 ao Cel. João Pinto Paca, cmt. da S.B.B.;
- Bol. 62 de 26-X-944: liras 100.000,00 ao C.S.J.M.; liras 20.000,00 ao Major Médico Dr. Augusto Sete Ramalho, Chefe do S.H.B./45th Gen.Hosp.;
- B.I. 125 de 30-XII-944: liras 50.000,00 ao D.P./F.E.B.; liras 75.000,00 ao Q.G. dos O.N.D.;
- B.I. 123 de 28-XII-944: liras 23.000,00 à Cia. de Manutenção;
- B.I. 125 de 30-XII-944: Quantitativo para combustível: liras 40.000,00 ao 1º R.I.; liras 40.000,00 ao 6º R.I.; liras 40.000,00 ao 11º R.I.; liras 7.000,00 ao I Grupo; liras 7.000,00 ao II Grupo; liras 7.000,00 ao III Grupo; liras 7.000,00 ao IV Grupo; liras 7.000,00 ao 1º Btl.Saúde; liras 8.000,00 ao 9º Btl. de Engenharia; liras 3.000,00 à Cia. de Transmissões; liras 3.000,00 à Bia. de Cmdo. da A.D.; liras 3.000,00 ao Esq.de Reconhecimento; liras 15.000,00 ao Q.G. (Avançado e Recuado);

liras 1.000,00 ao Pel. de Polícia; liras 1.000,00 à Esquadrilha de Lig. e Observ.; liras 4.000,00 à Cia. de Intendência; liras 3.000,00 à Cia. do Q.G.; liras ... 1.000,00 ao Pel. de Sepultamento; liras 7.000,00 ao D.P./1ª D.I.E.; liras 3.000,00 à Cia. de Manutenção; liras 3.000,00 à Sec.Hosp. anexa ao 16th Ev.Hospital.

- Of. 15-T de 1945: liras 12.500,00 ao III Grupo;
- B.I. 23 de 23-I-45: liras 20.000,00 ao S.S./F.E.B.;
- B.I. 35 de 4-II-45: liras 1.000,00 ao S.H.B. 32n F.H. (lenha para o inverno).
- B.I. 37 de 6-II-45: liras 2.000,00 ao P.A. Neuro Psiq. (lenha para o inverno);
- B.I. 44 de 13-II-45: liras 3.000,00 ao S.H.B. 16th Ev. Hosp.;
- B.I. 44 de 13-II-45: liras 100.000,00 ao D.I./F.E.B.;
- B.I. 47 de 16-II-45: liras 250.000,00 a S.B.Base;
- B.I. 48 de 17-II-45: liras 150.000,00 ao D.I./F.E.B.;
- B.I. 62 de 3-III-45: US$5.000,00 à Comissão Mixta de Defeza Brasil-Estados Unidos;
- B.I. 98 de 8-IV-45: liras 700.000,00 ao D.I./F.E.B.;
- B.I. 86 de 27-III-45: liras 20.000,00 ao S.S./F.E.B.;
- B.I. 88 de 29-III-45: liras 50.000,00 ao D.P./F.E.B.;
- B.I. 100 de 10-IV-45: liras 20.000,00 a Pagadoria Fixa;
- B.I. 100 de 10-IV-45: liras 75.000,00 ao D.P./F.E.B.;
- B.I. 107 de 17-IV-45: liras 100.000,00 ao S.S./F.E.B.;
- B.I. 119 de 29-IV-45: liras 30.000,00 ao Centro de Triagem;
- B.I. 119 de 29-IV-45: liras 740.000,00 ao D.I./F.E.B.;
- B.I. 139 de 19-V-45: liras 50.000,00 ao D.I./F.E.B.;
- B.I. 139 de 19-V-45: liras 1.000,00 ao 1º Btl.de Saúde;
- B.I. 141 de 21-V-45: liras 30.000,00 ao 6º R.I.;
- B.I. 147 de 28-V-45: liras 1.000.000,00 ao D.I./F.E.B.;
- B.I. 156 de 7-VI-45: liras 75.000,00 ao Q.G. dos O.N.D.;
- B.I. 156 de 7-VI-45: liras 30.000,00 ao 9º B.E.;
- B.I. 156 de 7-VI-45: liras 10.000,00 à 7ª Cia. D.P./F.E.B.;

- B.I. 175 de 29-VI-45: liras 150.000,00 à Guarda do Cemitério Militar Brasileiro.

D - Para que melhor sejam computadas as despezas realizadas pelas Unidades e Serviços, as importâncias dos adiantamentos que lhes foram distribuidos, estão acrescidas das quantias referentes àsfaturas pagas diretamente pela Tezouraria do Q.G. e correspondentes às despezas efetuadas pelas mesmas.

VII

CONCLUSÃO

VII

CONCLUSÃO

O presente Relatório, datilografado em quatro vias, condensa uma vasta matéria distribuida em três volumes, contendo os dois primeiros as atividades no Brasil, a campanha propriamente dita e o regresso e o último os anexos indispensáveis, com dados estatísticos, documentos de certa relevância, calendários, avisos e decretos referentes à F.E.B.

Os quatro exemplares têm os seguintes destinos:

1 exemplar para o Exmº Sr. General Ministro da Guerra.

1 exemplar para o Exmº Sr. General Chefe do Estado Maior do Exército.

1 exemplar para o arquivo geral da F.E.B., que será recolhido ao Arquivo do Exército.

1 exemplar para o arquivo pessoal do General Macarenhas de Morais.

Do ambiente criado em torno da atuação da F.E.B. ficaram-nos profundas recordações e ensinamentos preciosos, que hoje constituem um apanágio dos seus combatentes.

Numa convivência contínua de quase um ano com os Exércitos aliados componentes da grande família militar que no Teatro de Operações italiano combatia o inimigo comum, puderam o Comando os oficiais e a tropa do Brasil estreitar laços indissolúveis de camaradagem, dando uma demonstração insofismável de elevada compreensão, de fôrça de vontade, de capacidade de adaptação e de reais possibilidades de nossa gente.

O comando estrangeiro, as relações com tropas de outras mentalidades, o clima adverso, o contato estreito com uma população inimiga de hábitos diferentes, mas sempre respeitada pela tropa, serviram para fortalecer mais ainda aquelas qualidades e deram ao expedicionário brasileiro a verdadeira extensão de suas responsabilidades, encorajando-o, assim, a se hombrear com os veteranos da guerra que combateram na África, saltaram na Sicilia e invadiram a Itália.

A natureza secreta do Relatório está justificada pela relevância de determinados assuntos que interessam diretamente à alta administração da Guerra e pelos comentários feitos à margem

de certos acontecimentos que, dada a sua natureza, comportavam apreciações especiais.

Pela leitura do Relatório das Atividades da F.E.B., ficará V. Excia. ao par de todos os acontecimentos diretamente ligados á vida e ao emprêgo da tropa brasileira, com a definição de responsabilidades e com a narração precisa dos fatos e da maneira pela qual foram cumpridas as determinações recebidas das Altas Autoridades do País.

No desempenho da tão honrosa e dignificante missão, procurou o Comando manter as normas regulamentares em nosso Exército, respeitar e fazer respeitar os princípios sagrados que regem a nacionalidade brasileira; o melhor prêmio que encontra para sua ação está no absoluto sucesso da F.E.B. no Teatro de Operações da Itália, Garantindo para o Brasil uma posição de inegavel relêvo no concerto da política mundial.

Gen. J. Mascarenhas de Moraes

Gen. de Div. JOÃO BATISTA MASCARENHAS DE MORAES
Cmt. da F.E.B.